



VIEIRA
ABBREVIADO
TOMO I.

ALFRED
ARRIVAL
TOMOT

VIEIRA ABBREVIADO

EM CEM DISCURSOS
MORAES, E POLITICOS,
DIVIDIDOS EM DOUS TOMOS.

AUCTOR

ANSELMO CAETANO MUNHOZ

DE AVREU GUSMAM E CASTELLOBRANCO,

Doutor pela Universidade de Coimbra, e Familiar do santo Officio.

OFFERECIDO

AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

LOURENÇO BAUTISTA

F E Y O,

Ministro de habito prelaticio da santa Igreja de Lisboa,
do Conselho de Sua Magestade &c.

P O R

MANOEL DA CONCEIC,AM.

T O M O I.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impresor do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca.

M. DCC. XLVI.

Com as licenças necessarias, e privilegio Real.

A' custa de Manoel da Conceição, Mercador de livros: vende-se na sua
logea na rua direita do Loreto.

ALBERTA

ALBERTA

ALBERTA

ALBERTA

ALBERTA

TOM O. J.



ALBERTA

ALBERTA





ILLUSTRÍSSIMO,
e Reverendíssimo Se-
nhor.



*Ogo que tomei a
resolução de im-
primir esta obra , que sahe a
publico com o titulo de Vieira
abbreviado, determinei offe-
recel-*

recella a V. Illustrissima; porque me pareceo, que de justiça a devia V. Illustrissima amparar com a sua protecção. Sempre entendi, que entre a obra dedicada, e o Mecenas era conveniente, que houvesse alguma proporção, porque dedicar a hum Ecclesiastico hum livro militar parece de sordem, porque não dizem com a paz da Igreja nem os estrondos, nem os artificios da guerra. Esta proporção se vê em eu buscar o patrocínio de V. Illustrissima para hum compendio summamente artificioso do
Pa-

Padre Vieira , em que se admiráraõ duas singulares prerogativas , que o fizeraõ consummadamente grande: huma a excellencia de Prégador , e a outra a delicadeza de Theologo. Por estas duas causas tomei a bem fundada confiança de procurar a V. Illustrissima para Mecenas desta obra, porque no pulpito mostrou V. Illustrissima , que o Prégador nasce pelo natural dos seus assumptos , pelo bem deduzido do discurso , e pelo ajustado das provas , que são as que devem ser , porque em sendo muito

abundantes , provaõ mais do
que he preciso , e he erro ora-
torio , e em sendo demasiada-
mente estereis , deixaõ em je-
jum o conceito ; porque o naõ
provaõ. Naõ fallo em V. Il-
lustrissima como Theologo ,
porque por mim , e por todos
fallará a Universidade de Co-
imbra , ainda hoje admirada
da subtileza dos seus argumen-
tos tantas vezes ouvidos , e
respeitados por aquelles gran-
des Mestres , que ou por vai-
dade , ou por natureza naõ se
costumaõ admirar facilmente.
Fallará a Cadeira Magistral
de

de Faro, em cujo provimento
se vio, que tambem o mereci-
mento pôde ser premiado, o
que nem sempre succede para
mayor confirmação do que di-
go. A venerada, e conhecida
fama de V. Illustrissima o ele-
vou á dignidade de Prelado
mitrado da santa Igreja de
Lisboa, que he o Areopago
sagrado deste Reyno. Aceite
pois V. Illustrissima com a
sua natural benignidade esta
obra, que com o mais profun-
do respeito lhe dedico, porque
para a defender, e amparar
tem as razoes de grande Pré-
ga-

gador, e de grande Theologo,
em que foy eminente o Padre
Antonio Vieira, a cuja gran-
deza não prejudica o verſe
Abbreviado.

B. a mão de V. Illuſtriſſima

Seu criado

Manoel da Conceição.

PRO-



PROLOGO.



OMO os juizos humanos são tão varios, conforme também são diferentes os rostos dos homens, não sei, Leitor; se conheces bem a estimação, que se deve fazer desta pequena obra. Por ventura imaginas, que toda a *abbreviatura* he diminuição na qualidade, ou no valor do que se reduz a compendio? Não sou eu deste parecer; porque em muitas materias, e artefactos experimento o contrario. Na pintura de pontinhos, a que outros chamaõ *Migniatura*, com cores muito finas se pôde reduzir a pouco espaço hum grande retrato, e no fragmento de hum vidro pôde caber em hum instante a figura de hum Colosso. Em vaso pequeno se ajunta com grande utilidade a espirituosa substancia do mayor elixir. Com o artificio de hum pequeno vidro em atomos quasi invisiveis grandes objectos descobre á nossa vista o Microscopio. A hum grão de mostarda abbreviou Christo o Empyreo, quando com elle comparou o Reyno do Ceo. Tão preciosas são as obras do engenho, que sendo subtilissimas, tanta estimação merecem as pequenas, como as grandes.

Admiraveis foraõ as sete maravilhas do mundo
pela

pela sua extraordinaria grandeza ; porém o pequeno navio de marfim com mastros, e velas, que Mymecides esculpio com tanta subtileza, que cabia debaixo das azas de huma mosca, e o carro de Faetonte tirado por quatro cavallos, em que se viaõ freyos, bocas, dentes, e desafeis pés distinctamente abertos em huma pedrinha fina, foraõ igualmente admiradas, e estimadas maravilhas. Com tanto primor esculpia Lysippo em hum grande tronco a estatua de Alexandre Magno, como Pyrgoteles na pedra de hum anel. Naõ ha duvida, que as cousas minimas algumas vezes tem para os olhos tanta graça, como as machinas excelsas, brilhantes, e magestosas, como experimentamos nas estrellinhas da *Via Laçtea*, em que sem pestanejar, nem çansar a vista, fixamos attentamente os olhos, quando ao vibrante resplendor do Sol logo os fechamos. Em obras pequenas ostentaraõ peritos artifices a sua milagrosa habilidade. Affirma Adriano Junio, que Francisco Alumno escrevera em hum *denariolo*, ou moeda de dous vintens todo o *Credo* com hum principio do *Euangelho* de S. Joaõ, sem usar de *abbreviaturas* para em taõ pequeno lugar accommodar os mysterios do *Symbolo da Fé*, que naõ cabem na comprehensãõ do entendimento humano, e eu creyo firmemente o testemunho de Adriano, ainda que elle naõ seja Evangelista.

Na minha estimaçaõ tanto tinhaõ que vêr as formigas, e outros animaes taõ pequenos, que Calicrates esculpio em marfim com taõ primoroso artificio, que naõ podia a vista distinguirlhes os membros, como os elefantes funambulos, que Suetonio, Seneca, e Plinio testificaõ, que ensinados pela arte *Schænobatica* bailhando, como volatins, sobre huma corda, e alguns montados por homens armados, foraõ

forão prodigioso espectáculo ao povo Romano. Se agora se me perguntasse, qual he a mayor cousa de quantas ha no mundo sublunar, e visível, responderia com o doutissimo Feijó, que a mayor he a mais pequena. Digo-o pelas sementes. Estes atomos de quantidade são montes de virtude. Os Filósofos modernos negão a todas as causas segundas a actividade para gerar semente alguma. Sem duvida, que contemplando estes sabios tão admiravel obra, lhes pareceo correspondente unicamente á infinita virtude da primeira causa. O que na natureza chamamos sementes, são na arte as *abbreviaturas*; porque nellas se contém toda a virtude de huma grande extensão.

Nos archivos da fama tão bom lugar occupa a Iliada de Homero, como antigamente teve no gabinete de Alexandre, e não continha menos reduzida por Estrabo, como referem Cicero, e Plinio, a tão breve escriptura, que toda cabia dentro no vão de huma casca de noz, do que estampada em hum grande volume. Em huma folha de papel descreve a Geografia toda a grandeza, e extensão do globo terrestre, e com os pequenos, e miudissimos caracteres, ou notas inventadas por Ennio, cada huma das quaes comprehendia a significação de muitas letras, se trasladao com tanta brevidade as palavras ao papel, como passao da lingua aos ouvidos, como refere Plutarco, que tendo Cicero Consul, fez trasladar, com este artificio huma oração, que Cato estava recitando na Curia, sem lhe faltar palavra, nem a velocidade da lingua deixar atraz o movimento da penna.

Até no fallar, e em mysteriosas expressoens da locução póde luzir o *breviloquio*, como na antiga Grecia demonstráo os Lacedemonios, engenho-

fos

fos inventores do estylo Laconico , para moderar a abundancia Asiatica , que naturalmente degenera em superflua verbosidade. Com esta só palavra *Naõ*, escrita com grandes letras em hum pergaminho , respondeo a Republica de Athenas a Philippe Rey de Macedonia , pedindolhe por seus Embaixadores licença para passar com exercito pelas suas terras : e com duas palavras: *Dionysius Corinthi* , avisaraõ ao mesmo Rey de Macedonia da infelicidade do tyranno de Sicilia Dionysio. Taõ amantes defensores eraõ os Lacedemonios do estylo Laconico , que desterraraõ do seu estado a Tesifonte , porque se offereceo a fallar hum dia inteiro em qualquer materia , que lhe dessem para ostentaçaõ da sua grande eloquencia, e com a mesma severidade condemnaraõ no Areopago hum seu Historiador por escrever com tres palavras o mesmo conceito , que se podia dizer em duas. Deos tudo diz em huma só , e unica palavra , que he o Verbo divino : dizer muito em poucas palavras se naõ he sempre estylo divino , ao menos he mais que humano ; porque excede á capacidade dos homens dizerem muito com poucas palavras.

Agora he necessario advertir , que nesta *abbreviatura* do grande Vieira naõ tem o Auctor della por unico fim a efficacia , e energia Laconica : deste subsidio naõ necessita a facundia , concerto de linguagem , propriedade de palavras , applicaçaõ de escrituras , e prova literal de conceitos do Reverendissimo , e omniscio Padre Antonio Vieira. Tudo, o que diz este perfeitissimo Orador , persuade , e convince , e estou para dizer , que em todos os seus discursos naõ ha que accrescentar , nem diminuir sem prejuizo da Oratoria , e todos devem confessar , que *Vieira Abbreviado* naõ fica mais pequeno , senaõ sempre o Grande , ou Magno.

Na

Na creação do homem formou Deos hum *mundo abbreviado*; porque, como dizem os Filósofos antigos, o homem he hum *mundo pequeno*; porém, conforme diz S. Gregorio Nazianzeno, melhor Filósofo, que todos elles, e por excellencia o Theologo, o mundo comparado com o homem he o pequeno, e o homem em comparação do mundo o mundo grande: *Mundum in parvo magnum*. Basta por prova o coração humano, que sendo, como discorre Vieira, huma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza, e redondeza do mundo, como se vio no grande coração de Alexandre Magno, de quem affirma Seneca, que desejou mais depois de ser senhor de tudo. He o homem monstro, ou chimera de todos os elementos: em nenhum lugar pára: com nenhuma fortuna se contenta: nenhuma ambição, ou appetite o farta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como he mayor que o mundo, não cabe nelle. De maneira, que o homem, como *abbreviação do mundo*, ainda que os Filósofos lhe chamão *mundo pequeno*, sempre na *abbreviatura* he grande, ou magno: *Mundum in parvo magnum*, e assim fica sendo o grande Vieira neste *Vieira Abbreviado*; porque em pequeno, e recopilado volume he *Vieira muito grande*, he Vieira tambem Magno, como ficaram depois de recopilados, e reduzidos a lugares communs os Nazianzenos, os Chrysologos, os Ambrosios, os Bernardos, os Agostinhos, os Jeronymos, os Gregorios, e os Basílios, huns Magnos, e outros Maximos.

Esta obra bem considerada pela circumstancia da *abbreviação*, e com ordem alfabetica, tão pequena, e distinta, como intentou para mayor distincção dividir as materias dos seus sermoens o mesmo

mo Padre Vieira, e reduzillas, confôrme elle diz no seu Prologo, a tomos particulares; não he tanto para os pequenos, como para os Principes, Ministros, e homens grandes; porque as suas grandes occupaçoens, e mayores desvelos sobre o governo das Monarchias não lhes permittem descanso para ler com attenção em quatorze, ou quinze volumes as maximas christãs, e politicas, que o *grande Vieira* lhes ensina para acertarem no seu governo. Poderão recrearse ouvindo a voz harmonica, e suave de huma avefinha, quando não poderão pôr os olhos em huma aguia. Poderão gostar da luz, e doçura fabricada por huma abelha, volatil com duas azas; e dos mais pequenos, quando não tenhaõ tempo para tomarem o gosto á suavidade de hum grande engenho.

Fazem as historias menção de huns Monarcas, Principes, e personagens da suprema jerarquia, que se applicarão á lição de livros proprios do seu officio, ou genio, como Alexandre Magno a Homero; Marco Bruto a Polybio, Scipião Africano a Xenofonte; Carlos V. a Philippe de Comines, Pedro Strozzi a Julio Cesar, e Henrique III. de França a Cornelio Tacito: á lição de Vieira todos os Monarcas, Principes, e homens grandes se applicaõ, e não deixarão de estimar, e ler hum primoroso epitome das suas politicas, e moralidades os mesmos, que por razão das suas occupaçoens tanto estimaõ os compendios das historias, sciencias, e artes; porque os epilogos dizem muito em poucas palavras, e no pouco declaraõ tudo, e fica muito intelligivel aos Monarcas o tudo reduzido a poucas palavras.

Em tres palavras *Mane*, *Thecel*, e *Phares* estava *abreviada* a sentença d'ElRey Balthasar, que com vinte e seis vocabulos explicou, ou leo Daniel a este Monarca; porém entendeo Balthasar a expli-

explicação do Profeta , porque em tres palavras tinha visto a sentença *abbreviada*. Agora conherás, Leitor, que esta *abbreviatura* he mais propria para lição de Principes, que de homens vulgares; porque os Monarcas, que no meyo dos seus desvelos não ouvem ler os annaes das historias passadas, como Afuero, sendo os livros de muitas paginas, apenas ouvem ler as primeiras folhas, rompem, e queimão as outras, como fez Joachim Rey de Judá ao livro do Profeta Jeremias; mas sendo os volumes de poucas palavras, ainda entre os regalos de convites, ou nas mayores afflicções, e perturbações do animo os vem, e ouvem explicar os Monarcas, como Balthasar.

Esta será a razão, porque a Chancellaria de Roma tem seus *Abbreviadores*, que fazem minutas de Bullas, e Diplomas Pontificios. O Papa Clemente I. instituiu em Roma sete Notarios para recopiar os actos dos Martyres. A este genero de *Abbreviadores* precederaõ, e succederaõ na Republica das letras outros muito famosos, e necessarios. Sahio Adricomio abbreviador da Escriitura: sahio Arsdeckin abbreviador de Theologia: sahio Daois abbreviador da Jurisprudencia: sahio Soares abbreviador de Filosofia: sahio Peñaforte abbreviador de Moral: sahio Doleo abbreviador de Medicina: sahio Tosca abbreviador de Mathematica: sahio Afferden abbreviador de Geografia: sahio Plinio abbreviador da Historia da natureza: sahio Floro abbreviador da Historia Romana: sahio Spondano abbreviador da Historia Ecclesiastica: sahio Mexia abbreviador da Historia Imperial: sahio Jovet abbreviador da Historia de todo o mundo: sahio Goneto abbreviador da Historia Chronologica dos Papas, Anti Papas, Imperadores, e Reys de toda a Europa: sahio Ma-

riana abbreviador da Historia de Hespanha: sahio
Faria abbreviador da Historia de Portugal: sahio
Emilio abbreviador da Historia de França, e sahiraõ
finalmente os Francezes abbreviadores de livrarias.

Animado com estes exemplos tahe tambem em
Portugal hum *abbreviador de Vieira*, Fenix dos Pré-
gadores, naõ como Paulo abbreviador de Festo, nem
como Spondano abbreviador de Baronio, nem ab-
breviando todos os tomos, como Justino compen-
diou a Historia universal, que na lingua Grega dei-
xou escrita Trego Pompeo; mas escrevendo, e atan-
do só com as suas mesmas palavras esta *abbreviatu-
ra* dos seus discursos, e maximas moraes, e politi-
cas, excedendo tambem nestas circumstancias as poli-
ticas de Justo Lypsio, por serem huma rapsodia de
Aristoteles, sem terem deste grande Auctor mais que
as conjunçoens, e particulas; com que ligou, ou
atou as materias, eternizando a sua obra; porque
com esta rara, e engenhosa industria, a escreveo
com a mesma penna da Fenix.

V A L E.



LICENÇAS.

D O

SANTO OFFICIO.

*Approvação do M. Reverendo Padre Mestre D.
Caetano de Gouvea, Clerigo regular da Divina
Providencia, Qualificador do santo Officio &c.*

ENINENTISSIMO SENHOR.

O Prologo, e a dedicatoria deste livro, que V. Eminencia me manda vêr, não contém cousa alguma contra a nossa santa Fé, ou bons costumes. O corpo da obra não tem huma só palavra, que não seja tirada das do Padre Antonio Vieira, pelo que me parece, que V. Eminencia deve dar a seu Auçtor a licença, que pede para o imprimir, e para que também admirem os que o lerem, a industria, de que se valeo o Doutor Anselmo Caetano para fazer proprias, e familiares com este estudo a pureza da lingua, a nobreza das expressões, e a sublimidade dos pensamentos do pay da eloquencia Portugueza. He certo, que quando o Auçtor não tirasse outro fruto do seu trabalho, mais que saber com perfeição a lingua Portugueza, que tão pura se acha nas obras do Padre Antonio Vieira, não conseguiu pequena utilidade.

§ § 2

dade. Todos devem pôr grande cuidado em saber fallar a sua própria lingua, mas ainda o devem pôr mayor aquelles, que pertendem fazer publicas as produçoens dos seus estudos, porque a nobreza da locução he a que faz nobres os pensamentos: bem poderá o entendimento ser fecundo de sublimes especulaçoens, mas se a lingua não tiver palavras, que dignamente as exprimaõ, perderão toda a sua nobreza, e sublimidade. Por esta razão entre as partes da eloquencia a mais nobre, e principal he a locução, que consiste, como diz Quintiliano, na escolha de palavras proprias, nobres, e significativas, e que não sejaõ estranhas ao idioma, em que se falla, e para isto se conseguir não basta fallar huma lingua, he necessario estudalla nos melhores Authores, que nella escreveraõ, porque sómente elles com a sua authoridade a podem dar ás palavras, quando lha não tenha tirado o desuso, o que só póde succeder em linguas vivas. O Padre Maseo, que na lingua Latina escreveo com admiravel elegancia a nossa Historia da India, observou taõ escrupulosamente esta regra, que para não contaminar com alguma palavra barbara a pureza daquelle idioma, que tinha aprendido nos Authores, que escreveraõ no seculo de Augusto, não lia algum outro, e até o Officio divino rezava em Grego: assim o dizem os Authores da sua vida. Com igual elegancia á de Maseo escreveo Jacyntho Freire de Andrade na lingua Portugueza a vida do Grande Viso-Rey da India D. João de Castro, e á continua lição deste livro confessa hum grande Orador, que ainda vive, que deve a magestade, e a pureza da lingua, que todos admiraõ nas suas composçoens, assim Oratorias, como Historicas. Não fez peyor eleição o Doutor Anselmo Caetano em escolher as obras do Padre Antonio Vieira para nellas apren-

aprender a lingua Portugueza ; como he bem que a
saibaõ os eruditos ; porque se da continua lição re-
sultou ao publico o beneficio de ler em mais abbre-
viado volume o que em tantos deixou escrito a fa-
vor da fé , e dos bons costumes aquella penna verda-
deiramente Apostolica , tambem elle conseguirá a
gloria de que pela mesma penna do Padre Antonio
Vieira pareçaõ escritas todas as obras , que o seu
grande engenho vay compondo para enriquecer a
Republica das letras. Lisboa Occidental nesta Casa
de Divina Providencia de Clerigos Regulares em
23. de Novembro de 1731.

D. Caetano de Gouvea C. R.

*Approvaçãõ do M. Reverendo Padre Mestre Fr.
Manoel de Sá da Ordem de nossa Senhora do mon-
te do Carmo, Qualificador do santo Officio.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

COm igual atençaõ , que gosto , li o livro com o
titulo *Vieira abbreviado* , que V. Eminencia
me manda vêr. Nelle nada notei , que se opponha
aos sagrados dogmas de nossa santa Fé , nem offenda
os bons costumes , antes sim tive muitos motivos pa-
ra admirar o subtil engenho , com que Anselmo Cae-
tano extrahio huma , e outra erudiçaõ dos volumes
concionatorios daquelle grande heroe , que deo mais
exercicio , que outro algum , á trombeta da fama. Por
estas razoes se faz digno da luz publica. Este o meu
parecer. Vossa Eminencia mandará o que for servi-
do. Convento de nossa Senhora do Carmo de Lis-
boa Occidental 7. de Janeiro de 1732.

Fr. Manoel de Sá.

§§ 3

Vistas

Vistas as informaçoes, pôde-se imprimir o livro intitulado *Vieira Abbreviado*, de que he Auctor Anselmo Caetano Munhoz, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 8. de Janeiro de 1732.

*Fr. R. Alancastre. Cunha. Teixeira. Sylva.
Cabedo. Soares.*

DO ORDINARIO.

Pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 20. de Fevereiro de 1732.

Gouvea

D O P A C, O.

Approvação do Illustrissimo Senhor D. Manoel Caetano de Sousa, Clerigo Regular, do Conselho de Sua Magestade, Pro-Commisario geral Apostolico da Bulla da santa Cruzada, e Censor da Academia Real

S E N H O R.

Li por ordem de V. Magestade a obra, que com o titulo de *Vieira Abbreviado* escreveo, e pretende imprimir o Doutor Anselmo Caetano Munhoz de Abreu, a qual corresponde bem ao seu titulo, e
por

por isso traz tambem nelle a sua approvaçãõ, por
que não podem desmerecella as partes, quando o to-
do he justo acredor da estimaçãõ univereal; e das es-
tatuas, que foraõ celebradas pela excellencia dos
seus artifices, saõ respeitados até os fragmentos; e
cuidadosamente se costumãõ guardar nos Museos
dos eruditos, e nas galarias dos Principes entre as
mais raras antiguidades.

He esta obra formada de pedaços do admiravel
corpo das obras do esclarecido Padre Antonio Viei-
ra, que por cada periodo seu conseguiu o universal
alombro. Não lhe abate o Auctor o preço, ainda
que lhe diminue o volume, antes me parece, que
com este seu estudo vence hum impossivel, qual he
fazer mayor ao grande Padre Antonio Vieira, ac-
crescentandolhe huma gloria, que elle sempre mere-
ceo, e só agora alcançou. Toda a larga vida, e todo
o continuo estudo do Padre Antonio Vieira soy imi-
tar os mais insignes Padres da Igreja, como se vê nos
seus doutissimos livros, todos cheyos de zelo ca-
tholico, e de erudiçãõ sagrada; mas até agora não
tinhaõ estes achado Escriitor, que os reduzisse a lu-
gares communs, como succedeo aos livros dos San-
tos Doutores da Igreja S. Basilio Magno, S. Grego-
rio Nazianzeno, S. Pedro Chrysologo, Santo Am-
brozio, Santo Agostinho, S. Gregorio Magno, S.
Jeronymo, e S. Bernardo, pela industria de diversos
engenhos, e a todos os Santos Padres pelo incansavel
estudo do doutissimo Bispo de Monopoli D. Fr. Joaõ
Lopes, lustre grande da sagrada Ordem dos Prêga-
dores, e agora pela pia curiosidade deste novo Escri-
tor tem já adquirido as obras do Padre Antonio Vi-
eira mais esta semelhança com as dos mayores Pa-
dres da Igreja, beneficio, que devem á applicaçãõ
do Doutor Anselmo Caetano, que tendo já empre-
gado

Cicer. lib.
3. Tusc.
quæst.

gado felizmente a sua penha em escrever muitas ; e muito doudas obras ordenadas a curar as enfermidades do corpo , nesta offerece admiraveis remedios contra as enfermidades da alma , que em dictame dos antigos Gregos (como diz o Principe da eloquencia Latina) são as paixoens humanas : *Morbos Græci appellant motus animi , rationi non obtemperantes* , no que imita a grandes Auçtores da sua profissão , que não contentes com curar os achaques do corpo , passaraõ tambem a applicar medicinas ás doenças da alma , como fizeraõ nos seculos passados Bartholomeo Perdulce Medico de Pariz , Luiz Luisino Medico no Estado de Veneza , Joaõ Valverde de Amusco Medico Hespanhol , estimado em Roma , Synforiano Campegio , Fysico mor do Duque de Lorena , e primeiro , que todos , Claudio Galeño , aquelle famoso Oraculo da Medicina.

Com este livro se fez o Auctor o Medico da alma , que desejava Maximo Tyrio quando disse : *Profer obsecro animi Medicum* , e com elle restituirá a saude moral a muitos , que perdida a vida da graça estavaõ já quasi sepultados nos costumes peccaminosos , e obrará infinitas vezes o prodigio , com que hum vez se acreditou Asclepiades , (a quem Apuleio dá o principado entre os Medicos depois de Hippocrates) que restituiu a saude a hum homem já levado , como morto , para a funeral fogueira , como escreve Plinio ; porque neste livro se acha exercitado o officio de Medico dos animos com a perfeição , que lhe prescreveo o mesmo Asclepiades , referido por Cornelio Celso , Principe dos Medicos Latinos : *Asclepiades officium esse Medici dicit , ut tuto , ut celeriter , ut jucunde curet* , que cure com segurança , com brevidade , e com recreação ; porque por meyo deste livro se curaõ as enfermidades do animo com a legu-

segurança, que lhe dão as Escrituras sagradas, as doutrinas dos santos Padres, e as solidas razões. Curaõse com a brevidade, que inculca o seu mesmo titulo de *Vieira Abbreviado*, e curaõse com a recreação, que he inseparavel da lição dos pensamentos do Orador mais elegante, e mais discreto, que venerou o mundo no seculo passado, e invejarão os futuros, qual foy o incomparavel Padre Antonio Vieira. Não tem esta moral, e segura medicina na sua brevidade, nem na sua recreação os perigos, que Cornelio Celso temeo nas da Medicina fysica de Asclepiades, quando escreveo: *Fere periculosa esse nimia, & festinatio, & voluptas solet*, e assim não póde deixar de ser muito util a todos os vassallos de V. Magestade, e como não contém clausula alguma contra as leys Reaes, me parece esta obra muito digna da luz publica, e da licença, que seu Auctor pertende, para que todos os Leitores se aproveitem, e os novos Escritores se animem. Lisboa Occidental nesta Casa de nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares. Hoje 21. de Agosto de 1732.

D. Manoel Caetano de Sousa.

Que se possa imprimir vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taixar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 17. de Janeiro de 1733.

Pereira. Teixeira.

Está

EStá conforme com o seu original. Lisboa na Casa da Divina Providencia 18. de Fevereiro de 1746.

D. Caetano de Sousa C. R.

Visto estar conforme com o original, pôde correr. Lisboa 18. de Fevereiro de 1746.

*Fr. R. Alencastro. Sylva. Abreu. Amaral.
Almeida. Trigofo.*

POde correr. Lisboa 18. de Fevereiro de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

Que possa correr, e taxaõ a primeira parte em 00. reis, e a segunda em 00. reis. Lisboa 18. de Fevereiro de 1746.

Vaz de Carvalho. Costa. Carvalho.

INDICE DOS DISCURSOS,

Que contém este primeiro tomo.

A.

A Cçoens , Discurso I.	pag. 1.
Adopção , Discurso II.	pag. 6.
Admiração , Discurso III.	pag. 9.
Adulação , Discurso IV.	Ibid.
Alma , Discurso V.	pag. 35.
Amigos , Discurso VI.	pag. 51.
Amor , Discurso VII.	pag. 53.
Discurso VIII.	pag. 74.
Discurso IX.	pag. 75.
Discurso X.	pag. 77.
Discurso XI.	pag. 83.
Discurso XII.	pag. 88.
Discurso XIII.	pag. 93.
Discurso XIV.	pag. 94.
Discurso XV.	pag. 95.
Discurso XVI.	pag. 96.
Discurso XVII.	pag. 98.
Discurso XVIII.	pag. 100.
Amor remediado , Discurso XIX.	Ibid.
Authoridade , Discurso XX.	pag. 108.

B.

Bens do mundo , Discurso XXI.	pag. 110.
Bens do Ceo , Discurso XXII.	pag. 120.
Bem perdido , Discurso XXIII.	pag. 124.

C.

Cegueira , Discurso XXIV.	pag. 139.
	Con-

<i>Conselho, Discurso XXV.</i>	pag. 155.
<i>Cubiculo, Discurso XXVI.</i>	pag. 168.
<i>Contentamento, Discurso XXVII.</i>	pag. 169.
<i>Confissão, Discurso XXVIII.</i>	pag. 174.

D.

<i>Desejo, Discurso XXIX.</i>	pag. 196.
<i>Desprezo, Discurso XXX.</i>	pag. 197.
<i>Desterro, Discurso XXXI.</i>	pag. 198.
<i>Dor, Discurso XXXII.</i>	<i>Ibid.</i>

E.

<i>Eleição, Discurso XXXIII.</i>	pag. 199.
<i>Eternidade, Discurso XXXIV.</i>	pag. 207.

F.

<i>Formosura, Discurso XXXV.</i>	pag. 208.
<i>Fortuna, Discurso XXXVI.</i>	pag. 211.
<i>Discurso XXXVII.</i>	pag. 217.

G.

<i>Graça, Discurso XXXVIII.</i>	pag. 220.
<i>Governo, Discurso XXXIX.</i>	pag. 232.
<i>Discurso XL.</i>	pag. 248.
<i>Guerra, Discurso XLI.</i>	<i>Ibid.</i>

I.

<i>Inveja, Discurso XLII.</i>	pag. 249.
<i>Fogo, Discurso XLIII.</i>	pag. 250.
<i>Justiça, Discurso XLIV.</i>	pag. 258.
<i>Discurso XLV.</i>	pag. 272.
<i>Fulgar, Discurso XLVI.</i>	pag. 273.
<i>Inimigos, Discurso XLVII.</i>	pag. 277.

L.

<i>Ladroens, Discurso XLVIII.</i>	pag. 292.
<i>Lágrimas, Discurso XLIX.</i>	pag. 310.
<i>Lágrimas de Heraclito, Discurso L.</i>	pag. 320.
<i>Lugares, Discurso LI.</i>	pag. 335.
<i>Discurso LII.</i>	pag. 341.



100

PRICE



G. F. L. Debric sculp. 1745.

**VERA EFFIGIES CELEBERRIMI
P. ANTONII VIEYRA,**

*e Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionato-
rum Principis, quem dedit Lusitania mundo Vlyssipo Lusitanice,
Societati Brasilia. Obiit Bahice prope nonagenarius die 18 Julii An.
1697. Quiescit in regio Collegii Bahyensis templo, ubi sepultus frequen-
tissimo urbis concursu, æterno orbis desiderio.*



VIEIRA

ABBREVIADO

TOMO I.

DISCURSO I.

Tirado de hum sermão da terceira Dominga do Advento, em que o Auctor sobre as palavras de S.

*João: Tu quis es? Quid dicis de te ipso?
mostra haver juizo de cada hum para
comsigo.*

ACC, O E N S.

I



INGUEM ha neste mundo, que se

descreva com a sua definição: todos se enganaõ no genero, e tambem nas differenças. Que differentes cousas são ordinariamente o que dizeis de vós, e o que sois! E o peyor he, que muitas vezes não são cousas differentes; porque o que sois, he nenhuma cousa, e o que dizeis, são infinitas cousas. Nesta

Tom. I.

A

mate-

Vieira
part. 75.
num. 82.

2 *Vieira abbreviado*

materia de vós quem sois, todo o homem mente duas vezes: huma vez mentese a si, e outra vez mentenos a nós: mentese a si; porque sempre cuida mais do que he, e mentenos a nós; porque sempre diz mais do que cuida. Ninguem ha tão recto juiz de si-mesmo, que ou diga o que he, ou seja o que diz; porque os homens, quando testemunhaõ de si mesmos, huma cousa he o que saõ, e outra cousa he o que dizem.

Num. 82. 2 Do mesmo modo, e com a mesma, e ainda maior propriedade fallou o Anjo Rafael na resposta, que deo a Tobias. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura huma vez, que lhe perguntáraõ: Vós quem sois? não havia de dizer, o que era, havia de dizer o que não era, e assim o fez; porque não ha propriedade mais propria dos homens, que perguntados o que saõ, dizerem huma cousa, e serem outra.

3 E notai, que vindo o Anjo vestido em hum pelote, e representando hum caminheiro, parece, que era mais natural dizer, que era filho de hum lavrador, ou pastor daquelles campos; e com tudo não disse, senão, que era filho de Ananias o Grande; porque não ha homem de pé tão de pé, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem donde vem, não diga que vem lá do grande Ananias: *Ego sum Azarias, Anania magni filius*: Eu sou Azarias filho de Ananias o Magno: como se dissessemos de Carlos Magno, de Pompeo Magno, de Alexandre Magno.

Tob. 5. 18.
Num. 83. 4 Cada hum he o que faz, e não he outra cousa. As cousas definemse pela essencia: o Bautista definiose pelas acçoens; porque as acçoens de cada hum,

Discurso I.

3

hum' saõ a sua effencia. Definiose pelo que fazia para declarar o que era.

5 Daqui se entenderá huma grande duvida, que deixamos atraz de ponderar. O Bautista pergunta-^{Num. 104.} do se era Elias, respondeo, que não era Elias: *Non sum.* E Christo no cap. 11. de S. Mattheos disse, que o Bautista era Elias: *Joannes Baptista ipse est*^{Matth. 11.} *Elias.* Pois se Christo diz, que o Bautista era Elias,^{14.} como diz o mesmo Bautista, que não era Elias? Nem o Bautista podia enganar, nem Christo podia enganarse: como se haõ de concordar logo estes textos? Muito facilmente. O Bautista era Elias, e não era Elias: não era Elias, porque as pessoas de Elias, e do Bautista eraõ diversas: era Elias, porque as acçoens de Elias, e do Bautista eraõ as mesmas. A modestia do Bautista disse, que não era Elias pela diversidade das pessoas: a verdade de Christo affirmou, que era Elias pela uniformidade das acçoens. Era Elias, porque fazia acçoens de Elias. Quem faz acçoens de Elias, he Elias: quem fizer acçoens do Bautista, será Bautista, e quem as fizer de Judas, será Judas.

6 Cada hum he as suas acçoens, e não he outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o lugar, em que estamos! Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avós, ide ver a matricula de vossas acçoens. O que fazeis, isso sois, e nada mais. Quando ao Bautista lhe perguntáraõ quem era, não disse que se chamaya Joaõ, nem que era filho de Zacarias: não se definio pelos pays, nem pelo appellido, só de suas acçoens formou a sua definição: *Ego vox clamantis.*

7 Muito tempo ha que tenho dous escandalos^{Num. 105.} contra

contra a nossa Grammatica Portugueza nos vocabulos do nobiliario. A' fidalguia chamaõlhe qualidade, e chamaõlhe sangue. A qualidade he hum dos dez predicamentos, a que reduzirão todas as cousas os Filósofos. O sangue he hum dos quatro humores, de que se compoem o temperamento do corpo humano. Digo pois, que a chamada fidalguia não he sómente qualidade, nem sómente sangue; mas he de todos os dez predicamentos, e de todos os quatro humores. Ha fidalguia, que he sangue, e por isso ha tantos sanguinolentos: ha fidalguia, que he melancolia, e por isso ha tantos descontentes: ha fidalguia, que he colera, e por isso ha tantos mal soffridos insoffríveis, e ha fidalguia, que he fleuma, e por isso ha tantos, que prestaõ para tão pouco. De maneira, que os que adoecem de fidalguia, não só lhes pecca a enfermidade no sangue, senão em todos os quatro humores.

8 O mesmo passa nos dez predicamentos. Ha fidalguia, que he substancia; porque alguns não tem mais substancia, que a sua fidalguia: ha fidalguia, que he quantidade, são fidalgos, porque tem muito de seu: ha fidalguia, que he qualidade; porque muitos não se pôde negar são muito qualificados: ha fidalguia, que he relação, são fidalgos por certos respeitos: ha fidalguia, que he paixão, são apaixonados de fidalguia: ha fidalguia, que he *ubi*, são fidalgos, porque occupaõ grandes lugares: ha fidalguia, que he sitio, e desta casta he a dos Titulos, que estaõ assentados, e os outros em pé: ha fidalguia, que he habito, são fidalgos; porque andaõ mais bem vestidos: ha fidalguia, que he duração, fidalgos por antiguidade. E qual destas he a verdadeira fidalguia?

Ne-

Discurso I.

5

Nenhuma. A verdadeira fidalguia he acção. Ao predicamento da acção he que pertence a verdadeira fidalguia: *Nam genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi, vix ea nostra voco*, disse o grande fundador de Lisboa. As acções generosas, e não os pays illustres, são as que fazem fidalgos. Cada hum he suas acções, e não he mais, nem menos, como o ^{Ullm.} ^{apud Ovid.} ^{Merani.} ^{5. part. no.} ^{105.} *Bautista: Ego vox clamantis in deserto.*

9 Desta doutrina tão verdadeira tiro politica-^{106.} mente, que nas acções se haõ de fundar as eleições. As eleições ordinariamente fundaõse nas gerações, e por isso se acertaõ tão poucas vezes. Não nego, que a nobreza, quando está junta com o talento, deve sempre preceder a tudo; mas como os talentos Deos he o que os dá, e não os pays, não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. Este dictame he o verdadeiro em todo o tempo; e muito mais no presente. No tempo da paz pôde-se soffrer, que se dem os lugares ás gerações; mas no tempo da guerra não se haõ de dar senão ás acções. Vio o Profeta Ezechiel no primeiro capitulo das suas revelações aquelle carro mysterioso, por que tiravaõ quatro animaes, homem, leão, boy, e aguia. No capitulo decimo tornou a ver o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada; porque na primeira visão tinha o primeiro lugar o homem, na segunda visão tinha o primeiro lugar o boy. Notavel mudança! Que o homem na primeira visão se anteponha ao leão, á aguia, e ao boy, muito justo; porque o fez Deos senhor de todos os animaes: mas que o boy, que foy creado para o trabalho, e para o arado, se anteponha a tres cabeças coroadas, ao homem, Rey do mundo, ao leão, Rey dos animaes,

6 *Vieira abbreviado*

Ezech. 10.
v. 18.

maes, e á aguia, Rainha das aves! Sim: A razaõ literal, e a melhor, que daõ os Expositores, he esta. Na primeira visãõ estava o carro dentro do templo: na segunda visãõ sahio o carro á campanha: *Egressa est gloria Domini de limine templi*. E quando o carro está quieto, dê-se embora o primeiro lugar a quem melhor he; mas quando o carro caminha, ha-se de dar o primeiro lugar a quem melhor puxa; e porque o boy puxava melhor, que o homem, por isso se deo o primeiro lugar ao boy. Quando o carro estiver no templo da paz, demse embora os lugares a quem melhor for; mas quando o carro estiver na campanha, haõse de dar os lugares a quem melhor puxar.

DISCURSO II.

Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora do monte do Carmo, em que o A. mostra serem os Religiosos Carmelitas filhos adoptivos da mesma Senhora; e para mayor gloria sua excita, e resolve assim esta questãõ.

A D O P C, A M.

Part. II.
§. III. num.
34. fol. 3º.

IO **Q**ual he mayor prerogativa, e mayor excellencia: ser filho natural, ou filho adoptivo? A adopção he supplemento da natureza: logo parece, que mayor cousa, e mais excellente he ser filho por natureza, que por adopção. Com tudo, absoluta, e precisamente fallando, digõ, que alguma cousa tem de mayor prerogativa ser filho adoptivo, que filho natural. No filho natural fundase a preferencia na filiação: no adoptivo fundase a filiação na pre-

Discurso II.

7

preferencia. O filho natural amase, porque he filho: o filho adoptivo he filho, porque se ama. Ser natural he fortuna: ser adoptivo he merecimento. A razão de toda esta differença he; porque os filhos naturaes são partos da natureza: os adoptivos são filhos da eleição. Nos primeiros não tem parte a vontade, nem o juizo: nos segundos tudo he juizo, e tudo vontade.

II Assim o notou advertidamente Santo Ambrosio na Epistola ad Efinium: *Aut natura filios suscipimus, aut electione: in natura casus est: in electione judicium.* Os filhos ou são por natureza, ou por eleição: se por natureza, he caso: se por eleição, he juizo. Quanto vay da sorte á escolha, tanto vay de huns filhos a outros. Se os pays escolherão os filhos, muitos havião de trocar os seus pelos alheys, e tal vez antes não quereriaõ ter filhos, que taes filhos. Parecevos, que escolheria Adão a Caim, Noe a Caõ, Isaac a Ismael, Jacob a Ruben, David a Absalão? Claro está, que não. Mas contentase cada hum com aquelles filhos, que lhe couberão em sorte; porque nesta parte tambem os filhos entraõ em conta de bens da fortuna. Nos filhos adoptivos he pelo contrario; porque como o escolher este, ou aquelle depende da nossa eleição, da nossa vontade, do nosso juizo, muito errado será o juizo, e a vontade de quem não escolher o melhor de todos, o mais excellente, e o mais digno: *Non est dignus adoptari, nisi qui fortissimus meretur agnosci*, disse Cassiodoro. E a razão, que logo dá, he a mesma differença, que diziamos: *In sobole frequenter fallimur; ignavi autem esse nesciunt, quos judicia pepererunt.* Nos filhos naturaes não se satisfaz muitas vezes o desejo

porque ainda que são partos da natureza, da-os a fortuna: nos adoptivos sempre o acerto, e a satisfação he segura, porque são filhos da eleição, e partos do juizo: *Quos judicia pepererunt.*

12 Tal he, ou quasi tal (com ser infinita a distancia de pessoas) a differença, que se acha gloriosamente entre o filho natural, e estes filhos adoptivos da Virgem Maria. O natural, e os adoptivos, hum, e outros são filhos da mesma mãy; mas Christo Filho das entranhas de seu corpo: *Beatus venter, qui te portavit*: os Carmelitas filhos das entranhas do seu juizo: *Quos judicia pepererunt.* A mayor excellencia da Virgem Maria, e como lhe chama Santo Anselmo estupenda, he, que Maria, e Deos sejaõ Pays do mesmo Filho; e a mayor, que se pôde dizer desta sagrada Religião, he, que os Carmelitas, e Christo sejaõ filhos da mesma Mãy. Nem Deos podia fazer mais a Maria, que darlhe a seu Filho por filho; nem Maria podia fazer mais aos Carmelitas, que darlhe a seu Filho por irmão. E ainda que Christo he Filho natural da mesma Mãy, e elles filhos adoptivos, a filiação natural he parto do corpo: *Beatus venter*, a filiação adoptiva parto do juizo: *Quos judicia pepererunt.* Não sei se me atreva a dizer nesta differença: *Quinimmo beati.* Mas vede, benditos Padres, de que juizo sois filhos. Não filhos do juizo de Jacob, como Manassés, e Ephraim, nem do juizo de Augusto, ou Trajano, como os seus adoptivos; mas filhos do juizo da Mãy de Deos. Vós, e os pensamentos da Mãy de Deos sois filhos do mesmo juizo. Vede, se vos pôde faltar a sua memoria sendo irmãos legitimos de seus pensamentos. Só o Verbo Eterno he Filho de melhor juizo, que
vós

Discurso III. 9

vós ; porque elle he gerado pelo entendimento de seu Pay , e vós pelo juizo de sua Mãy.

DISCURSO III.

Tirado de hum sermaõ da Ascençãõ de nosso Senhor Jesu Christo.

A D M I R A C, A M.

13 **D** Izem os Filósofos , que a admiração he filha da ignorancia , e mãy da sciencia. Filha da ignorancia ; porque ninguem se admira , senão das cousas , que ignora , principalmente se são grandes : e mãy da sciencia ; porque admirados os homens das mesmas cousas , que ignorão , inquirem , e investigão as causas dellas até as alcançar , e isto he , o que se chama sciencia. Part. 7. n.
2. fol. 2.

DISCURSO IV.

Tirado de hum sermaõ da primeira sexta feira da Quaresma , prégado na Capella Real.

A D U L A C, A M.

14 **P** Osto que a materia do amor dos inimigos seja tão prégada , e tão batida ; o que determino tratar sobre ella hoje , he huma questãõ muito nova , e muito propria deste lugar. Fundase toda sobre aquelle *Vós* do nosso texto : *Ego autem dico vobis*. E a questãõ , ou duvida he : Se debaixo deste vós se entendem tambem as Altezas , e as Magestades ? Part. IV. n.
228. fol.
211.

As

As pessoas soberanas são superiores a toda a ley, e por isso será necessario examinar exactamente até onde se estende o preceito de Christo, e resolver com a graça do mesmo Senhor, e sem lisonja de nenhum outro, se são obrigados tambem os Reys a amar seus inimigos?

- Num. 229. 15 Primeiramente parece, que não são obrigados. Os Reys não são obrigados a amar os amigos: logo muito menos, e com muito mayor razão não estarão obrigados a amar os inimigos. (Não fallo dos Neros, nem dos Caligulas, e muito menos dos Sardanapalos; que semelhantes monstros da natureza humana eraõ tyrannos cruelissimos, e não Reys, nem homens.) Porque quem não tem amor para o amor, como ha de ter amor para o odio? Não ha entre todos os coraçoes humanos, e entre todos os estados do mundo nem vontades mais desamoraveis, que as soberanas, nem cousa mais opposta ao amor, que a Magestade; e porque razão, se razão se póde chamar? Por duas: pela desigualdade, e pela obrigação dos vassallos. O amor reciproco, que por outro nome se chama amizade, diz Aristoteles, que o não póde haver, senão entre iguaes, e como entre os Reys, e os vassallos ha huma desigualdade tão distante, como do inferior ao supremo, a mesma soberania, que o remonta sobre a igualdade, o desobriga da correspondencia; e porque amarem os vassallos ao Rey he obrigação natural, esta he a segunda isenção, ou regalia, que lograõ as Magestades, para lhes não ser necessario amar para ser amados, nem depois de ser amados ficarem obrigados a amar: como o amor dos vassallos he divida, nem os Reys ficam obrigados á paga, nem os vassallos tem acção para

Discurso IV. II

para a desejar, ou pedir. Daqui se segue aquella grande dor, por lhe não chamar injustiça, de que tinha mais ventura com os Reys o servir, que o amar; porque os serviços alguma vez são premiados, o amor nunca he correspondido: não seriaõ as Magestades Magestades, se se sujeitassẽ sem a amar. E porque? Por outras duas razoes da sua parte: Amar he inclinar-se a vontade primeiro, e depois render-se: o render-se he contra a potencia da Magestade: o inclinar-se contra a soberania; por isso disse bem quem lhe conhecia esta condição, que nem póde haver Magestade com amor, nem amor com Magestade: *Non bene conveniunt, nec in una sede morantur maiestas, & amor*; e se os Reys, como dizia, nem amados se inclinaõ a amar os amigos, odiados, e aborrecidos como se haõ de sujeitar a amar os inimigos?

16 Seja exemplo o Rey do melhor coração de quantos empunháraõ cetro. Teve David, muitos, e grandes inimigos (que não fora David se os não tivera.) E como os amava? Elle mesmo o diga: *Persequar inimicos meos, & comprehendam illos, & non convertar, donec deficiant: confringam illos, nec poterunt stare, cadent subtus pedes meos.* A meus inimigos hey os de perseguir até os tomar ás mãos, nem hey de desisttir, ou descanfar até os desfazer, e consumir de todo. Eu lhes quebrarei o orgulho, e lhes torcerei o pescoco até os meter debaixo dos pés. E se Christo manda, que não só façamos bem aos inimigos, mas que oremos por elles: *Et orate pro persequentibus, & calumniantibus vos*, ouvi como os encommendava o mesmo David a Deos em suas oraçoens: *Averte mala inimicis meis, & in veritate tua disperde illos.* O mal, que me defejaõ meus inimigos,

migos, peçovos, Senhor, que o convertais contra elles; e que pela má vontade, que me tem, vós lhes ponhais as mãos, e a boa vontade, destruindo-os, e aniquilando-os; que isso quer dizer *Disperde*. Finalmente chegado á hora da morte, tempo, em que até os corações mais duros não só perdoão a seus inimigos, mas lhes pedem perdaõ, duas mandas do testamento de David foraõ deixar muito encarregado a seu filho Salamaõ, que de nenhum modo se esquecesse de mandar matar a Joab, e a Semey por certos aggravos, que lhe tinhaõ feito. E se desta maneira amava a seus inimigos hum Rey canonizado, que se levantava á meya noite a rezar o Psalterio, e debaixo da púrpura vestia cilícios, os que não são tão santos, nem tão beatos, vede como guardarão o *Diligite inimicos vestros*, e como tomarão por si o *Dico vobis*.

17 Isto he o que se offerece pela primeira parte, e mais apparente, que solida, da nossa questão: a segunda não só defende, mas define, que tambem as Altezas, e Magestades, por mais altas, e soberanas que sejaõ, se entendem, e comprehendem debaixo daquelle *vobis*, e que todas igualmente, como os outros Christãos, sem nenhuma excepção, nem privilegio estaõ sujeitas ao preceito de Christo, e obrigadas a amar seus inimigos, e a lhes fazer bem: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos*.

18 O fundamento desta obrigação está na primeira palavra do mesmo texto: *Ego autem dico vobis*. Ego Eu. E quem he este Eu? Não he Plataõ, nem Lycurgo, nem Numa Pompilio, cujas leys com tudo, por serem racionais, as veneravaõ, e obedeciaõ

Discurso IV.

13

cião todos os Reys, que alcançaraõ o nome de justos. Mas he aquelle Eu, que disse a Moysés: *Ego* ^{Exod. 3.} *sum, qui sum.* Eu sou, o que sou, o que só tem o ^{14.} ser de si, e o deo a todas as cousas: aquelle Eu, que faz os Reys, e tambem os desfaz, quando elles não fazem o que devem: *Per me Reges regnant*: aquelle ^{Prov. 8. 5.} le Eu, que traz escrito na orla da opa Real: *Rex Regum, & Dominus Dominatum.* E este Eu: *Ego* ^{Apoc. 19. 16.} *autem dico vobis?* Este Eu he o que diz a todos sem distincção, nem excepção de pessoas, ou dignidades: *Diligite inimicos vestros.*

19 Bem provado está, que os Reys tem obrigação de amar a seus inimigos; mas esses inimigos dos Reys quaes são? A resposta não he facil, antes tal, ^{240.} e de tão mau gosto, que se eu a dér, como devo, tambem póde grangear inimigos. Eu não direi quaes são; ^{245.} porque o não sei entender; mas referirei, e me referirei sómente aos que os nomeyaõ, e são testemunhas todas legaes, e a quem a opiniaõ do mundo dá grande credito.

20 Entre os Politicos Xenofonte, Tacito, Cafiodoro, entre os Historicos Tito Livio, Suetonio, Quinto Curcio, entre os Filosophos Seneca, Plutarcho, ^{246.} Severino Boecio, entre os santos Padres Jeronymo, Chrysostomo, Gregorio, Agostinho, Bernardo. Deixando os de mais, todos só com discrepancia no encarecimento dizem, e ensinaõ concordemente, que os inimigos dos Reys, e os mayores inimigos são os aduladores.

21 S. Gregorio Magno, que depois de grandes ^{247.} cargos politicos nas duas mayores Cortes de Roma, e Constantinopla foy cabeça suprema de toda a Igreja, e por si mesmo, e seu juizo, ciencia, e experiencia

encia huma das mais eminentes cabeças do mundo ; não só diz , que os aduladores secretos são publicos inimigos dos Reys , mas dá por regra , e cautela aos mesmos Reys , que quanto virem , que são mayores os louvores , com que forem adulados delles , tanto os reconheçam por mayores inimigos , e creyão , que o são : *Tantò maiores hostes credendi sunt ; quantò magis laudibus adulantur.*

248.

22 Santo Agostinho, Auctor em toda a materia primaz , com doutrina tirada da escola d'El Rey David ensina , que ha dous generos de inimigos : huns , que perseguem , outros , que adulaõ ; mas que mais se ha de temer a lingua do adulator , que as mãos do perseguidor : *Duo sunt genera inimicorum , persequentium , & adulantium ; sed plus persequitur lingua adulatoris , quam manus persequutoris.* A mão do perseguidor , diz Agostinho , armate com a espada , com a lança , com a setta , com o veneno , e com todos os outros instrumentos de ferir , e matar , que a furia , e violencia do fogo accrescentou á dureza do ferro ; e com tudo diz o mayor Doutor da Igreja , que mais se ha de temer a lingua desarmada do adulator , que todas as armas do perseguidor , e inimigo . Mas porque dirão os Palacianos , (como dizem aos da nossa proffissão) que fallou Santo Agostinho , como Theologo , e como santo , e não como Politico , ponhamos lhe de hum lado a Pythagoras , e de outro a Socrates , que nem foraõ Theologos , nem santos , mas ambos famosissimos Mestres da Republica mais politica , qual foy a de Athenas . Que diz Pythagoras ? *Gaude potius arguentibus , quam adulantibus , & tamquam deteriores inimicos adultores averfare.* Gosta antes dos que te arguem , que

Discurso IV.

15

que dos que te adulaõ, e tem mayor averfaõ aos aduladores, que aos inimigos; porque saõ peyores. E Socrates, que diz? *Adulatorum benevolentia tamquam hostibus dato terga, fuge infortunium.* A' benevolencia dos aduladores dalhe logo as costas, e foge delles, como inimigos; porque te naõ succeda algum infortunio dos que a adulaçaõ traz sempre consigo. Creyaõ ao menos a Socrates, e a Pythagoras os que naõ quizerem dar credito a Santo Agostinho.

23 Synesio aquelle insigne varaõ, que compoz os livros de Regno, e depois de governar prudentissimamente o mundo, com igual zelo, e santidade governou, e illustrou a Igreja, escrevendo ao Imperador Arcadio, o conselho, que lhe dá sobre todos, exhortando-o a que o observe com o primeiro, e mayor cuidado, he, que naõ consinta junto a si aduladores, e se guarde, e vigie delles, porque por mais cercado, que esteja de guardas o seu palacio, a adulaçaõ se sabe introduzir subtilissimamente, sem ser sentida, e basta ella só para primeiro o sujeitar, e dominar a elle, e depois o despojar do Imperio: *Sola quippe adulatio, nec quicquam, vigilantibus satellitibus, in ima usque conclavia sensim penetrat, & imperium deprædatur.* Couza difficultosa parece, que tendo Arcadio presidiado o seu Imperio com as legioens Romanas, e naõ havendo entaõ inimigo estranho, que com poderosos exercitos lhe fizesse guerra, houvessem de bastar poucos homens desarmados para dentro em sua propria casa destruirem o Imperador, e mais o Imperio; mas taõ occulta, e poderosa guerra he a que faz aos Principes a adulaçaõ, e taõ perniciosos inimigos mais que todos saõ os aduladores. Ouçaõ os Politicos o texto da sua Biblia:

16 *Vieira abbreviado*

Biblia: *Adulatio perpetuum malum Regum, quorum opes sæpius assentatio, quam hostis, evertit.* A adulação he aquelle perpetuo mal, ou achaque mortal dos Reys, cuja grandeza, opulencia, e imperios muitas mais vezes destruo a lisonja dos aduladores, que as armas dos inimigos.

250.

24 Commentando este texto de Cornelio Tacito outro Cornelio de mayor erudição, de melhor juizo, e de mais largas experiencias, que elle, confirma a verdade do seu dito com a falta da verdade, de que só carecem os que são senhores de tudo, e com os exemplos de Nero, Cesar, e Roboaõ, todos defastradamente perdidos, e não por inimigos de fóra, mas pelos aduladores domesticos: *Et quidem Reges abundant rebus omnibus in aula, excepta veritate; quid Neronem castissime educatum crudelem fecit? Adulatio. Quid Cesarem contra patriam rebellare fecit? Adulatio, quid Roboam tyrannum reddidit? Adulatio.* Nem a Roboaõ aproveitou ter por pay a Salamaõ, nem a Nero ter por Mestre a Seneca, nem a Cesar terse esmerado nelle a natureza, nem o dotar de huns espiritos tão generosos, e verdadeiramente reaes, para que a adulação de seus proprios familiares a hum não corrompessem as virtudes, a outro não despojassem do Reyno, e a outro não tirassem a vida, e a todos não destruissem tão infasta, e miseravelmente, como todos sabem. Esta mesma conclusaõ inferiraõ sobre a ligaõ de todas as historias do mundo aquelles dous grandes Historiadores, que em sentença de Lypsio depois de Sallustio, e Livio merecem os dous seguintes lugares, entre os Latinos Cúrcio, e entre os Hespanhoes Mariana: *Regnum sæpius ab assentatoribus, quam ab hosti-*

Discurso IV.

17

hostibus everti solet, diz Curcio na historia de Alexandre, e Marianna no commentario de Oseas diz: *Vide hic, ut magis adulatio, quam hostis, Reges, & Principes perdat.* De sorte, que tudo, o que se sabe por vista, ou por memoria dos periodos, e catastrofes dos Reynos, e dos fins mal afortunados dos Reys, e causas delles, as menos vezes se devem attribuir aos inimigos de fóra, que são os que só se temem; se não a quem? Aos lisongeiros, e aduladores de dentro, aos que tem as entradas francas, e as chaves tão douradas, como as linguas, aos que participão os segredos, e arcanos da Monarchia, e são admittidos a dizer, e ser ouvidos, em fim aos inimigos interiores, e domesticos, que são os que mais se devêrão temer.

25 O mesmo Christo, que disse: *Diligite inimicos vestros*, será tambem o que nos declare estes^{252.} inimigos quem são, e como o são, e como não podem deixar de o ser: *Nemo potest duobus dominis*^{Matth. 6.} *servire*, diz Christo: Ninguém póde servir a dous^{24.} senhores. E porque? Porque se tiver amor a hum, ha de ter odio a outro: *Aut enim unum odio habebit, & alterum diliget.* Supposta esta definição infallivel da summa verdade, pergunto agora: E os que servem aos Reys em palacio, a quantos senhores servem? Se alguns se não quizerem lisongear tambem a si mesmos, he força, que confessem, que servem a dous senhores: ao senhor Rey, e ao senhor interesse proprio: logo segue-se, que se amaõ a hum, tem odio ao outro, e que se de hum destes senhores são amigos, do outro são inimigos; porque se não póde servir, e amar a hum, sem ser inimigo do outro: e se em algum dos que servem ao Rey se provasse, que

ama mais o seu interesse, que o Rey, provado estava, que este tal he inimigo do Rey.

253. 26 O Papa chamase *Servus servorum*, e creyo eu, que a muitos Reys se poderá estender o mesmo titulo sem offensa da Sé Apostolica. Porque ha tantos, que queiraõ servir de perto aos Reys? Porque querem tambem, que os Reys os sirvaõ a elles? Não digo tanto. Servem aos Reys, porque lhes serve o servillo: arrimase a hera á torre, não por amor da torre, se não por amor de si: não porque queira coroar a torre, (que as coroas de hera não são as coroas dos Reys) mas porque a hera não póde crescer sem arrimo, e ella quer crescer, e subir; por isso vemos tão subidos, e tão crescidos os que tal vez antes de chegarem a este arrimo, mal se levantavaõ da terra. Pelo contrario vemos tambem, que muitos se retiráraõ do serviço dos Reys, porque lhes negáraõ, ou dilatáraõ a subida: logo ao senhor interesse he que serviaõ, e não ao Rey. *Stellio manibus nititur, & moratur in ædibus Regis*: A aranha, diz Salamaõ, não tem pés, e sustentandose sobre as mãos, mora nos palacios dos Reys. Bom fora, que moraraõ nos palacios dos Reys, e tiveraõ nelles grande lugar os que só tem mãos. Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobese mão antemaõ a hum canto dessas abobedas douradas, e a primeira coufa, que faz, he desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao principio mal se divisaõ, lança suas linhas, arma seus teares, e toda a fabrica se vem a rematar em huma redê para pescar, e comer. Taes são (diz o Rey, que mais soube) as aranhas de palacio. Quem vir ao principio as finezas, com que todos se desfazem, e

- se

se desentranhaõ em zelo do serviço do Principe, parece, que o amor do mesmo Principe he o que unicamente o trouxe alli. Mas depois que armáraõ os seus teares, como tecedeiras, e as redes, como pescadores, logo se descobre toda a tea: por mais fina que parecesse, era urdida, e endereçada a pescar, e não a pescar moscas. E se não vejale o que todos pescão: as melhores commendas, os titulos, as presidencias, os senhorios, e tal vez, diz o mesmo Salamaõ, que sendo a malha taõ miuda, pescaõ o mesmo dono da casa: *Homo, qui blandis, fictisque sermonibus loquitur amico suo, rete expandit gressibus ejus*: As palavras brandas do adulator são redes, que elle arma, para tomar nellas ao mesmo adulado. Este he o artificio sem arte dos aduladores Reaes. Servem li-fongeiramente aos Principes para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se servirem da mesma graça para os fins, que só pertendem de seus proprios interesses, e como por declaração do mesmo legislador do nosso texto ninguem póde servir a dous senhores, sem amar a hum, e ser inimigo do outro, provado fica sem replica, e concluido, que quantos forem em palacio os amigos dos seus interesses, tantos são os inimigos dos Reys.

27 Vejamos pois o bem, ou mal, que os aduladores fazem aos Reys, e logo se verá claramente se os amaõ, ou são seus inimigos. A mayor fatalidade dos Reys he nascerem todos em signo de ser louva-^{255.} dos. Lançou Jacob a benção a Judas, seu quarto filho, e as palavras, por onde começou, forão estas: *Juda, te laudabunt fratres tui*. Judas, a ti louvarão teus irmãos. Os irmãos eraõ onze, e muitos delles ti-^{Genef. 49. 8.} veraõ muito que louvar. Pelo contrario Judas não

deixou de fazer muitas acçoens dignas de serem vituperadas. Pois se nos outros houve tambem cousas merecedoras de louvor, e em Judas de vituperio; porque se dá por benção só a Judas; que elle será o louvado, e que todos o louvarão: *Te laudabunt?* Porque Judas, como vimos ao principio, ainda que era filho quarto, foy o que levou o cetro, e coroa, e em quem se fundou o direito hereditario da casa, e successão Real: e he benção, ou fatalidade dos Reys, que tudo, o que fizerem, ou quizerem, ainda que não seja louvavel, seja louvado: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Saul, tomar para si os despojos de Amalec, consagrados a Deos, e os applicar a usos profanos: *Te laudabunt.* Se o Rey, como David, por huma simples informação suspeitosa, singular, e sem nenhuma legalidade privar do patrimonio a Miphiboseth, e o dêr ao seu criado Siba: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Salamaõ, para edificar soberba, e deliciosamente o bom, ou mau retiro do Libano derrubar as casas dos pouco poderosos, e queimar as choupanas dos miseraveis: *Te laudabunt.* Se o Rey, como Roboaõ, sobre o jugo pezadissimo, e intoleravel de seu pay accrescentar tributos sobre tributos, oppressões sobre oppressões, e rigores sobre rigores, nadando todo o Reyno em rios de lagrimas: *Te laudabunt.* E quem são os panegyristas destes louvores? Não são os que padecem o diluvio fóra da Arca: não são os que morão, e morrem fóra das paredes de palacio, senão os que vivem, e reynão das portas adentro. Estes são os aduladores, que louvaõ o que não devêrão louvar, e applaudem o que não devêrão applaudir, e ajudaõ o que devêrão estorvar, attentos sómente a não desgostar, ou en-

triste-

Discurso IV.

21

tristecer o agrado, em que tem fundado seus interesses, sem attenção ao credito, e á fama, nem tal vez á consciencia dos mesmos Reys, como verdadeiros inimigos: *In malitia sua letificaverunt Regem.* Ofec 7. 3.

28 Eu bem creyo do bom entendimento de alguns, que no mesmo tempo, em que louvaõ, e applaudem com a boca, gemem, e choraõ com o coração. Nem elles deixaõ de o confessar assim, onde não he perigoso o sigillo. Mas como servem mais ao proprio interesse, que ao Rey, esta covarde dependencia lhes equivoca a dor com a alegria, e o coração com a lingua. Caso verdadeiramente lamentavel, e tragico, mas já representado no theatro de Roma! Depois que o Imperador Nero se esqueceo de si, e da temperança, e compostura real, em que fora creado, fez taõ pouco caso da propria autoridade, e decencia, que entre os citharedos, e estriões sahia no theatro publico a competir com elles em todas as baixezas ridiculas daquellas artes proprias de gente vil, e infame. A este espectáculo, ou ludibrio da mayor fortuna assistiaõ todas as Ordens, Senatoria, Consular, e Equestre: assistiaõ os Centurioens, os Tribunos, e toda a flor das legioens Romanas: assistiaõ principalmente todos os familiares do palacio Imperial, e entre elles, diz com grande ponderação Tacito: *Et mærens Burrhus, ac laudans.* Era Affrânio Burrho homem de grave, e maduro juizo, mestre, ou ayo, que tinha sido com Seneca do mesmo Nero. E quando todos os outros faziaõ grandes applausos ás mudanças, saltos, e gestos do Imperador citharedo, como se foraõ outros tantos triunfos, só Affrânio estava triste, mas tambem louvava com os demais: *Et mærens Burrhus, ac laudans.* Pois ho-

mem, ou animal, (que te não quero chamar com o nome proprio por não parecer, que o faço appellativo) se conheces a indecencia, a defautoridade, e affronta do teu Principe: se estás engolindo as lagrimas, e afogando os gemidos; porque ao menos não emmudeces, e callas, para que veja Nero na tua tristeza a tua dor, e leya no teu silencio o teu voto? Mas no mesmo tempo, em que estás chorando o que condenas, has de louvar o que choras: *Et mœrens Burrhus, ac laudans?* Sim, que taes são os adulaadores de palacio, ainda os de mayores obrigaçoens, e de menos corrupto juizo.

357.

29 Huns Auctores comparaõ estes adulaadores ao cameleaõ, que não tendo cor certa, nem propria, se reveste, e pinta de todas as cores, quaesquer que sejaõ as do objecto vizinho. Outros os comparaõ á sombra, que não tem outra acção, figura, ou movimento, que a do corpo interposto á luz, do qual nunca se aparta, e sempre, e para qualquer parte segue. Outros os comparaõ ao espelho, retrato natural, e reciproco de quem nelle se vê; porque se lhe pondes os olhos, olha para vós: se rides, ri: se choraes, chora; lagrimas porém sem dor, e rizo sem alegria: que não fora o espelho adulator, se assim não fora. Mas como o cameleaõ, a sombra, e o espelho tudo são assistentes mudos, a comparação de Santo Agostinho he a mais propria, e semelhante de todas; porque os compara ao eco: *Fucundum est, ac volupe cum clamantibus nobis responsant sylvæ, & acceptas voces numerosiori repercussu reddunt. Talis echo adulator.* O eco sempre repete o que diz a voz, nem sabe dizer outra coula, e onde ás concavidades são muitas, he scena verdadeiramente apra-

Aug.

Discurso IV.

23

te aprazível ver como os ecos se vão respondendo successivamente huns aos outros, e todos sem discrepância dizendo o mesmo. O que disse a primeira voz, he o que todos uniformemente repetem. E isto que fez a natureza nos bosques, faz a adulação nos palacios, diz Agostinho. Diz o Rey, que quer fazer huma guerra, e ainda que a empreza seja pouco provavel, e o successo de perigosas consequencias, que respondem os ecos? Guerra, guerra, guerra. Diz, que quer fazer huma paz, e ainda que a occasião seja intempestiva, e os pactos, e condiçoens pouco decorosas, que respondem os ecos? Paz, paz, paz. Diz, que quer enriquecer o erario, e para isso multiplicar tributos, e ainda que os fins, ou pretexto tenham mais de vaidade, que de utilidade, que respondem os ecos? Tributos, tributos, tributos.

30 E para que eu tambem accrescente a minha comparação, são parecidos os aduladores áquelles quatro animaes do Apocalypse, os quaes cercavaõ o trono do cordeiro dominador da terra, e tendo cada hum delles quatro rostos, e quatro linguas, nenhuma cousa diziaõ, nem sabião dizer, senaõ Amen:

Et quatuor animalia dicebant: Amen. Pois para isto assistem ao trono? Para isto os tem junto a si o supremo dominante? Para isto tanta diversidade de rostos, e tanto apparato de linguas? Sim. Para isto, e só para isto: para quando sahir do trono a voz, elles dizerem os Amens. E para que os Amens digaõ com o rosto, e o rosto não desdiga do que elles dizem; por isso sendo a voz huma só, os rostos são muitos, e taõ varios, quantos podem ser os affectos da Magestade adulada. Se o Rey está benigno, e humano, para isso tem rosto de homem: *Facies homi-*

Apoc. 5.
14.

Ezech. 1.
10.

nis. Se está colerico, para isso tem rosto de leão: *Facies leonis*. Se está sobrelevado, e altivo, para isso tem rosto de aguia: *Facies aquilæ*. Se está melancolico, e carregado, para isso tem rosto de bezerro: *Facies bovis*. Em fim muitos rostos, e huma só voz; porque sempre a lingua, e os gestos estão aparelhados ou na vontade declarada para approvar, ou na inclinação só presumida para a prevenir.

31 A intenção recta dos Principes não he esta, se não que cada hum diga livremente o que entende, e aconselhe o que mais importa; mas como o norte sempre fixo do adulator he o interesse, e conveniencia propria, nenhum ha, que se fie deste seguro real, e todos temem arriscar a graça, onde tem posta a esperança. Dizia Seneca, (e dizia o que obrava) que antes queria offender com a verdade, que agradar com a lisonja: *Maluerim viris offendere, quam placere adulando*. Mas quem era Seneca? Era aquelle grande Estoico, em cuja estimação a mayor riqueza era o desprezo de todas. Era tão opulento o seu patrimonio, que só elle podéra fundar, e enriquecer muitas casas, e tão grandes, como as que hoje são titulares, e tudo renunciou Seneca, e applicou ao fisco Real. E quem com a sua fazenda quer accrescentar os thesouros do Rey, escolhe antes offender com a verdade; que agradar com a adulação. Porém aquelles, que com os thesouros do Rey querem accrescentar a sua casa, e enriquecer a sua pobreza, ou a sua vaidade, que se póde crer, ou esperar, que fação? Que digão cincoenta lisonjas para grangear huma commenda, e que se não atrevaõ a dizer meya verdade por se não arriscar a perdella. Oh Reys, oh Monarchas do mundo, que por esta causa, e só por esta

Discurso IV. 25

esta he digna de compaixão a vossa suprema fortuna!

32 O Psalmo *Miserere mei Deus* não só o fez David para lamentar a sua miseria, como peccador, senão também, como Rey. Esse foy o seu pensamento, e o seu sentimento quando disse: *Tibi soli* Psal. 50 *peccavi*. Eu, Senhor, só para vós pequei. E porque só para vós, e não para os outros? Porque só vós me estranhastes o meu peccado, porque fuy peccador, e nenhum dos outros me estranhou, porque era Rey. Em proprios termos Hysichio: *Quoniam reliquis omnibus, ei tamquam Regi indulgentibus, solus Deus misit Nathan, & nefarium scelus reprehendit*. O peccado de David só para Deos foy peccado; porque para todos os outros, como era Rey, foy indulgencia. Eisaqui de que serve aos Reys o ser Reys, e quão lisonjeiramente o servem os que o servem. Se alguma vez na antecamera de David (onde elle o não ouviſſe) se tocou no seu peccado, o que os Palacianos discorriaõ, era desta maneira: Que o amor de Bethſabee fora hum galanteyo de Principe soldado: que o casarse com ella fora huma honra da restituicão da sua fama: que o matar a Urias fora hum conselho necessario, prudente, e generoso: generoso, porque o fez morrer nobremente na guerra: prudente, porque pareceo acaſo o que foy industria: e necessario; porque o modo mais seguro de sepultar o aggravo he meter debaixo da terra o aggravado. Taõ levemente se fallava em palacio em hum caſo mais, que escandaloso, atroz, chamando ao adulterio galanteyo, ao homicidio necessidade, e á aleivosia prudencia.

33. No capitulo 8. do segundo livro dos Reys se
nomeaõ

nomeaõ as pessoas, de que constava a casa, e familia superior de David, e he cousa, que excede todo o encarecimento da lisonja, que em tantos homens de tão grandes qualidades, e supposições se não achasse nem hum só, que ou por zelo da honra, ou por escrupulo da consciencia, ou por obrigação do officio, ou por memoria dos beneficios, e merces recebidas se atrevesse a acudir a hum Rey na sua desgraça, e lhe abrir os olhos com a verdade em tão perigosa cegueira; por isso elle considerando o seu desamparo, e conhecendo o risco da propria salvação, orava, e clamava a Deos, dizendo: *Salvum me fac, Domine, quoniam defecit sanctus, quoniam diminutæ sunt veritates à filiis hominum*: Salvaime vós, Senhor, acudime, e soccorreime, como Deos; porque entre os homens já não acho nem hum só, que tenha virtude, e valor para me dizer a verdade.

Pfalm. II.
2.

34 Dous porques aponta David nestas palavras, muito dignos de reparo; porque faltaraõ os santos: *Quoniam defecit sanctus*; e porque faltaraõ homens, que com inteireza lhe dissessem a verdade: *Quoniam diminutæ sunt veritates à filiis hominum*. *Filii hominum* em frase da Escritura significa os homens de illustre geração, quaes são os que assistem ao lado dos Reys, e de lhe faltarem estes se lamenta David. Pois porque faltaraõ os santos, por isso não ha quem falle verdade aos Reys? Sim. De hum porque se seguiu outro porque. Porque faltaraõ os santos, que são os que não querem nada deste mundo: essa he a razão porque David, e os outros Reys não tem quem lhes diga a verdade, estando cercados de tantos, que os lisonjeaõ, e adulaõ. Até entre os gentios era verdadeira esta consequencia. Entre os gentios

Pfalm. II.
2.

Discurso IV. 27

tios tambem por seu modo havia santos, os quaes eraõ os Filoſofos, principalmente Estoicos, ou Cínicos. Diogenes Filoſofo Cínico queria taõ pouco das couſas deſte mundo, que nem huma choupana tinha, em que viver, e morava dentro em huma cuba. Foy-o ver por maravilha Alexandre Magno, e dizendolhe com ſua natural magnificencia, que pediffe quanto quizeſſe; que responderia Diogenes? Pegote, que me não tires o que me não pódes dar. E diſſe iſto, porque era inverno, e Alexandre com a ſombra do corpo lhe tirava o Sol. Parecevos, que adularia aos Reys hum homem, que taõ pouco queria delles? Bem o mostrou em huma ſaſoſa reſpoſta ſua, que refere Valerio Maximo. No tempo, em que reynava Dionyſio em Sicilia, eſtava Diogenes á porta, ou boca da ſua cuba lavando humaservas para comer, e diſſelhe hum dos que paſſavaõ: Se tu aduláras a Dionyſio, não comêráservas. Elle reſpondeo: E ſe tu te contentáras com comerervas, não aduláras a Dionyſio: *Si tu Dionyſio adulari velles, iſta non ederes: cui reſpondit: Si tu iſta edere velles, Dionyſio adulari nolles.* Porque os Reys ſe não ſervem de homens, que ſe contentem com comerervas, por iſſo eſtaõ taõ comidos de aduladores, e cercados de inimigos: *Quoniam defecit ſanctus.* Para ſer ſanto deſte genero não he neceſſario, que faça milagres o que ſerve ao Rey; baſta ſer homem, que ſe contente com o ſeu pouco, e não aſpire a ter mais do que tem, nem a ſer mais do que he.

35 Mas ſe ha algum deſtes (que ſim ha) o primeiro cuidado dos quatro animaes, que eſtaõ *in circuitu throni*, e nelle tem cercados, ou ſitiados os Reys, o primeiro, e mayor cuidado dos aduladores

he,

he, que Dionysio não ouça a Diogenes, antes se affeste contra elle toda a artelharia, para que não succeda romper as linhas da circumvallação, e por força, ou por vontade se retire muito longe da Corte. He texto, e caso expresso da Elcritura sagrada não já em homem Filosofo, senão Profeta. ElRey Jeroboaõ depois da divisaõ das Coroas de Israel, e Juda tinha o seu palacio em Bethel, e junto delle a mesquita, que edificara aos dous bezerros de ouro para divertir o povo de irem sacrificar ao templo de Jerusalem. Vivia na mesma Cidade de Bethel o Profeta Amós, o qual dizia a Jeroboaõ algumas verdades das que Deos lhe revelava acerca daquelle Reyno, e seu perigo. E como os aduladores de Jeroboaõ se temessem da efficacia, e energia de Amós, ao qual calumniavaõ com o Rey, que totalmente lhe não tinha perdido o amor, e reverencia, hum delles chamado Amasias se foy ter com o Profeta, e lhe disse em termos de amizade estas palavras: *Qui vides, gradere, fuge in terram Juda, & comede ibi panem, & prophetabis ibi. Et in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes, quia sanctificatio Regis est, & domus Regni est.* Quer dizer: Tu Amos, que vês os futuros, poemte logo a caminho, e fuge daqui, e vaite para a tua patria, lá comerás o teu pão, e profetizarás; porém aqui não te aconteça fallar mais palavra, porque Bethel he a casa, e palacio do Reyno, e a santificação do Rey. Reparay muito nesta ultima clausula; que em moral, e politico sentido fecha admiravelmente todo o nosso discursõ: *Quia sanctificatio Regis est, & domus Regni est.* De maneira, que exhortando Amasias ao Profeta Amós, ou cõminandolhe, que se sayda da Corte, e fuja della, o moti-

Am. 7. 12.
13.

o motivo, que lhe allega para isso, he, que a casa, e palacio Real he a santificação do Rey. E porque? Não podéra melhor definir hum adulator o que he palacio. He o palacio na definição dos aduladores a satisfação do Rey; porque alli são santificados os Reys, e todas suas acçoens, e quanto o Rey faz, ordena, deseja, ou imagina, tudo he santo. Se Jeroboão se divide de Roboão seu legitimo senhor, ainda que seja rebeliaõ, santo. Se prohibe ao povo, que appareça no templo de Jerusalem tres vezes no anno, ainda que seja contra a ley expressa de Deos, santo. Se levanta altares aos bezerros de ouro, e os manda adorar, ainda que seja manifesta, e publica idolatria, santo. E porque tu Amós (diz Amasias) aconselhas outra cousa ao Rey contra o que todos os seus criados lhe approvamos, e não queres ajuntar a tua voz com as nossas, dizendo tambem conosco: Santo, santo, santo, não só não has de entrar mais em palacio, mas sahir logo da Corte, e de todo o Reyno: *Gradere, & fuge in terram Juda: & in Bethel non adjicies ultra, ut prophetes.*

36 Tal he a sagacidade dos aduladores, e sua potencia. E tão tyrannizadas andão entre elles as mesmas Magestades aduladas, que não só lhes não dizem a verdade, nem querem, que outros lha digaõ; mas affastaõ, e lançaõ muito longe da Corte a todos os que lha podem dizer. Não he isto manifesta tyrannia? Biantes, hum dos sete sabios da Grecia, perguntado qual era o animal mais venenoso, respondeo, que dos bravos o tyranno, e dos mansos o adulator. Em chamar veneno á adulação acertoulhe o nome; mas em distinguir o tyranno do adulator não disse bem; porque todo o adulator he tyranno.

30 *Vieira abbreviado*

37 O mayor tyranno, que houve no mundo, foy Herodes ; mas os seus aduladores ainda foraõ mayores tyrannos ; porque o Rey foy tyranno dos vassallos, e os aduladores foraõ tyrannos do Rey. O texto de Micheas, que lhe explicáraõ acerca do nascimento do novo Rey, falla expressemente de dous nascimentos do Messias, hum temporal, como homem, e outro eterno, como Deos: o temporal como homem: *Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum*: o eterno, como Deos: *Et egressus ejus ab initio à diebus eternitatis*: e os aduladores, que fizeram? Callaraõ totalmente o segundo nascimento, e só fizeram menção do primeiro, com que enganado Herodes, e suppondo, que o nascido em Bethlem era sómente homem, e não Deos, entendo, que o podia matar, e assim se deliberou á morte dos Innocentes. Mas qual foy o motivo deste engano? O que os aduladores tem em todos os seus, que he o proprio interesse. Divinamente S. Joaõ Chrysostomo: *In adulationem profecto Regis, ut ad humane gratie lucrum, veritatis damna proficerent*. Sendo a materia taõ grave, e a mais grave, que podia haver, pois envolvia a coroa, e a salvação, não duvidaraõ com tudo os aduladores de mentir, e lisonjear ao Rey, para que os danos da verdade fossem lucros do interesse: *Ut ad humane gratie lucrum damna veritatis proficerent*. Taõ certa he a proposição do nosso assumpto, e taõ verdadeira, e solida a razão fundamental delle, que todos os que em palacio são amigos do seu interesse, são inimigos dos Reys: *Inimicos vestros*.

Math. 2. 6.

Mich. 5. 2.

264.

38 Supposto pois, que os aduladores são inimigos dos Reys, e os Reys, como todos os outros
Chris-

Discurso IV.

31

Christãos, tem também obrigação de amar á seus inimigos, e fazerlhes bem, seguia-se agora exhortar os Principes a este amor, e beneficencia: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos*; mas este meu sermão hoje será a primeira oração Euangelica, que contra todas as leys da Rethorica acabará sem peroração. Se a christandade de todos os Principes Catholicos na observancia deste preceito de Christo he tão commua geralmente, e tão notoria, que sendo os aduladores de palacio os seus mayores inimigos, esses são os mayores validos, os mais favorecidos, e os mais amados conforme o *Diligite*, e estes os mais cheyos de honras, merces, e beneficios conforme o *Benefacite*: nenhum lugar nos fica para a peroração do discurso, pois os mesmos exemplos deste amor, e beneficencia Real exceedem todos os limites da efficacia, a que se podia estender a exhortação. Assim viramos estimados, premiados, e satisfeitos os que não servem á sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeiros de prata, senão ao sol, e ao frio, lidando com as ondas, e com as balas.

39 Huma só inveſtiva me occorria para poder acabar o sermão; mas eſſa contra ElRey David, eſ-
 tranhandolhe, e reprehendendo muito o modo tão
 alheyo deſta caridade, com que elle tratava aos adu-
 ladores ſeus inimigos. No Pſalmo 69. diz David eſ-
 tas palavras, ou as torna a repetir; porque já tinha
 dito as meſmas no Pſalmo 39. *Avertantur retror-* Pſalm. 69.
ſum, & erubescant, qui volunt mihi mala. Avert- 4.
tantur ſtatim erubefcentes, qui dicunt mihi: Euge, Pſalm. 39.
euge. 15.
 Primeiro que tudo ſe deve advertir em con-
 firmação do que fica dito, que aquelles: *Qui dicunt*
mibi:

mibi: Euge, euge, são os mesmos: *Qui volunt mibi mala*; porque adular he querer mal, e ser adulator he ser inimigo, e quantos são os euges, que vos dizem, tantos são os males, que vos querem; e a estes adultores, que David reconhecia por seus inimigos, que he o que lhes fazia, ou resolvia fazer, como Rey? Quatro cousas. Primeira, que experimentassem a grande averção, que lhes tinha: *Avertantur, avertantur*. Segunda, que logo logo sahissem de sua casa, e não apparecessem mais em sua presença: *Avertantur statim*. Terceira, que não fossem adiantados em nada, senão abatidos, e atrasados: *Avertantur retrorsum*. Quarta, e ultima, que pois se não envergonhárao de ser adultores, padecessem a vergonha de ser conhecidos publicamente, e tratados, como taes: *Avertantur, & erubescant: avertantur statim erubescantes*. Isto he, David, o que vós fazeis aos adultores vossos inimigos, como Rey; mas não he isto, o que lhes deveis fazer como Profeta, que tão clara luz tivestes do Evangelho de Christo. Pois se Christo vos manda, que ameis a vossos inimigos: *Diligite inimicos vestros*; como vós os aborreceis tanto, que os não podeis ver, e lançais de vossa casa, e de vossa presença? E se Christo vos manda, que lhe façais bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos*, como vós lhes fazeis tanto mal, que os affrontais, e envergonhais não secretamente, mas com infamia publica, que para homens, que tiverao tão honrados postos, he o mayor vituperio?

40 Responde David, que a investiva, que eu fazia contra elle, revolta elle contra mim. Etu, Pregador, es Filosofo, e Theologo, e ainda não sabes a defi-

Discurso IV.

33

a definição do amor? *Amare est velle bonum alicui.* Amar he querer bem áquelle, a quem se ama. E que mayor bem posso eu querer a hum adulator, que fazer, que não continue em tão vil exercicio? E que mayor beneficio póde esperar de mim hum inimigo da verdade, que tirallo da occasião de fazer trayçoens á mesma verdade, e de a vender infamemente pelo interesse? Se elles adulandome são meus inimigos, mayores inimigos são de si mesmos, e eu quero, que cessem deste odio, que se tem, tanto mayor, quanto menos conhecido. E se adulandome póde fazer mal ao meu governo, e á minha coroa, muito mayor he o mal, que se fazem ás suas consciencias, e ás suas almas, e eu quero, que desistaõ deste grande mal contra seu gosto, pois o não haõ de fazer por vontade. Se Affuero depois que conheceo a cubiça, e falso amor de Aman, o lançara da sua graça, e de sua casa, não chegara elle a ser tão mofino, que viesse a morrer em hum pao: e o que aquelle Rey não foubе fazer a tempo aos seus adutores, faço eu logo aos meus sem os dissimular; porque os amo, e lhes defejo o verdadeiro bem, e quero observar nelles o preceito de Christo: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.* Deste modo rebateo David a minha inveciva, e ajuntando eu ao exemplo, que me allegou de Aman, o de Seyano em Roma, o de Olivato em França, o de Volgeo em Inglaterra, o de Alvaro de Luna em Hespanha, e os da antiga, e fresca memoria no nosso Portugal, conheci a verdade sobre humana da razaõ de David, e fiquei convencido della.

41 Mas porque eu todo este sermaõ só professei, e protestei referir, e não ajuizar, posto finalmente
Tom. I. C agora

agora entre dous extremos tão contrarios, como o del Rey David, e o dos outros Reys, acabarei com o exemplo do primeiro fundador da nossa Corte, o qual entre hum, e outro extremo tomou hum tal meyo de composição, que parece satisfizes a ambos. E que meyo foy este? Ouvir os aduladores, mas não se mover por elles. S. Pedro Damiaão, e outros Santos comparaão os aduladores ás fereas, as quaes com a suavidade das suas vozes de tal modo encantão os navegantes, que voluntariamente se lançavaão, e precipitavaão ás ondas, e se afogavaão no mar, em que ellas viviaão. Houve de passar por este mesmo mar (que era junto a Silla, e Caribdes) o fundador de Lisboa Ulysses, e usando da sua ciencia, e sagacidade, que fez? Navegava em hum formosa galé da Grecia, e para que a chusma não faltasse á voga dos remos, nem a outra gente nautica á mareação das vellas, e todos escapassem do encanto das fereas, tapoulhes a todos os ouvidos de tal sorte, que as não ouvissem. Elle porém, para que podesse ouvir as vozes, deixou os ouvidos abertos, e para não padecer os effectos do encanto, nem se precipitar ao mar, como acontecia a todos, mandouse atar ao mastro tão fortemente, que ainda que quizesse, não se podesse bullir, nem mover. Esta he a historia, ou fabula engenhosamente fingida por Homero para ensinar, que os Varoens sabios, e constantes, como Ulysses, ainda que ouçaão os aduladores, e o contraponto doce das suas lisonjas, nem por isso se haão de deixar vencer de seus enganos, e artificios, mas persistir, e continuar a derrota certa sem mudar, deter, nem torcer a carreira do bom governo. Assim o poderá fazer também quem tanto confiar, ou presumir

da

Discurso IV. 35

da sua constância, e não conhecêr, que isto mesmo, ainda sómente dito, he fabula. Mas se eu tivera autoridade para emendar a Homero; e confiança para aconselhar a Ulysses, não o havia de querer com os ouvidos abertos, e as mãos atadas, senão com os ouvidos tapados, e as mãos soltas; porque com os ouvidos tapados não daria entrada a adulação, e com as mãos soltas seriaõ todas as acçoens suas, e como tuas, verdadeiramente reaes. Deste modo se conquista no mundo a fama immortal, e se assegura tambem no Ceo a gloria eterna.

DISCURSO V.

Tirado de hum sermão da primeira Dominga da Quaresma.

A L M A.

(42) **S**E o demonio he tão astuto, que até dos nossos remedios faz tentaçõens; porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentaçõens façamos remedios? Esta he a conclusão, que tiro hoje de toda a historia do Euangelho. Para reduzir todo este ponto tão grande, e tão importante a huma só maxima universal, tomey por fundamento a terceira tentação, que propuz, que he a mayor, que o demonio fez hoje a Christo, e a mayor, que nunca se fez, nem ha de fazer, nem póde fazer no mundo. Vencido primeira, e segunda vez o demonio, não desesperou da victoria, porque lhe faltava ainda por correr a terceira lança, em que mais confiava. Levou a Christo ao cume de hum monte altissimo, que
C 2 Part. 2. n. 55. fol. 53.
mos-

36 *Vieira abbreviado*

mostroulhe dalli todos os Reynos, e Monarchias do mundo, com todas suas glorias, e grandezas, com todas suas riquezas, e delicias, com todas suas pompas, e magestades, apontando em roda para todo o mappa universal, tão grande, tão formoso, tão vario, disse assim: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me*: Tudo isto, que vês, te darey, se com o joelho em terra me adorares. Esta foy a ultima tentação do diabo, e esta foy a terceira victoria de Christo.

38.

43 O mais prompto, e mais facil remedio contra qualquer tentação do demonio he a mesma tentação. Na boca da vibora poz a natureza a peçonha, e juntamente a teriaga. A mesma cousa offerecida pelo demonio he tentação, bem considerada por nós he remedio. Isto hei de prégar hoje.

39.

44 Na primeira, e na segunda tentação tentou o demonio a Christo, como a Filho de Deos: na terceira como a puro homem; por isso na terceira tentação não disse: *Si Filius Dei es*, como tinha dito na primeira, e na segunda. Tentou a Christo, como se tentara a qualquer homem. Esta he a razão, e a differença; porque só esta ultima tentação nos pertence propriamente a nós. Mas como poderá hum homem, como poderá hum filho de Adão resistir a huma tentação tão poderosa, e tão immensa, como esta, que o demonio fez a Christo? A Adão fezlhe tiro o demonio com huma maçã, e derrubou-o: a Christo fezlhe tiro com o mundo todo: *Ostendit ei omnia regna mundi*; mas sendo esta bala tirada a Christo, como a homem, e dando em hum peito de carne, foy tão fortemente rebatida, que voltou com mayor força contra o mesmo tentador: *Vade retro*.

Hum

Hum dos catos mais notaveis, que succederaõ em Dondin. in
nossos dias no famoso cerco de Ostende, foy este: histor.
Flandr.

Estava carregada huma peça no exercito catholico, entra pela boca da mesma peça huma bala do inimigo, concebe fogo a polvora, sahe outra vez a bala com dobrada furia, e como veyo, e voltou pelos mesmos pontos, foyse empregar no mesmo, que a tinha tirado. Oh que bizarro, e venturoso *Vade retro*! Assim havemos de fazer aos tiros do demonio. Volte outra vez a bala contra o inimigo, e vençamos ao tentador com a sua propria tentação. Não cortou David a cabeça ao Gigante com a sua propria espada? Judith, sendo mulher, não degollou a Holofernes com a sua? Pois assim o havemos nós de fazer, nem necessitamos de outras armas mais, que as mesmas, com que o demonio nos tenta.

45. Mostrou o demonio a Christo todos os Reynos do mundo, e suas glorias: disselhe, que tudo aquillo lhe daria de huma vez, se lhe dobrasse o joelho. Parece que faz estremecer a grandeza desta tentação! Mas o demonio he o que havia de tremer della. Desarmouse a si, e armounos a nós. Tu, demonio, offereces-me de hum lanço todo o mundo, para que caya, para que peque, para que te dê a minha alma: logo a minha alma por consillaõ tua vale mais que todo o mundo. A minha alma vale mais que todo o mundo? Pois não te quero dar o que vale mais pelo que vale menos: *Vade retro*. Póde-nos o demonio dar, ou prometter alguma cousa, que não seja menos, que o mundo? Claro está, que não. Pois aqui se desarmou para sempre: nesta tentação perdeu todas, se nós não temos perdido o juizo. Ouvi a Salviano: *Quis ergo furor est viles à nobis animas* Salvian.

nostras haberi, quas etiam diabolus putat esse pretiosas? Homens loucos, homens furiosos, homens sem entendimento, nem juizo, he possivel, que sendo as nossas almas na estimação do mesmo demonio tão preciosas, no vosso conceito, e no vosso desprezo haõ de ser tão vis? O demonio quando me quer roubar, quando me quer perder, quando me quer enganar, não pôde deixar de confessar, que a minha alma vale mais que todo o mundo, e eu, sendo essa alma minha, não ha de haver no mundo cousa tão baixa, tão vã, e tão vil; pela qual a não dê sem nenhum reparo: *Quis furor est?* Que loucura, que demencia, que furor he este nosso? Muito mais obrigada está a nossa alma ao demonio, muito mais lhe deve, que a nós. Elle a honra, nós a affrontamos. Envergonhouse o demonio no primeiro lanço de offerecer menos por huma alma, que o mundo todo.

Senec.

61.

46 Cayo Cesar, como refere Seneca, mandou de presente a Demetrio duzentos talentos de prata, que fazem hoje da nossa moeda mais de duzentos mil cruzados. Não creyo, que haveria na nossa Corte quem não beijasse a mão Real, e aceitasse com ambas as mãos a merce. Era porém Demetrio Filosofo Estoico, como se dissessemos Christão daquelle tempo. E que respondeo? *Si tentare me constituerat, toto illi fui experiundus imperio.* Anday, levay os seus talentos ao Imperador, e dizeilhe, que se me queria tentar, que havia de ser com todo o seu Imperio. He, e chamase senhor de todo o mundo? Com todo o mundo me havia de tentar. Não o fez assim o Cesar; porque não conhecia a Demetrio; mas fello assim o demonio: *Princeps hujus mundi*; porque sabe o que vale huma alma. Se vos tentar o demonio com

com menos, que todo o mundo, daivos por affronta-
do, e se vós tentar com todo o mundo, fique vencido:

Matth. 16.

Quid prodest homini, si universum mundum lucre-
tur, anima verò suae detrimentum patiatur? Que
aproveita ao homem ganhar todo o mundo, adquirir
todo o mundo, senhorear, e dominar todo o mundo,
se ha de perder sua alma? *Aut quam dabit homo com-*
mutationem pro anima sua? Ou que cousa póde ha-
ver de tanto pezo, e de tanto preço, pela qual se
haja de vender a alma, ou se haja de trocar? Este he
o caso, e a supposiçãõ, em que estamos, nem mais,
nem menos. Offerece-nos o demonio o mundo, e pe-
de-nos a alma. Considera, e peze cada hum, se lhe
está bem este contrato, se lhe está bem esta venda, se
lhe está bem esta troca. Mas nós trocamos, e vende-
mos; porque não pezamos.

16.

47 Chegou Esaú do campo cansado, e com fo-
me de todo o dia, e chegou a desastrada hora; por-
que estava no mesmo tempo seu irmão Jacob cozi-
nhando, diz o texto, humas lentilhas. Estes eraõ os
grandes homens, e estes os grandes regalos daquelle
tempo. Pedio Esaú a seu irmão hum pouco daquella
vianda; mas elle aproveitando-se da occasiãõ, e da
necessidade, respondeo, que dar não, mas vender
sim: que se Esaú lhe vendesse o seu morgado, come-
çaria desde logo a lhe dar aquelles alimentos. Deos
nos livre de se ajuntar no mesmo tempo a fome, e a
tentaçãõ. O successo foy, que Esaú aceitou o con-
trato, e deo o morgado. Pois, valhame Deos, o morga-
do de Isaac, a herança de Abrahaõ, a bençaõ dos Pa-
triarcas, que foy a mayor cousa, que desde Adaõ
houve no mundo, por huma escudella de lentilhas?
Este homem era cego? Era louco? Era vil? Nada

62.

40 *Vieira abbreviado*

Genef. 25.
vers. 34.

disto era; mas era hum homem, diz a Escritura, que vendeo, e não pezou o que vendia: *Abiit parvi pendens, quod primogenita vendidisset*; e homem, que vende sem pezar o que vende, não he muito, que por huma escudella de grossarias dêsse o mayor morgado do mundo. Se Esaú antes de vender tomára a balança na mão, e pozera de huma parte o morgado, e da outra a escudella, parecevos, que venderia? Pois eisahi porque ha tantas almas venaes. Esta historia de Esaú, e Jacob aconteece huma só vez antigamente; mas cada dia se representa no mundo. O papel de Jacob falo o demonio, o de Esaú fazemolo nós. O demonio offerece-nos hum gofsto, ou hum intereffe vil, e pede-nos o morgado, que nos ganhou Christo, e nós porque contratamos sem a balança na mão, e não pezamos a vileza do que recebemos com a grandeza do que damos, consentimos no contrato, e ficamos sem benção.

Genef. 27.
34.

48 Quando Esaú vendeo o morgado, não o sentio, nem fez caso disso; mas depois quando vio, que Jacob levava a benção, e elle ficava sem ella, diz o texto, que *irrugit clamore magno, & consternatus est*, que tudo era encher o Ceo de clamores, e gemidos, e despedaçar-se a si mesmo, e desfazer-se com dor. Ah mal aconselhados Esaús! Agora vendemos a alma, e o morgado do Ceo pela vileza de hum gofsto, pelo engano de hum appetite, pela grossaria de hum manjar de brutos, e disto não fazemos caso; mas quando vier aquelle dia, em que Christo dê a benção aos que estiverem á sua mão direita, e nós virmos, que ficamos sem ella por humas cousas tão vis: oh que dor! Oh que desesperação! Oh que circumstancia de inferno será esta tão grande para nós!

49 Pois que havemos de fazer para não commetter hum erro tão grande? Fazer remedio da mesma tentação. Tomar na mão a balança, que faltou a Esaú, e pezar o que o demonio nos promete, e o que nos pede. O que nos promete não he todo o mundo: o que nos pede, e o que lhe havemos de dar, he a alma. Ponhamos de huma parte da balança o mundo todo, e da outra parte huma alma, e vejamos qual peza mais. Oh se Deos me ajudasse a vos mostrar com evidencia a differença destes dous pezos! Vamos ponderando huma por huma as mesmas palavras da tentação: *Ostendit ei omnia regna mundi, & gloriam eorum*: Desde aquelle monte alto, onde o demonio subio a Christo, lhe mostrou todos os Reynos do mundo, e sua gloria.

50 Isto que tão facilmente se diz, não he tão facil de entender. De hum monte, por alto que seja, não se podem descubrir todos os Reynos do mundo. O Sol está levantado na quarta esfera, e com tudo descobre hum só hemisferio, e nem vê, nem póde vêr os antipodas. Pois como foy possível, que o demonio desde aquelle monte mostrasse todo o mundo a Christo? A sentença mais certa, e mais seguida he, que o mundo, que o demonio mostrou a Christo, não foy este mundo verdadeiro, senão hum mundo fantastico, e apparente, huma apparencia, e representação do mundo. Assim como os Anjos, quando apparecem aos homens, se vestem de corpos fantasticos, que parecem corpos formosissimos, e não são corpos, assim o demonio, que no poder natural he igual aos Anjos, em todo o ar, que se estendia daquelle monte até os horisontes, com cores, com sombras, com apparencias pintou, e levantou em hum momen-

momento montes, valles, campos, serras, cidades, castellos, reynos, em fim hum mundo. De maneira que todo aquelle mundo, todo aquelle mappa de reynos, e de grandezas bem apertado vinha a ser hum pouco de vento, e com ser assim esta representação, (notay agora) com ser o que o demonio mostrava hum: a só representação fantastica, huma apparencia; com tudo diz o Euangelista, que o demonio mostrou a Christo todos os Reynos do mundo, e suas glorias; porque todas as glorias, e todas as grandezas do mundo bem consideradas são o que estas eram, ar, vento, sombras, cores apparentes. Antes digo, que mais verdadeiro, e mais proprio mundo era este mundo apparente, que o mundo verdadeiro; porque o mundo apparente eram apparencias verdadeiras, e o mundo verdadeiro são apparencias falsas. E se não dizeime: De todos aquelles Reynos, de todas aquellas magestades, e grandezas, que havia no tempo de Christo, quando succedeo esta tentação, ha hoje alguma coisa no mundo? Nenhuma. Pois que he feito de tantos Reynos, que he feito de tantas Monarchias, que he feito de tantas grandezas? Eram vento, passaram: eram sombra, sumiram-se: eram apparencias, desappareceram. Ainda agora são o que dantes eram: eram nada, são nada. Até dos marmores daquelle tempo não ha mais que pó, e cinza, e os homens, como notou Philo Hebreo, vendo isto com os nossos olhos, somos tão cegos, que fazemos mais caso deste pó, e desta cinza, que da propria alma: *Qui cinerem, & pulverem pluris facitis, quam animam.*

Phil. Hebr.

65.

51 Isto são hoje os Reynos daquelle tempo, e os Reynos de hoje que são? São por ventura outra coisa?

sa? Diga-o o Rey do Reyno mais florente, e o mais
 fabio de todos os Reys: *Verba Ecclesiastæ filii Da-*
vid Regis Ierusalem: Vanitas vanitatum, & Eccles. I. I.
omnia vanitas. Eu fuy Rey, e filho de Rey, (diz Sa-
 lamaõ) experimentei tudo o que era, e tudo o que
 podia dar de si o poder, e a grandeza, o senhorio do
 mundo, e achei, que tudo o que parece, que ha nel-
 le, he vaõ, e nada solido: e que bem pezado, e aper-
 tado naõ vem a ler mais, que huma vaidade com-
 posta de muitas vaidades: *Vanitas vanitatum, &*
omnia vanitas. Vaidade os cetros, vaidade as co-
 roas, vaidade os Reynos, e Monarchias, e o mesmo
 mundo vaidade de vaidades: *Vanitas vanitatum.*
 Esta he a verdade, que naõ sabemos ver, por estar
 escondida, e andar enfeitada debaixo das apparen-
 cias, que vemos. Este he o conhecimento, e defen-
 gano, com que devemos rebater, e desprezar o tu-
 do, ou nada, com que nos tenta o mundo. Oh como
 ficariaõ desvanecidas as mayores tentaçoes, se sou-
 bessemos responder ao *Omnia* do demonio com o
Omnia de Salamaõ: *Omnia regna mundi? Omnia*
vanitas. Omnia tibi dabo? Omnia vanitas.

52 Mas se todo este mundo, e tudo, o que nelle
 mais avulta, he vaõ, antes a mesma vaidade; como
 he possivel, que tenha tanto valor, e tanto pezo com
 os homens, que peze para com elles mais, que o Ceo,
 mais que a alma, e mais que o mesmo Deos? Taõ fal-
 tas saõ as balanças do juizo humano! Naõ saõ ellas
 as faltas, fomos nós: *Mendaces filii hominum in sta-* Psal. 61.
teris, ut decipiant de vanitate in id ipsum. Saõ taes vers. 19.
 os homens, (diz David) que com a balança na maõ
 troçaõ o pezo ás cousas. Naõ diz, que as balanças
 saõ falsas, senaõ que os homens saõ falsos nellas:
 Men-

Mendaces filii hominum in stateris. E a razão desta falsidade, ou desta falsificação he, porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade: *Ut decipiant de vanitate in id ipsum.* Não he o nosso juizo o que nos engana, he o nosso affecto, o qual pendendo, e inclinando para a parte da vaidade, leva a poz si o fiel do juizo.

53 Nessas balanças (que saõ como as de S. Miguel, em que se pezaõ as almas) de huma parte está a alma, da outra o mundo: de huma parte está o temporal, da outra o eterno: de huma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pomos o nosso affecto, e o nosso coração da parte do mundo; e da vaidade, esse affecto, e esse coração he o que dá á vaidade do mundo o pezo, que ella não tem, nem póde ter. A vaidade não amada não tem pezo, porque he vaidade; mas essa mesma vaidade amada peza mais que tudo; porque o nosso amor, e o nosso affecto he o que falsamente lhe dá o pezo. De maneira, que o pezo não está nas cousas, está no coração, com que as amamos.

54 O mesmo David o disse admiravelmente: *Filii hominum, usquequo gravi corde? Ut quid diligitis vanitatem?* Filhos dos homens, até quando haveis de ter os corações peçados? Até quando haveis de amar a vaidade? Notay a consequencia. Queixase de amarem os homens a vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem:* e accusa-os de terem os corações peçados: *Usquequo gravi corde;* porque o pezo, que achamos na vaidade, não está na mesma vaidade, senão no coração, com que a amamos. Amamos, e estimamos a vaidade, e por isso a balança inclina a ella; e com ella, e nos mostra falsamente o pezo, onde o

naõ

Discurso V. 45

naõ ha. Oh se pezassemos bem, e fielmente com o coração livre de todo o affecto, como veriamos logo, que a inclinação, e movimento da balança pendia todo para a parte da alma, e que todo o mundo contrapezado a ella naõ peza hum atomo!

55 Agora entenderéis a astucia da tentação do demonio no modo, com que hoje mostrou a Christo todos os Reynos do mundo. Diz S. Lucas, que lhos mostrou em hum instante: *Ostendit ei omnia regna orbis terræ in momento*. E porque razão em hum instante? Porque naõ deo mais espaço de tempo a quem tentava com huma taõ grande ostentação? Seria por ventura, porque ainda o demonio, quando engana, naõ pôde encubrir a brevidade momentanea, com que passa, e se muda esta scena das cousas do mundo, apparecendo, e desapparecendo todas em hum instante? Assim o diz Santo Ambrosio: *Non tam conspectus celeritas indicatur, quam caduca fragilitas potestatis exprimitur, in momento enim cuncta illa prætereunt*. Mostrou o demonio todos os Reynos, e grandezas do mundo em hum instante; porque as mostrou assim como ellas saõ, e tudo o que ha neste mundo, naõ tem mais ser, que hum instante. O que foy, já naõ he: o que ha de ser, ainda naõ he, e o que he, naõ he mais que no instante, em que passa: *In momento cuncta illa prætereunt*. Boa razão, e verdadeira, como de tal Auctor. Mas ainda debaixo della se encubria outra astucia do tentador, o qual naõ quiz dar tempo ao tentado para pezar o que lhe offerencia. O pezo das cousas vêse pela inclinação, e movimento da balança, e como em instante naõ pôde haver movimento, por isso lhe mostrou tudo em hum instante. Veja o tentado o mundo,

46 *Vieira abbreviado*

do, que lhe offereceo; mas veja-o em hum instante sómente, e não em tempo, para que não possa averiguar o pouco, que peza: *In momento omnia regna mundi.*

56 Mas demos já huma volta á balança. Vimos quanto peza o mundo, vejamos agora quanto peza huma alma. Neste pezo entramos todos. O pezo do mundo não pertence a todos; porque muitos tem pouco mundo: o pezo da alma ninguém ha, a quem não pertença: o Rey, o vassallo, o grande, o pequeno, o rico, o pobre todos tem alma. Ora vejamos quanto peza, e quanto vale isto, que todos trazemos, e temos dentro em nós.

57 Onde porém acharemos nós huma balança tal, que se possa pezar nella huma alma? Quatro mil annos durou o mundo, sem haver em todo elle esta balança, e por ventura ella foy a occasião de se perderem naquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da redempção, pozse o Filho de Deos em huma Cruz, e ella foy a verdadeira, e fiel balança, que a divina Justiça levantou no monte Calvario, para que o homem conhecesse quaõ immenso era o pezo, e preço da alma, que tinha perdido. Assim o canta, e no lo ensina a Igreja.

Beata cujus brachiis

Pretium pependit sæculi,

Statera facta corporis,

Tulitque prædam tartari.

Vês, homem, aquella Cruz, em que está pendente, e morto o Filho de Deos? Pois sabe, que ella he a balança justa, em que Deos pezou o preço da tua alma, para que tu a não desprezes. O braço direito desceo tanto com o pezo, que não só trouxe a Deos do

Ceo

Ceo á terra, mas do Ceo até o inferno, e o braço es-
 querdo subio tanto, que estando a alma no inferno
 pelo peccado, não só a levantou do inferno, mas a
 poz no Ceo. De maneira, que quem fielmente qui-
 zer pezar huma alma, não ha de pôr de huma parte
 da balança a alma, e da outra o mundo, senão de hu-
 ma parte a alma, e da outra a Deos. O mundo cus-
 tou a Deos, a alma custou a Deos o sangue, custou
 a Deos a vida, custou a Deos o mesmo Deos: *Qui* Ad Timoth
dedit semet ipsum redemptionem pro omnibus. 1. 2. 6. Ouvi Euseb. E-
 agora a Eusebio Emiseno: *Tam copioso munere ipsa* mis.
redemptio agitur, ut homo Deum valere videatur.

He tal o preço, que Deos deo pelas almas, que pô-
 ta de huma parte a alma, e da outra o preço, parece,
 que vale tanto a alma como Deos. Parece, diz; porque
 Deos verdadeiramente vale, e peza mais que toda a
 alma. Mas a divina Justiça não poz em balança com
 a alma outro pezo, nem aceitou por ella outro pre-
 ço, que o do mesmo Deos; porque de pezo a pezo
 só Deos se pôde contrapezar com a alma, e de preço
 a preço só Deos se pôde avaliar com ella: *Ut Deum*
valere videatur. Sendo pois esta a verdadeira balan-
 ça, e sendo este o pezo, e o preço da alma, que tão
 cara comprou Deos, e nós tão barata vendemos ao
 demonio, não vos quero persuadir, que a não ven-
 dais; só vos peço, e vos aconselho, que o não façais
 sem a pôr primeiro em leilão. O demonio no pri-
 meiro lanço offereceo por ella o mundo: Deos no se-
 gundo lanço deo por ella a si mesmo: se achares
 quem vos dê mais pela vossa alma, day-a embora.

58 Toda a desgraça da pobre alma, tão falsa-
 mente avaliada, e tão vilmente trocada, e vendida,
 he porque a não vemos, como vemos o mundo. O 72.
 demo-

monio mostrou todos os Reynos do mundo: *Ostendit ei omnia regna mundi*: se eu tambem vos podéra mostrar huma alma, estavaõ acabadas todas as tentações, e não eraõ necessarios mais discursos. O demonio dá todo o mundo por huma alma; porque a vê, e a conhece: he espirito, vê as almas. Nós, como somos corpo, vemos o mundo, e não vemos a alma, e porque a não conhecemos, por isso a desestimamos. Oh se Deos nos mostrasse huma alma, que pasmo, que estimação seria a nossa, e que desprezo de quanto ha no mundo, e na vida!

58 Mostrou Deos huma alma a Santa Magdalena de Pazzi, e oito dias ficou fóra de si arrebatada de assombro, de pasmo, de estranheza só na memoria, na admiração, na novidade do que vira. Isto he huma alma? Isto he. A Santa Catharina de Sena mostroulhe Deos tambem huma alma, e dizia (como refere Santo Antonino) que nenhum homem haveria, se tivesse visto huma alma, que não dêsse por ella a vida cem vezes cada dia, e não pela propria, senão pela alheya. De forte, que toda a differença, e toda a desgraça está em que o mundo, com que o demonio nos engana, he visível, e a alma invisível. Mas por isso mesmo havíamos nós de estimar muito mais a alma, se tiveramos juizo. O mundo he visível, a alma he invisível: o mundo vê-se, a alma não se vê? Logo muito mais preciosa he a alma, muito mais vale que todo o mundo. Ouvi a S. Paulo: *Non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur; quæ enim videntur, temporalia sunt, quæ non videntur, æterna*: Não havemos de admirar, nem estimar o que se vê, senão o que se não vê, diz S. Paulo; porque o visível, o que se vê, he temporal:

ral: o invisível, o que senão vê, he eterno. O mundo, que o demonio me mostra, he visível; porque he temporal, como o corpo: a alma, que o demonio me não pôde mostrar, (nem me havia de mostrar, se podéra) he invisível; porque he eterna, como Deos, e assim como os olhos não podem ver a Deos por sua soberania, assim não podem ver a nossa alma. Não he a nossa alma tão baixa, que a houvessem de ver os olhos, vem o mundo, vem o Ceo, vem as estrellas, vem o Sol: a alma não a podem ver; porque não chega lá a sua esfera.

59 Mas já que somos tão corporaes, e damos tanto credito aos olhos, os mesmos olhos quero, que nos digaõ, e confessem o que he a alma. Quereis ver o que he huma alma? Olhay (diz Santo Agostinho) para hum corpo sem alma: se aquelle corpo era de hum tabio, onde estaõ as ciencias? Forão-se com a alma; porque eraõ suas. A Rhetorica, a Poesia, a Filosofia, as Mathematicas, a Theologia, a Jurisprudencia, aquellas razoens tão fortes, aquellos discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquellos pensamentos tão sublimes, aquellos escritos humanos, e divinos, que admiramos, e excedem a admiração, tudo isto era a alma. Se o corpo he de hum artifice, quem fazia viver as taboas, e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fôrma, e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e meter todo o mundo venal em huma praça? A alma. Se o corpo morto he de hum soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arrayacs, a fabrica

brica dos muros, os engenhos, e machinas bellicas, o valor, a bisfaria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, e levar na lamina de huma espada a vida propria, e a morte alheya: quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo he de hum Principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa: de quem eraõ governadas, e de quem eraõ? Da alma. Se o corpo he de hum Santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extases, os raptos, subindo o mesmo pezo do corpo, e suspendido no ar: que maravilha! Mas isto he alma. Finalmente os mesmos vicios nos dizem o que ella he. Huma cubica, que nunca se farta, huma soberba, que sempre sobe, huma ambição, que sempre aspira, hum desejo, que nunca aquieta, huma capacidade, que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, huma altiveza, como a de Adão, que não se contenta menos, que com ser Deos: tudo isto, que vemos com nossos olhos, he aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatá, e cativa os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de cor, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida: que he tudo, senão alma? E senão vede o corpo sem ella, insta Agostinho: *Non facit corpus unde ametur, nisi animus*. Aquillo, que amáveis, e admiráveis, não era o corpo, era a alma: *Recessit quod non videtur, remansit quod cum dolore videatur*. Apartouse o que se não via, ficou o que se

Discurso V. 51

se não póde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de ciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. Vio S. Francisco de Borja o corpo defunto, e disforme da nossa Imperatriz D. Isabel, e que lhe succedeo? Pela differença do corpo morto vio naquelle espelho o que era a alma, e como vio o que era a alma, deixou o mundo. Não nos enganára o demonio com o mundo, se nós víamos, e conhecemos bem o que he a alma. Mas já que a não podemos ver em si, vejamosla em nós: no que o corpo ha de ser, vejamos o que ella he. Então que Num. 75. nos diga o demonio com a boca muito cheya, e muito inchada: *Hæc omnia tibi dabo.* Mente o diabo, e troque as balanças: o *Omnia* não ha de estar na balança do mundo, senão na balança da alma.

DISCURSO VI.

Tirado do quarto sermão das novenas de S. Francisco Xavier.

A M I G O S.

60 **O** Amigo fiel não tem comparação: *Amico* Ecclef. 6. 15.
fideli nulla est comparatio. Parece demasiado encarecimento; porque assaz qualificado ficará o amigo fiel, se o seu amor se comparar com o dos Petr. 8. sermão 4. fol. 238.
 pays, dos filhos, dos irmãos, e muito mais dos casados. Mas he certo, e evidente, que nem estes se podem comparar com o amigo fiel. Admirame que Plutarcho, sendo gentio, dêsse a verdadeira razão: *Dulces fateor, diz elle, parentes, dulces avi, dulces filii,* Plut. Dial. de Am. fi.
dulces del.

52 Vieira abbreviado

dulces fratres, dulces uxores; possunt tamen amare, nec parentes ideo, nec fratres, nec filii desierint esse, cum tamen dulces esse desierint. At amicus solus dum sit verus, dulcis, & charus esse non desinit. Verdadeira, e subtilissimamente advertido! Porque o pay póde não amar o filho, mas nem por isso deixa de ser pay: o filho póde não amar o pay, e nem por isso deixa de ser filho: o irmão póde não amar o irmão, e nem por isso deixa de ser irmão: os casados podem não se amar, e nem por isso deixam de ser o mayor parentesco. Mas o amigo fiel nunca póde deixar de amar; porque nem seria fiel, nem amigo, se não amasse. Em todos os parentes o amor he accidente, que se póde mudar: no amigo fiel he essencia, e por isso immutavel.

Ecclef. 6.
16.

Tull. de
bon. amic.

61 Bem estamos atéqui. E em que consiste a essencia do amigo fiel? O mesmo Espirito Santo o declarou logo: *Amicus fidelis medicamentum vitæ, & immortalitatis.* O amigo fiel he o medicamento da vida, e da immortalidade. Notay muito muito: Medicamento da vida, e da immortalidade juntamente; porque se o medicamento, e o remedio for só para a vida, e esse mesmo remedio da vida for veneno da salvação, e da immortalidade, não será amigo fiel, senão infiel, e traidor, e verdadeiramente inimigo o que o não impedir. Até Marco Tullio sem fé da immortalidade definio assim a verdadeira amizade: *Est autem amicitia nihil aliud nisi omnium divinorum, humanarumque rerum cum benevolentia, & charitate summa consensio.* A verdadeira amizade não he outra cousa, senão huma summa uniaõ, e cõmum consensio entre os amigos, com o qual benevolã, e amorosamente se conformaõ em todas as cou-
sas,

Discurso VII.

53

fas não só humanas, mas divinas, e primeiro nas divinas, que nas humanas, *Divinarum: humanarumque rerum.*

DISCURSO VII.

Tirado de hum sermão da primeira sexta feira da Quaresma, prégado no Real Convento de Odievellas.

A M O R.

62 **T**Emos hoje em controversia os dous mais poderosos affectos, e os dous mais perigosos da vontade humana. Taõ poderosos, que se a vontade os vence, he senhora, taõ perigosos, que se elles vencem a vontade, he escrava. E que dous affectos são estes? Amor, e odio. O amor tem por objecto o bem para o abraçar, o odio tem por objecto o mal para o fugir. E este he o poder universal, que se estende sem limite a quanto tem o mundo. Mas como o mal muitas vezes anda bem trajado, e o bem pelo contrario mal vestido, daqui vem, que enganada a vontade com as apparencias facilmente ama o mal, como se fora bem, e aborrece o bem, como se fora mal: engana-nos o mal com apparencias de bem, e leva-nos o amor: engana-nos o bem com apparencias de mal, e mete-nos no coração o odio, nem sabemos o que he amor, nem sabemos o que he odio, nem sabemos amar, nem sabemos aborrecer, nem sabemos querer bem, nem sabemos querer mal. Parr. 4. 75.
fol. 76.

63 Os antigos diziaõ: Ama a quem vos ama, e aborrecei a quem vos aborrece. Isto he: Querei bem a quem vos quer bem, e querei mal a quem vos quer

Tom. I.

D 3

mal

mal. Mas este mesmo dictame ainda hoje tão seguido, posto que parece fundado em igualdade, e justiça, he o mayor, e mais perigoso erro, que a sabedoria divina veyo alumiar, e reformar ao mundo.

64 Neste Euangelho nos manda Christo amar aos inimigos, e em outro nos manda aborrecer os amigos: neste nos manda amar aos que nos tem odio, em outro nos manda ter odio aos que nos amaõ: em huma parte manda-nos, que amemos a quem nos aborrece: *Diligite inimicos vestros*. E em outra, que aborreçamos a quem nos ama: *Qui non odit patrem suum, & matrem, & uxorem, & filios, & fratres, & sorores, adhuc autem & animam suam, non potest meus esse discipulus*. E sendo o mesmo legislador divino o auctor destes dous preceitos tão encontrados, qual destes dous preceitos he mais difficultoso? Aborrecer hum homem a quem o ama, ou amar a quem o aborrece? Responder com odio ao amor, ou com o amor ao odio? Antes de resolver a questãõ, disputemola primeiro, e ouvi com attençaõ o que allegar por huma, e outra parte; porque vós haveis de ser os juizes.

Luc. 14. v.
26.

65 Primeiramente parece, que he mais difficultoso amar a quem me aborrece, do que aborrecer a quem me ama. Provo: O aggravo, com que me offende o inimigo, he dor no coração proprio: a correspondencia, com que salto ao amigo, he dor no coração alheyo, e no remedio das dores sempre se acode primeiro á que mais lastima, e sempre he mais sensitiva a que está mais perto: logo mais natural he no homem o odio ao inimigo, que o amor ao amigo; porque no odio ao inimigo acode-se á dor propria com a vingança, no amor ao amigo acode-se

Discurso VII. 55

se á dor alheya com a correspondencia. Mais: Quando amamos a quem nos ama, governase a vontade pela razão: quando aborrecemos a quem nos aborrece, move-se o appetite pela ira, e os impulsos da ira sempre são mais fortes, que os impulsos da razão. Sempre obraõ mais efficazmente os offendidos, que os obrigados; porque a offensa corre por conta da honra, a obrigação por conta do agradecimento, e mais soffrivel he o nome de desagradecido, que a nota de afrontado. Mais ainda: Quando amo a quem me ama, pago o que devo: quando me vingo de quem me offendeo, pagaõ-me o que me devem; e quem ha, que não seja mais inclinado a receber a satisfação, que a pagar a divida? Mais difficuloso he logo deixar de aborrecer a quem nos aborrece, que deixar de amar a quem nos ama. Só parece, que está a experiencia contra esta resolução; porque sendo no mundo mais as offensas, que os beneficios, são mais as ingraticosens, que as vinganças: logo os homens naturalmente parece, que são mais ingratos, que vingativos. Mas não he assim; porque para a vingança he necessario poder, e para a ingratidão basta a vontade, e se he menor o numero das vinganças, he por serem os homens menos poderosos, e não por serem menos inimigos.

66 Por outra parte parece, que he mais difficuloso aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece. Provo: Amar a quem me aborrece he ser humano com quem o não he comigo: aborrecer a quem me ama he ser cruel com quem mo não merece: o ser humano he ser homem, o ser cruel he ser fera: logo aborrecer a quem nos ama, tanto mais difficuloso he, quanto mais repugnante á natureza:

Mais, e he forte razão esta: Da parte do objecto tanto provoca o odio a aborrecer, como o amor a amar; porém da parte da potencia a vontade he mais inclinada a amar, que a aborrecer; porque o amor he acto natural, o aborrecer violento, donde se segue, que convidada igualmente a vontade do odio do inimigo para aborrecer, e do amor do amigo para amar, naturalmente se ha de inclinar mais a amar ao amigo, que a aborrecer o inimigo: logo mayor violencia padece a vontade em aborrecer a quem nos ama, que em amar a quem nos aborrece. Mais: Amar a quem nos aborrece he acto de generosidade, aborrecer a quem nos ama he acto de ingratitude; e que coração haverá tão irracional, que queira antes fer ingrato, que generoso? Quem ha de trocar a nobreza, e fidalguia de huma generosidade pela vileza, e baixeza de huma ingratitude? Finalmente mais difficultoso he aborrecer sem causa, que amar com razão. Em quem me aborrece, ha razão para o amar; porque se o aborreço como inimigo, posso-o amar como proximo: em quem me ama, não ha causa para o aborrecer; porque se o devo amar por proximo, porque o hei de aborrecer por amigo? Logo mais difficultoso he aborrecer a quem nos ama, que amar a quem nos aborrece.

30.

67 Posta a questão nestes termos, para eu continuar he necessario tomar primeiro os votos aos ouvintes; porque onde elles reconhecerem a mayor difficultade, ali se devem empregar todas as forças do discurso. Que dizeis pois nestes dous casos? Tendes por mais difficultoso o amor dos inimigos, ou o odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amão? Todos se callão: ninguem ref-

responde. Mas já vejo, que quereis, que os votos sejam secretos para serem mais livres, e mais verdadeiros. Vede se os interpreto, e distingo bem.

68 Destas grades para fóra póde ser, que haja alguns animos tão briofos, ou vingativos, que tenham por mais difficultoso amar inimigos, e perdoar agravos. Mas das mesmas grades para dentro (que he a melhor, e principal parte do auditorio) como os corações naturalmente são mais benignos, cuido eu, que o amor ha de ter por si os mais votos, e tanto mais, e melhores, quanto mais bem entendidos. Do amor, (dizem as almas mais discretas, e de melhor coração) do amor me livre a mim Deos, que pelo odio me não ha de levar o diabo ao inferno. O estado religioso, como livre das injurias do mundo, quasi he incapaz de odio; mas para o isentar do amor, que tem pennas, e azas, não bastão cercas, nem muros.

69 Dado pois, e não concedido, que algum amor modesto podesse aqui entrar, ou entrasse, não haver de amar neste caso, nem corresponder com amor hum coração, que he amado, não ha duvida, que este he o ponto mais estreito, e difficultoso, e este o preceito mais arduo do amor de Deos. Assim me parece, senhoras, que o está votando geralmente, e concedendo o vosso silencio, com que vem a distinguir subtilmente na segunda parte da nossa mesma questão outro terceiro caso, tanto mais escrupuloso, quanto mais delicado, e tanto mais difficultoso, quanto mais repugnante. Não amar he menos, que aborrecer a quem nos ama, e como no preceito de aborrecer se incluye tambem o de não amar, neste não amar, que he o menos, consiste o
mais

mais da difficuldade. Assim entendo, que o entendem, e estão votando os melhores juizos. E porque não pareça, que dissimulo a força da vossa razão, para mais facilmente a desfazer pondome primeiro da vossa parte, a quero fortificar, e defender quanto ella merece.

81.

70 Hum amor naturalmente chama por outro, e não ha coração nem tão surdo, que se he chamado não ouça, nem tão mudo, que se ouvio não responda. Até as penhas dos desertos respondem ás vozes, e o mesmo eco, que parece, que he repulsa, he correspondencia. A correspondencia não he outra coisa, que a reflexão do mesmo amor, que torna dobrado para donde veyo, e assim como não ha marmore, nem bronze tão duro, que ferido do rayo do Sol não responda ao mesmo Sol com a reflexão do seu rayo, assim não ha coração tão de marmore na dureza, e tão de bronze na resistencia, que prevenido no amor o não redobre, e corresponda com outro.

82.

71 He tão certa, e experimentada esta força do amor, e tão constante no juizo de todos os sabios, que Poetas, Oradores, Filosofos, e os mesmos santos Padres a confessaõ, e encarecem. Entre os Poetas todos sabem o epigrama de Marcial: *Ut ameris, ama*. Deixo outras citaçoens de Auctores desta casta; porque são gente, que mais professa a lisonja, que a verdade. Entre os Oradores o Principe de todos Marco Tullio escrevendo a Bruto diz assim: *Clodius valde me amat, quod cum mihi persuasum sit, non dubito quin illum quoque judices à me amari*: Clodio me ama muito, e como eu estou persuadido a isso, não duvido, que vós tambem julgareis, que eu o amo. E porque? *Nihil enim minus hominis est, quam*

Discurso VII. 59

quam non respondere in amoris iis, à quibus provocare; porque não ha cousta, diz, mais alhea do ser de homem, que não responder com o amor a quem o amou primeiro. De maneira, que em sentença daquelle homem, de cuja lingua estavam pendentes as sentenças de todos, o homem, que foy amado de outro, ou ha de amar tambem, ou deixar de ser homem.

72 Entre os Filósofos Hecaton referido, e seguido por Seneca, que he dobrada autoridade, disse o mesmo; mas com cothurno Filosofico, e confiança de Mestre dos Mestres. As suas palavras, como se apregoasse, e vendesse amor, são estas: *Ego tibi monstrabo amatorium sine medicamento, sine herba, sine ullius veneficæ carmine*: Se alguém deseja, que o amem, não peça hervas á natureza, nem confeições á medicina, nem feitiços á arte magica, venhase a mim, que eu lhe descobrirei hum segredo de mais virtude, que todas as hervas, de mais efficacia, que todos os medicamentos, e de mais, e mayor força, que todos os feitiços. E que segredo he este tão poderoso? *Si vis amari, ama*. Não disse mais o Filosofo, e nestas duas palavras comprehendeo toda a filosofia do amor: amar, e ser amado são relações mutuas, e reciprocas, que posta, ou supposta huma, logo naturalmente resulta a outra, e assim como o amor só com o amor se conquista, assim não ha amor tão forte, ou tão fortificado, que se não renda a outro amor. Vamos aos santos Padres.

73 S. João Chrysostomo, sem allegar a Hecaton tambem Grego, disse, como propria, a sua mesma proposição; mas provou o que elle não tinha provado com a natureza do mesmo amor: o amor ef-

fenci-

60 *Vieira abbreviado*

lencialmente he uniaõ, e a uniaõ não póde unir extremo, sem que una tambem o outro. Por ventura se vos atares a hum homem, póde elle deixar de ficar tambem atado comvosco? Não: pois da mesma maneira, diz Chrysostomo, se amastes, não podeis deixar de ser amado: *Quomodo enim si velis te ipsum alteri alligari, non aliter poteris, nisi ipsum quoque tibi ipsi alliges*. Assim se unio, e atou Jonathas a David, e David logo ficou unido, e atado com Jonathas. Os mesmos termos, com que o conta a Escriitura, declaraõ o amor, e mais a comparação: *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David*. Não diz, que Jonathas amou a David, e David a Jonathas, senão que a alma de Jonathas se grudou com a alma de David. Porque assim como huma taboa senão póde grudar com outra, sem que ambas fiquem unidas, assim huma alma não póde amar outra alma, sem que ambas se amem. O valor de David moveo a alma de Jonathas a que o amasse, e o amor de Jonathas obrigou a alma de David a que o correspondesse. Jonathas não amado amou; mas David depois de amado, não pode deixar de amar. O primeiro amor foy livre, o segundo necessario. Finalmente conclue o mesmo S. Chrysostomo, que a vontade de cada hum he a ley da vontade alheya: *Voluntas tibi sit lex*; porque segundo cada hum quizer, ou não quizer amar, assim será, ou não será amado. De sorte, que o amar eu he mandar, e obrigar a que me amem: o amor he o preceito, e a correspondencia a obrigação, o amar imperio; o ser amado obediencia.

74 Santo Agostinho em menos palavras não disse menos: *Nulla maior est ad amorem invitatio, quam amantem amore prævenire, & nimis durus est*

1. Reg. 18.
1.

84.

85.

Discurso VII. 61

est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere: O mayor, e mais certo motivo de ser amado he anticipar o seu amor quem quer alcançar o alheyo. Todos os outros motivos, por mais fortes que pareçam, e por mais usados que sejam, conquistaõ vaidade, e engano, mas não verdadeiro amor: a formosura entretem os olhos, as dadivas enchem as mãos, a discrição lisongea os ouvidos, os regalos saboreão o gosto, o poder, e a magestade faz dobrar os joelhos; mas sujeitar, e render o coração só o amor. He o coração humano tão generoso, que não se rende senão a seu igual, nem ha outro interesse, força, ou arte, com que se possa conquistar, senão amando: *Nulla maior ad amorem invitatio, quam amore praevenire.* A palavra *invitatio* soa invite, e o *praevenire* ganhar por mão. Quem tomou a mão em amar primeiro, esse levou o resto ao amor. A razão he, diz Santo Agostinho; porque se no mundo houver algum coração tão duro, e durissimo, que nem ame, nem queira amar, nenhum haverá tão alheyo de toda a humanidade; (ainda que seja esse mesmo) o qual depois de amado não queira responder com o amor: *Et nimis durus est animus, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere.* Notay muito aquelle *nolebat*, e este *nolit*. Antes de o amarem poderá haver coração tão duro, que não ame, nem queira amar; mas depois de ser amado ha de amar, e querer amar, ainda que não quizesse.

75 He isto tanto assim, (para que eu tambem diga o meu encarecimento) que se Deos creara hum coração de ferro, e este coração fosse amado, natural, e necessariamente havia tambem de amar. Fallando Plinio da magnete, ou calamita, ou pedra iman,

Num. 86.

62 *Vieira abbreviado*

iman, (que me não cabe na boca o nome do nosso vulgo) descreve o seu amor com o ferro, ou os seus amores desta maneira: *Quid ferri duritia pugnatius? Sed cedit, & patitur amores. Trahitur namque à magnete lapide, dominatrixque illa rerum omnium materia, ut propius venit, assistit, teneturque, & complexu haret*: Que dureza mais dura, que a do ferro, e com tudo esta materia domadora de todas as cousas tambem se deixa penetrar, e padecer de amor. He o ferro amado da pedra iman, (a quem os Francezes discretamente chamaõ pedra amante) e he taõ milagrosa, ou taõ amorosa entre ambos a força desta natural sympathia, que a pedra como amante sempre está attrahindo, e o ferro como amado sempre correspondendo. Ella o chama, elle se move. Ella o guia, elle a segue. Ella o eleva, elle se suspende. Ella o ata, elle se deixa prender. Se ella pára, elle pára. Se sobe, sobe. Se desce, desce. Se anda á roda, rodea: sempre juntos, sempre confórmes, sempre unidos, e taõ pegados entre si, como se hum, e outro foraõ de cera. E se isto obra no ferro huma qualidade occulta, que seria no coração, ainda que fosse de ferro, hum amor declarado? Hum ferro amado de huma pedra não pôde deixar de pagar amor com amor. E poderá hum coração humano amado não amar? Todos estais dizendo, que não. E parece, que dizeis bem.

76 Só tem esta regra, ou opiniaõ geral huma excepção contra si, a qual notou Santo Ambrosio, e depois d'elle Santo Agostinho, ambos pelas mesmas palavras. Ponderaõ o caso de Joseph, e o valor mais que de homem, com que fugio, e largou a capa nas mãos da senhora, e o que sobre tudo encarecem, he, que

Discurso VII. 63

que amado não amou: *Adamatus non redamavit.* Logo não he tão certa, nem tão universal a proposição, que atégora pretendemos provar, nem tão repugnante, e quasi impossivel ao coração humano não responder com o amor, quando he prevenido com outro, ou deixar de amar, quando he amado. Bem podéra eu aqui responder, que a excepção de hum exemplo, quando he hum só, ou rarissimo, não desfaz a regra geral, antes a confirma. E a mesma admiração, com que os Santos celebraõ este caso, e lhe chamaõ prodigioso, vem a ser nova, e mayor prova de quão proprio, e natural he da vontade, e propensão humana seguir sempre, e obrar o contrario. Mas com licença de Ambrosio, e Agostinho eu não consinto, em que Joseph amado não amasse. Antes digo, que não só amou, mas com muito mayor excessão, do que foy amado. A Egypcia como vil accusou a Joseph, e o que começou o amor, degenerou em vingança. Joseph pelo contrario como honrado estando innocente não se desculpou, e o que parecia defamor, mostrou, que era fineza. Fino com Deos, porque não quiz peccar: fino com seu Senhor, porque o não quiz offender, e mais fino com a mesma, que o amou; porque prezo, carregado de ferros, e quasi condenado á morte não se desculpou a si por não culpar a ella. Pagoulhe o amor com lhe encubrir o delicto. Ella cobrio com a capa, e elle com o silencio. Tão impossivel he, que o amor ainda na terra mais dura, e mais esteril, e ainda rejeitado, e rebatido, não produza amor.

77 Mas admittido, que a Egypcia amasse, e não fosse amada, e Joseph fosse amado, e não amasse, fallando em termos sómente naturaes, e humanos, neste

nestes caso, ou noutro semelhante qual estado, ou qual fortuna seria mais cruel, e mais detestavel, a do que ama, e não he amado, ou a do que he amado, e não ama? Respondo, que no tal acontecimento (de que Deos livre a todo o coração humano) o que ama, e não he amado, seria digno de mayor compaixão, e o que he amado, e não ama, de mayor horror. Amar, e não ser amado he o mayor tormento: ser amado, e não amar he a mayor injustiça; mas aquillo he padecer a semrazão, isto he fazella: logo melhor he amar, e não ser amado, que ser amado, e não amar; porque amar, e não ser amado he ser martyr, ser amado, e não amar he ser tyranno. Sendo pois hum excessão tão alheyo da razão, tão indigno da humanidade, e tão contrario a toda a inclinação natural não pagar amor com amor, quem duvida, ou póde duvidar, que não só o aborrecer a quem nos ama, (que he acto) mas ainda o não amar sómente (que he mera suspensão) seja a mayor violencia da liberdade humana, o mayor aperto do coração, e a mayor tyrannia da natureza?

Num. 88.

78 Ponderadas assim de qualquer modo as tres difficuldades, em que atégora nos detivemos, (cujo pezo, e energia mais se póde sentir, que declarar) que faria a vontade humana cercada, ou sitiada por todas as partes, e combatida juntamente de tres violencias tão fortes? Hum preceito lhe manda amar os inimigos, outro lhe manda aborrecer os amigos, e o terceiro, que deste se segue, lhe manda não amar, nem corresponder (para que o digamos por seu nome) aos amantes. E bastando qualquer destas obediencias por si a fazer desmayar, e estremecer o mais animoso coração, todas juntas que será? Pela parte do

Discurso VII. 65

do vivente, pela parte do sensitivo, e pela parte do racional se vê o homem aqui nas mais apertadas angustias. Quem o manda amar o inimigo, parece que o quer insensível: quem o manda aborrecer o amigo, parece, que lhe tira o racional: e quem o manda, que amado não ame; parece, que o suppoem pedra, ou morto. Que remedio logo para satisfazer a tantas, e tão difficultosas obrigaçoens juntas, e para que não fique nellas o entendimento esmorecido, a vontade defesperada, e toda a alma opprimida?

79 Não he tão pouco suave a ley de Deos, que se difficulta os preceitos, não facilite os remedios. Todas estas difficuldades, que tão feas, e tão medonhas se representaõ ao coração humano, assim como ellas são tres, assim se vencem com tres palavras, que são as que tomey por thema: *Diligite inimicos vestros*. Manda Christo Senhor nosso, que amemos nossos inimigos. E só com a imitação deste preceito, que tem alguma difficuldade, se observaõ os outros dous sem nenhuma difficuldade. Disse só com a imitação; porque não he necessaria a observancia deste preceito para observar os outros. Mas se este preceito trata dos inimigos, e os outros dous dos amigos, se este preceito manda amar, e hum dos outros aborrecer, se este diz: Amay a quem vos tem odio, e o outro diz: Não ameis a quem vos ama, como pôde ser, que na imitação deste preceito consista a observancia dos outros? Não vos parece isto, que digo, huma cousa muito maravilhosa? Pois este he o segredo admiravel, que vos prometti.

Num. 89.

80 Para intelligencia delle havemos de suppor em primeiro lugar, que ha dous generos de inimigos, huns inimigos, que nos querem mal, e nos fa-

Num. 90.

66 *Vieira abbreviado*

zem mal com o odio, e outros inimigos, que nos querem mal, e nos fazem mal com o amor. Os inimigos, que nos querem, e fazem mal com o odio, são os que Christo nos manda amar. Estes todos sabemos quaes são. Os inimigos, que nos querem, e fazem mal com o amor, são os que o mesmo Christo nos manda aborrecer. E estes por ventura não sabeis, nem imaginais, quaes sejam, e agora o sabeis. Sabeis quem são estes inimigos? São todos aquelles, que por sangue, e parentesco mais, ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por beneficios, ou por esperanças, e dependencias, ou por graças, e prendas pessoas, ou por qualquer outro motivo de afeição vos amam desordenadamente. A Esposa santa dizia: *Ordinavit in me charitatem*: O amor ordenado he caridade, e o amor desordenado, ainda que a desordem seja, ou pareça leve, nem he caridade, nem he amor, he odio. Como póde ser amar, nem querer bem o que me priva, ou aparta do summo bem?

Cant. 2. 4.

Num 91.

81 Daqui se segue a segunda cousa, que havemos de suppor, e he que assim como ha dous generos de inimigos, assim ha dous generos de amar, e dous generos de aborrecer. Ha amar bem, e amar mal, e ha aborrecer mal, e aborrecer bem. E em que se distinguem; ou differença este amar, e este aborrecer? Distinguemse pelos affectos, e tambem pelos effectos; porque o amar mal he aborrecer, e o aborrecer bem he amar. Os antigos pintavam ao amor, e odio igualmente armados, ambos com arco, e aljava; mas o amor diziaõ, que atirava com settas de ouro, as quaes tinhaõ por effecto dar vida, e o odio com settas de ferro, que tinhaõ por effecto matar. Agora per-

pergunto: E se o amor, e o odio trocasse as aljavas, que succederia neste caso? Succederia sem duvida o que conta Anacreonte, que succedeo ao mesmo amor com a morte. Caminhavaõ, diz, o amor, e a morte, cada hum a seus intentos, e vieraõ ambos a fazer noite, e a alvergar na mesma estalagem. Levantaraõse muito cedo para continuar seus caminhos, e como havia ainda pouca luz, succedeo, que as aljavas se trocaraõ; e porque o amor levou as settas da morte, daqui veyo, que dalli por diante as suas feridas foraõ mortaes. O mesmo digo eu, que succederia no nosso caso naõ fabulosa, senaõ verdadeiramente. Se o amor atirasse com as settas do odio, o amar seria aborrecer, e se o odio atirasse com as settas do amor, o aborrecer seria amar. Pois isto mesmo, que succederia, he o que succede, e isto mesmo, que havia de ser, he o que he, diz Santo Agostinho, porque o amor amando mal, aborrece, como se fora odio, e o odio aborrecendo bem, ama, como se fora amor: *Si male amaveris tunc odisti, si bene oderis, tunc amasti*: Se amastes mal entaõ aborreceste, se aborreceste bem, entaõ amaste.

82 Suppostas estas duas verdades certas, e evidentes, em que muitos coraçoens andaõ taõ enganados, e taõ cegos, cuidando, que amaõ, e saõ amados, quando aborrecem, e saõ aborrecidos, vede quaõ facil fica a execuçaõ, e quaõ natural, e leve o exercicio de todas aquellas, que ao principio nos pareciaõ difficuldades, violencias, e tyrannias. Pergunto: Naõ he muito facil naõ amar eu a quem me naõ ama, e aborrecer a quem me aborrece? Sim. Pois isto he o que Deos nos manda. Se os que me amaõ, me amaõ mal, daqui se segue, que taõ facil he naõ

68 *Vieira abbreviado*

amar eu a quem me ama, como não amar a quem me não ama; porque quem me ama mal, não me ama. E do mesmo modo tão facil he aborrecer a quem me ama, como aborrecer a quem me aborrece; porque o amor de quem me ama mal tão fóra está de ser amor, que antes he aborrecimento, e odio.

83 E se alguém differ, que ao menos por esta via não guardo o preceito de amar aos inimigos, também infere mal, e se engana; porque elle mesmo aborrecellos, e não os amar he amallos. A prova he manifesta, mas ha mister attenção. Amar mal he aborrecer: *Si male amaveris, tunc odisti*. Logo quem me ama mal, aborreceme, e porque me aborrece, he meu inimigo: logo tenho obrigação de o amar: *Diligite inimicos vestros*. Tenho obrigação de o amar como inimigo? Logo sou obrigado ao aborrecer bem, assim como elle me ama mal. E se eu o aborreço bem, já o amo; porque aborrecer bem he amar: *Si bene oderis, tunc amasti*.

Num. 93.
Num. 96.

84 Parece-me, que temos filosofado affaz: tempo he já de colhermos as redes. Não digo, que se deixem de amar os que se amavaõ, nem de querer-se bem os que se queriaõ bem. Só digo, que se se amavaõ, se amem, e se se queriaõ bem, não se queiraõ mal. Concorde-se logo em se amar os que se amaõ; mas amem-se, como devem, e como convém a ambas as partes. Se amar mal he aborrecer, que difficuldade tem aborrecer a quem me aborrece? E se aborrecer bem he amar, que difficuldade ha em amar a quem me ama? Por isso digo, que se amem os que se amaõ; mas de modo, que se queiraõ bem, e não se façaõ mal.

85 Mas

85 Mas ainda que não houvera inferno, nem paraíso, nem christandade, nem religião, bastava só ter entendimento, e juizo, para que esta apprehensão, e chimera, que se chama amor, fosse aborrecida, e detestada, como remate da loucura. Se no mundo houvera amor, ainda que acima do mesmo mundo (como dizia) não houvera Ceo, nem abaixo Num. 100. delle inferno, eu vos concedera, que amasseis; mas perder, não digo já a alma, de que agora não fallo, mas a liberdade, a quietação, o locego, o descanso, e a vida, e condenar o triste coração ao perpetuo martyrio de cuidados, confusoens, e tormentos, e a estar, ou andar sempre pensando fóra de si por huma imaginação fantastica do que não ha, nem he, nem o nome de loucura, e cegueira basta a declarar o desvario de tão custoso engano.

86 E para que vos defenganeis, que não ha amor, e que este nome especioso, ainda no que parece Num. 101. mais fino, he falso, ponhamos o exemplo em ambos os sexos, para que chegue o defengano a todos, e nem os homens se enganem com as mulheres, nem as mulheres com os homens. Entre os homens houve por ventura algum amante mais perdido, que Adão por Eva? Tão perdido, que por ametade de huma maçã deo hum mundo inteiro, e não pelo que era a maçã, senão pela mão de quem vinha. Tão perdido, que perdeu o Paraíso, e se perdeu a si, e nos perdeu a nós, e todos seus descendentes por não perder hum leve agrado de quem imaginava então, que amava muito; mas assim como se enganou com o pomo, se enganou tambem com o seu proprio amor. Chegou a occasião de mostrar qual era, e logo desfez a mesma fineza tão grosseiramente, que

70 *Vieira abbreviado*

Genef. 3.
12. sendo o preceito sub pena de morte , para elle se livrar a si, accusou a Eva : *Mulier, quam dedisti mihi.* Em quanto cuidou , que a pena da ley era sómente comminação , grandes apparencias de fineza , (que tudo o que diffemos foraõ só apparencias) mas tanto que vio , que a devaça hia de veras , livre-me eu huma vez , e padeça Eva embora. Pois estes eraõ Adaõ os vossos amores , estas as vossas finezas , estes os vossos extremos taõ affectuosos ? Estes eraõ. Estes eraõ os de Adaõ , e estes saõ os de todos seus filhos , para que na primeira mulher aprendaõ as mulheres , e no primeiro homem se defengam todos.

87 E os homens onde conhecerãõ o amor das mulheres ? Naõ he necessario repetir o exemplo , porque já o vimos na amante de Joseph. Naõ reparou na authoridade sendo Princeza , nem na lealdade sendo casada , nem na desigualdade sendo ella senhora , e elle escravo ; porque nada disto via , por isso diz a Escritura , naõ que poz os olhos em Joseph , te-
Genef. 39.
7. naõ que lhos lançou , ou lhe atirou com elles : *Injecit oculos in Joseph* , para significar , que em tudo o que fez , e pertendeo , obrou como cega. Mas tanto que recuperou a vista , logo vio a falsidade do seu amor , e como se quizesse vingar a Eva , o mesmo , que Adaõ disse a Deos , disse ella ao marido : *Ingressus est servus Hebraeus , quem adduxisti , ut illuderet mihi.* Eis aqui para que me trouxestes a casa o servo Hebreo , para que elle se atrevesse a me querer descompor. Oh falsa ! Oh desleal ! Oh fementida ! Oh traidora ; agora porém só verdadeira , quando descobriste o avesso do teu coração , e nelle o interior inconstante , e já mudado , com que a Joseph enganavas , e a ti mesma mentias ! Mas que muito he ,
Ib. 27. que

Discurso VII.

71

que mudasse tão de repente a scena o amor de huma mulher, quando o primeiro auêtor de semelhante tragedia foy o primeiro homem? Se os homens querem outro exemplo, lembremse do amor de Dalila para com Samsaão. E se as mulheres quizerem tambem outro, não se esqueçam do amor de Amon para com Tamar, no mesmo dia com os mayores extremos amada, e no mesmo com muito mayores aborrecida. Assim tratou hum homem, que tinha obrigaçoens de ser honrado, á mulher mais illustre de Israel: e assim pagou huma mulher, de quem se tinha feito a mayor confiança, ao homem mais famoso do mundo.

88 Eu bem ouço, que as mulheres, e não os homens, tem a opiniaõ da inconstancia; mas elles são filhos dellas. Olhay, que bem o notou Job com ser homem: *Homo natus de muliere nunquam in eodem statu permanet*: O homem filho da mulher he tão vario, tão mudavel, e tão inconstante, que nunca permanece, nem dura no mesmo estado. Mas se todo o homem nasce de mulher, e de homem; porque lhe chama Job neste caso só nascido de mulher: *Homo natus de muliere*? Porque os homens no sexo sahem aos pays, e na inconstancia ás mãys. Porém daqui mesmo se colhe, que tão inconstantes são os homens, como as mulheres: os homens por filhos de taes mãys, e as mulheres por mãys de taes filhos: *Homo natus de muliere*: a mulher inconstante por condiçaõ, o homem inconstante por nascimento: a mulher como a Lua por natureza, o homem como o mar por influencia. Vede o que disse Christo a huma mulher a Samaritana. Era ella não só a mais discreta, das que se lê no Euangelho, senão tambem a

Joan. 4.
n. 18.

mais sabia pelas questões, que altercou com o mesmo Christo. E que lhe disse o Senhor? *Quinque viros habuisti, & hunc, quem habes, non est tuus vir:* Além do amigo, que agora tens, já tiveste outros cinco. Pois cinco amigos, huns depois dos outros, huma só mulher, e não de muita idade? Ahi vereis a inconstancia do amor humano. Mas reparay no que por ventura não advertís. Ou a Samaritana deixou aos cinco, ou os cinco a deixaraõ a ella: se elles a deixaraõ a ella, fiaivos lá de amor de homens! E se ella os deixou a elles, quem se fiará de amor de mulher?

Cant. 8. 6.

89 Bem digo eu logo, que isto, que no mundo se chama amor, he huma cousa, que não ha, nem he. He chimera, he mentira, he engano, he huma doença da imaginação, e por isso basta para ser tormento. Póde haver mayor tormento, que amar, quando menos, em perpetua duvida, amar em perpetua suspeita de ser, ou não ser amado? Pois este he o inferno sem redempção, a que se condemnaõ todos os que amaõ humanamente, e tanto mais, quanto mais amarem. Ouvi humas palavras, que tendes ouvido muitas vezes, mas com huma consideração, em que nunca reparastes: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio:* O amor he forte como a morte, e o ciume cruel como o inferno. Assim o declara o texto original Hebreo, o Grego, o Syro, e o Arabico: *Crudelis sicut infernus zelotypia.* Todos sabeis, que á morte, a qual he transito, e passagem, se seguem outros dous termos, de que se não passa, ou inferno, ou paraíso. Pois se o amor he como a morte: *Fortis est ut mors dilectio;* porque se não segue tambem depois do amor ou paraíso, ou inferno,

Discurso VII. 73

no, senão inferno sómente: *Dura sicut infernus æmulatio*? Porque o amor desta vida, e deste mundo he huma morte, que só tem precitos, e não tem predestinados. He huma morte, pela qual sempre se vay ao inferno, e nunca ao paraíso: o paraíso do amor (se o houvera) havia de ser amar, e ser amado, e amado com a certeza de nunca ser aborrecido. Mas como não ha, nem póde haver no mundo nem este amor, nem esta certeza, senão as duvidas, os escrúpulos, as desconfianças, os receyos, e as suspeitas de se me amaõ, ou não me amaõ, ou de que já me amaõ menos, que dantes, ou de que trocãõ o meu amor por outro, ou de que outrem pertende o que eu amo, em que consiste por varios modos o tormento cruelissimo do ciume. Este ciume sempre duvidoso, sempre credulo, sempre fixo na imaginação, e nunca satisfeito, este he o inferno inevitavel, e sem redempção, a que todos os que amaõ se condemnaõ, e em que saõ atormentados duramente sem fim, e sem remedio: *Dura sicut infernus æmulatio*.

90 O amor se he grande, he como a morte, se Part. 5.
he mayor, he como o inferno: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio*. Notavel di- Num. 502.
zer! Porque razaõ compara Salamaõ o amor grande á morte, e o amor mayor ao inferno? Eu o direi. Entre o amor, e o inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o inferno perpetúa a morte. Por isso o amor grande se compara á morte, e o mayor ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida. Tirar a vida he morrer huma vez, perpetuar a morte he estar morrendo sempre.

91 Que amor, ou que gosto ha nas vodas, que Part. 4. n.º
em poucos dias não enfraqueça, ou se mude? Cresce 214.
com

74 *Vieira abbreviado*

com a esperança, satisfaz-te com a novidade, e diminue com a posse. Só onde a novidade não envelhece, o amor, e o gosto não diminue. Mas aonde se acha isto? Na gloria, e bemaventurança do Ceo. Os convites começam com fome, continuam com gosto, e acabão com fastio, quando não acabão com desgostos. A gloria pelo contrario he hum perpetua satisfação do desejo, e hum perpetuo desejo da mesma satisfação, em que não ha fome; porque a fome molesta: nem fastio; porque o fastio cansa, nem o gosto acaba já mais; porque não tem fim.

DISCURSO VIII.

Tirado de hum sermão de S. Roque pregado na Capella Real.

A M O R.

Part. 6. 38. 92 **E**Ntre todas as paixões humanas a que mais afflige, e tem mais modos de affligir, he o temor. As outras atormentaõ com o que he, o temor com tudo o que póde ser, e não só com os males, senão com os mesmos bens. Quem ama muito, até os perigos impossiveis teme. O perigo será impossivel, mas o amor he muito verdadeiro. Quem chegou a temer impossiveis, chegou a amar quanto he possivel. Hase o amor no temer, como no desejar, e assim como não ha mayor final de amor, que impossiveis desejados, assim não ha mayor final de amor, que impossiveis temidos: antes mais verdadeiramente ama quem teme impossiveis, que quem deseja impossiveis; porque desejar-me impossiveis sem-

Part. 12. n.
48.

Discurso VIII. 75

sempre he amor meu ; mas temervos impossiveis , não póde ser fenaõ amor vosso. Porém dirmehaõ , que os impossiveis será amor temellos, mas não será razaõ temeremse. Temellosha o amor , que he hum cego ; mas não os temerá a razaõ , que tem olhos abertos. Tambem a razaõ.

93 Os perigos , que saõ impossiveis para o effeito , haõse de imaginar possiveis para a cautela. Quem teme os perigos possiveis , estará acautelado ; mas quem teme os impossiveis , está seguro. O melhor meyo de conservar a segurança he temella. De maneira , que recear perigos impossiveis he amor , e acautelar-se de perigos impossiveis he providencia. O amor depois da perda vêse na dor , antes della no receyo.

DISCURSO IX.

Tirado do pangeyrico feito ao segundo sonho de S. Francisco Xavier , que pedio mais trabalhos , representandolhe Deos em sonhos todos os que havia de padecer , e de outros sermoens.

A M O R.

94 **O** Amor he como a hydropesia , os trabalhos como a agua , o desejo como a sede : quem mais ama , mais deseja padecer , e quem mais padece , mais ama. O amar define-se por Santo Thomás , e Aristoteles : *Est velle bonum*. Amar he querer bem. E amar mais que he ? Amar he querer bem , amar mais he querer males. O padecer he o comparativo do amar : *Maiorem charitatem nemo habet , ut animam*

nam suam ponat quis pro amicis suis. Definio Christo o mayor amar, não pelo bem, que se quer, senão pelo mayor mal, que se padece. O amor peza-se na balança da paciencia. Padecer menos he amar menos, padecer mais he amar mais.

Part. 2. n. 497. 95 Quem diz a vozes o que padece, ou busca alivio na communicação, ou espera o remedio no foccorro. E he certo, que não ama muito a sua dor quem a deseja diminuida, ou aliviada. Quem pede remedio ao que padece, não quer padecer: não querer padecer he não amar.

Part. 5. n. 502. 96 A mayor fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; mas tem hum grande dezar esta fineza; que quem a faz, não póde fazer outra. He a mayor fineza, mas he a ultima. Morrer ás mãos dos mesmos, por quem se morre, ainda he mayor credito do amor, que seja o instrumento quem he a causa. O amor he hum sentimento, que faz insensiveis; por isso se compara á morte. A morte faz insensivel a quem mata, o amor insensivel a quem ama.

Part. 5. n. 397. 97 Não póde o amor chegar a mayor extremo, não se póde adelgaçar a mayor fineza, que a fazer-se peccador nas penas quem he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça pela dor de penas, busca na penitencia o remedio do seu peccado. Mas fazer-se peccador de penas o innocente de culpas he buscar na penitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle pelo que offendeo, neste pelo que ama. Vede quaes obrigaraõ mais a Deos, se as satisfaçoens de offendido, se as obrigaçoens de amado?

Discurso X.

77

DISCURSO X.

Tirado de hum sermão da Resurreição de nosso Senhor Jesus Christo.

A M O R.

98 **Q**uem mais ama, mais madruga. Assim o fez nesta manhã o divino amante Christo, con- Part. 6. m.
tinuando os desvelos de seu amor. E assim 410.
o devemos nós fazer todos os dias para não faltar ás correspondencias do nosso. Quem mais ama, mais Num. 411.
madruga. O amor nasce nos olhos, e quem o pintou com os olhos tapados, devia de ser cego. Esse amor quando muito será o pintado, o amor vivo, e o verdadeiro sempre está com os olhos abertos; porque sempre véla. Quem tirou o véo ao amor, esse lhe descobrio a cara, porque o mostrou desvelado. Não me estranheis o equivoco, que em manhã tão alegre, e tão festiva até os Euangelistas o usaraõ. Torno a dizer, que he grande madrugador o amor, porque quem tem cuidados, não dorme. A filosofia deste porque não he menos que de Plataõ, a quem chamaraõ o divino: *Inquietares est amor, parum diliges, si multum quiesces.* O amor he hum espirito sempre inquieto, e quem aquieta muito, final he, que ama pouco. Vistes alguma hora quieta, ou ardendo na cera, ou em outra materia menos branda huma labareda de fogo? Já mais. Sempre está inquieta, sempre sem socegar, sempre tremendo, e não de frio. E porque o amor não sabe aquietar, por isso não pôde dormir. Talvez adormeceraõ os sentidos; mas o amor

amor sempre véla; porque sempre lhe faz sentinella
 Cant. 5. 2. o coração: *Ego dormio, & cor meum vigilat*. Hum
 dos mais insignes amadores do mundo foy Jacob. E
 que dizia este famoso amador? *Fugiebat somnus ab*
 Gen. 31. *oculis meis*: Diz, que fugia dos feus olhos o sono.
 40. A campanha, em que o amor, e o sono se daõ as bata-
 lhas, faõ os olhos, e nos olhos de Jacob estava taõ
 costumado o amor a ser vencedor, e o sono a ser ven-
 cido, que naõ se atrevia o sono a lhe acometer os
 olhos, antes fugia delles: *Fugiebat somnus ab ocu-*
lis meis. E como o mayor despertador dos sentidos,
 e dos cuidados he o amor, cujas azas, e as do dese-
 jo voaõ mais que as do tempo, daqui vem, que para
 quem espera pela manhã, as estrellas faõ vagarosas,
 os gallos mudos, as horas eternas, e a noite naõ aca-
 ba de acabar, e por isso, como dizia, quem mais ama,
 mais madruga.

99 A necessidade he o mais diligente desperta-
 dor de quem a tem, para que madrugue. O pay de
 Nam. 435. familias necessitava dos jornaleiros para a vinha, os
 jornaleiros necessitavaõ do pay de familias para a vi-
 da. Ao pay de familias despertou a providencia da
 sua herdade, aos jornaleiros a força da sua neces-
 sidade. E se só quem necessita, madruga, e quem ne-
 cessita mais, tem obrigação de madrugar mais, nós,
 que sempre, e em tudo necessitamos de Deos, por-
 que naõ madrugaremos por amor de hum Deos, que
 sem ter necessidade de nós madruga tanto por amor
 de nós?

100 As primeiras creaturas, que com suas vozes
 nos injuriaõ, e envergonhaõ, entre aquellas, que o
 mesmo Senhor creou, mas naõ remio, faõ as aves.
 Que avezinha ha ou taõ pintada; como o pinta silgo,
 ou

ou tão mal vestida, como o roxinol, que não rompa o silencio da noite com dar, ou cantar as graças a seu Creador, festejando a boa vinda da primeira luz, ou chamando por ella? As flores, que anoitecerão secas, e murchas, porque carecem de vozes, posto que lhe não falte a melodia para louvar a quem as fez tão formosas, ao discante mudo dos cravos, e das violas, como são as Magdalenas do prado, também declarão os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de encarnado, e ouro, os mares com as ondas crespas em azul, e prata, as arvores com as folhas voltadas ao Ceo, e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos de garganta mais cheyos, e a cadencia mais sonora, as ovelhinhas sahindo do aprisco, e os outros gados mansos, a liberdade do campo, os lobos, e as fêras sylvestres recolhendo-se aos bosques, e as serpentes metendo-se nas suas covas, todos ou temendo a luz, ou alegrando-se com a sua vista, como a primeira obra de Deos, lhe tributaõ naquella hora os primeiros applausos. E que mayor confusaõ, e affronta do homem creatura racional, que quando todas as outras ou brutas, ou insensiveis reconhecem do modo, que podem, a bondade, e providencia d'aquelle supremo Senhor, que lhes deo o ser, anticipando-se ao Sol para lhe offerecer as primicias do dia, elle sem memória, sem entendimento, sem vontade, e sem sentidos naquella voluntaria sepultura do sono, e do descuido só confesse dormindo, e roncando, que he o mais ingrato!

Num. 436.

IOR Desperta, ó homem indigno, aos brados de todas as creaturas: abre os olhos, e vê a que madrugas, e a que não madrugas. Deixadas as madrugadas meca-

mecanicas, como as do official vigilante, que madruga para bater, e malhar o ferro, obrigando tambem a madrugar o ar, e o fogo; os que professaõ vida, e acçoens mais nobres, para que madrugaõ? Madruga o Mathematico para observar as estrellas, antes que lhas esconda o Sol: madruga o soldado para vigiar o seu quarto ou na muralha, ou na campanha, ou no bordo da nao: madruga o estudante sobre o livro, que tantas madrugadas custou ao seu auctor, quantas saõ as letras, muitas vezes riscadas, de que está composto: madruga o requerente, madruga o caminhante, madruga cercado de galgos o caçador, e sobre todos com mais estrondosas madrugadas os Principes, devendo madrugar naõ para montar desertos, e matar feras, mas, como fazia El-Rey David, para alimpar os povoados de vicios, e matar os que os cõmettem: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* E que appetite menos digno de taõ alto, e soberano nome, que despertarem ao som de trombetas, e muitas horas antes do Sol para correr hum lebre, ou dar hum lançada no javali amalhado aquelles, que sem este despertador depois da quarta parte do dia, tendo tanto, que ver, e prover, ainda naõ tem abertos os olhos?

Psalm. 100.
8.

102 E se estas madrugadas por outra parte licitas, e honestas, o descuido de se empregarem na adoração do Senhor: *Qui fabricatus est auroram, & solem*, bastara para as fazer ociosas, e menos christans, que censura merecem aquellas, que em lugar de se dedicarem, e consagrarem ao verdadeiro Deos, se sacrificão aos idolos? Fundido por Araõ o idolo de ouro, e finalado para a celebridade, e dedicacão da] infame imagem o dia seguinte: *Cras solenitas*

Num. 438.

Psalm. 73.
16.

mnitas Domini est: o que fizeraõ todos, foy levantar-se muito de manhã a offerecerlhe sacrificios: *Surgentesque mane obtulerunt holocausta*. E aos sacrificios se seguirãõ banquetes, brindes, e jogos: *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere*. Foy boa madrugada esta? E quantas saõ de baixo do falso nome de christandade, as que se parecem com ella? Os nossos idolos saõ as nossas paixões, e os nossos appetites. Eraro he o Christaõ de sono, e juizo taõ repoufado, que o deixe dormir, e não desvele a sua idolatria. Quanto corta pelo sono o adultero? Quanto corta pelo sono o vingativo? Quanto corta pelo sono o ladraõ? Quanto corta pelo sono o taful? Quanto corta pelo sono o invejoso, o ambicioso, e mais vigilante que todos o avarento, e cubicofo? Os Judeos adoraraõ o bezerro de ouro, os Christaõs adoraõ o ouro, ainda que não peze tanto como o bezerro. Do ouro tomou o nome a Aurora, e esta he a despertadora, que os não deixa dormir, e faz vigiar, machinando subtilezas, traças, enganoso, traiçoens, e sacrificando o torpe, vergonhoso, e brutal idolo do interesse, o descanso, a razão, a vida, a honra, a consciência, a alma.

103 Mas como aproveita pouco o semear sem colher, assim he inutil o dizer sem persuadir. Por este receyo, e justa desconfiança, que tenho de mim, quizera que me acabara o sermaõ outro Prégador. Considerando pois, que Prégador escolheria para este foccorro, resolvime a que fosse o que mayor, e mais declarado fructo fez nesta semana santa. E quem he? Aquelle, que converteo a S. Pedro, e cantando o fez chorar: *Cantavit gallus, recordatus est* Matth. 26
Petrus, & flevit amare. Não desprezeis o préga- 74. 75.

82 *Vieira abbreviado*

dor; porque para provar, e persuadir o que tenho dito nenhum tem melhor talento, nem mayor effica-
cia. He taõ douto, que naõ se preza menos a fabe-
doria divina da ciencia, que poz no homem, que da
intelligencia, que deo ao gallo: *Quis posuit in vis-*
ceribus hominis sapientiam, vel quis dedit gallo in-
telligentiam? Prêga com a voz, e com o exemplo;
porque faz o que diz. Se desperta, e acorda aos ou-
tros, primeiro se desperta, e acorda a si, e naõ abre
a boca sem bater as azas, que he acompanhar a voz
com as acçoens.

Job. 38.
36.

104 O assumpto da sua prégação he o proprio
do meu discurso, para que os homens por descau-
telados, quando nasce o Sol, os naõ ache dormindo.
Assim o notou Plinio: *Nec Solis ortum incautis pa-*
tiuntur obrepere. E para que naõ pareça cousta indig-
na, que o fermaõ de hum Prêgador com fé o aca-
be hum animal sem uso da razaõ, lembraivos, que
tendo Deos fallado muitas vezes ao Profeta Balaõ
por si mesmo, no fim o convenceo pela lingua de
hum bruto. Do mesmo modo o faz agora aos Chris-
taõs por meyo das vozes, ou brados daquelle desper-
tador irracional: *Gallus jacentes arguit, & somno-*
lentos increpat. Sabeis (diz a Igreja Catholica) o
que fazem dentro da vossa familia as vozes daquella
ave taõ vigilante? Arguem os que jazem na cama,
e naõ se levantaõ, e reprehendem aos que se deixaõ
vencer do sono, e naõ madrugaõ. E se me pergun-
tais porque repete o gallo a mesma voz huma, duas,
e tres vezes cada noite, digo, que saõ tres admoes-
taçoens canonicas, com que Deos avisa a todo o ho-
mem Christaõ, que o ha de excommungar, e separar
da communicacão dos verdadeiros fieis, se for taõ
des-

Plin. l. b 10.
cap. 21.

Num. 440.

Discurso XI.

83

descuidado, e negligente, que não faça o que fazem as aves aos primeiros rayos, ou bocejos da luz, sahindo todas de seus ninhos a louvar, e dar a arvorada a seu Creador.

DISCURSO XI.

Tirado de hum sermão de S. João Euangelista, e de outros do santissimo Sacramento, e Mandato.

A M O R.

105 **A** Mar he desvelo, adormecer he descuido. Pois como póde ser, que o descuido seja prova do desvelo, e que o adormecer seja prova do amor? Adormeceo: logo amou. He boa consequencia esta? Sim. Porque adormeceo com o peito reclinado sobre o peito do amante. E não póde haver mais fino, nem mais provado amor, que aquelle, que entrega o coração, e fecha os olhos. Entregar o coração com os olhos abertos he querer a vista por premio do amor: entregar o coração com os olhos fechados he não querer no amor nem o premio da vista. Part. 5. d. 390.

106 A prova do verdadeiro amor não está em amar vendo, sennão em amar sem ver: amar, e ver he bemaventurança: amar sem ver he amor. O mesmo mundo o confessa. Toda a gala do amor qual he? Vós o pintais nú como a verdade, e assim ha de ser; se he amor. Qual he logo a sua gala? Toda a gala do amor he a sua venda, vendado, e despido; porque quando não tem uso dos olhos, então se descobre o amor. A prova da verdadeira fé, a fineza do Part. 1. n. 578.

84 - *Vieira abbreviado*

verdadeiro amor não he seguir ao Sol quando elle se deixa ver claro, e formoso com toda a pompa de seus rayos, senão quando se nega aos olhos escondido, e cuberto de nuvens. Vede-o no espelho da natureza.

107 Aquella flor, a que o gyro do Sol deo o nome, chamada dos Gregos Heliotropio, immovel, e com perpetuo movimento já mais deixa de seguir, e acompanhar a seu amado planeta. Quando o Sol nasce, se lhe inclina, e o sauda: quando sobe, se levanta com elle: quando está no zenith, o contempla direita: quando desce, se torna a dobrar: e quando finalmente chega ao occaso, com nova, e profunda inclinação se despede delle. Grande milagre da natureza! Grande fineza do amor! Mas onde está o mais fino desta fineza? Descobrio, e ponderou-o Plinio com huma reflexão tão admiravel, como a da mesma flor: *Heliotropii miraculum saepius diximus cum Sole se circumagentis etiam nubilo die. Tantis syderis amor est.* Maravilha he, e fineza prodigiosa, que aquella flor amante do Sol sem se poder mover de hum lugar o siga sempre em roda, acompanhando seu curso; mas o mais maravilhoso desta maravilha, e o mais fino desta fineza (diz Plinio) he, que não só segue, e acompanha o Sol, quando se lhe mostra claro, e resplandecente, senão quando se esconde, e se cobre de nuvens: *Etiam nubilo die. Tantis syderis amor est.* Mas passemos da escola da natureza á da graça, e vejamos se ha nella alguma flor semelhante.

108 Desejou Moysés ver a Deos, e pediulhe, que lhe mostrasse o seu rosto: *Ostende mihi faciem tuam.* Foylhe respondido, que não era possivel nesta vida:

Exod. 33.
13.

vida: *Non videbit me homo, & vivet.* E que vos pa-^{Exod. 33.}
rece, que faria Moysés com este defengano? Não o^{20.}
disse elle na sua historia, mais disse-o por elle S. Pau-
lo com altissima ponderação: *Invisibilem tamquam*^{Heb. 11.}
videns sustinuit. Defengonado Moysés de poder ver^{27.}
a Deos, foy tal a sua fineza, que fazia, não o vendo,
o que havia de fazer, se o vira. Que havia de fazer
Moysés, se vira a Deos? Havia de estar sempre com
os olhos fixos nelle, sem já mais se apartar de sua
vista, e de sua presença. Pois isso, que havia de fa-
zer, se o vira, isto mesmo fazia, não o vendo: *Invisi-*
bilem tamquam videns sustinuit,

109 O amor não depende de ver para amar, an-^{Part. 3.}
tes quando a ausência, e distancia lhe impedem a vis-^{464.}
ta, então se reconcentra, e arde mais. Os olhos são
as frestas do coração, por onde respira: e daqui vem,
que o coração na presença, em que tem abertos os
olhos, por elles evapora, e exhala os affectos. Porém
na ausência, em que os tem tapados pela distancia,
que lhe succede? Assim como o vaso sobre o fogo,
que tapado, e não tendo por onde respirar, concebe
mayor calor, e o reconcentra todo em si, e tal vez
rebenta, assim o coração ausente, faltandolhe a res-
piração da vista, e não tendo por onde dar sahida ao
incendio, recolhe dentro em si toda a força, e impe-
to do amor, o qual cresce naturalmente, e se acen-
de, e adelgaça de forte, que não cabendo no mesmo
coração, rebenta em mayores, e mais extraordina-
rios effectos.

110 O fogo pode-se apartar, mas não se póde ef-
friar. Ao perto, e ao longe, ou presente, ou ausen-
te sempre arde igualmente, porque sempre he fo-
go. Poderá ser tão distante a ausência, que o tire da
Tom. I. F 3 vista;

88 *Vieira abbreviado*

Num. 460. vista; mas nenhuma tão poderosa, que lhe mude a natureza: *Quia nunquam, & nusquam potuit non amare, qui amor est*, diz S. Bernardo. O amor não he união de lugares, fenaõ de vontades: se fora união de lugares, podera-o desfazer a distancia; mas como he união de vontades, não o póde esfriar a ausencia. Póde a distancia apartar os corpos; mas não póde dividir os coraçõens. Póde a ausencia impedir a vista; mas não póde esfriar o amor.

DISCURSO XII.

Tirado de hum sermaõ do Mandato, no qual o Author mostra, que mais affinou o amor de Christo a sua ciencia: Sciens, e a nossa ignorancia: Tu nescis modo.

A M O R.

Part. 2.
405.

III **N**O mundo, e entre os homens isto, que vulgarmente se chama amor, não he amor, he ignorancia. Pintaraõ os Antigos ao amor minino, e a razaõ dizia eu o anno passado, que era porque nenhum amor-dura tanto, que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Rachel, e o de Jonathas com David, e outros grandes ainda que poucos. Pois se ha tambem amor, que dure muitos annos, porque no lo pintaraõ os sabios sempre minino? Desta vez cuido, que hei de acertar a causa. Pintase o amor sempre minino; porque ainda que passe de sete annos, como o de Jacob, nunca chega á idade de uso de razaõ. Usar de razaõ, e amar são duas cousas, que não se ajun-

Discurso XII.

89

ajuntaõ. A alma de hum minino, que vem a fer? Huma vontade com affectos, e hum entendimento sem uso. Tal he o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista huma alma; porẽm o primeiro rendido he o entendimento. Ninguem teve a vontade febricitante, que naõ tivesse o entendimento frenetico. O amor deixará de variar, se for firme; mas naõ deixará de tresvariar, se he amor. Nunca o fogo abrazou a vontade, que o fumo naõ cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que naõ houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaraõ os olhos. E como o primeiro effeito, e a ultima disposiçaõ do amor he cegar o entendimento, daqui vem, que isto, que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia, e quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltaõ de amor. Quem ama, porque conhece, he amante: quem ama, porque ignora, he nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminue o delicto, assim no amor diminue o merecimento. Quem ignorando offendeo, em rigor naõ he delinquente: quem ignorando amou, em rigor naõ he amante.

112 He tal a dependencia, que tem o amor, de-
tas duas supposiçoens, que o que parece fineza fundado em ignorancia, naõ he amor, e o que naõ parece amor fundado em ciencia, he grande fineza. Num. 406.

113 Quatro ignorancias podem concorrer em hum amante, que diminuaõ muito a perfeiçaõ, e merecimento de seu amor. Ou porque se naõ conhece a si, ou porque naõ conhece a quem amava, ou porque naõ conhecesse o amor, ou porque naõ conhecesse o fim, onde ha de parar amando. Se naõ se Num. 410.

conhecesse a si, tal vez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecesse. Se não conhece a quem amava, tal vez quererá com grandes finezas a quem havia de aborrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor, tal vez se empregaria, ou empenharia cegamente no que não havia de emprender, se o soubesse. Se não conhecesse o fim, em que havia de parar amando, talvez chegaria a padecer os danos, a que não havia de chegar, se os prevenira.

Num. 410. 114 Se não se conhecesse a si, tal vez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecesse. Em quanto Paris ignorante de si, e da fortuna de seu nascimento guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as histórias humanas, que era objecto de seus cuidados Enope hum formosura rustica daquelles valles. Mas quando o encuberto Principe se conheceu, e soube que era filho de Priamo Rey de Troya, como deixou o cajado, e o furrao, trocou tambem de pensamento. Amava humildemente, em quanto se teve por humilde. Tanto que conheceu quem era, logo desconheceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorancia de si, o mesmo conhecimento, que desfiz a ignorancia, acabou tambem o amor. Desamou Principe o que tinha amado pastor; porque como he falta de conhecimento proprio nos pequenos levantar o pensamento, assim he affronta da fortuna nos grandes abater o cuidado.

Num. 411. 115 A segunda ignorancia, que tira o merecimento ao amor, he não conhecer quem ama a quem ama. Quantas cousas ha no mundo muito amadas, que se as conhecesse quem as ama, haviaõ de ser

Num. 415. mrito

muito aborrecidas. Graças logo ao engano, e não ao amor. Servio Jacob os primeiros sete annos a Labão, e ao cabo delles, em vez de lhe darem a Rachel, de-raólhe a Lia. Ah enganado pastor, e mais enganado amante! Se perguntarmos á imaginação de Jacob por quem servia, responderá que por Rachel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que he, e o que ha de ser, dirá com toda a certeza, que serve por Lia. E assim foy: servis por quem servis, e não servis por quem cuidais. Cuidais, que os vossos trabalhos, e os vossos disvelos são por Rachel amada, e trabalhais, e desvelaivos por Lia a aborrecida. Se Jacob soubera, que servia por Lia, não servira sete annos, nem sete dias. Servio logo ao engano, e não ao amor; porque servio por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta historia no theatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma! A mesma, que na imaginação he Rachel, na realidade he Lia: e não he Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que se engana a si mesmo.

116 Deste discurso se segue huma conclusão tão certa, como ignorada, e he, que os homens não amaõ aquillo, que cuidaõ que amaõ. Porque? Ou porque o que amaõ, não he o que cuidaõ, ou porque amaõ o que verdadeiramente não ha. Quem estima vidros cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros: quem ama defeitos, cuidando que são perfeiçoens, perfeiçoens ama, e não defeitos. Cuidais, que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade: cuidais, que amais perfeiçoens angelicas, e amais imperfeiçoens humanas: logo os homens não amaõ o que cuidaõ, que amaõ.

92 *Vieira abbreviado*

amao. Donde tambem se segue, que amao o que verdadeiramente nao ha; porque amao as coulas nao como saõ, senao como as imaginaõ, e o que se imagina, e nao he, nao o ha no mundo. Amao as coulas como as imaginaõ, e as coulas como elles as imaginaõ, havellas ha na imaginaçaõ, mas no mundo nao as ha. Vós amailos como saõ na vossa imaginaçaõ, e nao como saõ no mundo. No mundo saõ ingratos, na vossa imaginaçaõ saõ agradecidos, no mundo saõ traidores, na vossa imaginaçaõ saõ leaes, no mundo saõ inimigos, na vossa imaginaçaõ saõ amigos. E amar ao inimigo, cuidando que he amigo, e ao traidor, cuidando que he leal, e ao ingrato, cuidando que he agradecido, nao he fineza, he ignorancia, por isso o vosso amor nao tem merecimento, nem he senao engano.

117 Se nao conhecesse o amor, tal vez se empregaria, ou empenharia cegamente no que nao havia de emprender, se o foubra. *Num. 410.* Questaõ he curiosa nesta filosofia, qual seja mais precioso, e de mayores qualidades, se o primeiro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguem póde negar, que he o primogenito do coraçaõ, o morgado dos affectos, a flor do desejo, e as primicias da vontade. Com tudo eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro he bisonho, o segundo he experimentado: o primeiro he aprendiz, o segundo he mestre: o primeiro póde ser impeto, o segundo nao póde ser senao amor. Em fim o segundo amor, porque he segundo, he confirmaçaõ, e ratificaçaõ do primeiro, e por isso nao simples amor, senao duplicado, e amor sobre amor. He verdade, que o primeiro amor he primogenito do coraçaõ; porém a vontade sempre
livre

Discurso XII.

93

livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o mayor.

118 A primeira vez, que Jonathas se afeiçãoou a David, diz a Escriitura sagrada, que lhe fez juramento de perpetuo amor: *Inierunt autem David, & Jonathas fœdus; diligebat enim eum, quasi animam suam.* Passarão depois disto alguns tempos de firme vontade, posto que de varia fortuna. Torna a dizer o texto, que Jonathas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor: *Et addidit Jonathas dejerare David, eo quod diligeret illum.* Pois se Jonathas tinha já feito hum juramento de amar a David, porque faz agora outro? Por ventura quebrou o primeiro, para que fosse necessario o segundo? He certo, que o não quebrou; porque não fora Jonathas o exemplo mayor da amizade, se o não fora tambem da firmeza. Pois se o amor estava jurado ao principio, porque o jura outra vez agora? Porque foy muy differente materia jurar o amor antes de conhecido, ou jurallo depois de experimentado.

119 Quando Jonathas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amor, porque o não experimentara: quando jurou a segunda vez, já tinha larga experiencia do que era, e do que custava pelo muito que padeceo por David. E era tão differente o conceito, que Jonathas fazia agora de hum amor a outro, que julgou, que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorancia passada não diminuísse o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deixasse de amar alguma hora; mas porque era pouco o que dantes promettera em compar-

94 *Vieira abbreviado*

paração do muito, que hoje amava. Então prometteo, como conhecia, agora promettia, como experimentara. Que Jonathas se resolvesse a amar a David, quando não conhecia as paixões deste tyranno affecto, não foy muita fineza; mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas semrazões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tyrannias, depois de sentir ausências, depois de chorar saudades, depois de resistir contradições, depois de atropelar difficuldades, depois de vencer impossiveis, arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a authoridade, revelando segretos, encubriendo verdades, delmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, cativando o alvedrio, morando dentro em si por tormento, e vivendo em seu amigo por cuidado, sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante a pezar de seu pay, e da fortuna de ambos, que todas estas finezas diz a Escriitura fez Jonathas por David, que depois, digo, de tão qualificadas experiencias de seu coração, e de seu amor se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto fim, isto he amor.

Num. 410. 120 Se não conhecesse o fim, em que havia de parar amando, tal vez chegaria a padecer os damnos, a que não havia de chegar, se os previra. De muitos
Num. 425. contaõ as historias, que morrerão, porque amarão; mas porque o amor foy só a occasião, e a ignorancia a causa, falsamente lhe deo a morte o epitafio de amantes. Não he amante quem morre, porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notavel he neste genero o exemplo do Principe Sichem. Amou Sichem a Dina filha de Jacob, e rendeose tanto aos im-

Discurso XIII. 93

imperios do seu affecto, que sendo Principe soberano, se sujeitou a taes condiçoens, e partidos, que a poucos dias de desposado lhe poderaõ tirar a vida Simeão, e Levi irmãos de Dina. Amou Sichem, e morreo; mas a morte não foy trofeo de seu amor, foy castigo de sua ignorancia. Foy caso, e não merecimento; porque não amou para morrer, ainda que morreo, porque amou. Deveolhe Dina o amor, mas não lhe deveo a morte. Antes por isso nem o amor lhe deveo, que quem amou, porque não sabia, que havia de morrer, se o soubera, não amara. Não está o merecimento do amor na morte, senão no conhecimento della.

Num. 110.

DISCURSO XIII.

Tirado de hum sermão do Mandato.

A M O R.

121 **Q**ue he o que mais deseja, e mais estima: Num. 121.
verse conhecido, ou verte pago? He certo, que o amor não póde ser pago, sem ser primeiro conhecido; mas póde ser conhecido, sem ser pago. E considerando divididos estes dous Num. 431
termos, não ha duvida, que mais estima o amor, e melhor lhe está verse conhecido, que pago. Porque o que o amor mais pertende, he obrigar: o conhecimento obriga, a paga desempenha: logo muito melhor lhe está ao amor verse conhecido, que pago; porque o conhecimento aperta as obrigaçoens, a paga, e o desempenho desfata-as. O conhecimento he satisfação do amor proprio, a paga he satisfação do amor

amor alheyo : na satisfação do que o amor recebe ; póde ser o affecto interessado , na satisfação do que communica , não póde ser sennaõ liberal : logo mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade , que ver duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro credito de quem ama he a confissão da divida no amado ; mas como ha de confessar a divida quem a não conhece ? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento , que a paga ; porque a sua mayor riqueza he ter sempre indvidado a quem ama. Quando o amor deixa de ser acredor , só entaõ he pobre. Finalmente ser taõ grande o amor , que se não possa pagar , he a mayor gloria de quem ama : se esta grandeza se conhece , he gloria manifesta , sennaõ se conhece , fica escurecida , e não he gloria : logo muito mais estima o amor , e muito mais deseja , e muito mais lhe convém a gloria de conhecido , que a satisfação de pago.

DISCURSO XIV.

Tirado de hum sermaõ do Mandato.

A M O R.

122 **D**Efinindo S. Bernardo o amor fino , diz assim : *Amor non querit causam , nec fructum.* O amor fino não busca causa , nem fructo. Se amo , porque me amaõ , tem o amor causa : se amo , para que me amem , tem fructo. E o amor fino não ha de ter porque , nem para que. Se amo , porque me amaõ , he obrigação , faço o que devo : se amo , para

Discurso XIV. 95

para que me amem, he negociação, busco o que de-
 lejo. Pois como ha de amar o amor para ser fino? ^{Parr. 2.} 417.

Amo, quia amo: amo, ut amem: Amo, porque amo,
 e amo para amar. Quem ama, porque o amaõ, he
 agradecido: quem ama, para que o amem, he inte-
 resseiro: quem ama, não porque o amaõ, nem para
 que o amem, esse só he fino.

DISCURSO XV.

Tirado de hum sermaõ do Mandato.

A M O R.

123 **O** amor, a quem remediou, e póde curar o
 tempo, bem poderá ler que fosse doen-
 ça; mas não he amor. O amor perfeito, e que só me-
 rece o nome de amor, vive immortal sobre a esfera
 da mudança, e não chegaõ lá as jurisdiçoens do tem-
 po. Nem os annos o diminuem, nem os seculos o en-
 fraquecem, nem as eternidades o cansaõ: *Omni tem-* ^{Prov. 17.}
pore diligit qui amicus est, disse nos seus Prover-
 bios o Salamaõ da ley velha. E o Salamaõ da nova
 Santo Agostinho, cõmentando o mesmo texto, pe-
 netrou o fundo delle com esta admiravel sentença:
Manifeste declarans amicitiam eternam esse, si ve- ^{Aug.}
ra est: si autem defierit, nunquam vera fuit. Quiz-
 nos declarar Salamaõ, diz Agostinho, que o amor,
 que he verdadeiro, tem obrigaçaõ de ser eterno;
 porque se em algum tempo deixou de ser, nunca foy
 amor: *Si autem defierit, nunquam vera fuit.* No-
 tavel dizer! Em todas as outras cousas o deixar de
 ser he final de que já foraõ: no amor o deixar de ser
 he

96 *Vieira abbreviado*

he final de nunca ter sido. Deixou de ser, pois nunca foy: deixastes de amar, pois nunca amastes. O amor, que não he de todo o tempo, e de todos os tempos, não he amor, nem foy; porque se chegou a ter fim, nunca teve principio. He como a eternidade, que se por impossivel tivera fim, não teria sido eternidade: *Declarans amicitiam eternam esse, si vera est.* Taõ izento da jurildicaõ do tempo he o verdadeiro amor!

Num. 453.

DISCURSO XVI.

Tirado de hum sermaõ do Mandato.

A M O R.

Part. 1.
908.

124 **O** Amor effencialmente he uniaõ, e naturalmente a busca, para alli peza, para alli caminha, e só alli pára. Tudo são palavras de Plataõ, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor he unir, como póde ser effeito do amor o apartar? Assim he, quando o amor não he estremado, e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem effeitos contrarios: a dor faz gritar; mas se he excessiva, faz emmudecer. A luz faz ver; mas se he excessiva, cega: a alegria alenta, e vivifica; mas se he excessiva mata. Assim o amor naturalmente une; mas se he excessivo, divide: *Fortis est ut mors dilectio*? O amor, diz Salamaõ, he como a morte. Como a morte Rey sabio? Como a vida dissera eu. O amor he uniaõ de almas, a morte he separaçaõ da alma; pois se o effeito do amor he unir, e o effeito da morte he separar, como póde ser o amor semelhante

lhante

Discurso XVI.

97

lhante á morte? O mesmo Salamaõ se explicou. Não falla Salamaõ de qualquer amor, senão do amor forte: *Fortis est ut mors dilectio*, e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo produz effeitos contrarios: he uniaõ, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desfatar como Samsaõ: affectuoso deixase atar: forte rompe as ataduras. O amor sempre he amoroso; mas humas vezes he amoroso, e unitivo, outras vezes amoroso, e forte. Em quanto amoroso, e unitivo, ajunta os extremos mais distantes. Em quanto amoroso, e forte, divide os extremos mais unidos. Quaes são os extremos mais distantes, e mais unidos, que ha no mundo? O nosso corpo, e a nossa alma. São os extremos mais distantes; porque hum he carne, e outro espirito: são os extremos mais unidos; porque nunca já mais se apartaõ. Juntos nascem, juntos crescem, juntos vivem, juntos caminhaõ, juntos paraõ, juntos trabalhaõ, juntos descançaõ de noite, e de dia, dormindo, e velando: em todo o tempo, em toda a idade, em toda a fortuna: sempre amigos, sempre companheiros, sempre abraçados, sempre unidos. Esta uniaõ tão natural, esta uniaõ tão estreita quem a divide? A morte. Tal he o amor: *Fortis est ut mors dilectio*. O amor, em quanto unitivo, he como a vida: em quanto forte, he como a morte. Em quanto unitivo, por mais distantes, que sejaõ os extremos, ajunta-os: em quanto forte, por mais unidos, que estejaõ, aparta-os.

125 Antes da incarnação do Verbo quaes eraõ os extremos mais distantes? Deos, e o homem. E que fez o amor unitivo? Trouxe a Deos do Céo á terra, e unio a Deos com os homens. Depois da incarnação

Joan. 16.
28.

incarnação quaes eraõ os extremos mais unidos? Christo, e os homens. E que fez o amor forte? Levou hoje a Christo da terra ao Ceo: *Ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*, e apartou a Christo dos homens. *Exiit a Patre, & veni in mundum*, eisahi o amor unitivo. *Iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*, eisahi o amor forte. He o que diz o Euangelista: *Cum dilexisset, dilexit*. Houve differença nos tempos, mas não houve mudança no amor: Christo unido com os homens, amor: *Cum dilexisset*, Christo apartado dos homens, tambem amor, e mayor amor: *In finem dilexit eos*.

Num. 912.

DISCURSO XVII.

Tirado de hum sermaõ do Mandato.

A M O R.

Part. 1.

126 **P**Ara inteira satisfação do amor resta que lhe demos a razão desta altissima Filosofía: qual he a razão, porque apartarse quem ama de quem ama, he o mayor extremo, a que póde chegar o amor? A razão he esta. Porque o amor do que se ama, provase pelo amor do que se deixa, e não póde deixar mais o amor, que chegar a deixar pelo amado ao mesmo amado. A pedra de toque do amor he hum amor com outro. Quiz Deos provar o amor de Abrahão, tocou-o com o amor de Isaac, a quem amava como filho. Quiz David provar o amor de Jonathan, e tocou o com o amor de Saul, a quem amava como pay. Da mesma maneira quem quizer apurar os quilates do amor, toque o amor do que se ama, com

Discurso XVII. 99

com o amor do que se deixa, e logo conhecerá quaõ fino he.

177 Quem deixa tudo pelo amado, deixa tudo; mas quem deixa pelo amado ao mesmo amado, ainda deixa mais; porque chega a deixar aquelle, por quem tem deixado tudo. Quando Christo veyo ao mundo, deixou o Ceo por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens por quem tinha deixado o Ceo. Quando veyo ao mundo, deixou os Anjos por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado os Anjos. Quando veyo ao mundo, deixou a gloria por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado a gloria. Finalmente quando veyo ao mundo, deixou o Padre por amor dos homens; porém hoje deixa os mesmos homens, por quem tinha deixado o Padre. E neste mundo que deixou Christo? Nascendo pobre deixou por amor dos homens a riqueza: desterrandose deixou por amor dos homens a patria: trabalhando deixou por amor dos homens o descanso: entregandose deixou por amor dos homens a liberdade: padecendo affrontas deixou por amor dos homens a honra: morrendo deixou por amor dos homens a vida: sacramentandose deixou por amor dos homens a si mesmo; mas hoje ausentandose dos homens, e partindose do mundo: *Ut transeat ex hoc mundo*, deixou mais que as riquezas, mais que a patria, mais que o descanso, mais que a liberdade, mais que a honra, mais que a vida, mais que a si mesmo; porque deixou os mesmos homens, por quem tudo isto tinha deixado. De maneira que havendo Christo deixado por amor dos homens tudo, o que tinha no Ceo, (até o mesmo

Num. 923.

100 *Vieira abbreviado*

Padre,) e tudo o que tinha, e podia ter na terra, (até a si mesmo) não tendo já nem no Ceo, nem na terra, não tendo já em si, nem fóra de si outra cousa, que deixar por amor dos homens, para chegar ao non plus ultra do amor chega a deixar por amor dos homens aos melmos homens.

D I S C U R S O XVIII.

Tirado de hum sermão do Mandato.

A M O R.

128 **S**E o diminuir no amor he descredito, também he descredito o crescer. Quem diz, Part. 2.
Num. 423 que ama mais, desacredita o seu amor; porque ainda que o crescer seja augmento, he augmento, que suppoem imperfeição. Amor, que póde crescer, não he amor perfeito.

D I S C U R S O XIX.

Tirado de hum sermão do Mandato, em que o Auctor mostra, que o amor de Christo foy enfermidade sem remedio, e juntamente quaes são os remedios do amor.

A M O R R E M E D I A D O.

Part. 3.
Num. 449. 129 **O**S remedios pois do amor mais poderosos, e efficazes, que atégora tem descuberto a natureza, approvado a experiencia, e recebido a arte, são estes quatro: o tempo, a ausencia, a ingran-

Discurso XIX. 101

ingratidão, e sobre tudo o melhorar de objecto.

130 O primeiro remedio, que diziamos, he o tempo. Num. 450.
Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a corações de cera? São as afeições como as vidas, que não ha mais certo cinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintarão o amor minino; porque não ha amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desfarma o tempo. Afroxalhe o arco, com que já não atira, embotalhe as settas, com que já fere, abrelhe os olhos, com que vê o que não via, e fazlhe crescer as azas, com que voa, e foge. A razão natural de toda esta differença he, porque o tempo tira a novidade ás cousas, descobre os defeitos, enfastialhe o gosto, e basta, que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor? O mesmo amar he causa de não amar, e o ter amado muito de amar menos. Baste por todos os exemplos o do amor de David.

131 Amou David a Bethsabee com aquelles extremos, que todos sabem: e sendo o coração deste homem feito pelos moldes do coração de Deos, e Deos tão picado de ciúmes, como elle confessa de si: *Ego Deus zelotes*, cousa he dignissima do grande reparo, que o mesmo Deos o deixasse continuar naquelle amor sem lhe procurar o remedio, senão ao cabo de hum anno, quando o mandou reduzir pelo Profeta Nathan. Quanto Deos sentisse este desamor

de David, bem se vê da circumstancia deste 'mesmo cuidado, pois elle sendo o offendido, foy o que solicitou a reconciliação, sem esperar que David a procurasse. Pois se Deos queria, e desejava tanto, que David se apartasse do amor de Bethsabée; porque dilatou esta diligencia tanto tempo, e não lhe procurou o remedio, senão no fim de hum anno? Pois esse mesmo anno, e esse mesmo tempo foy o primeiro remedio, com que o começou a curar. As outras enfermidades tem na dilação o mayor perigo, a do amor tem na mesma dilação o melhor remedio. Via o que só vê os coraçoens dos homens, que em quanto duravaõ aquelles primeiros fervores da afeição de David, difficulosamente se lhe havia de arrancar do coração hum amor, em que estava tão empenhado. Pois deixese a cura ao tempo, que elle pouco a pouco o irá dispondo, e assim foy. Ao principio não reparava David no que devia ao vassallo, nem no que se devia a si, nem no que devia a Deos. Matava homens, perdia exercitos, não fazia caso da fama, nem da consciencia, que tanta valentia trazia aquelle bravo incendio em seus principios; mas foy andando hum dia, e outro dia, foy passando huma semana, e outra semana, foy continuando hum mez, e outro mez, e quando já chegou o fim do anno, em que estado estava o amor de David? Estava a chaga tão disposta, o coração tão moderado, e o calor tão remittido, que bastou huma só palavra do Profeta para o sarar de todo. O que era desejo, se trocou subitamente em dor: o que era cegueira, em luz: o que era gosto em lagrimas, e o que era amor, em arrependimento. E se tanto póde hum anno, que faráõ os muitos?

O se-

Discurso XIX. 103

132 O segundo remedio do amor lie a ausencia.

Muitas enfermidades se curaõ só com a mudança do ar, o amor com a da terra. He o amor como a Lua, que em havendo terra em meyo, dai-o por eclipsado. A' sepultura chamou David discretamente terra do esquecimento: *Terra oblivionis*. E que terra ha, que não seja a terra do esquecimento, se vós passastes a outra terra? Se os mortos são tão esquecidos, havendo tão pouca terra entre elles, e os vivos, que podem esperar, e que se póde esperar dos ausentes? Se quatro palmos de terra causaõ taes effeitos, tantas legoas que faraõ? Em os longes passando de tiro de setta, não chegaõ lá as forças do amor. Seguiu Pedro a Christo de longe; e deste longe, que se seguiu? Que aquelle, que na presença o defendia com a espada, na ausencia o negou, e jurou contra elle. Os Filósofos definiraõ a morte pela ausencia: *Mors est absentia animæ à corpore*. E a ausencia tambem se ha de definir pela morte, posto que seja huma morte, de que mais vezes se resuscita. Vede o nos effeitos naturaes de huma, e outra. Os dous primeiros effeitos da morte são dividir, e esfriar. Morreo hum homem, apartouse a alma do corpo: se o apalpardes logo, achareis algumas reliquias de calor: se tornastes dahi a hum pouco, tocastes hum cadaver frio, huma estatua de regelo. Estes mesmos effeitos, ou poderes tem a vicemorte a ausencia. Despediraõ-se com grandes demonstraçoens de affecto os que muito se amavaõ, apartaraõ-se em fim. E se tomardes logo o pullo ao mais enternecido, achareis que palpitaõ no coração as faudades, que rebentaõ nos olhos as lagrimas, e que sahem da boca alguns suspiros, que são as ultimas respiraçoens do amor. Mas

104 *Vieira abbreviado*

se tornardes depois destes officios de corpo presente, que achareis? Os olhos enxutos, a boca muda, o coração loçegado: tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu officio como a morte, apartou, e depois de apartar esfriou.

133 Ovi o mayor exemplo, que póde haver desta verdade. Foy a Magdalena ao sepulcro de Christo na madrugada da Resurreição, olhou, não achou o sagrado corpo, tornou a olhar, persistio, chorou. E qual cuidais, que era a causa de todas estas diligencias? Diz com notavel pensamento Origenes, que não era tanto pelo que a Magdalena amava a Christo, quanto pelo que temia de si: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigesceret, si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret*. Sabia a Magdalena como experimentada, que a ausencia tem os effeitos da morte, apartar, e depois esfriar. E como se via apartada do seu amado, que he o primeiro effeito, temia, que se lhe esfriasse o amor no coração, que he o segundo: *Metuebat, ne amor Magistri sui in pectore suo frigesceret*. Pois o amor da Magdalena tão forte, tão animoso, tão constante, tão ardente: o amor da Magdalena canonizado de grande, e engrandecido de muito: *Quoniam dilexit multum*, tão pouco fiava de si mesmo, que temesse esfriarse? Sim: que taes são os poderes da ausencia contra o mais qualificado amor. E como o coração se aquece pelos olhos, por isso procurava com tanta diligencia achar o corpo de seu Senhor, para que com a sua vista se tornasse a aquecer o amor, ou senão esfriasse sem ella: *Si corpus ejus non inveniret, quo viso recalesceret*.

134 O terceiro remedio do amor he a ingratitude.

Discurso XIX. 105

Num. 467.
daõ. Assim como os remedios mais efficazes são ordinariamente os mais violentos, assim a ingratidaõ he o remedio mais sensitivo do amor, e juntamente o mais effectivo. A virtude, que lhe dá tamanha efficacia, se eu bem o considero, he ter este remedio da sua parte a razãõ. Diminuir o amor o tempo, esfriar o amor a ausencia he sem razãõ, de que todos se queixaõ. Mas que a ingratidaõ mude o amor, e o converta em aborrecimento, a mesma razãõ o approva, o persuade, e parece, que o manda. Que sentença mais justa, que privar do amor a hum ingrato? O tempo he natureza, a ausencia pôde ser força, a ingratidaõ sempre he delicto: se ponderarmos os effectos de cada hum destes contrarios, acharemos que a ingratidaõ he o mais forte. O tempo tira ao amor a novidade, a ausencia tiralhe a communicacão, a ingratidaõ tiralhe o motivo. De sorte que o amigo por ser antigo, ou por estar ausente não perde o merecimento de ser amado: se o deixamos de amar, não he culpa sua, he injustiça nossa. Porém se foy ingrato, não só ficou indigno do mais tibio amor, mas merecedor de todo o odio. Finalmente o tempo, e a ausencia combatem o amor pela memoria, a ingratidaõ pelo entendimento, e pela vontade. E ferido o amor no cerebro, e ferido no coração, como pôde viver? O exemplo, que temos para justificar esta razãõ, ainda he mayor que os passados.

135 O primeiro ingrato depois de Adaõ foy Caim: ingrato a Deos, ingrato aos pays, ingrato ao irmão, e a toda a natureza ingrato. Matou a Abel, e morto elle, parece que ficava segura a ingratidaõ de ter a correspondencia, que merecia, no coração offendido. Mas vede o que diz Deos ao mesmo Caim:

Vox

106 *Vieira abbreviado*

Gen. 4. 10. *Vox sanguinis fratris tui clamat ad me de terra.* A voz do sangue de teu irmão desde a terra, onde o derramaste, está clamando a mim, e pedindo vingança.

Num. 468. Notavel caso! Tres razoes acho em Abel, que desafinao muito nos meus ouvidos estas suas vozes. Ser irmão, ser santo, e ser morto. Se era morto, como brada? Onde está a insensibilidade da morte? Se era santo, como não perdoa? Onde está o soffrimento da virtude? Se era irmão, como pede vingança? Onde está o affecto da natureza? Aqui vereis quão poderosa he a ingratidão para trocar em aborrecimento ainda o mais bem fundado amor. Onde achará amor hum ingrato, se nem em hum irmão achou piedade, nem em hum santo perdão, nem em hum morto silencio? He tão justa, e tão certa paga da ingratidão o aborrecimento, que porque houve hum ingrato homicida, houve logo hum aborrecimento resuscitado. E se a ingratidão resuscita o aborrecimento até nos mortos, como achará amor nos vivos?

136 He pois o quarto, e ultimo remedio do amor, e com o qual ninguem deixou de farar, o melhorar de objecto. Dizem, que hum amor com outro se paga, e mais certo he, que hum amor com outro se apaga. Assim como dous contrarios em grao intenso não podem estar juntos em hum sujeito, assim no mesmo coração não podem caber dous amores; porque o amor, que não he intenso, não he amor. Ora grande cousa deve de ser o amor, pois sendo assim, que não bastão a encher hum coração mil mundos, não cabem em hum coração dous amores. Daqui vem, que se a caso se encontrao, e pleiteao sobre o lugar, sempre fica a victoria pelo melhor objecto. He o amor entre os affectos, como a luz entre as quali-

Discurso XIX. 107

qualidades. Cômummente se diz, que o mayor contrario da luz são as trevas, e não he assim. O mayor contrario de huma luz he outra luz mayor. As estrellas no meyo das trevas luzem, e resplandecem mais; mas em apparecendo o Sol, que he luz mayor, desapparecem as estrellas. Grande luz era o Bautista antes de vir Christo ao mundo: appareceo Christo, que era a verdadeira luz: *Erat lux vera, quæ illu-* Joan. 1. 9.
minat omnem hominem, e que lhe succedeo ao Bautista? Logo deixou de ser luz: *Non erat ille lux.* O *ibid. 8.*
mesmo lhe succede ao amor, por grande, e estremo-do que seja. Em apparecendo o mayor, e melhor objecto, logo se defamou o menor.

137 Entre as injustiças, que ElRey Saul cõmet- Num. 478.
teo contra David, a mais sensivel, e a mais sentida delle foy negarlhe a Princeza Michol, que era o pre-ço da victoria do gigante, e não só negarlha, que fora menor injuria, senão dalla a seu despeito a Faltiel. Dissimulou esta dor David, até que se vio com a coroa de Israel na cabeça. E a primeira cousa, que fez, ou a primeira condiçãõ, com que aceitou a mesma coroa, foy, quẽ Michol lhe fosse logo restituída. (Soffriaõ-se estes cambios na moeda corrente daquelles tempos.) Conta o caso a Escritura, e refere huma circumstancia muito digna de reparo: *Misit* 2. Reg. 3.
ergo Isboseth, & tulit eam à viro suo Phaltiel: se- 15. 16.
quebaturque eam vir suus plorans usque Bahurim. Quer dizer, que mandou Isboseth filho de Saul tirar a Faltiel sua mulher Michol, e que elle a acompanhou chorando até o lugar, onde se'havia de entregar, e não diz mais. O que agora noto he, que neste apartamento chorasse Faltiel, e não chorasse Michol. Para Michol chorar bastava ver chorar a Faltiel.

108 *Vieira abbreviado*

tiel. E quando não bastasse, concorriaõ nella outras duas razoes naturaes não só para chorar, senão para chorar mais. A primeira, porque nas despedidas costumaõ enternecerle mais os que se vão, que os que ficaõ. Assim o temos por exemplo em David, quando se apartou de Jonathas: *Fleuerunt pariter, David autem amplius*. A segunda, por ser Michol mulher, e mulher, que se apartava de seu marido, segundo aquella regra da natureza: *Uxor amans flentem, flens acrius ipsa tenebat*. Pois se Michol nesta occasião tinha tantas razoes de chorar, e se apartava de Faltiel, e se apartava para sempre, (que era outra nova razão) porque não chorou nem huma só lagrima? Não chorou, porque já não amava, e não amava, porque melhorou de objecto. Faltiel chorava, porque perdia a Michol, e Michol não chorava, porque trocava a Faltiel por David. Em quanto Michol vivia com Faltiel, não podemos duvidar, que o amasse, porque Michol era Princeza, e o amor era obrigação. Porém tanto, que lhe fallaraõ nas vodas d'ElRey David, mudou logo de afeição, porque melhorou de objecto.

DISCURSO XX.

Tirado de hum sermão do Rosario.

AUTHORIDADE.

Part. 9. 138 **N**ÃO basta, que as cousas, que se dizem,
Num. 143. sejam grandes, se quem as diz, não he grande. Por isso os ditos, que allegamos, se chamaõ authoridades, porque o Author he, o que lhe dá o credi-

Discurso XX. 109

credito, e lhe concilia o respeito. As proposições filosoficas para serem axiomas haõ de ser de Aristoteles. As medicas para serem afforismos haõ de ser de Hippocrates. As geometricas para serem theoremas haõ de ser de Euclides. Tanto depende o que se diz da authoridade de quem o diz! Dizerse, que a pintura he de Apelles, ou a estatua de Fidas, basta para que a estatua seja immortal, e a pintura não tenha preço; mas esse valor, e essa immortalidade a quem se deve? Mais ao nome, que ao pincel de Apelles: mais á fama, que á lima de Fidas. E o mesmo, que succede ao pincel, e á lima, he o que experimentaõ igualmente a voz, e a penna. Se o que diz he Demosthenes, tudo he eloquencia: se o que escreve he Tacito, tudo he politica: se o que discorre he Seneca, tudo he sentença. Talvez acertou a dizer o rustico o que tinha dito Salamaõ; mas no rustico não merece ouvidos, em Salamaõ he oraculo. De sorte, como dizia, que não basta, que as cousas, que se dizem, sejam grandes, se quem as diz he pequeno.

DISCURSO XXI.

Tirado de hum sermão da segunda Dominga da Quaresma, em que o A. pondo o monte da tentação á vista do monte da transfiguração, e as glorias do mundo á vista da gloria do Ceo, comparando não bens com males, senão bens com bens, por este meyo mais clara, e manifestamente quer que vejaõ os homens a differença, que ha dos falsos aos verdadeiros bens, com os quaes a nossa vontade anda tão cega, e o nosso entendimento tão enganado.

BENS DO MUNDO.

139 **T**odos os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do Ceo bens puros, e sem mistura. Quando Deos nosso Senhor fabricou este grande edificio do universo, dividi-o em tres partes. Huma na terra, que he este mundo, em que vivemos, outra debaixo da terra, que he o inferno, outra acima da terra, que he o Ceo. Em todas estas tres regioens repartio os bens, e os males, mas com grande justiça, e differença. No inferno ha só males sem bens: no Ceo ha só bens sem males: na terra ha bens, e males juntamente. E porque razão? No inferno ha só males, porque ha só maos: no Ceo ha só bens, porque ha só bons: e na terra, onde andaõ de mistura os bons com os maos, era justo, que andassem tambem misturados os bens, e os males.

140 A primeira mestra desta verdade he a mesma natureza em tudo, o que creou para o homem.

No

Discurso XXI. III

No mayor mimo dos sentidos, que he a rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz Santo Ambrosio, hum claro, e desenganado espelho desta deliciosa, e dolorosa mistura: *Spina sepsit gratiam floris, tamquam humanae speculum preferens vitae, quae suavitatem perfunctionis suae finitimis curarum spinis saepe compungat.* A mesma consideração seguiu, e adiantou Boecio, o qual ajuntando ao exemplo da belleza o da doçura, cantou, cu chorou elegantemente: *Armat spina rosam, nella tegunt apes.* E assim como não ha nesta vida rosa sem espinho, nem mel sem abelha, assim não ha perola sem lodo, nem ouro sem fezes, nem prata sem liga, nem Ceo sem nuvem, nem Sol sem sombra, nem lume sem fumo, nem theriaga sem veneno, nem monte sem valle, nem quantidade sem pezo, nem enchente sem minguate, nem trigo sem palha, nem carne sem osso, nem peixe sem espinha, nem fructa, por saborosa que seja, sem caroço, ou casca, que deitar fóra. No mesmo tempo, de que se compoem a nossa vida, não ha veraõ sem inverno, nem dia sem noite. E nesta mesma semelhança he tanta a differença, que para haver veraõ, e inverno he necessario hum anno, e para haver noite, e dia são necessarias vinte e quatro horas; mas, para haver mal, e bem basta hum só momento.

141 Os gentios sem fé, ensinados só da experiencia, disserão que Deos tinha dous tanques, hum de mel, outro de fel, e que nenhuma coula mandava aos homens, que não viesse passada por ambos, e que esta era a causa, porque em todas as que chegavaõ á terra, vinha a doçura do bem misturada com a amargura do mal. Não poderaõ fallar mais ao certo, se

Amb. lib. 3.
exam. cap.
17.

Num. 399.

112 *Vieira abbreviado*

psalm. 74.

9.

Aug. ib.

se tiveraõ lido a David. Diz o Real Profeta, que Deos tem na maõ hum calix, pelo qual dá de beber aos homens, cheyo de vinho puro, e misturado: *Calix in manu Domini vini meri, plenus misto*. Repara, e pergunta Santo Agostinho: *Quomodo meri, si misto?* Se o vinho era puro, como era misturado, e se era misturado, como era puro? Porque não ha bem natural, e deste mundo, ainda que dado pela maõ de Deos, por mais puro, e dessecado que seja, que não traga em si, e consigo alguma mistura de mal. O vinho he aquelle cordeal simples medicado pela natureza para alegrar o coração humano; mas não ha alegria, ou causa de alegria taõ contraria, e alheya de toda a tristeza, que não dê que penar ao coração. Se ri, o riso será misturado com dor: se gosta, o gosto será metido entre pezares. Assim o deixou em proverbio Salamaõ, de presente, como experimentado, e de futuro, como Profeta: *Risus dolore miscebitur, & extrema gaudii luctus occupat*.

Num. 400.

142 E pois nomeamos o mais sabio de todos os homens, e o mais opulento, e delicioso de todos os Reys, elle nos dirá o verdadeiro conceito, que fez, e nós devemos fazer dos bens do mundo. Fabricou Salamaõ hum palacio real em Jerusaleem, que depois do templo, que elle edificara, foy o segundo milagre. No monte Libano traçou varios retiros, e casas de prazer, em que de mais de se ver junto todo o raro, e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, e a espessura dos bosques, a caça, e montaria de aves, e feras, e até as sombras no verão, e os soes no inverno, excediaõ com a arte a natureza. O throno de marfim, em que dava audi-
ência,

Discurso XXI. 113

encia, e a carroça chamada Ferculo, em que passeava, eraõ de tal architectura, e preço, que faz particular distincção delles a Escritura. As galas de Salamaõ o mesmo Christo lhe chamou gloria: os thesouros de ouro, e prata, que ajuntou, eraõ immensos: os gados mayores, e menores, que naquelle tempo tambem eraõ riqueza dos Reys, não tinhaõ numero: os cavallos estavaõ repartidos em quatro mil presepios. A sumptuosidade da mesa, para a qual concorriaõ diversas provincias, e a magestade, grandeza, e ordem dos officiaes, e ministros, com que era servido, foy a que encheo de pasmo a Rainha Sabâ. As baxellas, e vasos eraõ de ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros, e aromas, com que tudo recendia, quanto cria, e exhala o Oriente. Não fallo na qualidade, e gentileza das damas, filhas de Principes, e escolhidas de diferentes naçoens, entre as quaes só as que tinhaõ nome, e estado de Rainhas eraõ secenta, servidas todas com apparato, e magnificencia Real. Tudo isto gozava Salamaõ em summa paz, e com igual fama, sem inimigo, ou receyo, que lhe dêsse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação, e excessõ, que elle mesmo confessa de si, que nenhuma cousa viraõ seus olhos, nem inventaraõ seus pensamentos, nem appeteceraõ seus desejos, que lhe negasse: *Omnia*, Ecc. 2. 10.
quæ desideraverunt oculi mei, non negavi eis, nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur. Estando pois nestas felicidades, voltando os olhos a tudo, quanto tinha feito, o que vi, diz, e achei em tudo, he, que tudo he vaidade, e afflicção de animo: *Vanitatem, & afflictionem animi.* Logo se todos os bens do mundo são vaidade, como podem ser

Tom. I. H verda.

II4 *Vieira abbreviado*

verdadeiros bens? E já que lhe concedamos o nome de bens, se todos causão afflição do animo, como podem ser bens sem mistura de males?

Num. 401. 143 Mas porque não cuide alguém, que do tempo de Salamaão para cá teraão mudado os bens do mundo, ou melhorado de natureza, ouçamos outro grande oraculo quasi de nossos dias. Quando o Imperador Carlos V. fez aquella grande acção, em que teve poucos, a quem imitar, e terá menos imitadores, de renunciar o Imperio, dando as causas desta retirada depois de tantas victorias, confessou com lagrimas diante de todo o Senado de Bruxellas, que a principal, ou huma das principaes fora; porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a coroa, nem hum só quarto de hora tive de pura, e verdadeira alegria, senão sempre misturada com cuidados, affliçoens, e dores: *Se toto Regni tempore nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuissè, meramque letitiam, sed multis illam curis, angoribus, doloribusque permistam.* E se esta triste mistura experimentarão nas mayores felicidades do mundo entre os Reys Salamaão, e entre os Imperadores Carlos, que poderão dizer das suas particulares ainda os mais bem vistos da fortuna?

Num. 402. 144 Abra os olhos o mundo, e não se contente com ver os olhos por fóra, penetre os tambem, e considere-os por dentro, e achará que andaão nelle taõ contrapezados os males com os bens, que ainda em comparação dos mayores se póde pôr em balança, Num. 403. se pezaão mais os males. Por mais amadas, e por mais pertendidas, que sejaão as que chamamos venturas, todas no cabo são Racheis. Não ha Rachel, que não tenha o seu Labaão, e a sua Lia. Se Rachel agrada,

Labão

Discurso XXI. 115

Labão molesta: se Rachel dá gosto, Lia dá pena; Quanto mais que para molestar, e dar pena basta-lhe a Rachel ser Rachel. Lede a historia sagrada, e achareis, que foy tão mal acondicionada aquella formosura, que era necessario todo o amor de Jacob para aturar, e soffrer seus antojos. Muito mais trabalho lhe deo depois, do que tinha trabalhado por ella antes. Tão travados andão nesta vida os gostos com os desgostos, tão misturados os males com os bens! Se Rachel tem bom rosto, tem má condicão: se Lia tem boa condicão, tem mau rosto, e não ha bem algum tão inteiro, que possa encher os olhos, e mais o coração.

145 Estendey a vista, ou pensamento por todas as cousas do mundo, e vereis, que não achais huma só instancia, nem hum só exemplo contrario a esta verdade. Muito estimaõ os homens a gentileza, muito estimaõ o valor, muito estimaõ o entendimento; mas perguntem os formosos a Absalaõ, os valentes a David; os entendidos a Achitofel, que pensaõ pagou o primeiro á sua gentileza, o segundo ao seu valor, e o terceiro ao seu entendimento? Era Absalaõ tão galhardo mancebo, que do pé até o cabello da cabeça, como falla a Escritura, nenhum pintou a natureza mais bello. As damas lhe compravaõ os cabellos a pezo de ouro, e dos mefmos cabellos lhe teceo a morte o laço, com que pendurado dos ramos de hum carvalho acabou infamemente a vida passado pelo peito com tres lanças. Esta foy a pensaõ, que pagou Absalaõ á sua gentileza. Era tão valente David, que tremendo todo o exercito de Israel á vista do gigante Golias, elle só, e desarmado aceitou o desafio, e derrubado a seus pés com a sua propria

116 *Vieira abbreviado*

pria espada lhe cortou a cabeça. Mas foy tal a inveja, e odio, que desde aquella hora lhe cobrou El-Rey Saul, que mais de huma vez com a lança, que trazia na mão por cetro, o quiz pregar a huma parede. De maneira que lhe foy necessario a David homiziar-se pela morte do gigante; como se matara hum Hebreo, e fugir da sua victoria, como se fora delicto. Esta foy a pensão, que pagou David ao seu valor. Era tão entendido Achitofel, e tão prudentes, e sabios seus conselhos, que por testemunho do texto sagrado se ouviao como oraculos do mesmo Deos. Seguiu as partes de Absalaõ quando se rebelou contra seu pay, aconselhou-o, como lhe convinha. E porque o moço fatal não quiz seguir, senão o que já o levava ao precipicio, foy tal a sua desesperação, que atando a banda ao pescoço, e a huma trave se afogou a si mesmo. E esta foy a pensão, que pagou Achitofel ao seu entendimento. Fiaivos lá de entendimento, fazey lá caso de valentias, e prezaivos de gentilezas. Tem os males tão viciados, e corrompidos os bens, que a gentileza he laço, o valor delicto, e o entendimento loucura.

146 Mas para que he irmos buscar exemplos ao testamento velho, se no novo, e no nosso Euangelho temos o mayor de todos. Transfigurouse Christo no Thabor, apparecerao alli Moytés, e Elias, e quando parece, que haviaõ de dar o parabem ao Senhor da gloria, com que o viaõ naquelle monte, o em que lhe fallaraõ, foy da morte, que havia de padecer no Calvario: *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Jerusalem.* Póde haver pratica mais alheya da occasião, que esta? Quando o rosto de Christo está resplandecente como o Sol, estaõ lhe

fallaõ

Discurso XXI. 117

fallaõ no eclipse? Quando as suas roupas estaõ brancas como a neve, entaõ lhe fallaõ nos lutos? E nõ dia, que tem mais alegre na sua vida, entaõ lhe fallaõ na morte? Sim. Porque nãõ ha alegria neste mundo tãõ privilegiada, que nãõ pague pensaõ á tristeza. Até no monte Thabor, até na pessoa de Christo, até no milagre da transfiguraçaõ, por mais soberanos que sejaõ os bens, huma vez, que tocaraõ na terra, nãõ pôde haver gosto sem pezar, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se faltar o motivo na presença do que he, havelloha na memoria do que ha de ser. Transfigurado agora, mas crucificado depois. E sendo a transfiguraçaõ, como logo disse o mesmo Christo, parecida com a resurreiçaõ, e nãõ com a morte, virãõ dous homens do outro mundo, que misturem a morte com a transfiguraçaõ, e confundão o Calvario com o Thabor.

147 Seja pois a conclusãõ destas experiencias, e Num. 405
defenganos do mundo fazermos tãõ pouco caso dos seus chamados bens pela mistura, que sempre trazem de males, como se verdadeiramente foraõ puros males sem nenhuma composiçaõ, ou temperamento de bens. Só os bens daquella patria celestial, Num. 406
só os bens daquella terra de promissaõ da gloria, só os bens daquelle Thabor da bemaventurança, só aquelles unicamente se podem chamar bens, porque só sãõ bens sem mistura de nenhum mal. Sãõ os moradores do mesmo Ceo, como as estrellas fixas do Firmamento, aonde nãõ chegaõ fumos dos vapores da terra, que as offusquem; e por isso os bens naturaes da mesma patria sãõ puros, sinceros, e perfeitamente bens sem corrupçaõ, contrariedade, nem mistura de mal.

118 *Vieira abbreviado*

Num. 407. 148 Entre todas as plantas do Paraíso terreal houve duas arvores mais insignes, e de que só sabemos o nome; que foraõ as arvores da ciencia, e a arvore da vida; mas a da ciencia continha dous contrarios, a da vida não; porque a ciencia era do bem, e juntamente do mal, que he o contrario do bem: e a da vida era da vida sómente, e não da vida, e da morte, que he o contrario da vida. Pois se ambas eraõ arvores do Paraíso, porque havia nellas esta grande differença? Porque tambem o Paraíso não era absolutamente Paraíso, senão Paraíso terreal, e por isso humas das suas plantas era parecida ás delicias da terra, e outra semelhante ás do Ceo. A parecida ás da terra era da ciencia do bem, e do mal; porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem. E a semelhante ás do Ceo era da vida sem morte; porque no Ceo todo o bem he puro, e sincero sem mistura, nem companhia de mal.

Num. 410. 149 No mundo não ha gosto sem mistura de pezar, nem alegria sem mistura de tristeza: e semelhantes misturas de nenhum modo tem lugar no Ceo, onde as alegrias, e os gostos, como todos os outros bens, são puros, e sem mistura de mal. A alegria no Ceo he sem tristeza, o gosto he sem pezar, o descanso he sem trabalho, a segurança he sem receyo, o socego sem sobrefalto, a paz sem perturbação, a honra sem aggravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem inveja, a abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a saude sem enfermidade, a vida sem temor da morte: em fim todos os bens puros, e sem mistura de mal, e por isso verdadeiros bens. O' bemaventurados do Ceo, olhay lá de cima

Discurso XXI. 119

cá para este mundo, e tende nova gloria accidental dos bens, que gofais, não digo em comparação dos males, senão dos bens, que nós padecemos. Acabo com fazer a todos os que me ouviraõ huma tó pergunta. Credes isto, que ouvistes, ou não? Quem crê o primeiro, e segundo ponto, he Christaõ: quem não crê o segundo, he gentio; mas ou sejais gentios, ou Christaõs, se totalmente não tendes perdido o entendimento, e o juizo, não podeis deixar de estar persuadidos do que ouvistes, ou a desprezar a falsidade de huns bens, ou a desejar juntamente a verdade dos outros.

Num. 428.

150 O gentio não sabe, que a alma he immortal, nem crê, que ha outra vida. E com tudo se lerdos os livros de todos os gentios, nenhum achareis nem Filosofo, nem Orador, nem Poeta, que só com o lume da razaõ, e experiencia do que vem os olhos, não condemne o amor, ou cubiça dos chamados bens deste mundo, e não louve o desprezo delles. Gentio houve, que reduzindo a dinheiro hum grande patrimonio, que possuia, o lançou no mar dizendo: Melhor he, que eu te afogue, que tu me percas. Deixo os risos de Diogenes, que metido na sua cuba zombava dos Alexandres, e suas riquezas. Deixo a sobriedade dos Socrates, dos Senecas, dos Epictetos, e só me admira, e deve envergonhar a todo o Christaõ o exemplo do mesmo Epicuro neste conhecimento, sendo elle, e a sua feita a que mais professava as delicias: *Gaudebis minus? Minus dolebis*. Dizia o comico gentio, e fallando com gentios: Se tiveres menos gostos, tambem terás menos dores. E porque na mistura dos falsos, e enganosos bens dividiaõ o bem do mal, e contrapezavaõ o que tinhaõ

120 *Vieira abbreviado*

de gosto com o que causavaõ de dor, antes naõ que-
riaõ padecer a parte do verdadeiro mal, que gozar
do falso bem. Naõ seria louco o que pela doçura da
bebida tragasse juntamente o veneno? Esta pois
era a razãõ, e a evidencia, com que sem fé, nem co-
nhecimento da outra vida se defenganavaõ os gen-
tios, e huns pelo pezo se descarregavaõ dos falsos
bens, outros pelo desprezo os metiaõ debaixo dos
pés.

DISCURSO XXII.

*Tirado do mesmo sermaõ, em que o Auçtor mostra,
que dos bens do mundo quando muito logra cada
hum os seus: dos bens do Ceo, e no Ceo logra
cada hum os seus, e mais os de todos.*

BENS DO CEO.

151 **D**Ando a razãõ desta differença entre os
bens do mundo, e os do Ceo S. Joaõ
Chrysostomo, diz em huma palavra, que he porque
no mundo ha meu, e teu, e no Ceo naõ: *Ubi non est
meum, ac tuum, frigidum illud verbum.* Antes pa-
rece, que porque no mundo ha meu, e teu, por isso
havia de lograr cada hum o seu pacificamente, e sem
contenda. Eu o meu; porque he meu, e vós o vosso;
porque he vosso. Mas naõ he assim. Eu para lograr o
meu hei-me de guardar de vós, e vós para lograr o
vosso, haveisvos de guardar de mim. Por isso chama
o Santo ao meu, e teu com elegancia verdadeira-
mente aurea, palavra fria: *Meum, ac tuum, frigidum
illud verbum.* E que frieza, ou frialdade he esta do
meu,

Discurso XXII. 121

meu, e teu? He tal frieza, e tal frialdade, que não ha amor no mundo tão ardente por natureza, e tão intenso por obrigação, que logo não esfrie. Em havendo meu, e teu não ha amor de amigo para amigo, nem amor de irmão para irmão, nem amor de filho para pay, nem amor de pay para filho, nem amor de proximo, por mais religioso que seja, para outro proximo, nem amor do mesmo Deos para Deos. Antes de haver meu, e teu, havia amor; porque eu amavavos a vós, e vós a mim; mas tanto que o meu, e teu se meteo de permeyo, e se atravessou entre nós, logo se acabou o amor; porque vós já me não amais a mim, senão o meu, nem vos amo a vós, senão o vosso. No principio do mundo, como gravemente pondera Seneca, porque não havia guerras? Porque usavaõ os homens da terra, como do Ceo. O Sol, a Lua, as estrellas, e o uso da sua luz he commun a todos, e assim era a terra no principio. Porém depois, que a terra se dividio em differentes senhores, logo houve guerras, e batalhas, e se acabou a paz, porque houve meu, e teu.

152 Que direi dos meynos, e dos remedios, das
industrias, das artes, e instrumentos, que os homens
tem inventado, para que cada hum podesse possuir
e lograr o seu segura, e quietamente, mas sem pro-
veito? Para guardar a casa inventaraõ as portas, e as
fechaduras; mas pela mesma abertura, por onde en-
tra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a
gazua. Para finaliar os limites de cada hum inventa-
raõ os marcos, e para guardar a vinha, e o pomar
inventaraõ os vallados, as silvas, as seves, e as pare-
des de pedra ligada, ou solta; mas tudo isto se rompe,
e se escala. Para guardar as Cidades inventaraõ
os

Num. 414

122 *Vieira abbreviado*

os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artelharía, a polvora; mas não ha Cidade tão forte, que por bataria, ou por assalto, ou minada por baixo da terra, ou pelo ar se não expugne, e renda.

153 Para guardar os Reynos, e os Imperios inventarão as armadas por mar, e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo com tanta ordem, e disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios, e machinas bellicas; mas nenhum destes apparatus tão estrondosos, e formidaveis tem bastado, nem para que os Assyrios guardassem o seu Imperio dos Persas, nem os Persas o seu dos Gregos, nem os Gregos o seu dos Romanos, nem os Romanos finalmente o seu daquelles, a quem o tinham tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos, que tinham vencido, e dominado. Mais inventarão, e fizeram os homens a este mesmo fim de conservar cada hum o seu. Inventarão, e firmarão leys, levantarão tribunaes, constituirão Magistrados, deraõ varas ás chamadas justiças com tanta multidão de Ministros mayores, e menores, e foy com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladroens, os meteraõ das portas a dentro, e em vez de os extinguirem, os multiplicarão. E os que furtavaõ com medo, e com reboço, furtaõ debaixo de provisoens, e com immuniidade. O solicitador com a diligencia, o escriptaõ com a penna, a testemunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o belleguim com a chuça. Todos foraõ ordenados para conservarem a cada hum no seu, e todos por differentes modos vivem do vosso.

Os

Discurso XXII. 123

154 Os bens deste mundo como são corruptiveis, Num. 415.
ainda que não haja ladrao, que os fure, elles mesmos se nos roubaõ; porque as roupas, por preciosas que sejaõ, come-as a polilha, que nasce das mesmas roupas. E os metaes, ainda que sejaõ ouro, e prata, roe-os a ferrugem, que nasce dos mesmos metaes. Quando não houvera cossarios no mar, nem salteadores nos caminhos, nem ladroens publicos, e secretos no povoado, quem ha taõ poderoso, que possa conservar, e lograr o que possue neste mundo contra os roubos inevitaveis da natureza? Que são todos os elementos, senão huns roubadores universaes de tudo, o que grangea, e trabalha o genero humano? O fogo nos rouba com os incendios, a agua com as inundaçoens, o ar com as tempestades, e a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas, que como semeada com os dentes de Cadmo, nascem, e se levantaõ della para outra vez nos roubar o que, nos tem dado. Tudo, o que nasce na terra, o Sol, e a chuva o cria; mas o mesmo Sol, se he demasiado, o queima, e a mesma chuva, se he muito continuada, o afoga, para que acabemos de nos defenganar da pouca firmeza, ou segurança, que póde haver nos bens, que não são do Ceo, pois as mesmas causas, que os daõ, os tiraõ, e as mesmas, que os produzem, os mataõ.

155 Mas concedamos, ou finjamos, que houve Num. 417.
hum homem taõ mimoso da fortuna, que todos os bens, que possue deste mundo, ou herdados, ou adquiridos, os logrou pacificamente, sem que a inveja dos iguaes, nem a potencia dos mayores lhe inquietasse a posse, ou duvidasse o dominio: que felicidade he a deste homem? Primeiramente com ter fingi-
da

124 *Vieira abbreviado*

da, e não usada, se os bens são poucos, não deve de estar contente, e se são muitos, quem duvida, que ainda deseje mais? Sendo certo, que em hum, e outro caso mais vem a padecer, que a logra o que tem.

156 Mas se por graça especial de Deus he esse homem tão moderado, e tão senhor de seus appetites, que com o seu pouco, ou o seu muito se dá por satisfeito, possue, e logra mais alguma coisa, que o seu? Não. Pois esta he a differença, que ha entre os bens do Ceo, e os do mundo. Os do mundo, quando muito, e por milagre tanto da natureza, como da fortuna, logra cada hum os seus: os do Ceo não só logra cada hum os seus, senão tambem os de todos. Oh se entendessemos bem este ponto, que pouco caso fariamos dos bens da terra!

DISCURSO XXIII.

Tirado de hum sermão, que o Auçtor prégou em Roma sobre os bens perdidos.

BEM PERDIDO.

Part. 14. n. 157
75.
Num. 106.

Admiravel foy David na arpa, e admiravel na funda, com a arpa afugentava demônios, com a funda derrubava gigantes. A mão de David não perde tiro, e se a minha o perde na pedra, que hoje atira, sem duvida se perdera hum grande bem; porque he do bem perdido. Disse com alto sentimento Tertulliano, que nesta vida não só se padecem os males, senão tambem os bens, e que assim como ha males, que excedem a paciência, assim ha bens intoleraveis: *Quorumdam bonorum, sicut & malo-*

Discurso XXIII. 125

malorum intolerabilis patientia est. E que bens, pergunto eu, são aquelles, que se padecem? Que bens ha nesta vida intoleraveis, senão os bens perdidos? Os bens, que já foraõ, e se acabaraõ, e que não nos deixaraõ de si outra prenda, que a memoria, e a dor.

158 Esta he a segunda pedra da funda de David, pedra em tudo proporcionada á cabeça vã do gigante, quero dizer a ti, ó Roma, taõ perdida hoje mais que nunca pelos bens, que se perdem. Os bens deste mundo, isto he os falsos bens, adquirem-se com trabalho, perdem-se com dor; porém a dor he castigo, e não remedio: os bens do Ceo, isto he os verdadeiros bens, também se podem perder; porém se te lastima, e doe telos perdidos, a mesma dor da perda he o remedio della. A ferida causa a dor, e a dor ferra a ferida. Tal he a virtude da pedra de hoje, se eu acerto a empregar bem o tiro, e tal também a materia nobilissima, que para o discurso, ou meditação desta noite nos tem assinado o nosso grande interprete: *Dolor amissi*, a dor do bem perdido. Vós, os que tendes perdido algum bem, e aquelles principalmente, que tem perdido o summo bem, se quereis saber o motivo, e remedio de vossa dor, e doervos heroica, e ditosamente, daimé attençaõ.

159 Toda a materia presente se resolve em tres Num. 107. palavras: dor, perda, e bem; porém a complicação destes mesmos termos he tal, que havendo de tratar da dor do bem perdido, o primeiro perdido sou eu; porque quando quero combinar a dor com a perda, a perda com o bem, e o bem com a dor, me acho cercado por todas as partes, e prezo sem sahida dentro de hum circulo por huma parte inevitavel, e por outra incrivel. Todos crêm, que a dor he a medida da

126 *Vieira abbreviado*

da perda, e a perda a medida do bem; sendo porém certo, como he, que o bem possuido se estima menos, e o mesmo bem perdido se estima mais, daqui se segue, que a perda cresce, e faz mayor o bem, e que o bem perdido feito mayor faz tambem mayor a dor. De maneira, que caminhando do bem para a perda, e da perda para a dor, o bem, a perda, e a dor são menores; porém tornando da perda para o bem, e do bem perdido para a dor, a dor, a perda, e o bem são mayores, e tudo isto sendo o bem o mesmo, e não diverso.

160 Já vedes a força da difficuldade, que não pôde ser mais clara á experiencia, nem mais escura á razão. Porém para sahir deste labyrintho tão intrincado a mesma escuridade da razão nos dará a luz, e a mesma difficuldade da experiencia o fio: oh se eu acertara a descobrir a verdadeira causa, pela qual o bem perdido sendo hum, e o mesmo, ou verdadeiramente he mayor, ou sendo erro, se julga tal!

Num. 109. 161 Qual he logo, ou qual pôde ser a razão, porque a ovelhinha perdida, e qualquer outro bem perdido se estima tanto mais depois que se perde, que quando se possuia? Dizem communmente, que a razão desta mayor estimação he a dor; porque o bem possuido he objecto do gosto, e o bem perdido he objecto da dor, e a dor move o sentido mais efficaçmente, que o gosto. A philosophia he verdadeira, porém a resposta he falsa. He verdade, que a paixão da dor move mais forte, e mais efficaçmente o sentido, que o affecto do gosto; mas que a razão, ou motivo da mayor estimação do bem depois de perdido seja a dor, he falso: logo a mayor estimação do bem perdido não provem da dor; porque aquelle mayor,

Discurso XXIII. 127

mayor, e aquella mayor estimação foy no Ceo: *Gaudium erit in caelo*, e no Ceo não ha dor. Qual será pois a verdadeira razaõ desta differença tão notavel? Eu a direy.

162 A mayor estimação do bem perdido não Num. 410. provem da dor da perda, nem da mesma perda do bem; mas por occasiã da perda provem o mayor, e verdadeiro conhecimento do mesmo bem, o qual antes de perdido não se conhecia. Entre o conhecimento do bem, e o conhecimento do mal ha huma grande differença: o mal conhece-se, quando se tem, e o bem, quando se teve, o mal quando se padece, o bem quando se perde. Em quanto Adaõ estava no Paraíso, não conhecia bem nem o bem, nem o mal: o bem não, porque possuia todos os bens, o mal também não; porque não padecia mal algum; mas depois que foy lançado do Paraíso, no mesmo ponto teve inteira sciencia do bem, e do mal: do mal, porque o padecia, do bem, porque o tinha perdido.

163 Assim foy em Adaõ, e assim he em todos os seus filhos: quão facilmente estraga o saõ a sua saúde, e quão prodigamente dissipa o vaõ as riquezas! Porém esperay hum pouco: succedera a saúde à enfermidade, e vós conhecereis bem, o que tendes na saúde: succedera a riqueza á pobreza, e necessidade, e vós conhecereis o bem, que não soubestes estimar na riqueza; por isso ordenou a providencia, que fosse varia, e mudavel a que vós chamaes fortuna. Ella he inconstante, porque vós sois ingratos. Troca Deos os bens em males, para que vós conheçais huns, e outros: os bens, que vos deo, na privação, e na experiencia os males, de que vos livrou. Na abundancia não conhecia o filho prodigo nem a felicidade,

128 *Vieira abbreviado*

de, nem a miseria: na fome conheceo a miseria presente, e a felicidade passada. Até Job, aquellle grande homem feito por Deos de proposito ou para triunfo, ou para desprezo de huma, e outra fortuna, na experiencia da adversa conheceo a differença da prospera. A posse dos bens he hum véo, que os occulta, para que se não conheçaõ. A perda dos mesmos bens corre o véo, e entaõ se descobre, e vê claramente nelles aquillo, que se não estimava, nem conhecia.

Num. 112. 164. Esta he a mayor desgraca dos bens, contraria em tudo á natureza dos males: os bens vemse de longe, os males de perto: os males quando vem, os bens quando fogem, os males pelo direito, os bens pelo avesso, os males pelo rosto, os bens pelas espaldas. Quando voltaõ as costas os bens, entaõ se conhecem, quando fogem, quando se vaõ, quando nos deixaõ, quando finalmente passaraõ, e se perderaõ, entaõ se conhecem. Este he todo o mysterio da dor do bem perdido: da perda nasce o conhecimento, do conhecimento a estimacão, da estimacão a dor: *Dolor amissi.*

Num. 113. 165 Sendo pois o motivo certo, e proprio do bem perdido a privacão do mesmo bem, já verdadeiramente conhecido, e como conhecido estimado, de todo este discurso se conclue claramente contra o que ao principio se arguia, que a medida da dor do mesmo bem he sempre a mesma; porque em quanto o bem se possue, não póde causar dor. E quando se perde, e he materia de dor, já se conhece com toda a sua amabilidade, e formosura: o mayor bem do bem, e a sua mayor fortuna he chegar a perderse: para quem o possue he perda, para o mesmo bem he usura;

Discurso XXIII. 129

usura; porque perdido se conhece, e se lhe dá o lugar, que merece. Em quanto possuido tinha pequeno, e humilde lugar no coração; porque não era conhecido: depois de perdido, porque já se conhece, dalhe o coração muito mayor, e melhor lugar, isto he, igual ao seu merecimento, dignidade, e grandeza. Não he muito diverso o lugar, e alojamento, que se dá a hum Principe incognito, ou conhecido? Pois assim trata o coração ao bem, e daqui se segue, que he muito mayor o lugar, que occupa a dor no coração, que aquelle, que occupa o gosto. Em quanto possuido o bem, como a incognito, davalhe o coração dentro em si hum humilde lugar, pequeno, e desigual ao seu merecimento, e este he o que occupa o gosto. Depois de perdido, como já se conhece a sua grandeza, compoemlhe o mesmo coração outro alojamento, e outro lugar muito mayor, e mais largo, proporcionado a ella, e este he o que occupa a dor.

166 Porém tomadas assim, e tão ao justo as verdadeiras medidas da dor do bem perdido, não imagine por isso algum, que fica também já conhecida a fineza, e a limpeza da mesma dor, que he o ponto principal do nosso argumentó. Toda a dor de hum grande bem perdido he grande; porém não basta ser grande para ser fina. A fineza não he quantidade, nem he o mesmo doer-se muito, que doer-se: finalmente qual será logo na perda do bem a dor fina, e heroica, e em grao superlativo limpa?

167 Para fatisfazer á curiosidade-utilissima deste ponto supponho primeiro, que nas perdas do bem ha nias, e menos: ha bens mais perdidos, e bens menos perdidos. O bem perdido menos perdido he

Núm. 11.5.

130 *Vieira abbreviado*

aquelle, que depois de perdido se póde recuperar: o bem mais perdido, e totalmente perdido he aquelle, que perdido huma vez não póde recuperar-se. Perde hum homem a Deos, e perde o tempo: qual he mayor perda? Em razão de bem he Deos, em razão de perdido he o tempo; porque Deos perdido póde recuperar-se, o tempo perdido não se póde recuperar. Mais: Ha bens perdidos, que com a mesma dor de telos perdido se recuperaõ. E ha bens perdidos, que com nenhuma dor se podem recuperar depois de perdidos. Morreo a hum pay seu filho, doe-se, mas nem por isso resuscita o filho: perdeu a fazenda, doe-se, mas nem por isso torna a fazenda para casa. Pelo contrario perde hum homem a graça de Deos, doe-se, e no mesmo ponto recupera a graça: morre o merecimento pelo peccado, doe-se, e no mesmo ponto resuscita, e torna a reviver o merecimento. Supposta pois esta distincão, e differença de bens mais perdidos, e menos perdidos, e de perdas recuperaveis, e que se não podem recuperar, vindo ao ponto digo, que aquella dor, que chora a perda de hum bem totalmente perdido, e que com nenhuma dor se póde recuperar, esta he a fina, a heroica, e limpa dor do bem perdido: se quem o tem perdido, o póde recuperar, ainda que a dor seja grande, não he fina, se não póde recuperar-se, e com tudo chora a sua perda, e se doe inconsolavelmente quem o tem perdido: aqui está a fineza da dor.

168 Duas vezes se celebra no Euangelho o pranto da Magdalena, tão formosa pelas suas lagrimas, como pelo seu amor. A primeira, quando chorava seus peccados aos pés de Christo: a segunda, quando chorou a morte do mesmo Christo sobre a sua sepul-

Luc. 7. 38.
Joan. 20.
15.

Discurso XXIII. 131

sepultura. Em hum, é outro pranto foraõ copiosissimas as suas lagrimas, em hum, e outro nascidas de dor, e dor excessiva; porém que dor, e que pranto vos parece, que foy o mais heroico, e mais fino? Dirmeheis, que foy o primeiro, porque este foy louvado pela boca de Christo não só como effeito da penitencia, mas como filho legitimo do amor, que he a raiz de toda a fineza, e esse mesmo amor qualificado, e canonizado por muito: *Quoniam dilexit multum*. Com tudo eu não duvido affirmar, que o segundo pranto, e a segunda dor foy muito mais heroica, e muito mais fina. E porque? Porque a primeira dor chorava hum bem perdido, que se podia recuperar com a mesma dor, e com as mesmas lagrimas. Porém a segunda chorava outro bem perdido, que com nenhuma dor, ainda que excessiva, com nenhuma lagrimas, ainda que mais copiosas, se podia recuperar: logo este segundo pranto, e esta segunda dor foy mais heroica, e mais fina; porque chorava Maria, e se doia de hum bem perdido, que a sua dor, e as suas lagrimas não podiaõ remediar. Doer-se do bem perdido, que se recupera com a dor, he remedio: doer-se do bem perdido, que com nenhuma dor se póde remediar, he dor. Deixaime dividir esta verdade, para que a vejaõ os olhos em duas imagens, huma da dor grosseira, e vulgar em lagrimas de David, outra da dor heroica, e fina no pranto de Rachel.

169 Enfermou mortalmente em tenra idade o primeiro filho, que David teve de Bethsabee, e não se póde dizer facilmente o excesso da sua dor. Morrerão ás mãos de Herodes os filhos de Rachel, isto he, os innocentes de Bethlem, aonde ella tinha a sua se-

Num. 1178

Num. 1181

132 *Vieira abbreviado*

pultura. Introduz o Profeta Jeremias, aquelle grande Mestre de dores, e de prantos, a triste mãy lamentando a sua morte com prantos, e clamores, a que respondiaõ com lastimosos ecos os montes. Porque se consola David? Porque não tem remedio a morte de seu filho: *Numquid potero revocare eum?* Porque se não quer consolar Rachel? Porque não tem remedio a morte de seus filhos: *Et noluit consolari, quia non sunt.* De maneira, que pela mesma razão David se consola, e Rachel não quer admittir consolação? Pela mesma razão David enxuga as lagrimas, e Rachel se condemna a perpetuo pranto? Sim. Pela mesma razão; porque aquella dor era grosseira, e vulgar, esta era fina, e heroica. A dor, que não he fina, morre com quem morre. A dor, que professa fineza com quem morre, se faz immortal. David na mesma sepultura sepultou seu filho, e a sua dor, antes quando sepultou o filho, já a dor estava sepultada: *Numquid potero revocare eum?* Oh razão indigna de hum pay, e muito mais indigna de hum coração, como o de David! Porque me hei de affligir, se já não tem remedio? Antes porque não tem remedio vos deveis affligir mais: para as perdas, que tem remedio, se fez a diligencia, para as que não tem remedio, se fez a dor. Quem chora o bem perdido, que se póde remediar com a dor, ama o seu alivio: quem chora o bem perdido, que com nenhuma dor se póde remediar, ama a sua dor, e esta he a dor verdadeira, e fina. Pelo contratio Rachel quando sepultou aquelles ossos tenros das suas entranhas, na mesma sepultura enterrou juntamente todo o seu contentamento, toda a sua alegria, toda a sua consolação, antes a esperanza toda, e ainda o pen-

Discurso XXIII. 133

pensamento de consolar-se já mais: *Et noluit consolari, quia non sunt.* Ah Rachel, que só vós soubestes doervos com fineza verdadeiramente heroica! Oh palavras dignas de se gravarem em huma pyramide de bronze sobre o marmore daquella sepultura, para que fossem lidas de todos os seculos, como epitaphio eterno á immortalidade da dor!

170 Assim se doe quem vulgar, ou finamente se doe. Estas são as duas imagens, huma morta, e outra sempre viva, da vulgar, e da heroica dor na perda do bem. A dor vulgar chora como David em quanto espera o remedio, a heroica chora como Rachel, porque o não espera. A vulgar com a impossibilidade do remedio se consola, a heroica com a mesma impossibilidade se affina mais: *Amor non suscepit de impossibilitate solatium, nec de difficultate remedium*, disse Chrysologo. E se quereis saber, porque a dor do bem perdido na impossibilidade do remedio se affina mais, e totalmente se apura, a razão desta subtilissima Filosofia he; porque na impossibilidade do remedio se purifica, e alimpa a dor da ligga, e mistura de toda a paixão, ou affecto, que não he dor. A dor do bem perdido, que suppoem o remedio possivel, vay misturada com a esperança, e com o desejo do mesmo bem, e por isso não he dor pura. Porém a dor, que conhece o remedio impossivel, como o impossivel se não póde esperar, nem desejar, a mesma impossibilidade leva a esperança, e o desejo, e tirado o desejo, e a esperança, fica só a dor pura, e limpa: quem se doe do bem perdido, que se póde recuperar, perdeu o bem, mas não perdeu o desejo, nem a esperança do bem; porém quem se doe do bem perdido, que se não póde recuperar, não

Num. 119.

134 *Vieira abbreviado*

só perdeu o bem, mas juntamente com o bem perdeu também o desejo, e a esperança. E quem, perdido o bem, e perdido o desejo, e a esperança do bem, não perde a tua dor, este se doe pura, e heroicamente. Aquillo he amar-se, isto he amar, aquillo he remediar-se, isto he doer-se.

Num. 420. 171 Havemos philosophado affaz, e por ventura demasiado; mas tudo he necessario ao fim, e proveito do nosso discurso. O mayor, e o melhor bem perdido, senhores, he Deos, e a graça de Deos, que se perde pelo peccado; mas como Deos perdido, e a graça de Deos perdida se recupera pela dor, parece, que sobre a perda deste bem, sendo o mayor, e summo; não cabe, nem tem lugar a dor limpa, e fina. A dor limpa, e fina do bem perdido he doer-se de hum tal bem, que se não possa remediar com a dor. Este póde remediar-se, e se remedeia com a mesma dor: logo não póde ter lugar nesta perda a dor fina, e limpa. Digo, que sim póde, e com mayor fineza. Ora vede. No peccado ha huma cousa, que se póde remediar; outra, que não tem remedio. E que duas cousas são estas? Huma he o peccado, outra o haver peccado: o peccado póde remediallo o peccador com a dor, o haver peccado não o póde remediar com nenhuma dor, nem ainda o justo; porque o peccado póde perdoar a misericordia, o haver peccado não o póde desfazer a omnipotencia. Daqui vem, que depois de remediado, e perdoado o peccado, e depois de recuperada pela dor a graça perdida, se com tudo o peccador se doe, não já do peccado, senão de haver peccado, esta dor he a fina, a heroica, a pura, e limpa dor do summo bem perdido. Tudo deixo já provado no meu discurso: o que resta

Discurso XXIII. 135

resta he elevallo a materia mais alta.

172 Fallo agora com vosco, ó almas ditosas, que depois de teres offendido, e perdido a Deos, vos tendes reconciliado com elle; e depois de perdida a sua graça, por merce, e misericordia sua a tendes recuperado. Doei-vos, e chorai agora aquillo, que se não póde remediar com a mesma dor, que he o haver peccado; e melhorai com mais nobre, e mais sublime impossivel os exemplos da Magdalena, e Rachel. E se não he digna de tão alta imitação aquella dor de David, pouco ha de mim tão mal reputada, imitai outra do mesmo heroe, que para este ponto só reservou as finezas da sua dor. Porque não chorava David o peccado, mas o haver peccado? O peccado não; porque já estava remediado com a dor, com o perdaõ, e com a graça: o haver peccado sim; porque nem com a dor, nem com o perdaõ, nem com a graça, nem de alguma outra maneira podia remediar-se.

173 Porém se chorava o ter peccado, e o ter peccado he mal, que não tem remedio, como pedia David a Deos o remedio deste mal, e por isso não diz: Lavaime, Senhor, senaõ: Lavaime mais: Amplius lava me, suppondo duas purificaçoens, huma mayor, que outra? Sendo pois a primeira purificação aquella, que lava o peccado, e com que o peccado de David estava já lavado, parece, que a segunda he aquella, com que se lava o haver peccado; mas se isto he impossivel, que diremos a esta grande davida? Inferiremos daqui, que o que he impossivel á natureza, he possivel a dor, e que alcança mais a mesma dor da misericordia, do que lhe póde dar a omnipotencia? He certo, que muitas cousas, que o entendimento

Num. 122

136 *Vieira abbreviado*

humano julga impossiveis á omnipotencia, as fez, e mostrou possiveis a misericordia. Digo, que a misericordia divina por meyo da nossa dor não só pôde desfazer o peccado, senão tambem o haver peccado. Não era decente, que fosse mais fina a dor do homem em doerse de haver peccado, que a misericordia divina em dar poder á mesma dor para fazer, que o peccado feito não seja feito. Ouvi o grande Padre S. Gregorio Arelatense, o qual no livro da Penitencia diz assim: *Laboremus totis viribus curare maculas, lavare culpas, subvenire præteritis, consulere futuris*. E que mais? *Et facere infecta de factis*.

Greg. Are-
lat. lib. de
Pœnit.

N. um 324.

174 Mas que tenho dito eu? Se a dor heroica, e fina desfaz ainda o haver peccado, dirmeheis, e com razão, que a mesma dor desfaz tambem a sua mesma fineza, e todo o meu discurso; porque se a dor fina he aquella, que chora, e se doe da perda, que não tem remedio, e o haver peccado pôde em fim remediarse com a mesma dor: logo a dor, que chega a remediar o haver peccado desfaz a sua mesma fineza, e não he dor heroica, nem fina? Respondendo, que não só he fina, senão muito mais fina, se com tudo isso se doe; porque troca com huma fineza grande outra mayor, qual he doerse depois de ter alcançado o remedio. Doerse para remediar a dor não he fineza, doerse quando a dor não tem remedio, fim. Porém se a dor, que não tinha remedio, por modo, que parecia impossivel, em fim se remediou, doerse ainda assim depois de remediada he a mayor fineza de todas as finezas. E porque? Por tudo o que havemos dito; porque não he doerse por esperança, nem doerse por impossibilidade, nem doerse por falta de remedio, senão doerse por doerse. O mal remediado

Discurso XXIII. 137

mediado he motivo de alegria, e tanto mais, quanto o remedio parecia mais impossivel, e que vencido o impossivel, e conseguido o remedio depois de deixar de ser, e haver sido o mal, seja ainda motivo a dor, isto he o mais fino da fineza. Atéqui chegou a dor do mayor exemplar das dores, e eu não sei, nem posso passar mais a diante.

175 Senhores meus, ou mais, ou menos fina dor ha para todos. Já que por nossa desgraça temos feito os peccados, ao menos saibamos desfazellos. Aqui se deve empregar toda a dor, e reduzir a esta só tantas outras dores, tão vãs, como as suas causas. Entre tanta multidão de abusos, quantos padece hoje o nosso desgraçado século, o mayor, e mais lamentavel he o abuso da dor. As perdas dos bens eternos, que só são dignas de dor, e para cujo remedio foy feita a dor, nem se estimaõ, nem se choraõ, nem doem. As lagrimas, as queixas, as lamentações sem fim todas as leva a dor das perdas temporaes, que nem merecem dor, nem se remedeiaõ com ella. Ouvi o mayor Prégador da Grecia, e da Igreja Chryfotomo: *Luge peccata, & ipsa doleas, propter hoc enim facta est tristitia, non ut in morte, aut in re tali doleamus:* Chora, diz, ó Christaõ, teus peccados, e doete só daquillo, para cujo remedio foy feita a dor. Grande, verdadeira, e fortissima razão!

Chryfot.
hom. 5. ad
Pop.

176 Nem a natureza, nem Deos fizeram neste mundo cousa alguma ociosa, inutil, e sem fim. E qual he o fim, para que Deos fez a dor, que parece tão contraria, e tão inimiga da mesma natureza? Pelos effeitos se vê. Nenhum mal se remedeia com a dor, senaõ o peccado, nenhum bem se restaura pela dor, senaõ a graça: logo só para remedio deste mal, e só

138 *Vieira abbreviado*

e só para restauração deste bem foy feita a dor. Oh dor! Remedio unico do summo mal! Oh dor! Preço unico do summo bem! E que mayor dor, que ver os abusos, em que te desperdição os homens sem utilidade, nem proveito! Este se doe da sua pobreza, e nem por isso deixa de ser pobre: aquelle se doe da sua enfermidade, e nem por isso se vê saõ: outro, e tantos outros se doem da má correspondencia dos poderosos, e nem por isso os fazem mais justos, ou menos ingratos. Doe-se o amor, e o odio, doe-se o desejo, e o temor, doe-se a esperança, e a desesperação, doe-se a miseria, e a fome, o fastio, e a abundancia tambem se doem. Doe-se a soberba, doe-se a cubiça, doe-se sobre todos a inveja, e não pelos males proprios, senão pelos bens alheyos; porque o outro cresce, porque sobe, porque póde, porque manda, e ainda porque vive, e porque tarda em lhe vir a morte, genero de dor, que não alcançou a imaginar o pensamento de Chrysostomo prégando não em Roma, mas em Constantinopla: *Ut non in morte, aut in re tali doleamus*. Estas são as dores do mundo, e não sey se tambem as da cabeça do mundo, menos miseravel por aquillo, de que se doe, que por aquillo, de que não se doe. Que miseria mais miseravel, que ver tantas almas, que tem perdido a graça de Deos, doer-se, e doer-se de outra coisa, que não são os seus peccados? Senhores meus, desengano, livrar-se, ou escapar-se da dor nesta vida he impossivel: não ha fortuna tão alta, ou estado tão felice, nem a purpura, nem a coroa, nem a tiara, que dentro, ou fóra não pague tributo á dor. Que melhor conselho logo, que reduzir todas as dores a huma só dor, e tantas dores inuteis, e vãs, e de mayor tormento,

Discurso XXIV. 139

mento a huma tó dor, que nesta, e na outra vida me livra de todas? Levai este ultimo documento, e fejaõ epilogo de todo o meu discurso estas duas palavras: Conhecer, que a dor he o unico remedio do bem perdido, e que o mayor bem perdido he a dor, que se perde.

DISCURSO XXIV.

Tirado de hum sermaõ da quinta quarta feira da Quaresma pregado na Misericordia de Lisboa contra a cegueira dos Escribas, e Fariseos.

CEGUEIRA.

177 **S**E lançarmos os olhos por todo o mundo, Part. I. Pag. 619. acharemos que todo, ou quasi todo he habitado de gente cega. O gentio cego, o Judeo cego, o herege cego, e o Catholico (que não devera ser) tambem cego. Mas de todos estes cegos quaes vos parece, que são os mais cegos? Não ha duvida, que nós os Catholicos; porque os outros são cegos com os olhos fechados, nós somos cegos com os olhos abertos. Que o gentio corra sem freyo a poz os appetites da carne: que o gentio siga as leys depravadas da natureza corrupta! Cegueira he; mas cegueira de olhos fechados: não lhe abriu a fé os olhos. Porém o Christaõ, que tem fé, que conhece, que ha Deos, que ha Ceo, que ha inferno, que ha eternidade, e que viva como gentio! He cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego, que o mesmo gentio. Que o Judeo tenha por escandalo a Cruz, e por não confessar, que crucificou a Deos, não queira adorar a hum

140 *Vieira abbreviado*

a hum Deos crucificado ! Cegueira he manifesta ; mas cegueira de olhos fechados ; por isso mordidos das serpentes no deserto só saravaõ os que viaõ a serpente de Moysés exaltada, e os que não tinhaõ olhos para a ver, não saravaõ. Porém que o Christão (como chorava S. Paulo) seja inimigo da Cruz, e que adorando as chagas do Crucificado, não fare das suas ! He cegueira de olhos abertos, e por isso mais cego, que o mesmo Judeo. Que o herege sendo bautizado, e chamando-se Christão, se não conforme com a ley de Christo, e despreze a observancia de seus mandamentos ! Cegueira he ; mas cegueira tambem de olhos fechados. Crê erradamente, que basta para a salvação o sangue de Christo, e que não são necessarias obras proprias. Porém o Catholico, que crê, e conhece evidentemente pelo lume da fé, e da razaõ, que fé sem obras he morta, e que sem obrar, e viver bem ninguem se póde salvar, que viva nos costumes como Luthero, e Calvino ! He cegueira de olhos abertos, e por isso mays cego, que o mesmo herege. Logo nós somos mais cegos, que todos os cegos.

Num. 629. 178 Está dito em commm o que basta. Agora para mayor distincão, e clareza desçamos ao particular. Esta mesma cegueira de olhos abertos divide-se em tres especies de cegueira, ou fallando medicamente em cegueira da primeira, da segunda, e da terceira especie. A primeira he de cegos, que vem, e não vem juntamente : a segunda de cegos, que vem hum a cõsa por outra : a terceira de cegos, que vendo o demais, só a sua cegueira não vem. Vamos discorrendo por cada hum a, e veremos no nosso ver muita cõsa, que não vemos.

Discurso XXIV. 141

179 Começando pela cegueira da primeira espe- Num. 630:
cie, bem sey, que ver, e não ver implica contradi-
ção. Os Filósofos dizem, que huma contraditoria Num. 631.
não cabe na esfera dos possíveis, eu digo, que cabe
na esfera dos olhos. Não me atrevera a o dizer, se não
fora proposição expressa da primeira, e summa ver-
dade. Assim o disse Christo fallando destes mesmos
homens no cap. 4. de S. Marcos: *Ut videntes vi-* Marc. 4.
deant, & non videant: Para que vendo, vejaõ, e 12.
não vejaõ. Agora esperaveis, que eu sahisse com
grandes espantos. Se viaõ, como não viaõ? E se não
viaõ, como viaõ? Difficultar sobre tal authoridade
seria irreverencia. Christo o diz, e isso basta.

180 Eu porém não me quero escusar por isso de
dar a razão deste, que parece impossivel. Mas antes,
que lá chegemos, vejamos esta mesma implicação
de ver, e não ver praticada. Andaõ os homens cru- Num. 638.
zando as Cortes, revolvendo os Reynos, dando vol-
tas ao mundo, cada hum em demanda das suas per-
tençoens, cada hum para se introduzir ao fim de
seus desejos, todos aos encontroens huns sobre os
outros, os olhos abertos, a porta á vista, e ninguem
atina com a porta. Andais buscando a honra com os
olhos de lynce. E sendo que para a verdadeira hon-
ra não ha mais, que huma porta, (que he a virtude)
ninguem atina com a porta. Andaivos desvelando
pela riqueza com mais olhos, que hum Argos, e
sendo que a porta certa da riqueza não he accrescen-
tar a fazenda, senão diminuir a cubiça, ninguem ati-
na com a porta. Andaisvos matando por achar a boa
vida, e sendo que a porta direita, por onde se entra
á boa vida, he fazer boa vida, ninguem atina com a
porta. Andaisvos cansando por achar o descanso,
e sen-

e sendo, que não ha, nem póde haver outra porta para o verdadeiro, e seguro descanso, senão accõmodar com o estado presente, e conformar com o que Deos he servido, não ha quem atine com a porta. Ha tal desatino! Ha tal cegueira! Mas ninguem vê o mesmo, que está vendo; porque todos somos cegos.

Num. 639.
Arist. Polit.
10.

181 Entre agora a razão, porque estais esperando. Não vos tem acontecido alguma vez ter os olhos postos, e fixos em huma parte, e porque no mesmo tempo estais com o pensamento divertido ou na conversação, ou em algum cuidado não dar fé das mesmas cousas, que estais vendo? Pois esse he o modo, e a razão, porque naturalmente podemos ver, e não ver juntamente. Vemos as cousas, porque as vemos, e não vemos essas mesmas cousas, porque as vemos divertidos. Hiaõ para Emmaus os dous discipulos praticando com grande tristeza na morte de seu Mestre, e foy cousa maravilhosa, que appareceram-lhes o mesmo Christo, e indo caminhando, e conversando com elles, não o conhecessem. Vede a força, que tem o pensamento para a diversão da vista. Os olhos estavaõ no caminho com Christo vivo; o pensamento estava na sepultura com Christo morto, e pode tanto a força do pensamento, que o mesmo Christo ausente, em que cuidavaõ, os divertia do mesmo Christo presente, que estavaõ vendo. Tanto vay de ver com attenção, e advertencia, ou ver com desattenção, e divertimento.

Num. 640.

Num. 643.

182 Por isso Jeremias bradava: *Attendite, & videte*: Attendey, e vede. Não só pede o Profeta vista, mas vista, e attenção, e primeiro a attenção, que a vista; porque ver sem attenção he ver, e não ver.

Num. 643.

Assim

Discurso XXIV. 143

Assim como ha muitos, que olhaõ para cegar, que Num 644.
 faõ os que olhaõ sem tento, assim ha muitos, que
 vem sem olhar; porque vem sem atençaõ. Naõ bäs-
 ta ver para ver, he necessario olhar para o que se vê.
 Naõ vemos as cousas, que vemos; porque naõ olha-
 mos para ellas: vemolas sem advertencia, e sem at-
 tençaõ, e a mesma desatençaõ he a cegueirã da vista.
 Divertenos a atençaõ os pensamentos, suspendem-
 nos a atençaõ os cuidados, prendemnos a atençaõ
 os desejos, roubaõnos a atençaõ os affectos, e por
 isso vendo a vaidade do mundo, imos a poz ella,
 como se fora muito solida: vendo o engano da espe-
 rança, confiamos nella, como se fora muito certa:
 vendo a fragilidade da vida, fundamos sobre ella cas-
 tellos, como se fora muito firme: vendo a inconstan-
 cia da fortuna, seguimos suas promessas, como se
 foraõ muito seguras: vendo a mentira de todas as
 cousas humanas, cremos nellas, como se foraõ mui
 verdadeiras.

183 A cegueira da segunda especie, ou a segun- Num. 646.
 da especie de cegueira era serem taes os olhos, que
 naõ viaõ as cousas às direitas, senaõ às avessas. Naõ
 viaõ as cousas como eraõ, senaõ como naõ eraõ, e
 por isso muito mais cegos, que se totalmente as naõ
 viraõ. A cegueira do juizo, e amor proprio he mui- Part. 5.
 to mayor, que a cegueira dos olhos: a cegueira dos Num. 110.
 olhos faz que naõ vejamos as cousas: a cegueira do
 amor proprio faz que as vejamos differentes do que
 saõ, que he muito mayor cegueira. Trouxeraõ hum
 cego a Christo, para que o curasse. Pozlhe o Senhor
 as maõs nos olhos, e perguntoulhe se via. Respon-
 deo: *Video homines velut arbores ambulantes*, que Marc. 8. 24.
 via andar os homens como arvores. Pergunto: E
 quan-

144 *Vieira abbreviado*

quando estava este homem mais cego, agora, ou antes? Agora não ha duvida, que tinha alguma vista, mas esta vista era mayor cegueira, que a que dantes tinha; porque dantes não via nada, agora via huma cousa por outra, homens por arvores, e mayor cegueira he ver huma cousa por outra, que não ver nada. Não ver nada he privação, ver huma cousa por outra he erro. Eisaqui porque sempre erra o juizo proprio. Eisaqui porque nunca acabamos de nos conhecer; porque olhamos para nós com os olhos de hum mais cego, que os cegos, com huns olhos, que sempre vem huma cousa por outra, e as pequenas lhe parecem grandes. Somos pouco mayores, que as hervas, e fingimenos tão grandes como as arvores: somos a cousa mais inconstante do mundo, e cuidamos, que temos raizes. Se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos, que no las ha de tornar a dar o verao, que sempre havemos de florecer, que havemos de durar para sempre. Isto somos, e isto cuidamos.

Part. I.

Num. 649.

184 Mas se este homem estava cego, quando não via nada, e se estava tambem cego, quando via as cousas como não eraõ: quando estava mais cego, quando as via, ou quando as não via? Quando as via, estava muito mais cego; porque quando não via nada, tinha privação de vista: quando via as cousas ás avessas, tinha erro na vista, e muito mayor cegueira he o erro, que a privação. A privação era hum defeito innocente, que não mentia, nem enganava: o erro era huma mentira com apparencia de verdade, era hum engano com representação de certeza, era hum falso testemunho com afinado de vista, e se não vamos ao caso. He Filosofia bem fundada de Filo Hebreo, que os olhos não só vem a cor, senão

Discurso XXIV. 145

senaõ a cor , a figura , e o movimento : e em todas estas tres cousas errou a primeira vista daquelle homem , representandolhe os homens , como arvores. Errou na cor ; porque as arvores saõ verdes , e os homens cada hum he da cor do seu rosto , e do seu vestido. Errou na figura ; porque as arvores tem hum pé , e os homens dous : os homens tem dous braços , e as arvores muitos. Errou no movimento ; porque os homens movem-se progressivamente , e mudaõ lugares , e as arvores estaõ sempre firmes , e se se movem com o vento , naõ mudaõ lugar. Eis aqui quantos erros , quantos enganõs , e quantas cegueiras se envolviaõ naquella primeira vista. Por isso o Evangelista disse , que quando o cego via desta maneira , ainda naõ tinha começado a ver ; porque ver humas cousas por outras naõ he vista , he cegueira , e mais que cegueira.

185 Andaõ equivocados dentro em nós o mal Num. 653a com o bem , e o bem com o mal , naõ por falta de olhos , mas por erro , e engano da vista. No Paraíso Num. 654. havia huma só arvore vedada , no mundo ha infinitas. Tudo o que véda a ley natural , a divina , e as humanas , tudo o que prohibe a razaõ , e condemna a experiencia , saõ arvores , e frutas vedadas. E he tal o engano , e illusaõ da nossa vista equivocada nas cores , com que se disfarça o veneno , que em vez de vermos o mal certo para o fugir , vemos o bem , que naõ ha , para o appetecer : *Vidit ; quod bonum esset.* Gen. 3. 6. Eva com os olhos abertos estava taõ cega , que naõ via o que via , e via o que naõ via. A fruta vedada era má para comer , e boa para naõ comer : má para comer ; porque comida era veneno , e morte : boa para naõ comer ; porque naõ comida era vida , e im-

146 *Vieira abbreviado*

mortalidade. Era tão cega a sua vista, ou tão errada a sua cegueira, que olhando para a mesma fruta não via o que era, e via o que não era: não via que era má para comer, sendo má, e via que era boa para comer, não sendo boa: *Vidit, quod bonum esset ad vescendum.*

186 Daqui nasce, como da vista de Eva, a ruina original do mundo não só nas consciencias, e almas particulares, mas muito mais no commum dos estados, e das republicas.

187 Cahio a mais florente, e bem fundada Republica, que houve no mundo, qual era antigamente a dos Hebreos, fundada, governada, assistida, defendida pelo mesmo Deos: e qual vos parece, que foy a origem, ou causa principal de sua ruina? Não foy outra, senão a cegueira dos que tinhaõ por officio ser olhos da Republica; e não porque fossem olhos de tal maneira cegos, que não vissem; mas porque viaõ trocadamente huma cousa por outra, e em vez de verem o que era, viaõ o que não era. Assim o lamentou o Profeta Jeremias nas lagrimas, que chorou em tempo do cativo de Babylonia sobre a destruição, e ruina de Jerusaleem: *Propheta tui viderunt tibi falsa*: Os Profetas verdadeiros viaõ o que era, os Profetas falsos viaõ o que não era; e porque a cega Republica se deixou governar por estes olhos, por isto se perdeu. Abraõ os olhos os Principes, e vejaõ quaes são os olhos, por cuja vista se guiãõ: guiemse pelos olhos dos poucos, que vem as cousas como são, e não pelos dos muitos, e cegos, que vem huma cousa por outra: *Viderunt tibi falsa.*

188 Mas como póde ser, que haja homens tão cegos, que com os olhos abertos não vejaõ as cousas como

Discurso XXIV. 147

como são ? Dirá alguém , que este engano da vista procede da ignorancia. O rustico , porque he ignorante , vê , que a Lua he mayor , que as estrellas ; mas o Filosofo , porque he sabio , e mede as quantidades pelas distancias , vê , que as estrellas são mayores , que a Lua. O rustico , porque he ignorante , vê , que o Ceo he azul ; mas o Filosofo , porque he sabio , e distingue o verdadeiro do apparente , vê , que aquillo , que parece Ceo azul , nem he azul , nem he Ceo. O rustico , porque he ignorante , vê muita variedade de cores no que elle chama arco da velha ; mas o Filosofo , porque he sabio , e conhece , que até a luz engana , (quando se dobra) vê , que alli não ha cores , senão enganos córados , e illusoens da vista. E se a ignorancia erra tanto olhando para o Ceo , que será se olhar para a terra ? Eu não pertendo negar á ignorancia os seus erros , mas os que do Ceo abaixo padecem commumente os olhos dos homens , (e com que fazem padecer a muitos) digo que não são da ignorancia , senão da paixão. A paixão he a que erra , a paixão a que os engana , a paixão a que lhes perturba , e troca as especies , para que vejaõ humas cousas por outras. E esta he a verdadeira razão , ou semrazão de huma tão notavel cegueira. Os olhos vem pelo coração , e assim como quem vê por vidros de diversas cores , todas as cousas lhe parecem daquella cor , assim as vistas se tingem dos mesmos humores , de que estão bem , ou mal affectos os coraçãoes.

189 Os Apostolos , Asuero , os Moabitas , todos estavaõ com os olhos abertos , todos viraõ o que viaõ , e todos julgaraõ huma cousa por outra. Pois se os Apostolos viaõ a Christo , como julgaraõ , que era fantasma : *Putaverunt phantasma esse ?* Se Asuero

Marc. 6. 49

fuero vio a Aman em acto de pedir misericordia, como julgou que lhe fazia adulterio: *Etiam Reginam vult opprimere me presente?* Se os Moabitas viaõ a agua da ribeira, como julgaraõ que era sangue: *Dixerunt: Sanguis gladii est: pugnauerunt Reges contra se, & cæsi sunt mutuò?* Porque assim confundem, e trocaõ as especies da vista os olhos perturbados com alguma paixãõ. Os Apostolos estavaõ perturbados com a paixãõ do temor: Affuero com a paixãõ da ira: os Moabitas com a paixãõ do odio, e da vingança. E como os Moabitas detejavaõ verter o sangue dos dous exercitos inimigos, a agua lhes parecia sangue: como Affuero queria tirar a vida a Aman, a contriçaõ lhe parecia peccado: como os Apostolos estavaõ medrosos com o perigo, o remedio, e o mesmo Christo lhes parecia fantasma. Fiaivos lá de olhos, que vem com paixãõ.

190 As paixoens do coração humano, como as divide, e numera Aristoteles, saõ onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitaes, amor, e odio. Estes dous affectos cegos saõ os dous polos, em que se revolve o mundo, por isso taõ mal governado. Elles saõ os que pezaõ os merecimentos, elles os que qualificaõ as acçoens, elles os que avaliaõ as prendas, elles os que repartem as fortunas, elles saõ os que enfeitãõ, ou descompoem, elles os que fazem, ou aniquilaõ, elles os que pintaõ, ou despintaõ os objectos, dando, e tirando a seu arbitrio a cor, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser, e substancia sem outra distincão, ou juizo, que aborrecer, ou amar. Se os olhos vem com amor, o corvo he branco, se com odio o cisne he negro: se com amor, o demonio he formoso, se com odio, o Anjo he feyo: se

Discurso XXIV. 149

se com amor, o pigmeo he gigante, se com odio o gigante he pigmeo: se com an.or, o que não he, tem fer, se com odio, o que tem fer, e he bem, que seja, não he, nem terá já mais. Por isso se vem com perpetuo clamor da justiça os indignos levantados, e as dignidades abatidas, os talentos ociosos, e as incapacidades com mando, a ignorancia graduada, e a ciencia sem honra, a fraqueza com o bastaõ, e o valor posto a hum canto, o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto, os milagres accusados, e os milagrosos reos. Póde haver mayor violencia da razaõ? Póde haver mayor escandalo da natureza? Póde haver mayor perdição da republica? Pois tudo isto he o que faz, e desfaz a paixãõ dos olhos humanos, cegos quando se fechaõ, e cegos quando se abrem: cegos quando amaõ, e cegos quando aborrecem: cegos quando approvaõ, e cegos quando condemnaõ: cegos quando não vem, e quando vem, muito mais cegos.

191 Temos chegado, posto que tarde, á cegueira da terceira especie. O cego, que conhece a sua cegueira, não he de todo cego; porque quando menos, vê o que lhe falta: o ultimo extremo da cegueira he padecella, e não a conhecer. Tal era o estado mais que cego destes homens, dos quaes disse agudamente Origenes, que chegaraõ a perder o sentido da cegueira: *Cæcitatibus sensu carentes*. A natureza quando tira o sentido da vista, deixa o sentido da cegueira, para que o cego se ajude dos olhos alheios; porque não póde haver mayor cegueira; nem mais cega, que ser hum homem cego, e cuidar que o não he. Introduz Christo em huma parabola hum cego, que hia guando a outro cego: *Si cæcus cæcum ducit*.

Num. 665.

Num. 666.

Orig.

Num. 667.

Math. 15.

cat. 14.

150 *Vieira abbreviado*

cat. O que hia guiado era cego, o que hia guiando
tambem era cego. Mas qual destes dous cegos vos
parece, que era mais cego, o guia, ou o guiado?
Muito mais cego era o guia; porque o cego, que se
deixava guiar, via, e conhecia, que era cego; mas
o que se fez guia do outro; taõ fóra estava de ver, e
conhecer, que era cego, que cuidava, que podia em-
prestar olhos.

Num. 669. 192 Oh quantos miseraveis sobre miseraveis, e
quantos cegos sobre cegos ha, como este, no mun-
do! Refere Seneca hum caso notavel, succedido na
sua familia, e diz a seu discipulo Lucilio, que lhe
contara huma coula incrivel, mas verdadeira: *In-
credibilem tibi narro rem, sed veram*. Tinha huma
criada chamada Harpastes, a qual (sendo fatua de
seu nascimento) perdeu subitamente a vista: *Hæc
fatua subitò desijt videre*. E que vos parece, que fa-
ria Harpastes cega, e sem juizo? Aqui entra a cou-
sa incrivel: *Nescit esse se cacam*: Era cega, e não o
sabia. *Pædagogum suum rogat, ut migret*: Quando
o que tinha cuidado della lhe dava a mão para a
guiar, lançava-o de si. *Ait domum tenebrosam esse*.
Num. 670. Dizia, que estava a casa ás escuras, que abrissem as
janellas, e as janellas, que tinha fechadas, não eraõ as
da casa, eraõ as dos olhos. Póde haver cegueira mais
fatua, mais digna de riso? Pois has de saber Luci-
lio (diz Seneca) que desta maneira somos todos ce-
gos, e fatuos: cegos, porque não vemos, e fatuos,
porque não conhecemos a nossa cegueira: *Hoc, quod
in ea videmus, omnibus nobis accidere liqueat tibi*.
Não he cegueira a soberba? Não he cegueira a inve-
ja? Não he cegueira a cubica? Não he cegueira a
ambiçaõ, a pompa, o luxo? Não he cegueira a li-
fonja,

Discurso XXIV. 151

sonja, e a mentira? Si. Mas a nossa fatuidade he tan-^{Num. 671.}
ta, como a de Harpastes, que sendo a cegueira, e a
escuridade nossa, attribuimola á casa, e dizemos,
que não se póde viver doutro modo neste mundo, e
muito menos na Corte: *Nemo aliter Romæ potest
vivere*. Se somos cegos, porque o não conhecemos?
Isac era cego, mas conhecia a sua cegueira, por isso
tocou as mãos de Jacob para supprir a falta da vista
com o tacto. O mendigo de Jericó era cego, mas
conhecia, que o era; por isso a esmola, que pediu a
Christo, não foy outra senna a da vista: *Domine ut*^{Luc. 18.}
videam. Como havemos nós de supprir as nossas ce-^{41.}
gueiras, ou como lhes havemos de buscar remedio,
se as não conhecemos?

193 Pois por certo, que não nos faltaõ experi-
encias muito claras, e muito caras para as conhecer,^{Num. 672.}
fenaõ foramos cegos sobre cegos. Olhay para as
vossas quedas, e vereis as vossas cegueiras. Todas as^{Num. 673.}
coufas se vem com os olhos abertos, e só a propria
cegueira se póde ver com elles fechados. Mas quan-
do ella he taõ cega, que não se vê a si mesma, as que-
das lhe abrem os olhos, para que se veja. Cahiraõ os
primeiros pays taõ cegamente, como vimos, e quan-
do se lhes abriraõ os olhos para verem a sua ceguei-
ra? Depois que se viraõ cahidos: *Et aperti sunt*^{Gen. 3. 10.}
oculi amborum. O appetite os cegou, e a cahida lhes
abrio os olhos. Que filho ha de Adaõ, que não seja
cego? E que cego, que não tenha cahido huma, e
muitas vezes? E que não bastem tantas cahidas, e
recahidas para conhecermos a nossa cegueira! Seca-
his em tantos tropeços, quantas são as vaidades, e
loucuras do mundo; porque não acabais de cahir em
que sois cego? E porque não buscais quem vos le-

152 *Vieira abbreviado*

vante, e vos guie? Só vos digo, que se derdes a mão para isso a algum criado, como fez Tobias, que seja tão seguro criado, e de tão boa vista, que saiba por onde poem os pés, e que vos possa guiar, e sofrer. E quando ainda assim lhe derdes a mão, adverti, que não seja tanta, que se cegue tambem elle com a vossa graça, e vos leve a mayores precipicios. Mas já he tempo, que demos a razão desta ultima cegueira, como das de mais.

Num. 675. 194 Parece cousa incrível, e impossível, que hum cego não conheça, que he cego. Mas como já temos visto, que ha muitos cegos desta especie, resta saber a causa de tão estranha, e tão cega cegueira. Qual he logo, ou qual póde ser a causa, porque estes cegos se ceguem tanto com a sua cegueira, que a não conheçam? Outros daraõ outras causas, (que para errar ha muitas) a que eu tenho por certa, e infallivel, he a muita presumpção dos mesmos cegos. A causa da primeira cegueira, como vimos, he a desatençaõ, a da segunda a paixão, e a desta terceira, e mayor de todas a presumpção. Para hum cego guiar cegos he necessario, que tenha dous conhecimentos contrarios: hum, com que conheça os outros por cegos, e outro, com que conheça, ou tenha para si, que elle o não he. Se vissemos que hum cego andasse apregoando, e vendendo olhos, não seria riso das gentes, e da mesma natureza? Pois essa era a farsa, que representava nos tribunaes de Jerusaleem a cegueira, e presumpção daquelles gravissimos Ministros, e esse era o altissimo conceito, que elles tinham dos seus olhos. Toupeiras com presumpção de lynces. Que hum cego queira guiar outro cego, e huma toupeira outra toupeiras, cegueira he muito pre-

Num. 678.

Discurso XXIV. 153

presumida; mas que as toupeiras quizessem guiar o lynce, e os cegos dar liçoens de ver, a quem tinha olhos, e olhos milagrosos, foy a mais louca presumpção, que pode caber em todas as cegueiras.

195 Oh quem me dera ter agora neste auditorio a todo o mundo! Quem me dera que me ouvira agora Num 686
na Hespanha, que me ouvira França, que me ouvira Alemanha, que me ouvira a mesma Roma! Principes, Reys, Imperadores, Monarchas do mundo, vedes a ruina dos vossos Reynos, vedes as affliçoens, e misérias de vossos vassallos, vedes as violencias, vedes as oppressões, vedes os tributos, vedes as pobrezaas, vedes as fomes vedes as guerras, vedes as mortes, vedes os cativos, vedes a affolação de tudo? Ou o vedes, ou o não vedes. Se o vedes, como o não remediais? E se não remediais, como o vedes? Estais cegos. Príncipes Ecclesiasticos, grandes, maiores, supremos, eós, ó Prelados, que estais em seu lugar, vedes as canidades universaes, e particularres da Igreja, vedes os destroços da fé, vedes o descahimentos da Regiaão, vedes o desprezo das leys divinas, vedes a reverencia dos lugares sagrados, vedes o abuso dos costumes, vedes os peccados publicos, vedes os andalos, vedes as simonias, vedes os sacrilegios vedes a falta da doutrina sã, vedes a condemnação perda de tantas almas dentro, e fóra da Christandade? Ou o vedes, ou o não vedes. Se o vedes, como não remediais? E se o não remediais, como o vedes? Estais cegos. Ministros da Republica, da paze, da guerra, do estado, do mar, da terra, vedes as obrigaçoens, que se descarregão sobre o vobrecuidado, vedes o pezo, que carrega sobre vossas consciencias, vedes as desattençoens do

154 *Vieira abbreviado*

do governo, vedes as injustiças, vedes os roubos, vedes os descaminhos, vedes os enredos, vedes as dilações, vedes os sobornos, vedes os respeitos, vedes as potências dos grandes, e as vexações dos pequenos, vedes as lagrimas dos pobres, os clamores, e gemidos de todos? Ou o vedes, ou o não vedes. Se o vedes, como o não remediais? E se o não remediais, como o vedes? Estais cegos. Pays de famílias, que tendes casa, mulher, filhos, criados, vedes o desconcerto, e descaminho de vossas famílias, vedes a vaidade da mulher, vedes o pouco recolhimento das filhas, vedes a liberdade, e más companhias dos filhos, vedes a soltura e descomedimento dos criados, vedes como vivem vedes o que fazem, e o que se atrevem a fazer, fíao muitas vezes na vossa dissimulação, no vosso consentimento, e na sombra do vosso poder? Ou o vedes, ou o não vedes. Se o vedes, como o não remediais? E se o não remediais, como o vedes? Estais cegos. Finalmente homem Christão de qualque estado, e de qualque condição que sejas, vês a lei e o caracter, que recebeste no baptismo, vês a obrigação da ley, que professas, vês o estado, em quiveres ha tantos annos, vês os encargos de tua consciência, vês as retribuições, que deves, vês a obrigação, de que te não apartas, vês o perigo de tua alma e de tua salvação, vês que estás actualmente em peado mortal, vês que se te toma a morte nesse elo, que te condenas sem remedio, vês que se condenas, has de arder no inferno, em quanto E for Deos, e que has de carecer do mesmo Deos toda a eternidade? Ou vemos tudo isto, Christ, ou o não vemos. Se o não vemos, como somos tegos? E se o vemos,

Discurso XXIV. 155

mos, como o não remediamos? Fazemos conta de o remediar alguma hora, ou não? Ninguém haverá tão impio, tão barbaro, tão blasfemo, que diga, que não. Pois se o havemos de remediar alguma hora, quando ha de ser esta hora? Na hora da morte? Na ultima velhice? Essa he a conta, que lhe fizeraõ todos os que estaõ no inferno, e lá estaõ, e estaraõ para sempre. E será bem, que façamos nós tambem a mesma conta, e que nos vamos apoz delles? Não, não, não queiramos tanto mal á nossa alma. Pois se algum dia ha de ser, se algum dia havemos de abrir os olhos, se algum dia nos havemos de resolver; porque não será neste dia?

DISCURSO XXV.

Tirado de hum sermão da sexta sexta feira da Quaresma prégado na Capella Real sobre as palavras: Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium.

CONSELHO.

196 **A** Melhor, e a peyor coufa, que ha no mundo, qual será? A melhor, e a peyor coufa, que ha no mundo, he o conselho. Se he bom, he o mayor bem: se he mau, he o peyor mal.

197 Supposta esta primeira verdade de ser o conselho o melhor bem, e o mayor mal do mundo; ou quando menos á fonte dos mayores bens, e dos mayores males, quizera eu hoje, que fosse materia do nosso discurso a consideração dos bens, e males, que concorreraõ neste conselho. E porque dos erros,
e dos

Part. 2.
Num. 230.

156 *Vieira abbreviado*

e dos acertos, como do aço, e do crystal, se compoem, e formão os espelhos; dos acertos, e dos erros deste conselho determino formar hoje hum espelho á nossa Corte. Se for muito lizo, e muito claro, isso he ser espelho.

Num. 332.

198 A primeira boa propriedade, que teve este conselho do Euangelho, foy, que a materia, sobre que se havia de votar, era da profissão dos Conselheiros. A materia era de religião, e elles eraõ Sacerdotes: a materia era de fé, e elles não eraõ Theologos: a materia era do Messias promettido pelos Profetas, e elles eraõ doutos nas Escrituras: em fim a materia era de letras, e elles eraõ letrados. A causa de se governar taõ mal o mundo, e de andar taõ mal aconselhado, havendo tantos conselhos, he porque de ordinario os Principes baralhão os metaes, e trazem desconcontrados os conselhos, e os conselheiros. Se o soldado votar nas letras, e o letrado na navegação, e o piloto nas armas, que conselho ha de haver, nem que successo? Haverá letrados, e não se verá justiça: haverá pilotos, e não se fará viagem: haverá soldados, e exercitos, e levirão a victoria os inimigos. Vote cada hum no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos de religião vote Samuel, e Heli: nos negocios de guerra vote Joab, e Abner: nas importancias do estado vote Chuzay, e Achitofel, e nas occorências da navegação, e do mar (ainda que não tenhaõ nomes taõ pomposos) vote Pedro, e André.

199 Indigna cousa parece, e ainda escandalosa, que os Fariseos entrem no mesmo conselho com os Pontifices: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium*. Tambem o Fariseo ha de ter lugar no
con-

Discurso XXV. 157

conselho? Tambem o Fariseo ha de dizer seu parecer? Tambem o Fariseo ha de dar seu voto? Tambem, se a materia for da sua profissão. Ainda que o nome de Fariseo naquelle tempo fora tão vil, e tão mal soante, como he hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho nas materias da sua profissão; porque o bom conselho, e o bom conselheiro não o faz o nome, nem a qualidade da pessoa, fenaõ a do voto.

200 A propriedade melhor que todas deste conselho foy a efficacia, e presteza da execuçaõ: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* Num. 241. No mesmo dia, e na mesma hora do conselho se começou a pôr o conselho em execuçaõ com todo o cuidado. Cuidaõ os Ministros, que feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo, e ainda se não começou a fazer nada. O principio dos negocios he a execuçaõ: em quanto se não daõ á execuçaõ, não se lhe tem dado principio: *In principio creavit Deus cælum, & terram.* Quando Deos creou o Ceo, e a terra, entaõ he que lhe deo principio; porque em quanto os conselhos se não daõ á execuçaõ, por mais conselhos, e por mais decretos que haja, ainda se não tem dado principio a nada. Que importa que haja conselhos, e mais conselhos, que importa, que haja decretos, e mais decretos, se entre os decretos, e a execuçaõ se passa huma eternidade?

201 Os decretos seraõ divinos, e divinißimos, como eraõ os de Deos, mas todas essas divindades decretadas sem execuçaõ, que vem a ser? O que era o Ceo, e a terra antes da creação do mundo? Nada. Antes da creação do mundo estava decretado o Ceo, estava

158 *Vieira abbreviado*

estava decretada a terra, estavam decretados os elementos, e tudo, quanto Deos creou, tudo estava decretado, e allentado em conselho; mas todas essas cousas decretadas que eram? O Ceo era nada, a terra outro nada, os quatro elementos quatro nada, e toda essa infinidade de cousas huma infinidade de nada. Que importa a sentença no conselho da justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbitrio no conselho da fazenda, se se não executa o arbitrio? Que importa a prevenção no conselho de guerra, se se não executa a prevenção? Que importam os mysterios no conselho de Estado, se se não executam os mysterios? O mysterio altissimo, e divinissimo da Incarnação estava decretado havia huma eternidade, e estava revelado havia quatro mil annos, e que era este mysterio antes da execução? Nada.

202 Pois, que remedio para que estes nada se-
 Num. 242. jaõ alguma cousa, e sejaõ tudo? O remedio he crear hum conselho de novo. Ainda mais conselhos? Bem aviados estamos. E que conselho ha de ser este? E
 Prov. 31. como se ha de chamar? Salamaõ, cujo he o arbitrio, lhe deo tambem o nome: *Consilium manuum*: Hum conselho de mãos. Este he o conselho dos conselhos. Todos os outros conselhos sem este são conselhos sem conselho. Os conselhos de entendimento discorrem, alteram, disputam, consultam, resolvem, e decretam, e atéqui nada. O conselho das mãos he o que faz as cousas. O mesmo texto o diz: *Operata est consilio manuum suarum*. Os outros conselhos especulam, este conselho obra; mas com licença de Salamaõ: Se este chamado conselho he de mãos, parece que se não havia de chamar conselho, porque o conselho he de entendimento, e as mãos não tem enten-
 dimen-

Discurso XXV. 159

dimento ; antes só as mãos tem o entendimento, que he necessario. A cabeça tem entendimento especulativo, as mãos tem entendimento pratico, e este he só o entendimento, que faz as cousas.

203 Assim o disse hum Rey, que tinha muito bom entendimento, e muito boas mãos, David: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos.* A cabeça, que he huma, tem entendimento: as mãos, que são duas, tem entendimentos: *In intellectibus.* Aqui está hum entendimento, e aqui outro, hum na mão direita, outro na esquerda. E se estes dous entendimentos se dão as mãos, tudo se consegue. Os mais felices Reynos não são aquelles, que tem as mãos bem entendidas cabeças, senão aquelles, que tem as mãos bem entendidas mãos. Por isso eu desejava hum conselho de mãos, e por isso sendo tão mau, teve esta parte de bom o conselho do nosso Evangelho. Começou estranhando o que se não fazia: *Quid facimus?* e acabou começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogitaverunt eum interficere.* N. um 244

204 Mas eu não acabo de entender, como isto podia ser logo no mesmo dia, e na mesma hora, em que se fez o conselho. Quando se lançaram os votos? Quando se escreveu a consulta? Quando se assignou? Quando subio? Quando se resolveo? Quando baixou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registaram? Quando tornaram a subir? Quando se firmaram? Quando tornaram a baixar? Quando se passaram as ordens? Quando se distribuirão? Tudo isto não se podia fazer em huma hora, nem em hum dia, nem ainda em muitos. Se fora no nosso tempo, e na nossa terra, assim havia de ser; mas tudo se fez, e tudo Num. 245

160 *Vieira abbreviado*

tudo se póde fazer. Porque? Porque não houve tinta, nem papel neste conselho.

Num. 246. 205 Esta he a ultima propriedade boa, que nelle confidero: ser hum conselho, em que não appareceo papel, nem tinta. Dias ha, que tenho para mim, que que a tinta, e o papel são duas peças ou escusadas, ou quasi escusadas em hum conselho. E porque isto parece querer condenar o mundo, não hei de argumentar ao mundo, senão comsigo mesmo. Qual he mais antigo no mundo, o conselho, ou o papel? Pois assim como naquelle tempo se faziaõ os conselhos sem papel, porque se não poderão fazer agora? Dir-meheis, que estava ainda o mundo pouco polido, e pouco politico, mais politico que agora. A primeira nação, ou a primeira lingua, que soube ler, e escrever, foy a dos Hebreos. Primeiro se governaraõ por familias, depois em Republica, depois em Monarchia, ultimamente em Reynos, e em todos estes estados não achareis tinta, nem papel em seus conselhos. Chamava o Principe diante de si os de seu conselho, propunhalhe a materia, ouvia os pareceres; resolvía o que se havia de fazer, nomeava a pessoa, que o havia de executar, e acabavase o conselho. Não era bom estylo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem aconselhado.

206 He verdade, que junto ás pessoas Reaes havia naquelle tempo dous officiaes de penna. E quaes eraõ? Hum Historiador, e hum Secretario. O Secretario escrevia as cartas para os aulentes, e o Historiador escrevia as memorias para os futuros; por isso geralmente nas historias sagradas só achamos livros, e epistolas: os livros para os vindouros, as
episto-

Discurso XXV. 161

epistolas para os aúfentes. Tambem o escrever se fez para remedio dos mudos, como aconteceu a Zacarias pay do Bautista, que sendo consultado sobre o nome do filho, e não tendo lingua para o declarar, pedio a penna. Se os Conselheiros foraõ mudos, e os Reys surdos, entãõ era necessario o papel; mas se os Conselheiros fallaõ, e os Reys ouvem, para que saõ tantos papeis? Não he melhor ouvir hum Conselheiro, que falla, e responde, que ler hum papel mudo, que não sabe responder? E quantos Conselheiros houveraõ de dizer de palavra o que se não atrevem a dizer, e firmar por escrito? Entre a boca do consultado, e o ouvido do Rey passa a verdade com segurança, e nem todos tem liberdade, e constancia para fiar o seu voto das riscas, e dos riscos de hum papel. Não fallo em que a tinta com ser preta póde tingir o papel de muitas cores, e a penna de qualquer ave, que seja, toda nasceo de carne, e sangue. Introduzir papel, e tinta (ao menos tanto papel, e tanta tinta) nos conselhos, e nos tribunaes foy traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciencia, e a vida, que os negocios.

Num. 247.

207 O mayor exemplo, que ha desta experiencia em todas as historias, he o da execução deste mesmo conselho, em que estamos: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere.* A execução deste conselho foy a morte de Christo, e he cousa, que parece excede toda a fé (se o não disseraõ os Euangelistas) considerar o muito, que se fez, e o pouco tempo, que se gastou nesta execução. Foy Christo prezo ás doze da noite, e crucificado ás doze do dia. E que se fez, ou que se não fez nestas doze horas? Foy levado o Senhor a quatro tribunaes muito distantes,

162 *Vieira abbreviado*

e a hum delles duas vezes : ajuntaraõse, e fizeraõse dous conselhos : presentaraõse em duas partes as accusaçoens : tiraraõse tres inquiriçoens de testemunhas : expediose a causa incidente, e perdaõ de Barabbas : deraõse dous libellos contra Christo : fizeraõse arrazoados por parte do Reo, e por parte dos Authores: allegaraõse leys: deraõse vistas: houve replicas, e treplicas: representaraõse duas comedias, huma de Christo Profeta com os olhos tapados, outra de Christo Rey com cetro, e coroa: foy tres vezes despidido, e tres vestido: cinco vezes perguntado, e examinado: duas vezes sentenciado: duas mostrado ao povo: ferido, e afrontado tantas vezes com as maõs, tantas com a cana, cinco mil, e tantas com os agoutes. Preveniraõse lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, coluna, azorragues, varas, cadeas: huma roupa branca, outra de púrpura: canas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, mirra, esponja, titulo com letras Hebraicas, Gregas, e Latinas, não escritas, senão entalhadas, como se mostraõ hoje em Roma: ladroens, que acompanhasssem ao Senhor: cruces para os mesmos ladroens: Cyrineo, que o ajudasse a levar a sua: prégou Christo tres vezes, huma a Caifás, outra a Pilatos, outra ás filhas de Jerusaleem.

Num. 248. 208 Finalmente cahindo, e levantando foy levado ao Calvario, e crucificado nelle. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda dessas doze horas sobejasssem tres para descanso dos Ministros, que foraõ as ultimas da madrugada? Grave cato! E como foy possivel, que todas estas coulas, tantas, tão diversas, e de tantas dependencias se obrassem, e se podésssem obrar na brevidade de tão poucas horas, e
mais

Discurso XXV. 163

mais sendo ametade dellas de noite? Tudo foy possível, e tudo se fez, porque em todos estes conselhos, em todos estes tribunaes, em todas estas resoluções, e execuções não entrou papel, nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as ceremonias, que envolve qualquer papel, ainda hoje o genero humano não estava remido. Só quatro palavras se escreverão na morte de Christo, que forão as do titulo da Cruz, e logo houve sobre ellas embargos, requerimentos, alterações, teimas, e descontentamentos. E se Pilatos não differa resolutamente, que se não havia de escrever mais: *Quod scripsi, scripsi*, Jean. 19. o caso era de appellação para Cesar, que estava em ^{23.} Roma: dalli quinhentas legoas, e demanda havia na meya regra para muitos annos.

209. Até Christo teve sua conveniencia em não haver papel, e tinta na sua execução; porque ao mesmo tempo não pagou custas. He possível, que não ha de haver justiça, nem innocencia, nem premio, que escape do castigo do papel? Chameilhe castigo por lhe não chamar roubo. Mas que papel ha, que não seja ladrao marcado? Terrivel flagello do mundo foy sempre o papel; mas hoje mais cruel, que nunca. A origem, e o nome de papel foy tomado das cascas das arvores, que em Latim se chamao Papyrus; porque aquellas cascas forão o primeiro papel, em que os homens escreviao ao principio: depois derao em curtir as pelles, e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos: ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje usamos. De maneira que, se bem advertimos, foy o papel desde seus principios materia de escrever, e invenção de esfolar:

164 *Vieira abbreviado*

com o primeiro papel esfolavaõse as arvôres, com o segundo esfolavaõse os animaes, com o de hoje esfolavaõse os homens. Oh quanto papel se poderá encadernar com as pelles, que o mesmo papel tem despidido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto em papel, ou se gasta tanto em papeis.

270. Estes soccorros, que damos a Veneza, não seria melhor dallos antes em dinheiro contra o Turco em Candia, que dallos por papel contra nós? O mais bem achado tributo, que inventou a necessidade, ou a cubiça, he para mim o do papel sellado; mas faltoulhe huma condiçaõ: o sello não o haviaõ de pagar as partes, senão os Ministros. Se os Ministros pagaraõ o sello, eu vos prometto, que havia de correr menos o papel, e que haviaõ de voar mais os negocios; mas ainda voariaõ mais, se não houvesse pennas, nem papel; e por isso voaraõ tanto as resoluçoens deste conselho: *Ab illa autem hora.*

Num. 271. 211. Sendo este conselho tão politico, e sendo tão politicos os seus Conselheiros, que se seguio de todas estas politicas? O que se seguio foy a destruiçaõ de Jerusaleem, a destruiçaõ de toda a Republica dos Hebreos, e a destruiçaõ dos mesmos Pontifices, e Fariseos, que fizeraõ o conselho. E porque? Porque tendo o conselho tanto de politico, não teve o que devia ter de christaõ, antes todo elle foy contra Christo: *Collegerunt Pontifices, & Pharisei concilium adversus Jesum.* Estas palavras *adversus Jesum* não são do texto, senão da glossa da Igreja. Notay, diz a Igreja, que este conselho foy contra Christo, e de hum conselho contra Christo, que se podia esperar se não a destruiçaõ do mesmo conselho,

Discurso XXV. 165

Iho, dos meínos Conselheiros, e de toda a Republica, que por taes meynos pertenderão defender, e sustentar?

213 Mas vede, como lhe sahio errada esta sua politica. O fundamento politico de toda a resolução, que tomaraõ de matar a Christo, foy este: Matemos este homem, porque nos não percamos todos; e perderãose todos, porque mataraõ aquelle homem. Matemos este homem, porque não venhaõ os Romanos, e tomem Jerusalem; e porque mataraõ aquelle homem, vieraõ os Romanos, e tomaraõ Jerusalem, e não deixaraõ nella pedra sobre pedra. Que he de Jerusalem? Que he da Republica Hebraea? Quem a destruiu? Quem a dissipou? Os Romanos. E eis-aqui em que vem a parar os conselhos, e as politicas, quando as suas razoes de estado são contra Christo. Santo Agostinho: *In contrarium eis vertit malum* Aug.
consilium: Vede (diz Santo Agostinho) o mau conselho como se converteo contra os mesmos, que o tinhamo tomado: *Ut possiderent, occiderunt, & quia occiderunt, perdiderunt*: Para conservarem a Republica mataraõ a Christo, e porque mataraõ a Christo, perderão a Republica.

214 Oh quantas vezes se perdem as Republicas; porque se tomaõ por meynos de sua conservação offensas de Christo! Quem aconselha contra Deos, aconselha contra si. E os meynos, que os homens tomaõ para se conservar, se são contra Deos, esses mesmos toma Deos contra elles para os destruir. Porque ordenou Deos, que os executores deste ultimo cativoiro fossem os Romanos, e não por outra nação? Não estavaõ ainda ahi os mesmos Egypcios, os Ethiopes, os Arabes, os Persas, os Gregos, os

Num. 2524

166 *Vieira abbreviado*

Macedonios, que eraõ as naçoens confinantes? Pois porque não ordenou Deos, que os executores deste cativoiro fossem estas, ou outra nação, senão os Romanos? Para que visse o mundo todo, que a causa deste castigo foraõ as politicas deste conselho. Ora vede.

215 Tres resoluçoens tomaraõ estes Conselheiros para conservação da tua Republica, todas tres fundadas no temor, no respeito, na dependencia, e na amizade dos Romanos. E este foy o desastrado fim daquelle conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido taes meyo. Disto lhes servio o temor, o respeito, a dependencia, e amizade dos Romanos. De maneira que todas as politicas dos Pontifices, e Fariseos se converteraõ contra elles, e das resoluçoens do seu mesmo conselho se formaraõ os instrumentos da sua ruina.

Num. 254.

216 A verdadeira politica he o temor de Deos, o respeito de Deos, a dependencia de Deos, e a amizade de Deos, e a verdadeira arte de reynar he guardar sua ley. Os politicos antigos estudavaõ pelos preceitos de Aristoteles, e Xenofonte, os politicos modernos estudaõ pelas malicias de Tacito, e de outros indignos de se pronunciarem seus nomes neste lugar. A verdadeira politica, e unica he a ley de Deos. Se Aristoteles sabe mais que Deos, sigaõse as politicas de Aristoteles: se Xenofonte sabe mais que Deos, imitemse as ideas de Xenofonte: se Tacito falla mais certo que Deos, estudemse as agudezas, e sentenças de Tacito. Mas se Deos sabe mais, que elles, e he a verdadeira, e unica sabedoria, estudemse, aprendaõse, e sigaõse as razoes de Estado de Deos.

217 Não

Discurso XXV. 167

217 Não digo, que se não leão os livros; mas toda a politica sem a ley de Deos he ignorancia, he engano, he defacerto, he erro, he desgoverno, he ruina. Pelo contrario a ley de Deos só sem nenhuma outra politica he politica, he ciencia; he acerto, he governo, he conservação, he seguridade. Toda a politica de hum Rey Christão se reduz a quatro partes, e a quatro respeitos. Do Rey para com Deos, do Rey para consigo, do Rey para com os vassallos, do Rey para com os estranhos. Tudo isto achará o Rey na ley de Deos. De si para com Deos a religião, de si para consigo a temperança, de si para com os vassallos a justiça, de si para com os estranhos a prudencia. Para todos estes quatro rumos navegará segura a Monarchia, se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deos, e por leme a sua ley: *Consiliorum gubernaculum lex divina*, disse S. Cypriano. Os conselhos são o governo da Republica, e a ley de Deos ha de ser o governo dos conselhos. Conselho, e Republica, que se não governa pela ley de Deos; he nao sem leme. Por isso os Reynos de Jero-boão, de Baasa, de Jehu; e de tantos outros fizeram tão miseraveis naufragios.

DISCURSO XXVI.

*Tirado de hum sermão de S. João Bautista pregado
na profissão da senhora Madre Soror Maria da
Cruz filha do Excellentissimo Duque de Medi-
na Sidonia.*

CUBICULO.

Part. 5.
Num. 504.

218 **F**Ala o grande Basilio das cellas das Reli-
gioens mais estreitas, e diz, que a cella de
hum alma religiosa he emula, he competidora da
sepultura de Christo: *O cella dominicæ sepulturæ
æmula!* Pois saibamos; que qualidades tem hum
cella para tão nobre competencia? Em que presun-
pções se funda esta emulação? Que se compare a
cella a qualquer sepultura, justa semelhança; por-
que onde o habito he hum mortalha, o leito hum
ataude, as paredes tão estreitas, e com tão pouca luz,
como estas, que vemos, muito ha de sepultura. Sepul-
tura? Sim; mas sepultura não outra, senão a de Chris-
to; porque razão? Porque nas outras sepulturas mo-
ra só a morte, na sepultura de Christo morou a mor-
te, e mais a vida juntas. Na sepultura de Christo es-
teve a vida morta, e a morte resuscitada, e taes são
as vossas cellas, ó religiosos espiritos: *O cella do-
minicæ sepulturæ æmula, quæ mortuos suscipis,
& reviviscere facis.* O' cella verdadeiramente imi-
tadora da sepultura de Christo, pois está em ti a vi-
da morta, e a morte resuscitada. A vida morta, por-
que não tem usos a vida, e a morte resuscitada, por-
que tem alentos a morte. Es hum suspensão glo-
riosa

Discurso XXVI. 169

riosa de morte, e vida, (se bem gloriosa com pena) onde posta a alma nas rayas do viver, e morrer participa indecivelmente o mais rigoroso de ambas: insensível, como morta, para o gosto da vida: sensível, como viva, para o penoso da morte. Em ti se vê multiplicado o milagre natural da fenix, sendo patria, e sepulcro quotidiano, onde se morre á vida, e se nasce á morte, faltando cinzas, mas não faltando incendios. Em ti (e com mayor propriedade hoje) se vê verdadeira a metaphora dos horizontes sendo oriente, e occaso juntamente, onde o Sol no mesmo instante morto, e nascido resuscita a hum hemisferio, quando se sepulta a outro. Em ti finalmente (com feres a melhor parte do Paraíso) se vê sem fingimento a fabula do inferno, sendo cada religioso espirito hum Ticio em bemaventurança de penas, que não podendo morrer, para morrer mais vezes tem morta a vida, e immortal a morte: *Semperque renascens non perit, ut possit sæpe perire.*

DISCURSO XXVII.

Tirado de hum sermão da primeira oitava da Pascoa prégado na Capella Real.

CONTENTAMENTO.

219 **E** Starem contentes todos não póde depender de hum só, como muitos se enganaõ. Part. 6.
Num. 133.

O contentamento de todos depende de todos: depende do Principe, depende dos Ministros, e depende dos vassallos. Para todos estarem contentes haõ de concorrer todos para o contentamento, huns tratando

tando de contentar, outros querendo contentar-se.
 Num. 134. Começando pois pelo Principe: A primeira cousa, que fez Christo tanto que resuscitou, foy tratar de enxugar lagrimas, e de consolar tristezas. Estava a Magdalena chorando ás portas do sepulcro, apparecelhe o Senhor, enxugalhe as lagrimas: hiaõ os discipulos tristes, e desesperados para Emmaús, foyse encontrar com elles o Senhor, e consolou-os de sua tristeza. E que se seguiu daqui? Que amanhecendo no dia da Resurreiçãõ todo o Reyno de Christo descontente, anoiteceraõ no mesmo dia todos contentes, e consolados.

220 Seja o primeiro cuidado do Principe enxugar as lagrimas, e logo haverá menos descontentamentos.
 Num. 135. Mas vindo á pratica desta doutrina, vejo, que me dizem, que muito facil he dizer, que se enxuguem as lagrimas de todos; mas como se haõ de enxugar? Enxugar as lagrimas bom remedio he para não haver descontentamentos. Mas que remedio ha de haver para se enxugarem as lagrimas? Facil remedio o que Christo fez. Inquirir a causa das lagrimas, e tiralla. Quando Christo appareceo á Magdalena, a primeira cousa, que fez, foy inquirir a causa, porque chorava: *Mulier, quid ploras?* Mulher, porque choras? Bulquese a causa das lagrimas, e logo o remedio será facil. Bem podéra Christo enxugar as lagrimas da Magdalena, e consolar a tristeza dos discipulos sem lhe perguntar pela causa, pois a sabia; mas quiz dar nesta acção hum grande documento aos Principes de como haviaõ de proceder na cura de huma enfermidade taõ difficilissima, como a de farar descontentamentos.

221 Sim; mas para as lagrimas, que não tem causa,

Discurso XXVII. 171

causa, que são a mayor parte das que se choraõ, que ^{Num. 177.} remedio lhe daremos nós? Para curar as lagrimas da razão já temos remedio, buscar a causa, e tiralla; mas para curar as lagrimas da semrazão, que remedio lhe havemos de dar, que ellas não tem causa? As lagrimas dos que choraõ, bem se podem remediar; mas as lagrimas dos que se choraõ, que remedio ha de haver para ellas? Eu differa, que as lagrimas, que não tem causa, não haõ mister cura. Se as lagrimas tem causa, deslelhe remedio, e enxuguemse: se as lagrimas não tem causa, ellas se enxugarão por si, não haõ mister remedio.

222 Examine o Principe exactamente donde nascem as lagrimas dos vassallos: se tem causa, ponha-lhe remedio, se não tem causa, não lhe dem cuidado. Em nenhuns Reys do mundo se vê isto mais clara- ^{Num. 182.} mente, que nos de Portugal. Conquistar a terra das tres partes do mundo a naçoens estranhas foy empreza, que os Reys de Portugal conseguiraõ muito facil, e muito felizmente; mas repartir tres palmos de terra em Portugal aos vassallos com satisfação delles foy impossivel, que nenhum Rey pôde accõmodar nem com facilidade, nem com felicidade já mais. Mais facil era antigamente conquistardes Reynos na India, que repartir duas cõmendas em Portugal. Isto foy, e isto ha de ser sempre, e esta na minha opiniaõ he a mayor difficuldade, que tem o governo do nosso Reyno. Tanto assim, que se pôde pôr em problema na politica de Portugal, se he melhor, que os Reys fação merces, ou que as não fação. Não se fazerem merces he saltar com o premio á virtude: fazeremse he semear beneficios para colher queixas. Pois que haõ de fazer os Reys? A
questão

questão era para mayor vâgar. Mas porque não fique indecisa, digo entre tanto, que hum só meyo acho aos Reys para salvarem ambos estes inconvenientes. E qual he? Não dar nada a ninguem, e premiar a todos. Pois como? Premiar a todos sem dar nada a ninguem? Sim. O dar, e o premiar são cousas muito differentes. Dar aos que merecem, ou não merecem he dar: dar só aos que merecem he premiar. Não fazerem merces os Reys seria não serem Reys; mas haão de fazellas de maneira, que as merces não sejaão dadivas, e sejaão premios. Dem os Reys só aos benemeritos, e fecharão as bocas a todos. Quando os premios se dão aos que merecem, os mesmos, que os murmuraão com a boca, os approvaão com o coração.

Part. 5.
Nam 9 t.

Gen 1. 22.
24.

223 No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animaes, e ás plantas: *Benedixit eis*. Disse-lhes a todos, que crescefsem: *Crescite, & multiplicamini*; mas nota a Escritura, que tudo isto foy *secundum species suas*, cada creatura conforme a sua especie. Contentese cada hum de crescer dentro da esfera do talento, que Deos lhe deo, e logo conhecerão todos, que tem benção, cada hum no seu elemento. No ar contentese a andorinha com ser andorinha; e que mayor benção, que poder morar nos palacios dos Reys? No mar contentese a remora com ser remora; e que mayor fortuna, que sendo tamanina, poder ter mão em huma nao da India? Na terra contentese a formiga com ser formiga; e que mayor felicidade, que ter o celleiro provido para o veraão, e para o inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancolia; porque nenhum se contenta com crescer dentro da sua especie. A andorinha quer subir a aguia: a remora quer subir a balea:

Discurso XXVII. 173

lea: a formiga quer inchar a elefante. Porque as formigas se fazem elefantes, não basta toda a terra para hum formigueiro. Nas plantas temos iguaes exemplos deste engano, e desta verdade. A arvore mais anã he mayor, que a herva gigante: e com tudo de quantas cousas aqueyta o Sol, nenhuma lhe he mais agradecida, que esta herva. Desde que o Sol nasce, até que se poem, vay sempre a herva gigante acompanhando-odesde a terra, seguindo-o com tanta inclinação, e adorando-o com tanta reverencia, como vemos. Pois hervazinha do campo, que agradecimentos, que agradecimentos ao Sol saõ estes? Não vedes tantas arvores, e tantas plantas, que recebem do Sol tanto mais que vós? Pois porque lhe haveis vós de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esfera. Conheço, que sou herva, e acho que ninguem deve mais ao Sol, que eu; porque me fez gigante daservas. Se cada hum se medira com os compassos da sua esfera, oh quantos se haviaõ de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção, porque haveis de ser ingrato ao Sol, se vos fez gigante daservas? Não digo bem: Se daservas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito he de notar a tristeza de hum cipreste em tanta altura. Se o cipreste lá de cima olhara para o vulgo das plantas, e ainda para a nobreza das arvores, que lhe ficão abaixo, elle vivera não só contente, senão ainda soberbo; mas o cipreste lá do alto, descobre os cedros do monte Libano, e como vê, que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser piramide. Como cada hum se não mete, e se não mede dentro da sua esfera, ainda que seja cipreste, que tantas vezes vê
seus

174 *Vieira abbreviado*

seus troncos sobre os altares, não póde viver contente. Não digo, que não trate cada hum de crescer, mas conheça cada hum o que he: *Tu quis es?* E depois cresça conforme a sua especie: *Secundum speciem suam*. Desenganemonos, que o crescer fóra da propria especie não he augmento, he monstruosidade; porque o crescer nos, que o merecem he crescimento: o crescer nos que o não merecem, he cresença, e o crescimento he grandeza, e a cresença he fealdade.

DISCURSO XXVIII.

Tirado de hum sermão da terceira Dominga de Quaresma pregado na Capella Real.

CONFISSAM.

Part. 1.
Pag. 450.

224 **Q**Uando ou as Cortes eraõ mais christans, ou os Prégadores menos de Corte: quando te fazia menos caso da graça dos ouvintes, para que elles só fizessem caso da graça de Deos: quando a doutrina, que se tirava do Evangelho, eraõ vérdades solidas, e euangelicas, e não discursos vaõs, e inuteis: quando finalmente as vozes dos Precursôres de Christo chamavaõ os peccadores ao Jordão, e os levavaõ ás fontes dos Sacramentos, o argumento commum deste Evangelho, e a materia utilissima deste dia era a da confissão. Esta antiguidade determino de enterrar hoje: esta velhice determino prégar. E só me peza, que ha de ser (ainda que eu não queira) com grande novidade. Se não houvera no mundo mais modos de confissoens, não me

Pag. 451.

Discurso XXVIII. 175

me ficava a mim para fazer hoje mais, que seguir as pizadas dos nossos Prégadores antepassados, e exhortar a frequencia deste sacramento, e a confissão, e arrependimento dos peccados. Mas se me não engano, ainda ha outro modo de confissão, e muy propria da Corte.

225 E para que o exame se accõmode ao auditorio, não será das consciencias de todos os estados, senão só dos que tem o estado á sua conta. Será hum confessionario geral de hum Ministro Christão. Os Theologos moiaes reduzem ordinariamente este modo de exame a sete titulos: *Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando*. A mesma ordem seguiremos, e para mayor clareza do discurso: vós para mayor firmeza da memoria. Deos nos ajude. Pag. 475.

226 *Quis?* Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si mesmo hum Ministro. Eu sou hum Delembargador da casa da Supplicação, dos Aggravos, do Paço. Sou hum Procurador da Coroa. Sou hum Chanceler mór. Sou hum Regedor da Justiça. Sou hum Conselheiro do Estado, de Guerra, do Ultramar, dos tres Estados. Sou hum Vedor da fazenda. Sou hum Presidente da Camera, do Paço, da Mesa da consciencia. Sou hum Secretario do Estado, das Mercês, do Expediente. Sou hum Inquisidor. Sou hum Deputado. Sou hum Bispo, sou hum Governador de hum Bispado vago. Bem está. Já temos o officio; mas o meu escrupulo, ou a minha admiração não está no officio, senão no Hum. Tendes hum só desses officios, ou tendes muitos? Ha sujeitos na nossa Corte, que tem lugar em tres, e quatro tribunaes: que tem quatro, que tem seis, que tem oito, que tem dez officios. Este Ministro universal não per-

176 *Vieira abbreviado*

Pag. 478.

pergunto como vive, nem quando vive. Não pergunto como acode ás suas obrigaçoens, nem quando acode a ellas; só pergunto como se confessa. O mesmo Sol, quando alumea hum hemisferio, deixa o outro. ás escuras. E que haja de haver homem com dez hemisferios? E que cuide, ou se cuide, que em todos póde alumiar? Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia fim.

Pag. 479.

227. Dirmeheis (como doutos, que deveis ser) que no mesmo tempo, em que Deos deo huma só presidencia, e hum só hemisferio ao Sol, deo tres presidencias, e tres hemisferios a Adaó. Huma presidencia no mar, para que governasse os peixes, outra presidencia no ar, para que governasse as aves, outra presidencia na terra, para que governasse os outros animaes: *Ut præsit piscibus maris, & volatilibus cæli, & bestiis, universæque terræ.* E o mesmo he governar a animaes, que governar a homens? Não eraõ passadas vinte e quatro horas, em que Adaó servia os tres officios, quando já tinha perdidos os officios, e perdido o mundo, e perdido a si, e perdido a nós. Se isto aconteceo a hum homem, que sahia flâmante das mãos de Deos com justiça original, e com ciencia infusa, que será aos que não são tão justos, nem tão cientes, aos que tem outros originaes, e outras infusões?

228. Não era Christaó Plataó, e mandava na sua Republica, que nenhum official podesse aprender duas artes. E a razão que dava era. Porque nenhum homem póde fazer bem dous officios. Se a capacidade humana he tão limitada, que para fazer este barrete são necessarios oito homens de artes, e officios diferentes: hum, que crie a lã, outro, que a tof-
quie,

Discurso XXVIII. 177

quie, outro que a carde, outro que a fie, outro que a teça, outro que a tinja, outro que a toze, e outro que a corte, e a coza: se nas Cidades bem ordenadas o official, que molda o ouro, não póde lavrar a prata, se o que lavra a prata, não póde bater o ferro, se o que bate o ferro, não póde fundir o cobre, se o que funde o cobre, não póde moldar o chumbo, nem torneiar o estanho: no governo dos homens, que são metaes com uso de razão, no governo dos homens, que he a arte das artes, como se haõ de ajuntar em hum só homem, ou se haõ de confundir nelle tantos officios? Se hum mestre com carta de examinação dá ma conta de hum officio mecanico, hum homem (que muitas vezes não chegou a ser obreiro) como ha de dar boa conta de tantos officios politicos? E que não faça disto consciencia este homem? Que se confesse pela Quaresma, e que continue a servir os mesmos officios, ou a servirse delles depois da Pascoa? Isto me admira.

229 Ainda quando vos pozessẽ nesses officios, Pag. 482 tinheis obrigação de depor os officios, e confessar os erros. E que será quando vós sois, o que vos pozestes nelles, o que os pertendestes, o que os buscastes, o que os sobornastes, e o que por ventura os tirastes a outrem para os pôr em vós? Mandou Deos a Moy- Pag. 484 sés, que escolhesse setenta anciaõs dos mais prudentes, e autorizados do povo, e diz o texto, que tirou Deos do espirito de Moysés, e repartio delle por todos os setenta: *Auferens de spiritu, qui erat in* Num. 11 *Moyse, & dans septuaginta viris.* Eis aqui quem 25. era aquelle homem, que se escusou do officio. *Non possum solus sustinere omnem hunc populum:* Eu Se- Ibid. 14 nhor não posso só com o pezo do governo deste po-

178 *Vieira abbreviado*

vo. De maneira, que hum homem, que val por setenta homens, não se atreve a servir hum só officio? E vós, que vos fará Deos muita merce, que sejais hum homem, atreveisvos a servir setenta officios?

Pag. 485.

230 *Quid?* Que? Depois de o Ministro examinar, que ministro, ou que ministros he, segue-se ver o que faz. Hum dia do juizo inteiro era necessario para este exame. *Quid?* Que sentenças? Que despachos? Que votos? Que consultas? Que eleicoens? Mas paremos nesta ultima palavra, que he a de maiores escrupulos, e a que envolve cõummente todo o *Quid*.

231 Não me atrevo a fallar nesta materia, senão por huma parabola, e ainda essa não ha de ser minha, senão do Profeta Isaías. Foy hum homem ao mato, diz Isaías, (ou fosse escultor de officio, ou imaginario de devoção) levava o seu machado, ou a sua acha ás costas, e o seu intento era ir buscar hum madeiro para fazer hum idolo. Olhou para os cedros, para as fayas, para os pinhos, para os ciprestes, cortou donde lhe pareceo hum tronco, e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes, ou em dous cepos, a hum destes cepos meteolhe o machado, e a cunha, fendeo-o em achas, fez fogo com ellas, e aquentouse e cozinhou o que havia de comer. O outro cepo poz-lhe a regra, lançoulhe as linhas, desbastou-o, e tomando já o maço, e o escopro, já a goiva, e o buril, foy-o afeiçoando em fôrma humana. Alizoulhe huma testa, rasgoulhe huns olhos, afiloulhe hum nariz, abriolhe huma boca, ondeolhe huns cabellos ao rosto, foylhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo até os pés. E feito em tudo huma figura de homem, polo sobre o altar, e

ado-

Discurso XXVIII. 179

adorou-o. Pasma Isaias da cegueira deste escultor, e eu tambem me admiro dos que fazem o que elle fez. Hum cepo, conhecido por cepo, feito homem, e posto em lugar, onde ha de ser adorado: *Medietatem ejus combussi igne, & de reliquo ejus idolum faci-* Isai. 44. 19.
ciam? Duas ametades do mesmo tronco, huma ao fogo, outra ao altar? Se saõ dous cepos, porque os naõ haveis de tratar ambos como cepos? Mas que hum cepo haja de ter a fortuna de cepo, e vá em achas ao fogo, e que o outro cepo, taõ madeiro, taõ tronco, taõ informe, e taõ cepo como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar autoridade, respeito, adoração, divindade?

232 Dirmeheis, que este segundo cepo, que está muito bem feito, e que tem partes. Sim tem; mas as que vós fizestes nelle. Tem boca; porque vós lhe fizestes boca: tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos: tem maõs, e pés; porque vós lhe fizestes pés, e maõs. E se naõ dizeilhe, que ande com esses pés, ou que obre com essas maõs, ou que falle com essa boca, ou que veja com esses olhos. Pois se taõ cepo he agora, como era dantes; porque naõ vay tambem este para o fogo? Ou porque naõ vem tambem o outro para o altar? Ha quem leve á confissão estas desigualdades? Ha quem se confesse dos que fez, e dos que desfez? A hum quimastes, a outro fizestes, e de ambos deveis restituição igualmente. Ao que queimastes, deveis restituição do mal, que lhe fizestes: ao que fizestes, deveis restituição dos males, que elle fizer.

233 Fizesteslhe olhos, naõ sendo capaz de ver; restituireis os damnos das suas cegueiras. Fizesteslhe boca, naõ sendo capaz de fallar, restituireis os damnos

de suas palavras. Fizesteslhe mãos, não sendo capaz de obrar, restituireis os damnos das suas omissoens. Fizesteslhe cabeça, não sendo capaz de juizo, restituireis os damnos de seus desgovernos. Eisaqui o encargo de ter feituraz. Então prezaiivos de poder fazer, e desfazer homens? Quanto melhor fora fazer consciencia dos que fizestes, e dos que desfizestes!

234 Deos tem duas acçoens, que reservou só para si: crear, e predestinar. A acção de crear já os poderosos a tem tomado a Deos, fazendo creaturas de nada: a de predestinar tambem lha vejo tomada neste caso: hum para o fogo, e outro para o altar. Basta que tambem haveis de ter precitos, e predestinados! Se fostes precito, (não sey de quem) fostes mofino, haveis de arder: se fostes seu predestinado, fostes ditoso, haveis de reynar. E haverá algum destes omnipotentes, que se tenha accusado alguma hora deste peccado de predestinação?

235 *Ubi?* Onde? Esta circumstancia Onde tem muito que reparar em toda a parte; mas no Reyno de Portugal muito mais; porque ainda, que os seus *ubis*, ou os seus ondes dentro em si podem comprehenderse facilmente, os que tem fóra de si, são os mais diversos, os mais distantes, e os mais dilatados de todas as Monarchias do mundo. Tantos Reynos, tantas naçoens, tantas Provincias, tantas Cidades, tantas fortalezas, tantas Igrejas Cathedraes, tantas particulares na Africa, na Asia, na America, onde poem Portugal Viso-Reys, onde poem Governadores, onde poem Generaes, onde poem Capitaens, onde poem Justiças, onde poem Bispos, e Arcebispos, onde poem todos os outros Ministros da fé, da doutrina, das almas. E quanto juizo, quanta verdade,

Discurso XXVIII. 181

de, quanta inteireza, quanta consciencia he necessaria para considerar, e distribuir bem estes ondes, e para ver onde se poem cada hum? Pag. 495.

236 Se pondes o cubigoso, onde ha occasião de roubar, e o fraco, onde ha occasião de defender, e o infiel, onde ha occasião de renegar, e o pobre, onde ha occasião de desempobrecer, que ha de ser das conquistas, e dos que com tanto, e taõ honrado sangue as ganharaõ? Oh que sujeitos, que se poem nestes lugares! Saõ pessoas de grande qualidade, e de grande authoridade, fidalgos, senhores, titulos. Por isso mais. Os mesmos ecos de huns nomes taõ grandes em Portugal parece, que estaõ dizendo, onde se haõ de pôr. Hum Conde? Onde? Onde obre proezas dignas de seus antepassados, onde dispenda liberalmente o seu com os soldados, e benemeritos, onde peleje, onde defenda, onde vença, onde conquiste, onde faça justiça, onde adiante a fé, e a christandade, onde se honre a si, á patria, e ao Principe, que fez eleição da sua pessoa; e naõ onde se aproveite, e nos arruine, onde se enriqueça a si, e deixe pobre o estado, onde perca as victorias, e venha carregado de despojos. Este ha de ser o seu onde: *Ubi.* Pag. 496.

237 E quanto este onde fôr mais longe, tanto haõ de ser os sujeitos de mayor confiança, e de mayores virtudes. Quem ha de governar, e mandar tres, e quatro mil legoas longe do Rey, onde em tres annos naõ pôde haver recurso de seus procedimentos, nem ainda noticias, que verdade, que justiça, que fé, que zelo deve ser o seu? Na parabola dos talentos diz Christo, que os repartio o Rey: *Unicuique secundum propriam virtutem*: A cada hum conforme a sua virtude: e que se partio para outra região. Matth. 25.

Luc. 19.
12.

dalli muito longe a tomar posse de hum Reyno : *Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum.* Se isto fora historia , podéra ter succedido assim; mas se não era historia , senão parabola ; porque não introduz Christo ao Rey , e aos criados dos talentos na mesma terra , senão ao Rey em huma região muito longe , e aos criados dos talentos em outra ? Porque os criados dos talentos ao longe do Rey he que melhor se experimentaõ , e ao longe do Rey he que são mais necessarios. Nos Brasís , nas Angolas , nas Goas , nas Malacas , nos Macaos , onde o Rey se conhece só por fama , e se obedece só por nome , ahi são necessarios os criados de mayor fé , e os talentos de mayores virtudes. Se em Portugal , se em Lisboa , onde os olhos do Rey se vem , e os brados do Rey se ouvem , faltaõ á sua obrigação homens de grandes obrigaçoens , que será : *In regionem longinquam ?* Que será naquellas regioens remotissimas , onde o Rey , onde as leys , onde a justiça , onde a verdade , onde a razaõ , e onde até o mesmo Deos parece que está longe ?

238 Este he o escrupulo dos que assinalaõ o onde. E qual será o dos que o aceitaõ ? Que me mandem aonde não convém , culpa será (ou desgraça) de quem me manda ; mas que eu não repare aonde vou ! Ou eu sey aonde vou , ou o não sey : se o não ley , como vou aonde não sey ? E se o sey , como vou , onde não posso fazer o que devo ? Tudo temos em hum Profeta , não em profecia , senão em historia. Hia o Profeta Habacuc com huma cesta de pão no braço , em que levava de comer para os seus segadores , quando lhe sahe ao caminho hum Anjo , e dizlhe que leve aquelle comer a Babylonia , e que o dê a Daniel , que estava no

Discurso XXVIII. 183

va no lago dos leoens. Que vos parece, que responderia o Profeta neste caso? *Domine, Babylonem non vidi, & lacum nescio*: Senhor, se eu nunca vi Babylo-^{Dan. 14.}
nia, nem sey onde está tal lago, como hey de levar de comer a Daniel ao lago de Babylonia? Eu digo que o Profeta respondeo prudente: vós direis, que não respondeo bizarro, e segundo os vossos brios assim he. Se os segadores andaraõ aqui nas lezirias, e o recado se vos dera a vós, como haviéis de aceitar sem replica! Como vos haviéis de arrojar ao lago, a Babylonia, e aos leoens! Avisaõvos para a armada, para Capitaõ de mar, e guerra, para Almirante, para General, e sendo o lagozinho o mar Oceano, na costa onde elle he mais soberbo, e mais indomito, ver como vos arrojais ao lago! Acenaõvos com o governo do Brasil, de Angola, da India, com a embaixada de Roma, de Pariz, de Inglaterra, de Hollanda, e sendo estas as Babylonias das quatro partes do mundo, ver como vos arrojais a Babylonia! Hale de prover a gineta, a bengala, o bastão para as fronteiras mais empenhadas do Reyno, e sendo a guerra contra os leoens de Hespanha, tanto valor, tanta ciencia, tanto exercicio, ver como vos arremeçais aos leoens! Se vós não vistes o mar, mais que no Tejo, se não vistes o mundo mais que no mapa, se não vistes a guerra mais que nos panos de Tunes, como vos arrojais ao governo da guerra, do mar, do mundo?

239 Mas não he ainda este o mais escandaloso reparo. Habacuc levava no braço a sua cesta de pão; mas elle não reparou no pão, nem na cesta, reparou sómente na Babylonia, e no lago: vós ás aveças, na Babylonia, e no lago nenhum reparo, no pão, e na cesta ahi está toda a duvida, toda a difficuldade,

184 *Vieira abbreviado*

toda a demanda: Babylonia, Daniel, lago, leoens, tudo isso he mui conforme ao meu espirito, ao meu talento, ao meu valor. Eu irei a Babylonia, eu libertarei a Daniel, eu desqueixarei os leoens, se fôr necessario. Não he essa a difficuldade; mas ha de ser com as conveniencias da minha casa. Não está a duvida na Babylonia, está a duvida, e a Babylonia na cesta. O paõ desta cesta he para os meus segadores. Hir, e vir a Babylonia, e sustentar a Daniel á custa do meu paõ não he possivel, nem justo: os meus segadores estão no campo, a minha casa fica sem mim, Babylonia está daqui tantos centos de legoas, tudo isto se ha de compor primeiro. Haõme de dar paõ para os segadores, paõ para a minha casa, paõ para a ida, e paõ para a volta, e para se acaso lá me comer hum leão, (que só neste caso se suppoem o caso) e por se acaso eu morrer na jornada, esse paõ hame de ficar de juro, e quando menos em tres, ou quatro vidas. Não he isto assim? O ponto está em encher a cesta, e segurar o paõ, e o de mais? Succeda o que succeder, confundase Babylonia, perca Daniel, fartemse os leoens, e leve o peccado tudo. Por isso leva tudo o peccado. E quantos peccados vos parece, que vão envoltos nesta envolta, de que nem vós, nem outros fazem escrupulo? E que vos confesseis quando ides assim, e quando etais assim, e quando tornais assim!

Pag. 505.

240 *Quibus auxiliis?* E com que meynos se fazem, e se conseguem todas estas cousas, que temos dlto? Com hum papel, e com muitos papeis, com certidoens, com informacoens, com decretos, com consultas, com despachos, com portarias, com provisões. Não ha cousa mais escrupulosa no mundo, que

Discurso XXVIII. 185

que papel, e penna. Tres dedos com huma penna na
naõ he o officio mais arriscado, que tem o gover-
no humano. Aquella escriptura fatal, que appareceo
a ElRey Balthazar na parede, diz o texto, que a
formaraõ huns dedos como de maõ de homem: *Ap-
paruerunt digiti, quasi manus hominis*. E estes de-
dos quem os movia? Dizem todos os Interpretes
com S. Jeronymo, que os movia hum Anjo. De ma-
neira, que quem escrevia era hum Anjo, e naõ tinha
de homem mais, que tres dedos. Taõ puro como isto
ha de ser quem escreve. Tres dedos com huma
penna podem ter muita maõ; por isso naõ haõ de ser
mais que dedos. Com estes dedos naõ ha de haver
maõ, naõ ha de haver braço, naõ ha de haver ouvi-
dos, naõ ha de haver boca, naõ ha de haver olhos,
naõ ha de haver coração, naõ ha de haver homem:
Quasi manus hominis. Naõ ha de haver maõ para a
dadiva, nem braço para o poder, nem ouvidos pa-
ra a lisonja, nem olhos para o respeito, nem boca
para a promessa, nem coração para o affecto, nem fi-
nalmente ha de haver homem; porque naõ ha de ha-
ver carne, nem sangue. A razãõ disto he, porque se
os dedos naõ forem muitos seguros, com qualquer
geito da penna podem fazer grandes damnos.

241 Quiz Faraõ destruir, e acabar os filhos de
Israel no Egypto, e que meyo tomou para isso?
Mandou chamar as parteiras Egyptanas, e encõmen-
doulhes, que quando assistissem ao parto das He-
breas, se fõsse homem o que nascesse, lhe torcessem
o pescoço, e o mataassem, sem que ninguem o enten-
desse. Eisaqui quaõ occasionado officio he o daquel-
les, em cujas maõs nascem os negocios. O parto dos
negocios sãõ as resoluçoens, e aquelles, em cujas
maõs

186 *Vieira abbreviado*

maõs nascem estes partos, (ou seja escrevendo ao tribunal, ou seja escrevendo ao Principe) saõ os ministros da penna. E he tal o poder, a occasiaõ, e a sutileza deste officio, que com hum geito de maõ, e com hum torcer de penna podem dar vida, e tirar vida. Com hum geito podemvos dar com que vivais, e com outro geito podemvos tirar o com que viveis. Vede, se he necessario, que tenhaõ muito escrupulosas consciencias estas Egyptanas, quando tanto depende dellas a buena dicha dos homens, e naõ pelas riscas da vossa maõ, senaõ pelos riscos das suas?

242 Quantos delictos se enfeitãõ com huma pen-
nada! Quantos merecimentos se apagaõ com huma
risca! Quantas famas se escurecem com hum borraõ!
Pag. 509. Para que vejaõ os que escrevem de quantos damnos
podem ser causa, se a maõ naõ for muito certa, se a
penna naõ for muito aparada, se a tinta naõ for mu-
to fina, se a regra naõ for muito direita, se o papel
naõ for muito limpo. Eu naõ sey como naõ treme a
maõ a todos os Ministros de penna, e muito mais
aquelles, que sobre hum joelho aos pés do Rey re-
cebem os seus oraculos, e os interpretaõ, e esten-
dem. Elles saõ os que com hum adverbio podem li-
mitar, ou ampliar as fortunas: elles os que com hu-
ma cifra podem adiantar direitos, e atrazar preferen-
cias: elles os que com huma palavra podem dar, ou
tirar pezo á balança da justiça: elles os que com hu-
ma clausula equivoca, ou menos clara podem deixar
duvidoso, e em questaõ o que havia de ser certo, e
effectivo: elles os que com meter, ou naõ meter hum
papel podem chegar, e introduzir a quem quize-
rem, e desviar, e excluir a quem naõ quizerem: elles
finalmente os que daõ a ultima fórma ás resoluçoens
sobe-

Discurso XXVIII. 187

soberanas, de que depende o ser, ou não ser de tudo. Todas as pennas, como as hervas, tem a sua virtude; mas as que estão mais chegadas á fonte do poder, são as que prevalecem sempre a todas as outras. São por officio, ou artificio como as pennas da aguia, das quaes dizem os naturaes, que postas entre as pennas das outras aves a todas comem, e desfazem. Mas se em vez de serem sans, forem corruptas, ellas ferraõ a causa de todas as ruinas, e de todas as calamidades. Se perguntardes aos Grammaticos donde se deriva este nome calamidade: *Calamitas*, respondervoshaõ, que de calamo. E que quer dizer calamo? Quer dizer canna, e penna; porque as pennas antigamente faziaõse de certas cannas delgadas. Por final que diz Plinio, que as melhores do mundo eraõ as da nossa Lusitania. Esta derivação ainda he mais certa na Politica, que na Grammatica. Se as pennas, de que se serve o Rey, não forem sans, destes calamos se derivaráõ todas as calamidades publicas, e ferraõ o veneno, e enfermidade mortal da Monarchia em vez de serem a saude della.

Pag. 513.

243 Vede quaõ arriscado officio he o de hum penna na mão. Perguntaõ os Controversistas, se assim como na sagrada Escriitura são de fé as palavras, ferraõ tambem de fé os pontos, e virgulas. E respondem que sim; porque os pontos, e virgulas determinaõ o sentido das palavras, e variados os pontos, e virgulas, tambem o sentido se varia. Oh que esculpulozo officio! E se a mudança de hum ponto, e de hum virgula póde fazer tantos erros, e tantos damnos, que seria, se se mudassem palavras? Que seria, se se diminuisssem palavras? Que seria, se se accrescentassem palavras? Torno a dizer: Se a mudança de hum ponto,

Pag. 518.

Pag. 516.

Pag. 519.

ponto, e de huma virgula póde ser causa de tantos damnos, que seria, se se calassem regras? Que seria, se faltassem capitulos? Que seria, se se sepultassem papéis, e informações inteiras? E que seria, se (em vez de se apresentarem a quem havia de pôr o remedio) se entregassem a quem havia de executar a vingança? Tudo isto póde caber em huma penna, e eu não sey como póde caber em huma confissão.

Pag. 520.

244 *Cur?* Porque? De todas estas semrazoens, que temos referido, ou admirado, quaes são as causas? Quaes são os motivos? Quaes são os porques? Não ha cousa no mundo, porque hum homem deva ir ao inferno: com tudo ninguem vay ao inferno sem seu porque. Que porques são logo estes, que tanto podem, que tanto cegaão, que tanto arrastaão, que tanto precipitaão aos mayores homens do mundo? Já vejo, que a primeira cousa, que occorre a todos, he o dinheiro. *Cur?* Porque? Por dinheiro; que tudo póde, por dinheiro, que tudo vence, por dinheiro, que tudo acaba. Não nego ao dinheiro os seus poderes, nem quero tirar ao dinheiro os seus escrupulos; mas o meu não he tão vulgar, nem tão grosseiro, como este. Não me temo tanto do que se furta, como do que se não furta. Muitos Ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso os peitarem com dinheiro. Mas estes mesmos deixaõ-se peitar da amizade, deixaõ-se peitar da recômmendação, deixaõ-se peitar da dependencia, deixaõ-se peitar do respeito. E não sendo nada disto ouro, nem prata, são os porques de toda a injustiça do mundo.

245 A mayor sem justiça; que se commetteo no mundo, foy a que fez Pilatos a Christo, condenando á morte a mesma innocencia. E qual foy o porque desta

Discurso XXVIII. 189

desta grande injustiça? Peitaraõno? Deraõlhe grandes summas de dinheiro os Principes dos Sacerdotes? Não. Hum respeito, huma dependencia foy a que condenou a Christo: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris*: Se não condenais a este, não sois amigo de Cesar. E por não arriscar a amizade, e graça do Cesar, perdeu a graça, e amizade de Deos, não reparando em lhe tirar a vida. Isto fez por este respeito Pilatos, e no mesmo tempo *Aqua lavit manus suas*: Matth. 27. Pedio agua, e lavou as mãos. Que importa, que as mãos de Pilatos estejam lavadas, se a consciencia não está limpa? Que importa, que o ministro seja limpo de mãos, senão he limpo de respeito? A mayor peita de todas he o respeito.

246. Se se pozer em questaõ qual tem perdido mais consciencias, e condenado mais almas, se o respeito, se o dinheiro, eu sempre dissera, que o respeito. Por duas razoes: primeira; porque as tentações do respeito são mais, e mayores, que as do dinheiro. São mais; porque o dinheiro he pouco, e os respetos muitos. São mayores; porque em animos generosos mais facil he desprezar muito dinheiro, que cortar por hum pequeno respeito. Segunda, e principal; porque o que se fez por respeito, tem muito mais difficultosa restituicão, que o que se fez por dinheiro. Na injustiça, que se fez, ou se vendeo por dinheiro, (como o dinheiro he cousa, que se vê, e que se apalpa) o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo, o mesmo dinheiro intercede pela restituicão. A luz do diamante davos nos olhos, a cadea tira por vós, o contador lembravos a conta, a lamina, e o quadro peregrino (ainda que seja com figuras mudas) dá brados á consciencia; mas no que se fez por

por respeito, por amizade, por dependencia, (como estas apprehensoens são cousas, que se não vem, como são cousas, que vos não armaõ a casa, nem se penduraõ pelas paredes) não tem o escrupulo tantos despertadores, que fação lembrança á alma.

Pag. 526.

247 Quasi estou para vos dizer, que se houverdes de vender a alma, seja antes por dinheiro, que por respeito; porque ainda que o dinheiro se restitue poucas vezes, os respeitoos nunca se restituem. Torne Pilatos. Entregou Pilatos a Christo, e Judas tambem o entregou: Pilatos: *Tradidit eum voluntati eorum*. Judas: *Quid vultis mihi dare, & ego eum vobis tradam?* Conheceo Pilatos, e confessou a innocencia de Christo, e Judas tambem a conheceo, e a confessou. Pilatos: *Innocens ego sum à sanguine justì hujus*. Judas: *Peccavi tradens sanguinem justum*. Fez mais alguma coula Pilatos? Fez mais alguma coula Judas? Judas sim, Pilatos não. Judas restituiu o dinheiro lançando-o no templo, Pilatos não fez restituição alguma. Pois porque caula restitue Judas, e porque não restitue Pilatos? Porque Judas entregou a Christo por dinheiro, Pilatos entregou-o por respeitoos. As restituições do dinheiro alguma vez se fazem, as dos respeitoos nenhuma. E se não dizey-o vós. Fazemte nesta Corte muitas coulas por respeitoos? Não perguntey bem. Fazse alguma coula nesta Corte, que não seja por respeitoos? Ou nenhuma, ou muito poucas. E ha alguem na vida, ou na morte, que faça restituição disto, que fez por respeitoos? Nem o vemos, nem o ouvimos. Pois como se confessão disto os que o fazem, ou como os absolvem os que os confessão?

Pag. 528.

248 *Quomodo?* Porque modo, ou porque modos?

Discurso XXVIII. 191

dos? Somos entrados no labyrintho mais intricado das consciencias, que são os modos, as traças, as artes, as invençoens de negociar, de entreter, de insinuar, de persuadir, de negar, de annullar, de provar, de desviar, de encontrar, de preferir, de pervalecer, finalmente de conseguir para si, ou alcançar para outrem tudo quanto deixamos dito. Para eu me admirar, e nos allombrarmos todos do artificio, e subtilidade do engenho, ou do engano, com que estes modos se fiaõ, com que estes teares se armaõ, com que estes enredos se tramaõ, com que estas negociações se tecem, não nos seraõ necessarias as teyas de Penelope, nem as fabulas de Ariadne, porque nas historias sagradas temos huma tal tecedeira, que na casa de hum pastor honrado nos mostrará quanto disto se tece na Corte mais Corte do mundo. O mayor morgado, que houve no mundo, foy o de Jacob, em que succedeo Christo: *Regnabit in domo Jacob*. Sobre este morgado pleitearaõ desde o ventre da mãy os irmãos Jacob, e Esau. Jacob foy o que venceu a de- manda, Jacob o que levou a benção, Jacob o que ficou com o morgado. Pois se o morgado por ley da natureza se deve ao primogenito, e Esau nasceo primeiro, como foy possivel que prevalecesse Jacob sem direito, Jacob sem talento, Jacob sem serviços, Jacob sem favor? Porque tudo isto póde a traça, a arte, a manha, o engano, o enredo, a negociação.

249 Parecevos grande semrazaõ esta? Tendes muita razaõ. Mas esta tragedia, que huma vez se en- sayou em Hebron, quantas vezes se representa na nossa Corte? Quantas vezes com nomes suppostos, com merecimentos fingidos, e com abonaçoens falsificadas se roubaõ os premios ao benemerito, e tri- unfa

192 *Vieira abbreviado*

unfa com elles o indigno? Quantas vezes rende mais a Jacob a sua Rebecca, que a Esau o seu arco? Quantas vezes alcança mais Jacob com as luvas calçadas, que Esau com as armas nas mãos? Se no ocio da paz se medra mais, que nos trabalhos da guerra, quem não ha de trocar os foes da campanha pela sombra destas paredes?

Pag. 536. 250 Não o experimentou assim David, e mais servia a hum Rey injusto, e inimigo. David servio em palacio, e servio na guerra: em palacio com a arpa, na guerra com a funda. E onde lhe foy melhor? Em palacio medrou tão pouco, que da arpa tornou ao cajado: na guerra montou tanto, que da funda subio á coroa. Se se visse, que David crescia mais á sombra das paredes de palacio, que com o sol da campanha, se se visse, que medrava mais lisongeando as orelhas com a arpa, que defendendo, e honrando o Rey com a funda, se se visse, que merecia mais galanteando a Michol, que servindo a Saul, não seria huma grande injustiça, e hum escandalo mais que grande? Pois isto he o que padecem os Elaus nas preferencias dos Jacobs. E que Esau fique privado do seu morgado para sempre, e que nem Rebecca, que lho tira, nem Jacob, que lho possue, nem Isac, que lho consente, fação escrupulo deste caso? Doutores ha, que condemnaõ tudo isto, e outros ha, que o escusaõ. Eu não escuso, nem condemno, admirome com as turbas: *Et admiratae sunt turbæ.*

251 *Quando?* Esta he a ultima circumstancia do nosso exame. E quando acabaria eu, se houvera de seguir até o cabo este quando? Quando fazem os Ministros o que fazem? E quando fazem o que devem fazer? Quando respondem? Quando deferem? Quan-

Discurso XXVIII. 193

Quando despachão? Quando ouvem? Que até para huma audiencia são necessarios muitos quandos. Se fazerse hoje o que se podera fazer hontem, se fazerse á manhã o que se devera fazer hoje, he materia em hum Reyno de tantos escrupulos, e de damnos muitas vezes irremediaveis, aquelles quandos tão dilatados, aquelles quandos tão desattendidos, aquelles quandos tão eternos quanto devem inquietar a consciencia de quem tiver consciencia?

252 Antigamente na Republica Hebreá (e em Pag. 540.
muitas outras) os tribunaes, e os Ministros estavam ás portas das Cidades. Mas que razão tiverão aquelles legisladores para situarem este lugar aos tribunaes, e para porem ás portas das Cidades os seus Ministros? Varias razoes apontaõ os Historiadores, e Politicos; mas a principal, em que todos convém, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pertençaõ, com o seu requerimento, e sem entrar na Cidade voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tão promptos aquelles Ministros, que nem ainda dentro na Cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilacão de entrarem dentro. Não saibão os requerentes a differença daquella era á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os Ministros ás portas das Cidades, agora estão as Cidades ás portas dos Ministros: tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de pé não fazem conto, nem delles se faz conta.) As portas, os patios, as ruas rebentando de gente, e o Ministro encantado, sem se saber, se está em casa, ou se o ha no mundo, sendo necessaria mui-
Pag. 541.

194 *Vieira abbreviado*

ta valia só para alcançar de hum criado a revelação deste mysterio.

253 Huns batem, outros não se atrevem a bater, todos a esperar, e todos a desesperar: sahe finalmente o Ministro quatro horas depois do Sol, apparece, e desaparece de corrida: olhaõ os requerentes para o Ceo, e huns para os outros: apartale desconsolada a Cidade, que esperava junta. E quando haverá outro quando? E que vivaõ, e obrem com esta inhumanidade homens, que se confessaõ, quando procediaõ com tanta razão homens sem fé, nem sacramentos? Aquelles Ministros, ainda quando despachavaõ mal os seus requerentes, faziaõlhes tres merces: poupavaõlhes o tempo, poupavaõlhes o dinheiro, poupavaõlhes as passadas. Os nossos Ministros, ainda quando vos despachaõ bem, fazemvos os mesmos tres damnos: o do dinheiro, porque o gastais, o do tempo, porque o perdeis, o das passadas, porque as multiplicaes. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro, que não tem. Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas, que não póde? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo, que havia mister? Oh tempo tão precioso, e tão perdido!

254 Dilata o Julgador oito mezes a demanda, que se podéra concluir em oito dias. Dilata o Ministro oito annos o requerimento, que se podéra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orfaõ, a pobreza da viuva, a afflicção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis? As dilações, as suspensoens, as irresoluçoens, o hoje, o a manhã, o outro dia, o nunca dos vossos quandos?

Dir-

Discurso XXVIII. 195

Dirmeheis, que não ha com que despachar, e com que premiar a tantos. Por essa escusa se esperava. Primeiramente elles dizem, que ha para quem quereis, e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso; porque o não creyô; mas se não ha com que; porque lhe não dizeis, que não ha? Porque os trazeis enganados? Porque os trazeis consumidos, e consumindose? Esta pergunta não tem reposta; porque ainda que pareça meyo de não desconfortar os perpendentes, muito mais os desconforta a dilação, e a suspensão, do que os havia de desconfortar o defengano.

255 Tres horas requereo Christo no Horto. Ef. ^{Pag. 544.}

tando na mayor afflicção do seu requerimento desceo hum Anjo do Ceo a confortallo: *Apparuit illi Angelus de caelo confortans eum.* E em que consistio o conforto, se a reposta foy, que bebesse o calix, contra ^{Pag. 548. Luc. 22. 43.}

o que Christo pedia? Nisso mesmo esteve o conforto; porque ainda que lhe não responderaõ com o despacho, responderaõlhe com o defengano. Vede quanto melhor he defenganaos aos homens, que dilatallos, e suspendellos. A dilação, e a suspensão para Christo era agonia, o defengano foy alento. A dilação sem despacho são dous males, o defengano sem dilação he hum mal temperado com hum bem; porque se me não dais o que peço, ao menos livraisme do que padeço. Livraisme da suspensão, livraisme do cuidado, livraisme do engano, livraisme da ausencia da minha casa, livraisme da Corte, e das despesas della, livraisme do nome, e das indignidades de requerente, livraisme do vosso tribunal, livraisme das vossas escadas, livraisme dos vossos criados, em fim livraisme de vós, e he pouco?

256 Pois se com hum defengano dado a tempo os homens ficaõ menos queixosos, o governo mais reputado, o Rey mais amado, e o Reyno mais bem servido; porque se ha de entreter, porque se ha de dilatar, porque se não ha de defengano o pobre per-tendente, que tanto mais o empobreceis, quanto mais o dilatais? Se não ha cabedal de fazenda para o despacho, não haverá hum não de tres letras para o defengano? Será melhor, que elle se defengane depois de perdido? E que seja o vosso engano a cau-sa de se perder? Quereis que se cuide, que o susten-tais na falsa esperança, porque são mais rendosos os que esperaõ, que os defenganados? Se lhe não po-deis dar o que lhe negais, quem lhe ha de restituir o que lhe perdeis? Oh restituíçoens! Oh consciencias! Oh almas! Oh exames! Oh confisloens!

DISCURSO XXIX.

Tirado de hum sermaõ de nossa Senhora do O.

DESEJO.

Part. 4.
Num. 47.

257 **A** Figura mais perfeita, e mais capaz de quantas inventou a natureza, e conhece a Geometria, he o circulo. Circular he o globo da terra, circulares as esferas celestes, circular toda a machina do univerto, que por isso se chama Orbe, e até o mesmo Deos, se sendo espirito, podéra ter figu-ra, não havia de ter outra, senão a circular. O certo he, que as obras sempre se parecem com seu Author. A eternidade, e o desejo são duas cousas tão parecidas, que ambas se retrataõ com a mesma figura. Os Egy-
pcios

Discurso XXIX. 197

pcios nos seus jeroglíficos, e antes delles os Caldeos para representar a eternidade pintaraõ hum O; porque a figura circular não tem principio, nem fim, e isto he ser eterno. O desejo ainda teve melhor pintor, que he a natureza. Todos os que desejão, se o affecto rompeo o silencio, e do coração passou á boca, o que pronunciaõ naturalmente he O.

258 Desejou David a agua da cisterna de Belém, Num. 57. e antes de declarar aos soldados, qual era o seu desejo, adiantouse hum O a dizer, que desejava: *Desideravit ergo David, & ait: O si quis mihi daret potum aquæ de cisterna, quæ est in Bethlehem!* O O foy a voz do desejo, as demais a declaração, e como a natureza em hum O deo ao desejo a figura da eternidade, e a arte em outro O deo á eternidade a figura do desejo, não ha desejo, se he grande, que na tardança, e duração não tenha muito de eterno.

DISCURSO XXX.

Tirado de hum sermão de Santa Teresa.

DESPREZO

259 **O** Desprezo a ninguém melhorou, a honra a muitos; porque a melhor arte de fazer bons he admitillos. Quantos andaõ desfavorecidos por essas ruas, que haviaõ de encher muito bem o seu lugar, se os chamaraõ! Assim viramos estimados, premiados, e satisfeitos os que não servem á sombra de telhados de ouro, nem ao calor de brazeiros de prata, sênaõ ao sol, e ao frio, lidando com as ondas, e com as balas. Eisaqui o mayor mal, e a mayor con-

Tom. I.

N 3

fola-

198 *Vieira abbreviado*

folação, que tem o mundo. Serem os indignos os convidados he o mayor mal, serem os benemeritos os excluidos he a mayor consolação.

DISCURSO XXXI.

Tirado de hum sermão de nossa Senhora da Conceição prégado na Igreja de N. Senhora do Desterro.

DESTERRO.

Part. 6.
Num. 240.

260 **P**Ara o desterro ser morte nenhuma cousa lhe falta; porque o desterrar-se he enterarse. E se ha alguma differença entre a morte, e o desterro, he que o desterro não só he morte, senão morte, e sepultura. E sendo assim, que para ser morto, e sepultado não basta só a morte; para ser morto, e sepultado, basta só o desterro. O desterro he como a morte, e a morte he como o desterro: e se algum excede a outro na miseria, não he a morte ao desterro, senão o desterro á morte; porque o desterrar-se da patria he morrer, o viver no desterro he enterrar-se.

Num. 241.

DISCURSO XXXII.

Tirado de hum sermão prégado em acção de graças, pelo nascimento da Princeza de Portugal.

DOR.

Part. 12.
Num. 290.

261 **T**odos os Profetas nas suas cõminaçoens quando querem encarecer muito huma grande

Discurso XXXII. 199

grande dor, chamaõlhe dor, como dor de parto. Da- Num. 144.
vid: *Ibi dolores ut parturientis*. Isaias: *Quasi par-* Psalm. 47.
turiens dolebunt. Jeremias: *Dolores ut parturien-* Itai. 13.
tem. Mas posto que a dor de parto seja taõ encare- Jer. 93.
cida nas sagradas letras, ainda ha outra dor mayor.
Equal he? A dor de naõ ter essa dor, a dor de naõ
ter filhos. A dor de parto he dor de mãy, a dor de
naõ ter filhos he dor da mãy, e mais do pay, ou dos
que o desejavaõ ser, e naõ o saõ. A dor do parto
he dor de huma hora, a dor de naõ ter filhos he dor
de toda a vida. Antes na mesma morte he mayor dor;
porque haõ de deixar por força os bens, e naõ tem a
quem os deixem. A dor do parto, como ponderou
Christo, he dor, que se converte em alegria. A dor Joan. 16.
de naõ ter filhos he dor sem consolação, sem alivio,
sem remedio. Finalmente a dor do parto he dor,
com que póde a vida, a dor de naõ ter filhos he dor,
que mata.

DISCURSO XXXIII.

*Tirado de hum sermão de S. Bartholomeu prégado
em Roma na occasião de promoção de Cardeaes.*

ELEIC, A M.

262 **N** Enhum negocio mais deve tirar o sono a Part. 2.
hum Principe, nenhum o devê desvelar Num. 372.
mais, que a eleição de grandes Ministros; porque
desta eleição dependem todas as eleições, todas as
resoluçoens, todas as execuçoens, e todo o bom go-
verno, e felicidade da Republica. Aqui se faz, ou
desfaz tudo. Justamente logo se desvela o supremo
N 4 Rey,

Rey, e exemplarmente o supremo Pastor: *Erat pernoctans*. Havia de eleger os Pastores de sua Igreja, havia de eleger os mayores Ministros de sua Monarchia.

Gen. 31. 40. Justa, e exemplarmente se desvela: *Fugiebat somnus ab oculis meis*, dizia Jacob, quando pastor de Labão. Se o cuidado das ovelhas tanto desvela ao pastor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleição dos Pastores? Lembrame (vamos do monte ao mar) lembrame, que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do Apostolado, e no mayor rigor da tempestade se diz de Christo, que dormia: *Ipsè vero dormiebat*. No mar, Senhor meu, dormindo, e no monte desvelado? Não vos tira o sono a tempestade, e a eleição dos que vão na barca vos desvela tanto? Sim. Que quem se desvela nas eleições, não periga nas tempestades. Pedro estava ao leme, André, João, e Diogo, e os demais aos remos. E quando está a barca tão bem provida, bem póde dormir o Patraão. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleição, ahi se venceo o perigo, onde estava o perigo, alli houve de ser o desvelo: *Erat pernoctans*. Este he o ponto, sobre que havemos de fallar hoje. Materia não só grande, mas entre as mayores a mayor. Como se devem eleger os grandes Ministros.

Num. 373. 263 Elegeo Christo hoje os mayores Ministros de sua Igreja, e no modo, e circumstancias admiraveis desta eleição deixou canonicamente prescripto a seus successores como elles tambem os haviaão de eleger. Todo o exemplar se reduz a tres regras. Primeira, com quem se ha de fazer a eleição? Segunda, quaes devem ser os eleitos? Terceira, quantos se haão de eleger? Em tres palavras. Com quem? Quaes

Discurso XXXIII. 201

Quaes? E quantos? Começemos.

264 A primeira pergunta destas he. Com quem Num. 374. se haõ de fazer as eleicoens? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não, e fim. Não com os parentes, mas com o mais parente. Não com os amigos, mas com o mais amigo. Não com os interessados, mas com o mais interessado com Deos: *In oratione Dei*. No sagrado Collegio tinha Christo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes; porque tinha a Joaõ, e os dous Jacobos primos seus; porém não consultou estes parentes, senaõ a Deos, que he o mais parente; porque he pay. Tinha amigos, e muito do seu seyo, Pedro, Joaõ, e Diogo, dos quaes fiava tudo. Porém não consultou estes amigos, senaõ a Deos, que he o mais amigo; porque o seu amor he fiel, e a sua vontade recta. Tinha interessados, e estes (como costuma fer) eraõ todos: *Quis eorum videretur esse maior.* Luc. 22, 24. E não consultou estes interessados, senaõ a Deos, que nesta eleicaõ era o mais interessado; porque nos Ministros idoneos de sua Igreja vay empenhado seu serviço, sua honra, sua gloria, e o bem, e salvaçaõ do mundo. Nas Côrtes do mundo os interessados oraõ, o Principe elege. No Consistorio de Christo Num. 376. os interessados callaõ, o Principe ora: *In montem orare*. Os eleitos não se haõ de pedir ao Principe, ha de pedillos o Principe a Deos.

265 Bastava só esta razaõ para ser Deos, e só Num. 377. Deos o consultado nas eleicoens; mas ha outra mais interior, e mais forçosa, o acerto. Não ha cousa mais difficil, que eleger hum homem a outro homem; porque ou o conhece, ou não. Se o não conhece, elege ás cegas, e se o conhece, tambem; porque se o conhece,

nhece, ou o ama, ou o aborrece, e tão cego he o amor como o odio; mas he certo, que com a paixão, ou ainda sem ella, nenhum homem conhece a outro. O conhecimento do homem he reservado sómente a Deos, e ainda nelle admiravel: *Mirabilis facta est scientia tua ex me*. Necessario he logo, que se peça a Deos orando o que o homem nem por si, nem por outrem póde alcançar conhecendo.

Psalm. 138
6.

Num. 380.

266 Passemos á segunda questãõ. Quaes haõ de ser os eleitos? Os maos? Claro está que não: logo os bons? Não digo isso. Nem os maos, nem os bons, sennão os melhores. Ainda disse mal, e ainda pouco. Os melhores dos melhores digo, quaes eraõ os que hoje elegio Christo. Os melhores do povo de Israel eraõ os que criaõ em Christo, os melhores, que criaõ nelle, eraõ seus discipulos, e os melhores de seus discipulos foraõ os doze, que hoje elegio, e nomeou por Apóstolos: *Elegit duodecim ex ipsis, quos & Apostolos nominavit*. Note-se muito, não ló a quem; e a quaes; mas de quem, e de quaes escolheo: *Ex ipsis*. Entre os discipulos estava Lucas, estava Marcos, estava Estevão, e tantos outros eminentemente bons, e melhores que bons. Mas o Senhor como elegia os Apóstolos para eminentissimos, não elegio os melhores dos bons, sennão os melhores dos melhores. Esta foy a razãõ, porque Christo chamou diante de si a todos os discipulos, quando escolheo aos Apóstolos: *Vocavit discipulos suos, & elegit duodecim ex ipsis*, para que á vista dos que deixava, se conhecesse melhor os que escolhia. Excluase hum Marcos, excluase hum Lucas, excluase hum Estevão, para que á vista da grandeza dos excluidos se conheça melhor a eminencia dos doze eleitos. Nas
pro-

Discurso XXXIII. 203

promoçoens humanas os excluidos condemnaõ as eleiçoens, nas divinas os excluidos qualificaõ os eleitos. Oh quaõ bem recebidas seriaõ as eleiçoens, e Num. 38. quaõ aplaudidos os eleitos, e os eleitores, se observassem os homens esta regra de Deos! Quando Saul Num. 38. era melhor, que David, elegeo a Saul, quando David foy melhor, que Saul, elegeo a David: sempre o melhor do melhor.

267 Mas porque esta doutrina parece miuda, e Num. 38.5. apertada, he necessario darmos a razao della. Que razao ha para se elegerem naõ só os bons, senaõ os melhores, e ainda dos melhores os que forem, ou for melhor? A razao he; porque o que elegeo, naõ só he obrigado a procurar o bem publico, senaõ o mayor bem; por isso naõ deve eleger nem o mau, nem o bom; senaõ o melhor. O mau naõ; porque este fará mal, o bom tambem naõ; porque este fará menos bem; o melhor, e só o melhor sim; porque este fará melhor. Entre o bom, e melhor ha a mesma differença, que entre o menos, e o mais, e deste mais de bem, que accresce sobre o menos de bem, naõ deve privar a Republica, ou a Igreja aquelle, que he obrigado a lhe procurar o seu mayor bem. Hase de pôr em balança o menos, e o mais, e assim se haõ de fazer as eleiçoens: o melhor, que póde servir mais a Igreja, eleito, o que póde servir menos, ainda que bom, excluido.

268 Que escreveo a maõ de Deos, quando foy excluido do governo, e da coroa ElRey Balthasar? *Appensus es in statera, & inventus es minus ha-* Dan. 5. *bens*: Foste pezado na balança, e achouse, que tinhas menos. Menos he correlativo de mais, e quem foy achado com mais em comparaçao de Balthasar, que

que foy achado com menos? Era o Rey Cyro, que lhe succedeo. Poz Deos em balança de hum a parte a Cyro, e da outra a Balthasar, e porque Cyro havia de ser mais util á Igreja, e ao seu povo, que entao estava desterrado, e cativo em Babylonia, como verdadeiramente foy, mandandolhe restituir a liberdade, a patria, e o templo; porque Cyro, digo, havia de ser mais util, e Balthasar menos, este menos lhe tirou a purpura, e a coroa a Balthasar, e este mais a deo a Cyro.

269 Ha de fazer a balança da justica neste caso o que a balança da cubica nos seus. Digamolo mais claro. Ha de fazer a cubica do bem publico o que faz a cubica do bem particular. A quem dá a cubica as dignidades, e a quem as tira? Da-a a quem vê, que tem mais; porque recebe, ou espera mais. Tira-as a quem vê, que tem menos; porque ou não recebe, ou espera menos. Sabeis Sacerdote virtuoso, sabeis Religioso exemplar, sabeis Ministro zeloso, e incorrupto, sabeis Doutor grao letrado, porque fostes excluido? Porque *inventus es minus habens*. O eleito não tinha mais virtude, nem mais letras, nem mais zelo, nem mais talento que vós, mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos! Assim ha de attender ao mais, e ao menos a cubica do eleitor, sómente ambicioso do bem publico. Exclua aquelles, de quem se espera menos, ainda que bons, e eleja os que promettem de si mais, que são os melhores. Este he o unico respeito, que faz as eleicoens justas, e não respectivas. Todos os outros respeitos, e attençoens, que respeitaõ ao bem, e utilidade particular, são peste da Republica, e tanto mais venenosa, quanto mais chegada ás veyas.

Discurso XXXIII. 205

270 A terceira, e ultima queſtaõ he: quantos haõ de ſer os eleitos? Haõ de ſer poucos, ou muitos? Numero certo, ou incerto? Arbitrario, ou eſtabelecido? Cheyo, ou naõ cheyo? A tudo responde Chriſto em huma palavra: *Duodecim*: Doze. Vamos por partes. Se haõ de ſer poucos, ou muitos, responde Chriſto, que poucos. E porque? Porque havendo de ſer os eleitos, como diſſemos, os melhores, quando naõ ſaõ muitos os bons, naõ podem ſer os melhores muitos. Em poucos ha ordem, ha uniaõ, ha conſelho: na multidaõ nem ordem, porque ſerá perturbaçaõ, nem uniaõ, porque ſerá diſcordia, nem conſelho, porque ſerá tumulto. Os Miniſtros haõ de ſer como as leys, as leys haõ de ſer poucas, e bem guardadas, e os Miniſtros poucos, e eſcolhidos: *Elegit duodecim*.

271 Mas eſte numero ſerá bem, que ſeja certo, Num. 390¹ ou incerto? Arbitrario, ou eſtabelecido? *Duodecim*: Doze. Enſina Chriſto, que ha de ſer certo, e eſtabelecido, e naõ incerto, nem arbitrario. O numero dos doze Apoſtolos naõ ſó eſtava eſtabelecido, mas predeſtinado: eſtabelecido nos doze Patriarcas filhos de Jacob, nos doze exploradores da terra de promiſſaõ, nas doze fontes do deſerto, nas doze pedras do Racional: predeſtinado nos doze fundamentos, e nas doze portas da Cidade de Deos, nas doze eſtrellas da mulher veſtida de Sol, e nas doze cadeiras do juizo univerſal; e como era numero canonicamente decretado, e conſagradamente myſterioſo, ſendo Chriſto ſuperior a todas as leys, e ſenhor dellas, obſervou exaõtamente a religiaõ do myſterio, e naõ quiz mudar, nem alterar o numero.

272 Ponderou o caſo profundamente S. Paſchaſio,

D. Pa'ch. fio, e diz assim: *Adeo autem Christus secum voluit esse duodecim, ut ne Judas posset efficere, ut tantum essent undecim.* Foy taõ obervante, e taõ obervador Christo do numero decretado, que teve por melhor meter no numero a Judas, que naõ obervar pontualmente o numero. Sejaõ doze como está decretado, ainda que Judas seja o duodecimo: e se foy muito naõ diminuir o numero por Judas, naõ foy menos naõ accrescentar o numero nem por Marcos, nem por Estevaõ. Naõ se altere o numero estabelecido, ainda que fiquem fóra delle o terceiro Euangelista, e o primeiro Martyr.

Num. 391. 273 Naõ se ha de multiplicar o numero dos lugares, ainda que cresça o numero dos benemeritos. Pa-guese o merecimento sim, mas com outros premios. Naõ devem ser as cadeiras mais que doze, naõ se haõ de multiplicar dignidades, naõ se haõ de multiplicar lugares, naõ se haõ de fazer Ministros supernumerarios. Se saõ doze os Patriarcas, sejaõ doze os Apostolos, e naõ mais de doze. Se saõ setenta os anciaõs do povo, sejaõ setenta os discipulos, e naõ mais de setenta. E porque? Porque cerrado o numero, cerra-se a porta a inconvenientes sem numero. Vós o discorrey, que o sabeis melhor.

Num. 393. 274 Esta he a razaõ, porque naõ elegeo Christo mais de doze. Resta saber porque naõ elegeo menos, e porque encheo o numero. Porque naõ convem, que haja lugares vagos. A natureza naõ admite vacuo, nem o deve admittir a politica, ou seja sagrada, ou profana. Hum lugar vago na Republica tem os mesmos inconvenientes, que teria no mundo o vacuo. Se houvera vacuo no mundo, havia-se de inquietar toda a natureza, havia de correr toda impe-tuosa-

Discurso XXXIII. 207

tuosamente a occupar aquelle lugar. O mesmo succede nos lugares vagos: inquietaçoens, perturbaçoens, tumultos, e tanto mais precipitosos, e desordenados, quanto correm todos não ao commum, senão cada hum ao seu: não a encher o lugar; mas a encherse com elle. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o numero. Melhor he cerrar o numero, que a porta. Na parabola das virgens Matth. 25.
11. cerrou-se a porta: *Clausula est janua*; mas não se cerrou o numero; porque eraõ dez os lugares: *Decem virginibus*, e como o numero não estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta, que haviaõ de fazer as nescias, senão clamar, e dar vozes, e inquietar as vodas? Davaõ vozes as virgens, davaõ vozes as alampadas acezas, e o dinheiro despendido tambem dava vozes. Para evitar clamores cerrar o numero.

DISCURSO XXXIV.

Tirado do quinto das Pedras de David.

ETERNIDADE.

276 **A** Eternidade, como define Boecio, he hum Parr. 14.
Num. 179. ma duraçãõ simultanea, que não tem antes, nem depois. He hum instante perpetuo, que não admitte anno, nem dia, he hum hoje permanente, que nem conhece hontem, nem á manhã: he hum presente continuo, que não teve preterito, nem ha de ter futuro, sendo sempre permanente, e não passando já mais, como se fosse successivo, e verdadeiramente passasse: do presente faz preterito, de muitos

208 *Vieira abbreviado*

tos seculos poucos instantes , de milhares de annos
hum dia, da mesma eternidade breve tempo.

DISCURSO XXXV.

*Tirado de hum sermão de Santa Iria , cuja formo-
sura foy causa de sua morte.*

FORMOSURA.

Part. 6.
Num. 316.

Prov. 31.
30.

276 **S**Entença he divina , e tão infallivel na ver-
dade, como provada na experiencia , que
aquella graça da natureza , a que os olhos chamaõ
formosura, não he mais que hum apparencia da mes-
ma vista enganosa, e vã: *Fallax gratia, & vana est
pulchritudo* , diz o Espirito Santo por boca de Sa-
lamaõ , o mais experimentado neste engano, e o mais
desenganado desta vaidade. Nem era necessario o
testimunho de tão soberanas authoridades, divina , e
humana , para persuadir esta fé á vista. Até os Poe-
tas , quẽ tanto se empregão em disfarçar , e encubrir
a falsidade desta apparencia, e com nomes de diamã-
tes, rubís, e safiras procuraõ fazer solida a sua vai-
dade , não poderaõ deixar de confessar quaõ fragil
he , e de pouca dura: *Forma bonum fragile est* , disse
Ovidio: e Seneca: *Res est forma fugax*.

277 Os Filolofos , quẽ mais professão o verda-
deiro, concedendolhe os poderes , não lhe poderaõ
negar a fraqueza, e falsidade. Socrates chamou á for-
mosura tyrannia , mas de breve tempo: *Brevis tem-
poris tyrannis*. Theofrasto chamoulhe engano mu-
do: *Deceptio tacita*; porque sem fallar engana. E
que direy dos santos Padres? S. Jeronymo diz, que
a for-

Discurso XXXV. 209

a formosura he hum esquecimento do uso da razão: *Oblivio rationis*, e aonde falta o lume da razão, quacs seraõ as cegueiras, e enganõs dos sentidos? S. Bernardo, S. Basilio, Santo Efrem, Santo Isidoro Pelusiota, e outros Santos, para descobrir o mesmo enganõ sem chegar aos horrores da sepultura, consideraõ as fealdades interiores, que este especioso veo occulta ainda em vida, e correndo a cortina ao idolo adorado da formosura, naõ só a demostraõ feya, mas ascorosa, e medonha.

278 S. Joaõ Chrysostomo, e S. Gregorio Nazianzeno parando mais begninamente só na superficie, em que consiste a formosura, suppoem sem mais apparato, que he huma pintura de duas cores, branco, e vermelho. Assim a descreveo no seu amado aquella pastora taõ bem entendida como Salamaõ: *Dilectus meus candidus, & rubicundus*. A formosura pois em toda a sua esfera ou he natural, ou artificial: o branco, e vermelho do artificial he o que se vay comprar ás boticas, onde estaõ venaes toda a semana as caras, com que se ha de apparecer ao Domingo. O da formosura moral celebra Nazianzeno na santa virgem Gorgonia, da qual diz, que o branco, de que usava no rosto, era o que causa o jejum, e o vermelho, com que tingia as faces, o que tira a ellas o pejo: *Unus illi rubor placebat, quem pudor affert, unus candor, quem parit abstinentia*.

279 Finalmente S. Chrysostomo, definindo a formosura natural fisicamente, diz, que naõ he outra cousa, que huma mistura de fleuma, e sangue: *Pulchritudo est phlegma cum sanguine mistum*. A fleuma faz o branco, o sangue o vermelho; mas o que eu noto digno de particular advertencia nestes dous

humores, he que a composição delles causa a formosura, e a descomposição as enfermidades. Sendo porém as enfermidades as armas naturaes da morte, muito mais mortes tem causado a fleuma, e o sangue em quanto origem da formosura, q̃ em quanto instrumentos da mesma morte. Em Dina matou a formosura a Sichem, em Dalila matou a Samão, em Judith matou a Holofernes, em Helena a toda a Troya, em Lucrecia a toda a Roma, e em Florinda a toda a Hespanha.

Part. II.

Num. 363.

280 Que cousa he a formosura, senão huma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a cor, e antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior, e apparente superficie de tal forte, que se os olhos podessem penetrar o interior della, o não poderião ver sem horror. Ouvi ao mesmo compositor da arte, que ensinou como se havia de amar esta enganadora:

Num. 362.

Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor: A formosura, diz elle, he hum bem fragil, e quanto mais se vay chegando aos annos, tanto mais vay diminuindo, e desfazendo em si, e fazendose menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa, e formosa Grega, filha de Tindaro Rey de Laconia, por cujo roubo foy destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e ao passo que hia durando, e crescendo a guerra, se hia juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a formosura de Helena, flor em fim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que vendose ao espelho pelos olhos, que já não tinhaõ a antiga viveza; lhe corriaõ as lagrimas, e não achando a causa, por que duas vezes fora roubada,

Discurso XXXVI. 211

da, ao mesmo espelho, e a si perguntava por ella:

*Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit anniles
Tindaris, & secum cur sit bis raptare requirit.*

As formosuras mortaes no primeiro dia agradao, no Part. 12.
segundo enfastiao: saõ livros, que huma vez lidos, Num. 5.
naõ tem mais que ler.

DISCURSO XXXVI.

Tirado de hum sermaõ de Santa Catharina.

FORTUNA.

281 **V**ariamente pintaraõ os Antigos a que el- Part. 11.
les chamaraõ Fortuna. Huns lhe poze- Num. 5.
raõ na maõ o mundo, outros huma cornucopia, ou-
tros hum leme: huns a formaraõ de ouro, outros de
vidro, e todos a fizeraõ cega, todos em figura de
mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre hu-
ma roda. Em muitas cousas erraraõ como gentios,
em outras acertaraõ como experimentados, e pru-
dentes. Erraraõ no nome de fortuna, que significa
caso, ou fado, erraraõ na cegueira dos olhos, erra-
raõ nas insignias, e poderes das maõs; porque o go-
verno do mundo, significado no leme, e a distribui-
çaõ de todas as cousas, significadas na cornucopia,
pertence sõmente á providencia divina, a qual naõ
cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a
perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua
justiça na maõ he a que reparte a cada hum, e a to-
dos o que para os fins da mesma providencia com al-
tissimo conselho tem ordenado, e disposto.

282 Acertaraõ porém os melmos gentios na fi-
gura,

212 *Vieira abbreviado*

gura, que lhe derao de mulher pela inconstancia, nas azas dos pés pela velocidade, com que se muda, e sobre tudo em lhos pore m sobre huma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero teve já mais firmeza. Dos que a fizeram de ouro, diremos depois, o que agora sómente me parece dizer, he, que os que a fingiraõ de vidro pela fragilidade, fingiraõ, e encareceraõ pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiaõ segurar a inconstancia da roda.

Num. 16. 283 Sesostris Rey do Egypto depois de vencer outros quatro Reys vizinhos, se desvaneeo a tanta soberba, que em lugar de outros tantos cavallos mandou que os quatro Reys vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em hum dia porém de grande celebridade advertio, que hum dos Reys vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto, e os olhos sempre os levava voltados, e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse, com que pensamento o fazia, respondeo: *Intueor volumen hoc assiduam rotæ, in qua vicissim ima sunt summa, & summa ima fiunt*: Levo sempre postos os olhos nesta roda, porque vejo nella, que assim comõ esta parte, que agora está embaixo, esteve já em cima, assim a que está em cima, com meya volta só torna a estar embaixo. Entendeo o mysterio o Rey victorioso, e soberbo, e mandou logo tirar do jugo, aos vencidos.

Num. 9. 284 Mas nem por isso cuide alguem, que para todas estas voltas da roda saõ necessarios tantos espaços, ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezechiell, em que Deos se lhe mostrou governando todo este mundo, eraõ cada huma composta de

Discurso XXXVI. 213

de duas, hum a roda atravessada, e outra cruzada ^{Ezech. 10.}
com ella pelo meyo. Isto quer dizer: *Rota in medio* ^{10.}
rotæ. E que rodas eraõ, e laõ estas? Hum a he a roda
da fortuna, outra a roda do tempo; mas de tal ma-
neira unidas, e travadas entre si, e taõ independen-
tes hum a do curso da outra, que para a roda da for-
tuna dar hum a volta inteira naõ he necessario, que
a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do
tempo saõ as mesmas que as do Sol. O Sol dá hu-
ma volta mayor cada anno, e hum a menor cada
dia. Porém para a fortuna dar hum a volta inteira
aos mayores Imperios naõ saõ necessarios annos,
nem dias.

285 O mayor Imperio, e Monarchia, que tinha
havidõ no mundo, era a dos Assyrios, e Chaldeos.
E quantas horas houve mister a roda da fortuna para
derrubar esta, e levantar sobre ella outra mayor?
Diga-o a Escritura sagrada por boca de Daniel, que
se achou presente: *Eadem nocte interfectus est Bal-* ^{Dan. 5.}
thassar Rex Chaldeus, & Darius Medus successit in ^{30. 31.}
Regnum. Na mesma noite fatal, em que o Rey com
mil magnates da sua Monarchia convidados para
hum solemne banquete estavaõ brindando aos seus
deotes, foy morto (diz Daniel) Balthasar Rey Chal-
deo, e lhe succedeo no Imperio Dario Medo. De
forte que tanto mais depressa deo volta a roda da for-
tuna, que a roda do tempo, que naõ tendo o tempo
em ausencia do Sol andado hum dia natural, nem
meyo dia, a fortuna, morto Balthasar, e succeden-
dolhe na coroa Dario, já tinha posto por terra a Mo-
narchia dos Assyrios, e Chaldeos, e levantado até
ás nuvens a dos Persas, e Medos. E quantos gover-
naraõ Reynos, e Monarchias, cujos descendentes ^{Num. 84.}
estaõ

estão hoje vivendo ou do remo no mar, ou do arado na terra? Ninguém se estime a si, nem despreze a outro pelo que pôde dar, ou tirar a fortuna.

286 Agora havemos de ouvir a Plutarcho famoso Filosofo Grego, digno de se ouvir neste caso. Excitando Plutarcho, e disputando huma questão sobre a fortuna do Imperio Romano, diz assim: *Fortuna, Persis, & Assyriis desertis, cum leviter pervolasset Macedoniam, & celeriter abjecisset Alexandrum, Egyptiosque, deinde & Syriam peragrande Regna extulisset, & sæpe conversa Carthaginenses tulisset, postquam transmissio Tyberi ad palatium appropinquavit, alas deposuit, talaria exuit, ac infideli, & versatili globo misso, Romam intravit mansura.* Quer dizer: A fortuna depois de deixar os Persas, e Assyrios, depois de voar levemente pela Macedonia, e rejeitar a Alexandre, e os que no Egypto lhe succederaõ, depois de andar pela Syria levantando, e desfazendo Reynos, e se deter já prospera, já adversa com os Carthaginezes, passando finalmente o Tybre, chegou ao Capitolio Romano, e alli arrancou dos hombros as azas mayores, e descaçou dos pés as menores, alli se despojou, e desfarmou do globo, ou roda variavel, e inconstante, e alli, isto he em Roma, foy o seu perpetuo assento para nella perseverar, e morar sempre firme, e sem mudança.

287 Isto he o que disse Plutarcho, e isto o que criaõ os Imperadores Romanos, os quaes sobre esta fé fundaraõ de ouro huma estatua da sua fortuna, e a collocaraõ no mesmo apotento, onde elles dormiaõ, como que podessem dormir seguros, pois a fortuna lhe guardava o sono. E quando algum Imperador morria,

Discurso XXXVI. 215

morria, passava, e era levada a mesma estatua ao successor, mostrando a vaidade, e superstição dos que chegavaõ a alcançar a coroa Romana, que podiaõ testar da fortuna, como de patrimonio hereditario, e proprio. Estava isto escripto nos seus annaes, como oraculo dos deoses, isto celebravaõ os seus Poetas, os Bucolicos com frautas pastoris á sombra das fayas, os Heroicos com trombetas marciaes em assombro das outras naçoens. E assim o cantou com elegante mentira o mayor de todos, quando disse: *His ego nec metas rerum, nec tempora pono, Imperium sine fine dedi.*

288 Agora podéra eu perguntar aos Imperadores Romanos ou dormindo, ou acordados, onde está aquella sua fortuna de ouro, ou o ouro daquella fortuna? Foy volta da mesma fortuna verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, viraõse os Romanos taõ apertados, que houveraõ de remir a dinheiro o levantar-se o sitio, e entaõ entre o ouro, e prata das outras estatuas dos seus deoses foy tambem batido em moeda o ouro da sua fortuna. Assim dormiaõ seguros os que se fiavaõ da fé de huma traidora, e da vigilancia de huma cega!

289 Mas eu só quero confundir, e envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lisonja. Diz que depoz a fortuna ao pé do Capitolio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar, e lhe deo taes voltas na Italia, e dentro da mesma Roma, que meteo a que era cabeça do mundo debaixo dos pés de Attila, e Totila, inundada de Godos, e Hunnos, de Suecos, e Alanos, e de tantos outros barbaros? Diz do mesmo modo, que tambem depoz alli a fortuna as azas. E quantas vezes as tornou a tomar, e voou

ás Germanias, ás Gallias, e ás Hespanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presidios das suas legioens, contra as quaes porém se levantaraõ entaõ aquellas mesmas naçoens como taõ altivas, e bellicosas, naõ só restituindose cada hum a ao que era seu; mas cortando ás Aguias Romanas as unhas, com que lho tinhaõ roubado?

290 Diz mais, que em Roma fez a fortuna o seu assento para nella morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorrermos ás cousas de mayor duraçãõ, quaes saõ os marmores, quantos annos, e quantos seculos ha, que dos mesmos marmores levantados em obeliscos, e arcos triunfaes se vem só as miseraveis ruinas ou meyo sepultadas já, ou cubertas de era? Finalmente aquelle Imperio tem fim, a que a fortuna naõ poz metas, ou limites alguns, nem á grandeza, nem ao tempo, diganos a mesma fortuna onde está, e onde o tem escondido? Busque-se em todo o mundo o Imperio Romano, e naõ se achará d'elle mais que o nome, e este naõ em Roma, senaõ muito longe della.

Num. 50. 291 Acabaraõse as guerras, e victorias Romanas, naõ só fechadas, mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano: acabaraõse os Capitulios: acabaraõse os Consulados: acabaraõse as Dictaturas: acabaraõse para os Generaes as ovaçoens, e os triunfos: acabaraõse para os Capitaens famosos as estatuas, e inscripçoens: acabaraõse para os soldados as coroas Civicas, Muraes, e Rostratas: acabaraõse em fim com o Imperio os mesmos Imperadores, e só vivem, e reynaõ ao revez da roda da fortuna os que elles quizerãõ acabar. Acabou Nero, e vivem, e reynaõ Pedro, e Paulo: acabou Trajano, e vive,

Discurso XXXVII. 217

e vive, e reyna Clemente: acabou Marco Aurelio, e vive, e reyna Polycarpo: acabou Vespasiano, e vive, e reyna Apollinar: acabou Valeriano, e vive, e reyna Lourenço: acabou em fim Maximino, e vive, e reyna Catharina. Elle, e os outros Imperadores, porque se fiaraõ falsamente do Imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*: e ella com os seus, e com os outros Martyres, porque reynaõ, e haõ de reynar por toda a eternidade com Christo no Reyno, que verdadeiramente naõ ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis*.

D I S C U R S O XXXVII.

Tirado de hum sermaõ de S. Roque prégado na Capella Real, em que o Auçtor censura aos seus parentes, e naturaes pelo desconhecerem na diferente, e adversa fortuna.

F O R T U N A.

292 **N**Aõ ha cousa, que tanto mude as feiçoẽs como a fortuna. Vieraõ os filhos de Jacob nos sete annos da fome buscar trigo a Egypto, e apparecendo diante de seu irmaõ Joseph, que era o Vice-Rey daquelles Reynos, diz o texto sagrado: *Cognovit eos, & non est cognitus ab eis*: Que Joseph os conheceo a elles, e que elles naõ conheceraõ a Joseph. Notavel caso! Parece, que naõ havia de ser assim; porque os irmaõs, como eraõ mais velhos, conheciaõ de mais tempo a Joseph; porque o conheciaõ desde minino, idade, em que elle os naõ podia conhecer: os irmaõs de huma vez foraõ dez, e de outra

Part. 2.
Num. 164.

Gen. 42. 8.

outra onze, e mais facil he conhecerem muitos a hum, que hum a muitos: o tempo da ausencia era igual; porque tanto havia, que os irmaãos não viaõ a Joseph, como Joseph a elles. Pois se todas as razoes de conhecimento ou eraõ iguaes, ou mayores da parte dos irmaãos, como os conheceo Joseph a elles, e elles não conheceraõ a Joseph? A razão natural he; porque Joseph tinha mudado de fortuna, seus irmaãos não a tinhaõ mudado. Os irmaãos antigamente tinhaõ sido pastores, e agora tambem eraõ pastores, Joseph antigamente tinha sido pastor, e agora era Vice-Rey: e como os irmaãos não tinhaõ mudado de fortuna, não tinhaõ mudado de parecer; porém Joseph tinha mudado de parecer; porque tinha mudado de fortuna, elle conhecia os irmaãos, porque os irmaãos eraõ os melmos, os irmaãos não o conheciaõ a elle, porque Joseph já era outro.

Num. 166.

293 Difficultosa cousa parece, que a fortuna faça mudar as feições; mas ainda mal, porque tão provada está esta verdade na experiencia de cada dia! Melhorou de fortuna o vosso mayor amigo, e ao outro dia já vos olha com outros olhos, já vos ~~ouve~~ com outros ouvidos, já vos falla com outra linguagem: o que hontem era amor, hoje he authoridade: o que hontem era rosto, hoje he semblante. Pois meu amigo, que mudança he esta? Quem vos trocou as feições? Que he daquelles olhos benevolos, com que me vieis? Que he daquelles ouvidos attentos, com que me escutaveis? Que he daquelle bom rosto, com que nos viamos sempre? Oh que mudou de fortuna, claro está que havia de mudar de feições.

Num. 167.

294 E se estas mudanças faz a fortuna prospera, não são menores os poderes da adversa. Restituido

Job

Discurso XXXVII. 219

Job á sua antiga fortuna depois de tantos trabalhos, e calamidades, diz o texto sagrado: *Venerunt ad eum omnes amici, & cognati ejus, qui cognoverant eum prius*: que vieraõ visitar a Job todos os seus amigos, e parentes, que o conheceraõ no primeiro estado: *Qui cognoverant eum prius*. Job teve tres estados nesta vida, o primeiro de felicidade, o segundo de trabalhos, o terceiro outra vez de felicidade. Pois se os amigos, e parentes o conheceraõ no primeiro estado, porque o naõ conheceraõ, nem o buscaraõ no segundo? E se o naõ conheceraõ, nem bulcaraõ no segundo, porque o conhecem, e o bulcaõ no terceiro? A razã disto naõ a ha, a semrazã sim, e he esta; porque os homens costumaõ conhecer nos outros naõ a pessoa, senã a fortuna, e como os chamados amigos, e parentes de Job conheciaõ nelle a fortuna, e naõ a pessoa; por isso naõ buscaraõ a pessoa, em quanto a viraõ necessitada, e buscaraõ a fortuna, tanto que a viraõ restituída. De sorte, que os amigos de Job, bem considerados seus procedimentos, naõ foraõ ingratos; porque a sua amizade era com a fortuna, e naõ com a pessoa: e como elles naõ faltaraõ á fortuna, ainda que faltaraõ a pessoa, naõ foy ingraticidaõ. Se faltaraõ á pessoa, faltaraõ a quem naõ conheciaõ, mas á fortuna, a quem conheciaõ, naõ lhe faltaraõ: tanto que ella voltou, tornaraõ elles.

295 Oh miseravel condicaõ das cousas humanas! Num. 168.
Miseravel na fortuna adversa, e miseravel na prospera! Naõ ha fortuna que naõ traga consigo desconhecimento: se he prospera: desconheceisvos: se he adversa, desconhecemvos. E se a fortuna he taõ enganosa, que os homens se desconheçaõ a si, que muito que seja taõ injusta, que os outros os desconheçaõ a elles?

220 *Vieira abbreviado*

elles? A ingratitude, que defama, grande ingratitude he; mas a ingratitude, que chega a desconhecer, he a mayor, e mais ingrata de todas.

Part. 3.
Num. 624.

296 As bemaventuranças são muito desamora-
veis, e não ha mayor inimigo do amor, que a feli-
cidade. Provavaõ antigamente isto os Prégadores
com o exemplo de Joseph nas ingraticidões do Co-
peiro de Faraó. Mas hoje estão estes defenganos tão
provados nas experiencias, que não necessitam de fé,
nem de escrituras. O certo he, que toda a fortuna
tem jurisdicção no amor: se he adversa, ninguem vos
ama: se he prospera, a ninguem amais. He tanto as-
sim, que como cousa nova, e singular disse S. Paulo
de Christo: *Qui descendit, ipse est & qui ascendit*:
O Senhor, que subio ao Ceo, he o mesmo, que des-
ceo á terra. Porque os outros homens communmen-
te quando sobem, são huns, quando descem, são ou-
tros, por isso ha tantos, que trabalhem pelos fazer
descer; porque o amor está em tal estado, que sen-
do affecto do coração, depende mais dos lugares,
que das vontades. He possivel, que tão depressa se
esquecem os Principes, e desconhecem a quem os
serve! Pouco era ser possivel, he costume.

Part. 4.
Num. 510.

DISCURSO XXXVIII.

Tirado de hum sermão de nossa Senhora da Graça.

G R A C, A.

Part. 2.
Num. 311.

297 **H**A cousas, que avultão muito, e pezaõ
pouco. Somos entrados na mais grave,
e importante materia, que se póde tratar neste lugar:
pezar

Discurso XXXVIII. 221

pezar a graça de Deos. Todas as vezes, que considero a facilidade, com que os homens perdem a graça de Deos, o esquecimento della, com que vivem, e ainda o descuido, com que morrem, não acho outra cousa a esta cegueira, senão a falta do verdadeiro conhecimento, e não chegarem os homens a pezar, que cousa he a graça de Deos. A graça de Deos he espiritual, nós somos carne: a graça he sobrenatural, nós em tudo seguimos a natureza: a graça não se vê, não se ouve, não se apalpa, nós não sabemos perceber, senão o que entra pelos sentidos. Daqui vem, que não pezamos a graça, nem a conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos, nem sabemos pezar, como convém. Isto quizeram eu que fizemos hoje. Mas que cousa ha no mundo de tanto pezo, que se possa pôr em balança com a graça de Deos? Se discorreramos por todos os estados do mundo, fora materia muito proveitosa, mas infinita.

298 Posto pois em balança o valimento do maior Principe, posta em balança de huma parte a graça dos Reys, e da outra a graça de Deos, qual peza mais? Se houvermos de estar pelo juizo commum dos homens, mais peza a graça dos Reys. Digaõno aquelles, que tantas vezes por contentar aos Principes atropellaõ a graça de Deos. Quaes são as artes commummente dos que andaõ junto dos Reys? A lisonja, a ambição, a calumnia, a inveja, o chegar hum, o desviar outro, o levantar estes, e derrubar aquelles, o tratar da conservação propria sem reparar na vida, na honra, no estado, na successão, na ruina alheya. E com isto pode-se conservar a graça de Deos? Claro está que não. Pois por isso a graça de Deos, e a dos Reys ou não andaõ, ou difficul-
mente

Num. 312.

mente podem andar juntas. Esta he a meu juizo a mayor desgraça dos Reys, que os que andaõ na sua graça, andaõ ordinariamente fóra da graça de Deos.

299 A graça dos Principes não vos prégarei eu, que não he muito pezada, e muito contrapezada, mas he de muito pouco pezo. Seja esta a primeira differença entre a graça de Deos, e a graça dos Reys. A graça de Deos he a coula de mayor pezo, e não he pezada: a graça dos Reys he huma coufa, que peza muito pouco, e he pezaadissima. A graça dos Reys para se conservar quantos cuidados custa? A graça de Deos he hum descuido de tudo o mais, e só a podem offender outros cuidados. A graça dos Reys he hum alvo a que se atiraõ todas as settas: a graça de Deos he hum escudo, que nos repara de todas. A graça dos Reys muitas vezes he conveniencia, outras necessidade, algumas gosto, e sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deos, como Deos não depende, nem ha mister, toda he amor. A graça dos Reys por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esfera de vassallo: a graça de Deos sobe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho, e á semelhança de si mesmo. A graça dos Reys não vos dá parte da coroa: a graça de Deos he participaçãõ da sua divindade. A graça dos Reys, ainda que deis o sangue por elles, não basta para a alcançardes: a graça de Deos, deo Deos o sangue por vós só para vo la dar. A graça dos Reys, se he grande, he de hum só, se he de mais que de hum, he pouca, e de poucos: a graça de Deos, he de todos os que a querem, poemlhe a medida o amor, e não a diminue a companhia. A graça dos Reys nem he para perto, nem para longe, porque
de

Discurso XXXVIII. 223

de perto enfastiais, e de longe esqueceis: a graça de Deos nunca tem longes, e quanto estais mais perto de Deos, tanto estais mais seguro na sua graça.

300 A graça dos Reys he data da fortuna: a gra- Num. 314.
ça de Deos he premio do merecimento, e esta só propriedade, quando não houvera outra, bastava para a fazer de summa estima. A graça dos Reys ainda que façais pela merecer, nem por isso a conseguis, antes muitas vezes a lograõ mais os que a merecem menos: a graça de Deos se fizerdes pela merecer, não vo la póde Deos negar. A graça dos Reys para ser mudavel bastava fundarse em vontade humana; mas fundase em vontades coroadas, que como são as mais livres, são tambem as mais indifferentes, por não dizer as mais inconstantes: a graça de Deos fundase em vontade divina, que como não póde errar a eleição, não póde mudar o affecto. A graça dos Reys poucas vezes dura tanto como a vida do valido, e quando dura quanto póde, acaba com a vida do Rey: a graça de Deos cresce na vida, e confirma-se na morte: da parte do homem he immortal; porque se funda na alma, da parte de Deos he eterna; porque he graça de Deos. A graça dos Reys dizem que he huma grande altura: a graça de Deos he certo, que he posto muito mais alto, e ainda que ambas estão juntas aos precipicios, da graça de Deos podeis cahir, da graça dos Reys podemvos derrubar.

301 A graça dos Reys pódevola tirar a calu- Num. 315.
mnia: a graça de Deos só vola póde tirar a culpa. Da graça, e privança do Rey pódevos tirar o Rey todas as vezes que quizer: a graça, e a privança de Deos nem o mesmo Deos vola póde tirar, sem vós quererdes, e se quizerdes será muito a seu desprazer.

zer. A graça dos Reys depois de perda não se recupera com rogos: a graça de Deos se a perdeis, o mesmo Deos vos roga, que torneis a ella. Depois de perda a graça dos Reys, fica o pezar sem remedio: depois de perda a graça de Deos não he necessario outro remedio mais que o pezar. Pezouvos, estais outra vez na graça. A graça dos Reys dáse aos ditosos, de que depois se haõ de fazer os arrependidos: a graça de Deos dáse aos arrependidos, que desde logo começaõ a ser ditosos. A ambas as graças anda junto o arrependimento, mas a dos Reys temno depois, a de Deos antes. A graça dos Reys he graça sem sacramentos: a graça de Deos tem sete: tem baptismo para o innocente, e tem penitencia para o culpado, tem confirmação para a vida, e tem extremaunção para a morte, tem ordem para o Ecclesiastico, e tem matrimonio para o leigo, e finalmente tem communhaõ para todos. Sete portas nos deixou abertas Deos para entrarmos á sua graça, e nenhum dos que entraõ por ellas, as póde fechar a outro. Só em huma cousa se parece a graça de Deos com a dos Reys, e he que ambas mudaõ os homens. Huns, e outros não saõ os que dantes eraõ; mas com esta differença: os que se vem na graça dos Reys, esquecemse do que foraõ, e tambem se esquecem do que podem vir a ser: e os q̃ andaõ na graça de Deos, de nenhuma cousa se lembraõ, senaõ do que haõ de vir a ser, e nenhuma cousa lhes dá pena, senaõ a lembrança do que foraõ. Finalmente a graça dos Reys não póde dar paraíso, tirallo sim: a graça de Deos, he a que só dá paraíso, e só a falta della o inferno.

Num. 316.

302 Basta isto para provar, que a graça de Deos peza mais, que a graça dos Reys? Se ainda não basta, ajunte-

Discurso XXXVIII. 225

ajuntemos o fim com o principio. Se nos não basta como Christãos saber, que a graça dos Reys he o mayor risco da graça de Deos, bastenos como politicos saber, que a graça de Deos he a mayor segurança da graça dos Reys. Não ha graça dos Reys segura, se não fundada na graça de Deos. Joseph foy valido d'ElRey Faraó, Daniel foy valido d'ElRey Dario, Aman foy valido d'ElRey Assuero, e que lhe aconteceo a estes validos? Joseph, e Daniel conservaraõ-se na graça, Aman não se conservou. Porque? Porque a graça de Aman fundavase na vontade do Rey: a graça de Joseph, e Daniel fundaraõse na graça de Deos. Quando a graça dos Reys se funda na graça de Deos, nem ella póde cahir, nem outrem a póde derrubar. Tanto peza a graça de Deos, que até a dos Reys leva a poz si.

303 Nenhuma couza ha no mundo, que tanto peze com os homens, e de que elles tanto se prezem, e deívanção, como da nobreza do sangue. Se a nobreza, e a graça, se as manchas do sangue, e as manchas da consciencia andaraõ na mesma reputação, estivera reformado o mundo. Num. 328.

304 Chama o Euangelho a Maria Cleofe irmã da Virgem Maria: *Sóror Matris ejus*, não porque fosse filha dos mesmos pays da Senhora; mas porque os Hebreos chamavaõ irmãos aos primos. Este parentesco, que Maria Cleofe tinha com Maria Mãe de Deos, era a mais qualificada nobreza, que nunca houve no mundo, não por ser sangue legitimo de David, e Reys de Israel, de quem a Senhora descendia por linha direita; mas por ser sangue com esmaltes de divino; porque era sangue do sangue da Mãe de Deos. Mas posta em balança de huma parte toda Num. 323.
Num. 321.

226 *Vieira abbreviado*

esta nobreza, e da outra a graça de Deos, qual pezará mais?

305 Ainda que na balança se pozessem todos os quatro metaes da estatua de Nabuco, que era de sangue Imperial de todos os quatro costados dos Imperadores Assyrios, dos Imperadores Persas, dos Imperadores Gregos, dos Imperadores Romanos, comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cleofe, não pezaria hum atomo; mas todo esse sangue, e sua nobreza, posto em balança com a graça: *Inventus est minus habens*, peza menos, e tanto menos, que quasi não tem pezo.

Num. 322. 306 Ouçam isto os que por hum ponto de vaidade, a que chamaõ nobreza, não duvidaõ arriscar tantas vezes, e perder a graça de Deos. He a graça essencialmente huma participacão tão alta, tão sublime, e tão intima da mesma natureza divina, que não só se nos communica por ella o nome, senão o verdadeiro ser de filhos de Deos: *Ut filii Dei nominemur, & simus*. E que nobreza de sangue ha no mundo, que se possa comparar com esta?

Joan. 3. 6. 307 Os regenerados pela graça, que receberam de Christo, de quem cuidais que descendem? *Non ex sanguinibus*: Não descendem lá dos vossos sangues, em que o que se desfanece de mais vermelho, senão sabe já de que cor he: não dos vossos sangues, em que se hum foy pintado de purpura, os quatro são tingidos de almagra: não dos vossos sangues, que quando sejaõ tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado tem mistura de lodo, e dous quartos de Caim. Pois de quem descendem os que estaõ em graça? *Non ex sanguinibus, sed ex Deo*. Descendem por antiguidade do Eterno, por grandeza do Omnipoten-

Discurso XXXVIII. 227

potente, por alteza do Incomprehenſivel, e por toda a nobreza, e ſer daquelle, que ſó tem o ſer de ſi, e dá o ſer a todas as couſas: *Sed ex Deo nati ſunt.* Peza bem eſta balança? Oh quanto nella ſe póde ſubir, e quanto ſe póde deſcer? Vós, os que tanto vos prezais dos altos naſcimentos, ſenaõ eſtais em graça de Deos, deſcei, deſcei, e abatei os fumos, que o voſſo eſcravo, ſe eſtá em graça, he mais honrado que vós. E vós, a quem por ventura Deos, por vos fazer mayor favor, quiz que naſceſſeis humilde, naõ vos deſconſoleis, levantay o animo, que ſe eſtais em graça de Deos, ſois da meſma illuſtre nobreza, e da mais alta geraçaõ de quantas ha no mundo, e fóra do mundo; porque ſó o Filho de Deos ſe póde gabar de ter taõ bom pay como vós.

308 Ha mais que pezar com a graça? Tudo o que ha no Ceo, e na terra: *Mater ejus:* A dignidade de Mãe de Deos. Agora havemos de pezar naõ a graça, ſenaõ a dignidade. Os que tantas vezes pizais a graça de Deos, os que tantas vezes fazeis degraõ da graça de Deos para ſubir ás dignidades do mundo, eſtay attentos, e ouvi agora. A dignidade mais ſoberana, mais ſobrenatural, e mais divina, que cabe em pura creatura, he a dignidade de Mãe de Deos. Os Theologos lhe chamaõ dignidade em ſeu genero infinita; porque todo o outro nome he menor, que ſua grandeza. Poſta pois em balança eſta dignidade aſſim infinita, qual pezará mais, a dignidade de Mãe de Deos, ou a graça? A dignidade de Deos ſempre anda junta com a graça, e muita graça. Mas ſeparada a graça da dignidade, e a dignidade da graça, digo, que muito mais peza a graça, que a dignidade. Ainda diſſe pouco. Muito mais peza hum

Num. 324

7 só grao de graça em qualquer homem, que toda a dignidade de Mãy de Deos. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivera por fiador desta portentosa verdade o mesmo Filho de Deos, que fez á Virgem Mãy sua. Exclamou a mulher das turbas: *Beatus venter, qui te portavit*: Bemaventurada a Mãy, que trouxe nas entranhas tal Filho. Respondeo o Senhor: *Quin immo beati, qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud*: Antes te digo, que mais bemaventurados são os que ouvem a palavra de Deos, e a guardaõ. E se não, vede-o nos effeitos da mesma dignidade, e da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fela mãy, mas a graça fela digna: a dignidade fela Rainha, mas a graça fela santa: a dignidade levantou-a sobre todas as creaturas, mas a graça unio-a ao mesmo Creador: a dignidade fez, que ella communicasse a Deos o que Deos tem de homem, a graça fez, que Deos lhe communicasse a ella o que Deos tem de Deos: *Communicasti mihi, quod homo sum, communicabo tibi, quod Deus sum*, diz Guerrico Abade.

Num. 325.

309 Quereis agora ver esta mesma soberania na graça de cada hum de vós? Estay comigo. A dignidade de Mãy de Deos he hum poder tão soberano, e supremo, que domina a todos os homens, a todos os Reys, e Monarchas do mundo, que domina a todos os Anjos, e a todas as Jerarchias, e que até ao mesmo Deos, em quanto filho, tem obediente, e sujeito: *Et erat subditus illis*. A dignidade de Mãy de Deos he huma alteza tão sublime, tão remontada, e tão incomprehensivel, que nem a podem conceber os entendimentos humanos, nem a podem alcançar os entendimentos Angelicos, e Seraficos, nem o entendi-

Luc. 2.
51.

Discurso XXXVIII. 229

tendimento da mesma Virgem Maria a pode comprehender ; porque só Deos, que se comprehende a si mesmo, póde comprehender, e conhecer cabalmente o que he ser Mãy de Deos. Finalmente a dignidade de Mãy de Deos he de tal maneira a ultima raya da omnipotencia divina, que não havendo cousa no mundo, que não possa Deos fazer outras sempre mayores, e melhores em infinito ; mayor, e melhor Mãy a não pode Deos fazer, e sendo tão infinitamente grande, e tão impossivelmente mayor, e melhor, que todas, esta dignidade de Mãy de Deos, posto em balança da outra parte hum só grao de graça de Deos, peza mais esta pequena graça, que toda aquella immensa dignidade. Ouvi com assombro ao grande Agostinho : *Maternum nomen etiam in Virgine est terrenum in comparatione cælestis propinquitatis, quam illi contrahunt, qui voluntatem Dei faciunt.* Póde haver cousa de mayor admiracão, e de mayor consolação para os que estão em graça de Deos, e de mayor confusão para os que a perdem, e de mayor desesperação para os que estão no inferno, e já a não podem recobrar ? Entendamos bem este ponto, Christãos.

310 Quem me dera agora huma voz, que se ou- Num. 327.
vira em todas as Cortes do mundo, com que confundira não já a ambição, senão a pouca fé dos que tão louca, e cegamente traz fóra de si a pertença daquelles nomes vazios, a que o mundo bruto chama dignidades ! Tantos trabalhos, tantos cuidados, tantos desvelos, tantas diligencias, tantas negociações, tantos subornos, tantas lisonjas, tantas adorações, tantas indignidades, tanto atropelar a razão, a justiça, a verdade, a consciencia, a honra, e a vida ; e

230 *Vieira abbreviado*

porque? Por alcançar a vaidade de hum posto, de hum lugar, de hum titulo, de hum nome, de huma apparencia. E no mesmo tempo entra a velhinha por aquella Igreja, toma agua benta com piedade chrittã, e por aquelle acto de religião tão leve adquire hum grao de graça, que peza mais que todos os lugares, que todas as honras, que todos os titulos, que todas as dignidades do mundo, ainda que seja a dignidade de Mãe de Deos. Credes isto, Chritãos, ou não o credes? O certo he, que ou não temos fé, ou muito fraca.

Part. 5.
Num. 398.

311 Dizeime: Quaes são as cousas neste mundo, pelas quaes os homens costumão perder, ou vender a graça de Deos? Geralmente, diz S. João Euangelista, são ou desejo de riquezas, ou desejo de honras, ou desejo de gostos, e deleites dos sentidos. Pondeme agora tudo isto em huma parte da balança, e da outra hum só grao da graça, e vede qual peza mais. Ponde todo o ouro, toda a prata, todas as perolas, e pedras preciosas, que gera o mar, e a terra, e hum grao de graça, não só peza mais sem nenhuma comparação, mas o mesmo seria, se toda a terra fosse ouro, e todas as pedras diamantes. Accrescentay mais á balança todas as honras, todas as dignidades, todos os cetros, e coroas, todas as mitras, e thiaras, e tudo quanto estima a ambição humana, e nenhum pendor faz em respeito de hum só grao da graça, como também o não faria, ainda que Deos levantasse hum novo Imperio, no qual hum homem dominasse a todos os homens, e a todos os Anjos.

312 Finalmente sobre as riquezas, e honras acumulemse todos os gostos, todas as delicias, todos os prazeres, não só quanto se gosarão, e podem

golar

Discurso XXXVIII. 231

gofar neste mundo, senão também os que se perderão no Paraíso terreal; e para que vos não admireis de que peze muito mais hum grao de graça, sabeis que ainda he mais digno de se appetecer, que tudo quanto gofão, e quanto haõ de gofar por toda a eternidade com a vista clara de Deos todos os bem-aventurados do Ceo. E sendo isto assim pôde haver mayor loucura, que por huma onça de interesse, por hum pontinho de honra, e por hum instante de gof- to perder não hum só grao de graça de Deos, senão toda a sua graça!

313 Mas que havemos de fazer para acabar de Part. 2. pezar, como convém, a graça de Deos? Sabeis quan- Num. 328. to peza a graça de Deos? Peza a Deos posto em huma Cruz. Deos posto em huma Cruz he o preço, e o pezo justo da graça de Deos, e não ha outro. Ponde naquella balança Reynos, ponde coroas, ponde ceptros, ponde Imperios, ponde Monarchias, ponde tudo, o que pôde dar a natureza, e tudo o que pôde dar a fortuna, ponde o mundo, ponde mil mundos, ponde o mesmo Ceo com sua gloria, nada disto faz pendor em comparação da graça, que tão facilmente perdemos. Posta em balança a graça, só Deos pôde igualar as balanças. E se não vejase em tudo o mais pela differença do que lhe custa. Os bens deste mundo ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da gloria, ou bens da graça. Os bens da natureza custaraõlhe a Deos huma palavra de sua omnipotencia, com que os creou: os bens da fortuna custaraõlhe hum aceno de sua providencia, com que os reparte: os bens da gloria custaraõlhe huma vista de sua essencia, com que se comunica: e os bens da graça Num. 329. que

232 *Vieira abbreviado*

que lhe custaraõ? Diga-o a Cruz: custaraõ a vida de Deos, custaraõ o sangue de Deos, custaraõ a alma de Deos, custaraõ a divindade de Deos. Peza muito a graça de Deos?

DISCURSO XXXIX.

Tirado de hum sermaõ da Dominga vigesima segunda post Pentecosten na occasiã, em que o Estado do Maranhão se repartio em dous governos, e estes se deraõ a pessoas particulares moradores da mesma terra.

GOVERNO.

Patt. 5. 314 **N**Aõ ha terra mais difficultosa de gover-
 Num. 300. nar, que a patria: nem ha mando mais
 mal soffrido, nem mais mal obedecido, que o dos
 Num. 197. iguaes. Todos os que governaõ são imagens de seus
 Principes; porque os representaõ na pessoa, e no
 Num. 303. exercicio dos poderes. Porém quando os Reis naõ
 Num. 310. vaõ ás conquistas, ou ellas são taõ remotas, que naõ
 podem lá ir, como os longes sempre são longes,
 quaõ longe está o Rey dos criados, taõ longe se
 poem elles das suas obrigaçoens. Quando o Rey vay
 do Reyno ás conquistas, e das conquistas torna ao
 Reyno, he Rey do Reyno, e mais das conquistas;
 mas quando o Rey fica no Reyno, e ás conquistas
 manda só os criados, os criados são os Reis das con-
 quistas, e naõ o Rey. O Rey falos suas imagens, e
 elles fazemse Reis.

315 E quem lhe dá estes azos, ou estas azas, se-
 Num. 311. naõ aquelles, que os levaõ, e poem taõ longe? De
 Roma

Discurso XXXIX. 233

Roma a Jerufalem ainda tinhaõ algum vigor os refpeitos do Cefar: *Si hunc dimitis, non est amicus Caesaris*; mas de Lisboa a India, e ao Brasil com todo o mar Oceano em meyo? A fé, a obrigação, a obediencia, o refpeito, tudo se esfria, tudo se marea, tudo referve. Vendole tão longe de quem os manda, como lá podem o que querem, não se contentaõ com querer o que podem: levaõ os poderes de imagens, e tomaõ as omnipotencias de Cefares, e não de Auguftos, ou Trajanos para confervação, e augmento da Monarchia; mas de Tyberios, de Caligulas, de Neros destruidores della, para que nos não admiremos das ruinas da noſſa, nem lhe bufque- mos outra cauſa. Porque perdeo Adaõ com o Paraifo a Monarchia do Univerſo? Porque ſe não contentou com ſer imagem de Deos, mas quiz ſer como o meſmo Deos, que o fizera ſua imagem. E iſto, que fez Adaõ na Aſia, he o que fazem na meſma Aſia, e na noſſa America os que não ſe contentando com ſer imagens dos Reys, excedem tão exorbitantemente toda a medida, e proporção de imagens, como agora veremos.

316 Antes de haver no mundo a arte da pintura Num. 312
(que começou depois do incendio de Troya) diz Plinio, que ſe retratavaõ os homens cada hum pela ſua ſombra. Punhaſe o homem em pé, fazia ſombra com o corpo interpoſto á luz do Sol, e aquella ſombra cortada pela meſma medida era a ſua imagem. E como ſe podia conhecer a imagem, ſe não tinha feiçoens, por onde ſe diſtinguiſſe? Diz o meſmo Plinio, que para ſe conhecer lhe eſcreviaõ ao pé o nome de quem era: *Omnis umbra hominis circumducta: ideo & quos pingerent adſcribere institutum.*

Faziaõſe

234 *Vieira abbreviado*

Faziaõse os retratos naquella rûdeza da arte, como em Portugal os que chamaõ ricos feitios, nos quaes as imagens se não conheceriaõ pela figura, se o não dissesse o rotolo. E he lastima, que prohibindo Alexandre, que ninguem podêsse pintar a sua imagem, senão Apelles, cá nos appareçaõ algumas figuras tão dessemelhantes dos soberanos originaes, que mais parecem ricos feitios, que verdadeiras imagens do que ha de crer a nossa fé, que representaõ. Mas ainda tinhaõ outra mayor impropriedade as imagens cortadas pela medida da sombra; porque segundo o lugar, em que estivesse o Sol, seriaõ sem nenhuma proporçaõ muito mayores, que os mesmos, a quem representaõ. E isto he o que se vê, como eu dizia, na Asia, e na America, nas Indias Orientaes, onde nasce o Sol, e nas Occidentaes, onde se poem. Não póde haver semelhança mais propria. A sombra, quando o Sol está no Zenith, he muito pequenina, e toda se vos mette debaixo dos pés; mas quando o Sol está no Oriente, ou no Occaso, essa mesma sombra se estende tão immensamente, que mal cabe dentro dos horizontes. Assim nem mais, nem menos os que pertendem, e alcançaõ os governos ultramarinos. Lá onde o Sol está no Zenith, não se metem estas sombras debaixo dos pés do Principe, senão tambem dos seus Ministros. Mas quando chegaõ áquellas Indias, onde nasce o Sol, ou a estas, onde se poem, crescem tanto as mesmas sombras, que excedem muito á medida dos mesmos Reys, de quem são imagens.

317 He cousa muito notavel, e que por ventura não tendes advertido, quanto excedeo a medida de Nabucodonosor a grandeza daquella imagem, que elle mandou fazer depois que vio em ionhos a da
sua

Discurso XXXIX. 235

sua estatua. Diz a Historia sagrada, que tinha de altura, ou comprimento secenta covados: *Nabuchodonosor Rex fecit statuam auream altitudine cubitorum sexaginta.* Agora pergunto: E quanto vinha a ser mayor a grandeza desta imagem, que a estatura do mesmo Rey, a quem representava? Segundo as regras de Vitruvio, e a symetria, e proporçoens de hum corpo humano, o dedo menor da mão, a que vulgarmente chamamos meminho, contém a décima oitava parte do mesmo corpo. E que se segue daqui? Couza verdadeiramente não sey se mais para admirar, se para rir. Segue-se que todo Nabucodonosor cabia dentro do dedo meminho da sua imagem. Já não he grande a insolencia de Roboaão em dizer, que era mais grosso o seu dedo meminho, que ElRey Salamaão seu pay pela cintura. Mas qual será a daquelles vassallos, que sendo sómente imagens dos seus Reys, se fazem tanto mayores, que elles cá onde o Sol se poem, ou lá onde o Sol nasce, quanto he o excesso immenso, com que a sombra se estende sem outra medida, sem outra proporção, nem outro limite mais, que o que no mar, ou na terra fecha os horizontes? A imagem de Nabuco era de ouro, as suas são de sombra; mas como as artes, que vem, ou vão exercitar, são as da solida, e verdadeira alchimia, elles sabem converter essa sombra em ouro, e fazer-se melhor adorar, que o mesmo Nabuco. A imagem de Nabuco para os seus adoradores não tinha premios, e para os que a não adoravaõ, tinha fomalhas. Lá, e cá não he assim. Os que adoraõ, e os que não adoraõ, todos ardem; porque todos por diversos modos ficaõ abrazados, e consumidos.

318 Estes, e outros são os milagres daquellas
cano-

Dan. 3. 1.

Num. 3131

236 *Vieira abbreviado*

canonizadas imagens, que chegam aqui despidas, e toscas, e tornam estofadas de bocado, e ouro, e pintadas com as falsas cores, com que enganaram a fama, por ella são recebidas em andores, e frequentadas com romarias.

Num. 314.

319 Atégora tenho representado aos nossos novos Governadores, e naturaes o que não devem imitar nos estranhos. Nem creyo lhe será difficullosa a abominação de tão perniciosos exemplos, não só como experimentados em todos, mas tambem como feridos, e magoados. Saybam porém, que nelles como naturaes concorre outra terceira difficuldade; que nos estranhos não tem lugar. Porque? Porque ainda que huns, e outros são imagens, elles são imagens com as raizes na terra. As imagens não só são obra dos Estatuarios, e Pintores, senão tambem dos jardineiros. Huma das cousas mais curiosas, que se vê nos jardins, onde as terras se cultivam mais primorosamente, que nesta nossa, são varias figuras de murta, ou de outras plantas, formadas com tal artificio, proporção, e viveza de membros, que tirada a cor verde, em tudo o mais senão distinguem do natural, que representa. Mas esta mesma representação he muito difficullosa de conservar. As outras imagens, ou sejam fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos tapizes, sem mais diligencia, nem cuidado sempre conservam, e representam a figura, que lhe deo o artifice. Porém as que são formadas de plantas, como tem as raizes na terra, donde recebem o humor, crescendo naturalmente os ramos, facilmente se descompoem, e se fazem monstros. Isto mesmo succede, ou póde succeder aos que
tem

Discurso XXXIX. 237

tem o governo da sua propria patria, e não por outra razão, ou fundamento, senão porque tem as raizes na terra. Alli tem os parentes, alli os amigos, alli os inimigos, alli os interesses da fazenda, da familia, da pessoa. E qualquer destes humores, ou respeitos, e muito mais todos juntos podem descompor de tal forte a imagem, e representação de quem governa, que nem a apparencia lhe fique do que deve ser, e em tudo obre, e seja o contrario do que he obrigado.

320 Se o humor das raizes lhe brotar pelos olhos, não poderá ver as cousas, nem ainda olhar para ellas sem paixão, que he a que troca as cores ás mesmas cousas, e faz que se vejaõ humas por outras. Se lhe tomar, e occupar os ouvidos, não ouvirá as informações com a cautela, com que as deve examinar, ou ficará-tão surdo, que as não ouça, ainda que sejaõ clamores. Se lhe rebentar pela boca, mandará o que deve prohibir, e prohibirá o que deve mandar, e as suas ordens serão desordens, e as suas sentenças aggravos. Finalmente se fahir, e vecejar pelos braços, e pelas mãos, que são as extremidades mais perigosas, e onde se experimentaõ mayores excessos, estenderá os braços, aonde não chega a sua jurisdicção, e meterá a mão, e encherá as mãos do que não deve tocar.

321 Por certo, que se os que tomaraõ sobre si estes encargos, se aconselharáõ, não digo comigo, Num. 315. não com as mesmas plantas, que tem as raizes na terra, ainda que os governos foraõ de mayor supposição, e authoridade, os não haviaõ de aceitar. O primeiro apologo, que se escreveo no mundo, (que he fabula com significação verdadeira) foy aquelle, que refere a sagrada Escritura no cap. 9. dos Juizes. Quizeraõ, diz, as arvores fazer hum Rey, que as go-

ver-

238 *Vieira abbreviado*

vernasse, e foraõ offerecer o governo á oliveira, a qual se escusou dizendo, que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens, e se alumiaõ os deoses. Ouvida a escusa, foraõ á figueira, e tambem a figueira não quiz aceitar, dizendo, que os seus figos eraõ muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar foraõ á vide, a qual disse, que as suas uvas comidas eraõ o sabor, e bebidas a alegria do mundo, e a quem tinha taõ rico patrimonio, não lhe convinha deixallo para se meter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas he, que todas convieraõ em huma só razaõ, e a mesma, que era não querer cada huma deixar os seus fructos. E houve alguem que dissesse, ou propozesse tal cousa a estas arvores? Houve alguem, que dissesse á oliveira, que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhe dissêraõ, e propozeraõ, que quizessem aceitar o governo. Pois se isso foy só o que lhe dissêraõ, e offereceraõ, e ninguem lhe fallou em haverem de deixar os seus fructos; porque se escusaõ todas com os não quererem deixar? Porque entenderaõ sem terem entendimento, que quem aceita o governo dos outros, só ha de tratar delles, e não de si, e que senão deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular, e proprio, não póde tratar do commum.

Num. 316.

322 Saybamos agora; e não de outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo do modo, que ellas o entenderaõ, se póde conseguir, e exercitar

tar

Discurso XXXIX. 239

tar com as raizes em terra? Assim as que o offerece-
raõ, como as que o não aceitaraõ, todas concordaõ,
que não. Que disseraõ as que offereceraõ o governo?
Disseraõ a cada huma das outras: *Veni, & impera* Judic. 9.
nobis: Vinde, e governainos. Vinde? Logo se ellas 12.
haviaõ de ir, haviaõse de arrancar do lugar, onde
estavaõ, e deixar as suas raizes: e cada huma das que
não aceitaraõ, que respondeo? Respondeo, que não
podia ir, porque movendose havia de deixar as suas
raizes, e sem raizes não podia dar fructo: *Nunquid* Ibid. 9.
possum deserere pinguedinem meam, & venire, ut
inter lignea promovear? De maneira que governar,
e governar bem não póde ser com as raizes na ter-
ra. Governar mal, e para destruição do bem com-
mum, isso sim, e na mesma historia o temos, que
ainda vay por diante.

323 Vendo as arvores, que as tres, a que tinhaõ
offerecido o governo, o não quizerãõ aceitar, diz o
texto, que se foraõ ter com o espinheiro, e lhe fize-
raõ a mesma offerta. E que respondeo o espinheiro?
He reposta muito digna de ponderação. A proposta
das arvores foy a mesma: *Veni, & impera super nos*, Ibid. 14.
e elle respondeo, não só como espinheiro, senão co-
mo espinhado: *Si vere me regem vobis constituistis,*
venite, & sub umbra mea requiescite: si autem non
vultis, egrediatur ignis de rhamno, & devoret ce-
dro Libani: Se verdadeiramente me dais o Imperio,
vinde todas deitarvos a meus pés, e porvos á minha
sombra: e se houver alguma, que repugne, fahirá tal
fogo do espinheiro, que abraze os mais altos cedros
do Libano. Não sey se reparais na differença. As ar-
vores, que lhe offereceraõ o governo, disseraõlhe:
Veni, e elle disse-lhes: *Venite*. Não sou eu o que hey
de

240 *Vieira abbreviado*

de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem, deixa as suas raizes, e quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas.

Num. 317. 324 Esta he a particular difficuldade, e o grande perigo, em que estaõ, de se não conformarem com o soberano original, que representaõ as imagens, que tem as raizes na terra. He necessario para se conservarem nesta nova representaçaõ, e para governarem, como devem, que se apartem das suas proprias raizes. Olhay para todas as varas desde a mayor á menor, com que se governa a Republica. Aquellas varas não tiveraõ tambem suas raizes? Sim tiveraõ. Mas para governarem, e terem jurisdicçaõ, todas foraõ primeiro cortadas das mesmas raizes, e por isso todas saõ varas secas. Que remedio logo para que as novas varas, que nos governaõ, tendo como tem as raizes na terra, conservem a imagem do Cesar, que representaõ? O melhor, e anticipado remedio houvera sido escusaremse, como fizeraõ as arvores bem entendidas; mas a escusa já não tem lugar: só vos aconselho, que façais com toda a applicaçãõ o que póde a diligencia, e a industria. Que faz o jardineiro para conservar a representaçaõ das suas imagens, por mais que tenham as raizes na terra? Traz sempre os olhos postos na figura, que representaõ, e contra todo o impeto do humor, que as mesmas raizes naturalmente communicãõ á planta, já endireitando, já dobrando, já ligando, já decotando, conserva nellas a imagem tão proporcionada, inteira, e sem mudança, como se a tivera lavrado em marmore, ou fundido em bronze.

Num. 318. 325 Tudo isto he necessario a quem ha de retratar,

Discurso XXXIX. 241

tar, ou transfigurar em si não outra, nem menor, ou menos sagrada imagem, que a da mesma pessoa Real, a quem representa. Ha de endireitar, ha de dobrar, ha de ligar, ha de cortar, e como? Ha de endireitar a intenção, tendo-a sempre muito recta de servir só a Deos, e ao Rey. Ha de dobrar a vontade, para que sempre se incline, e siga o juizo, e dictames da verdadeira razão. Ha de ligar, e atar o appetite, que junto com o poder he muito violento, e rebelde, para que se não defenfree. E finalmente se algum destes affectos quizer brotar no que não he decente a tão soberana representação, decotallo logo, e cortallo, para que a não descomponha, e se acaço se sente por dentro, não appareça fóra:

326 A figura, que haveis de trazer sempre diante dos olhos, he o mesmo Rey, de quem sois imagem: e não como ausente, senão como presente, nem como invisivel, senão como visto. Mas como póde isto ser, se elle está tão distante? Muito facilmente, senão tirares os olhos do seu regimento, no qual vereis ao mesmo Rey tão natural, e vivamente retratado em tua própria figura, como se o tivesséis presente. Dirmeheis, que no vosso regimento ledes firm as palavras, e firma do Rey, mas não lhe vedes a figura. Ora abri melhor os olhos, e logo a vereis. Nunca o pincel de Apelles retratou tão felizmente a Alexandre, e o representou aos olhos tão proprio, e tão vivo, como os Reys no que escrevem, e ordenão se retratão, ou reproduzem a si mesmos: *Sapientia in verbis producet se ipsum*, diz o Espirito Santo. ^{Eccl. 20.} Mas ouçamos a hum Rey.

327 No tempo, em que os Godos dominaraõ a Italia, hum dos Reys, que tiveraõ a fortuna de escre-

ver com a penna de Cassiodoro , despachando seus regimentos a alguns Ministros ausentes , que nunca o tinhaõ visto , diz assim : *Tenete speculum cordis , speculum voluntatis , ut quibus non sum facie notus , fiam morum qualitate recognitus* : Quando chegarem ás vossas mãos essas minhas letras, recebei-as como hum espelho do meu coração , da minha vontade , e de mim mesmo : das quaes , pois me naõ conheceis pelo rosto , me conhecereis pelo animo. Notay agora o que accrescenta com juizo verdadeiramente real , discrição , e agudeza mais que de Rey : *In hac me potius parte conspiciate , quæ latet præsentis : non est vobis damnum absentia meæ : utilius est mente nosse , quam corpore* : Folgay , diz , de me ver antes no que vos escrevo , que em minha propria pessoa , entendendo que me vedes melhor , do que os que na minha Corte estaõ presentes ; porque vereis o que elles naõ vem , e sabereis de mim o que eu lhe encubro a elles : assim que por este modo nenhum damno recebereis da minha ausencia , nem a minha presença vos fará falta ; porque na presença , como os de mais , vermeheis o rosto , e na ausencia , pelo que vos ordeno , vermeheis a alma. Mas naõ deixemos sem ponderação chamar o Rey ás suas ordens escritas espelho de si mesmo : *Tenete speculum cordis , speculum voluntatis*. A mais perfeita figura , que inventou a natureza , e naõ pôde imitar a arte , he a que se vê no espelho ; porque o que se vê nas cores da pintura , ou no vulto das estatuas , he só huma semelhança , e representação da pessoa ; porém no espelho naõ se vê semelhança , ou representação , senaõ a mesma pessoa por reflexaõ das especies. O espelho naõ he outra cousa , que hum impedimento das especies , com que

Discurso XXXIX. 243

que vemos, o qual as não deixa passar; e tornão para os olhos. E assim como o espelho, sendo impedimento da vista, por meyo da reflexão melhora a mesma vista, assim na ausencia, que também he impedimento da vista, por meyo da escriptura fica a mesma vista melhorada. Sem escriptura he a ausencia impedimento, com escriptura he espelho. Este espelho pois dos Reys, em que mais vivamente se representa a sua mesma pessoa, que na sua propria figura, he o que haõ de trazer sempre diante dos olhos os que tem por obrigação, e officio ser imagens do Rey: entendendo, que em quanto observarem as ordens do seu regimento, serão imagens do Cesar, e pelo contrario no ponto, em que se não conformarem com ellas, perderão a semelhança, a figura, e o ser de imagens suas. Assim que não ha outro meyo certo, e seguro de se conservarem na inteira representação de imagens de Cesar os que por merce, e authoridade sua tem esse nome, senão a verdadeira, e exacta observancia de suas ordens, e veremse, comporemse, e retrataremse em seus regimentos, como em espelhos.

328 Mas contra tudo isto se levanta aquella politica mais seguida pelo costume, que approvada pelos exemplos, a qual tem persuadido ao mundo, que só olhe, ou se deixe cegar do resplendor das imagens, sem advertir, que a representação, em que ellas consistem, posta em qualquer materia, sempre he a mesma. Quem verdadeiramente crê em Christo, tanto adora em hum crucifixo de ouro, como em outro de chumbo. Querem com tudo os lisongeiros, e os lisongeados, que só se devão os governos, e só sejaõ aptos para elles os nomes pomposos, e appellidos

lidos illustres: como se as acçoens, e feitos honrosos se não hajaõ de esperar com mayor razaõ daquelles, que querem adquirir a honra, que dos que cuidaõ, e dizem, que já a tem. O mesmo lustre dos illustres tira o temor, e os enche, ou incha de immundidades, que lhe daõ confiança para grandes ousadias, e das ousadias grandes nascem mayores ruinas. O mais illustre dos elementos, o mais alto por lugar, e o mais nobre por qualidade he o fogo, e delle se acendem os rayos no Ceo; e se ateaõ os incendios na terra. O seu natural onde chega, he levantar fumaças, e fazer cinzas: e não he accõmodado instrumento para edificar, e conservar Cidades o que costuma abraçar Troyás. Os outros elementos servemnos de graça, e só o fogo á nossa custa, porque para servir ha de ter que queimar, e se não queima, não serve.

329 Tal he a luz do mais illustre elemento, e tal muitas vezes o governo dos mais illustres. Não era illustre David, e foy illustrissimo seu filho Salamaõ: e o Reyno, que sustentou, e amplificou o que não era illustre, perdeo, e desbaratou o illustrissimo.

Num. 327.

330 No Apologo, que referimos da Elcritura sagrada, em que as arvores buscaraõ, e elegeraõ quem as governasse, he muito para notar, que aquellas, a que offereceraõ o governo, foraõ a oliveira, a figueira, e a vide, sem entrar outra nos pelouros desta eleiçaõ. Reparay agora nos appellidos de Figueira, Vide, e Oliveira, que todos saõ honrados, mas da nobreza do meyo. E porque não fizeraõ as arvores este mesmo offerecimento aos cedros, ás palmas, e aos cyprestes? Não saõ estas arvores entre todas as mais altas, as mais celebradas, e as mais illustres? Pois porque não entraraõ em consideração para que-
rer

Discurso XXXIX. 245

rer a verde, e florente republica das plantas, que ellas a governassem? Por isso mesmo; porque eraõ as mais altas, e as mais illustres. O alto, e o illustre he bom para o bizarro, e ostentoso, mas não para o util, e necessario. As arvores não as fez Deos para bandeiras dos ventos, senão para sustento dos homens: que importa que a sua altura, ou a sua altiveza seja muita, se o seu fructo he pouco? A quem sustentáraõ já mais os cedros, as palmas, ou os cyprestes? Pelo contrario a figueira he a que saborea o mundo, a oliveira a que o alumia, a vide a que o alegra, e todas entre as plantas as que mais o sustentão. O que diz a Escriptura das outras tres arvores altissimas, e illustrissimas he, que todas buscaõ a sua exaltação nos montes mais levantados: *Quasi cedrus exaltata sum in Libano, & quasi cypressus in monte Sion: 17. 18.* *quasi palma exaltata sum in Cades.* Honremse embora com essas arvores os seus montes, que os nossos valles não haõ mister quem procure a sua exaltação, senão quem trate do nosso remedio. Os cedros, as palmas, e os cyprestes saõ os gigantes das arvores, e o que trouxeraõ os gigantes á terra, não foy menos que o diluvio. Oh que duro seria o governo daquelle soberbo triumvirato no forte do cedro, inflexivel, no rugoso da palma, aspero, no funesto do cypreste, triste! Porém o das outras arvores de meã estatura seria igual, seria moderado, seria suave, que por isso todas allegaraõ a sua doçura. E isto he pelas mesmas razoes o que devemos esperar do nosso.

331 Mas he tal a protervia da condição humana, Num. 325.
e vicio tão proprio da patria, que por serem natu-
raes, domesticas, e suas as mesmas imagens, em vez
de conciliarem mayor veneração, obediencia, e res-

246 *Vieira abbreviado*

peito, degeneraõ em desprezo, desobediencia, e rebeldia. Assim lhe succedeo a Saul, e a David, sendo ambos eleitos por Deos, e os mais dignos do governo da sua patria. Huns obedeceraõ, outros se rebelaraõ, e em alguns durou a rebeldia naõ menos que sete annos inteiros, até que a experiencia do seu erro os sujeitou á razaõ.

332 E se buscarmos as raizes a este vicio, acharemos, que todo elle nasce da igualdade das pessoas, presumindo cada hum, que a elle se devia a eleição do lugar, e a preferencia. Sendo pois taõ particulares as conveniencias do novo governo nas imagens, que temos presentes do nosso felicissimo Cesar, que Deos guarde, seja tambem nova, e mais exacta, que nunca a sujeiçaõ, respeito, e reverencia, com que todos os vassallos da mesma Magestade o venerem, e obedeçaõ naõ só como se a Real pessoa estivera presente, senaõ em certo modo ainda muito mais. Tenho observado assim no Ceo como na terra, que mais estimam os supremos Monarcas os obsequios, que se fazem ás suas imagens, que ás suas proprias pessoas. Lembrame haver lido em Santo Agostinho no livro dos seus Commentarios sobre os Psalms, que residindo em Roma no tempo, em que ainda naõ estava desterrada de todo a idolatria, se admirava muito de que os homens fossem ao templo do Sol, de que hoje se vem naõ pequenos vestigios, e que alli de dia, e naõ de noite, adorassem a imagem do mesmo Sol com as costas muitas vezes voltadas a elle. Pois se tinhaõ o Sol patente, porque naõ adoravaõ ao Sol, senaõ a sua imagem? Porque entendeo a religiaõ, ou superstiçaõ dos Romanos, governada pelos primores da sua propria politica, que muito mayor magestade

Num. 328.

Num. 328.

Discurso XXXIX. 247

de era do Monarca dos Planetas ser venerado de tão longe em sua imagem, do que adorado em si mesmo, posto que visto. Ao menos assim he certo, que o julgou a soberania de Nabucodonosor, quando se reputava sua soberba não só senhor, mas deos de todo o mundo. Fez aquella estatua de ouro de tão desmedida grandeza, como sabemos, e com as fornalhas acezas contra os que a não adorassem, mandou que ao som de trombetas todos dobrassem os joelhos diante della. Pois se Nabucodonosor estava presente, porque não mandou, que o adorassem a elle, senão a sua estatua? Porque era mayor ostentação, e gloria da sua, que chamava omnipotencia, ser venerado, e adorado na imagem, que o representava, que em sua propria pessoa. Só em huma circumstancia obrou Num. 329. Nabuco, como desconfiado, que foy em fazer a mesma imagem de ouro. Faze a, Rey, de pedra, e serão as suas adorações para ella muito mais reverentes, e para ti muito mais gloriosas. Na estatua de ouro pôde parecer, que adoraõ a materia, e não a fôrma, o preço do metal, e não a representação da imagem. Onde a materia das imagens he menos preciosa, alli está a fé, e a reverencia mais fina. E esta he a fineza do nosso caso, adorando, respeitando, e obedecendo o original soberano do nosso Celar, não nas imagens de ouro, que atégora cá se mandavaõ, senão nos marmores naturaes, e domésticos da nossa mesma terra.

DISCURSO XL.

Tirado de hum sermao da Epifania.

GOVERNO.

Part. 4.
Num. 577.

333 **D**Izem, que os que governaõ saõ espelho da Republica. Naõ he assim, sennaõ ao contrario. A republica he o espelho dos que a governaõ; porque assim como o espelho naõ tem acção propria, e naõ he mais que huma indifferença de vidro, que está sempre exposta a retratar em si os movimentos de quem tem diante, assim o povo, ou republica sujeita se se move, ou naõ move, he pelo movimento, ou socego de quem a governa.

DISCURSO XLI.

Tirado de hum sermao historico, e panegyrico nos annos da serenissima Rainha de Portugal.

GUERRA.

Part. 14.
Num. 7.

334 **H**E a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come, e consome, tanto menos se farta. He a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as Villas, os Castellos, as Cidades, e talvez em hum momento sorve os Reynos, e Monarchias inteiras. He a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que naõ ha mal algum, que ou se naõ padeça, ou se
naõ

Discurso XLII. 249

naõ tema, nem bem, que seja proprio, e seguro. O pay naõ tem seguro o filho, o rico naõ tem segura a fazenda, o pobre naõ tem seguro o seu suor, o nobre naõ tem segura a honra, o Ecclesiastico naõ tem segura a immuniidade, o Religioso naõ tem segura a sua cella, e até Deos nos templos, e nos sacarios naõ está seguro.

DISCURSO XLII.

*Tirado de hum sermaõ do sabbado antes da Domin-
ga de Ramos sobre a consulta, que por inveja fi-
zeraõ os Principes dos Sacerdotes contra La-
zaro, e contra Christo Senhor nosso.*

I N V E J A.

335 **N**Os tribunaes ou publicos, ou particu-
lares, onde a inveja preside, as virtudes Part. 5.
Num. 464.
saõ peccados, os merecimentos saõ culpas, as obras,
ou boas qualidades saõ crimes. Sabia Doeg, que era Num. 465.
Saul grande emulo de David, que o invejava mui-
to, e como no juizo dos invejosos os merecimentos
saõ culpas, e as excellentes qualidades delictos, lou-
vou, e engrandeceo a David diante de Saul, para que
Saul, como fez, dèsse sentença de morte contra Da-
vid. Disse, que era prudente, guerreiro, esforçado,
gentil-homem, virtuoso, e dotado de tantas outras
boas partes: e quem bem entendesse toda esta ladai-
nha de encomios, e louvores, bem podia dizer por
Dávid: *Orate pro eo.* Eraõ capitulos, que contra
elle se representavaõ ao Rey, naõ menos que de le-
sa Magestade. Pareciaõ louvores, e eraõ accusações:
pareciaõ

250 *Vieira abbreviado*

pareciaõ abonos , e eraõ calumnias : calumniado o innocente na sua virtude , e accusado o benemerito nas suas boas obras , sem que á innocencia se lhe dèsse defeza , nem ao merecimento lhe valessem embargos , porque era o juiz a inveja.

Num. 466. 336 Tal he o mundo , que muitas vezes parecem finezas da amizade o que saõ odios refinadissimos. O ver se louvado era ver se accusado , o ver suas grandezas referidas era ver as suas culpas provadas : delictos sem perdaõ contra as leys da inveja.

337 Considero eu , que ha mandamentos da ley da inveja , assim como ha mandamentos da ley de Deos. Os mandamentos da ley de Deos dizem : Naõ matarás : Naõ furtarás : Naõ levantarás falso testemunho : os mandamentos da ley da inveja dizem : Naõ serás honrado : Naõ serás rico : Naõ serás valente : Naõ serás sabio : Naõ serás bem disposto , e tambem dizem : Naõ serás bom Prégador. E se acaso Deos vós fez merce , que soubesseis pôr os pés por huma rua , que soubesseis apertar na mão huma espada , que fosseis discreto , generoso , ou rico , ou honrado , no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da inveja ; porque peccastes contra os seus mandamentos.

DISCURSO XLIII.

Tirado de hum sermaõ da quinta novena de S. Francisco Xavier intitulado jogo.

J O G O.

Part. 8. 338 **N**Aõ ha cousa tão preciosa , e tão util ,
Pag. 252. que continuada não enfade. Por isso sendo

Discurso XLIII. 251

do a mais estimada, e mais amada de todas a vida, não só variou Deos o anno em Primavera, Estio, Outono, e Inverno, senão que até os dias, e noites fez tão desiguaes, e deffemelhantes, que dentro da mesma roda do anno só hum he igual, e semelhante ao outro. Mas a que fim este exordio? Para não enfastiar a devoção, que tambem se enfastia, julguey por cousa conveniente, e agradável aos ouvintes, que no meyo da mesma continuação, sem interromper a materia, fosse hoje de algum passatempo. Assim será o jogo.

339 Os jogos são tão antigos como o tempo, e porque este passa, e não torna, não sey se com razão, ou sem ella se chamarão passatempos. Os primeiros jogos, que inventarão os homens, quando ainda não eraõ, ou ainda se não creavaõ para ser homens, foram a luta, os cestos, a clava, a lança, a pella, o troya, a que nós chamamos canas, o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr no estadio, o saltar os vallos, o nadar vestido de armas, e outros semelhantes, cujo exercicio era tão util para a saude, e robusteza do corpo, como necessario para a guerra, para a agricultura, e para os outros trabalhos, de que vive, e se conserva o mundo. Foraõ inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseo, e outros heroes, de quem os tomaraõ os Gregos, e Romanos. E nota Alexandre ab Alexandro (advertencia digna de tanto reparo, como confusão) que se decretou por ley do Senado em Roma, que só estes jogos, e nenhum outro se podessem jogar a dinheiro: *Erat-que Senatusconsulto cautum, ut nisi his ludis pecunia ludere liceret.* Sendo porém o principal premio dos que vencião, não o dinheiro, senão a honra, e fama

Alex. ab
Al. Gen.
lib. 3.

252 *Vieira abbreviado*

e fama, esta era tão gloriosa nos jogos, que se chamavaõ sagrados, que não se dava a coroa ao vencedor, senão á patria.

Cicer. lib.
2. de Div.

340 E sendo estes jogos dos gentios tão honestos, tão racionaes, e tão fizudos, que affronta he dos Christãos, que tomassem delles os dados, e cartas, nos quaes, como notou antes de nos conhecer Marco Tullio, nenhum lugar tem a razaõ, e o juizo, senão a temeridade, e o caso: *Quod talos jacere, quod tesserarum, quibus in rebus temeritas, & casus, non ratio, & consilium valet.* Nestes dous jogos, ou latrocinios da cubiça o menos, que se perde, he o dinheiro, posto que seja com tanto precipicio, e excessõ, como chora a ruina de muitas familias, em que os filhos primeiro se vem desherdados, que orfaõs, os dotes das mulheres consumidos, e as filhas em lugar de dotadas roubadas. O ouro, de que se fundio o idolo do deserto, foy o das arrecadas das mulheres, e filhas: *Tollite in aures aureas de uxorum, & filiarum vestrarum auribus.* E que maldito idolo he este, senão o do jogo, em que os salteadores domesticos, depois de terem dissipado tudo o mais, até as arrecadas das mulheres, e filhas lhe arrancaõ das orelhas?

Exod. 32.
2.

341 Refere alli o texto sagrado, que os adoradores do idolo, depois de comerem, se pozeraõ a jogar: *Sedit populus manducare, & bibere, & surrexerunt ludere.* Assim se usa communmente, que na mesma mesa ás iguarias succedem as cartas, e á comida o jogo. Mas eu sem ser Profeta me atrevo a affirmar, que na mesa, onde se frequentar muito o jogo, cedo faltará o comer. E donde tiro, ou infiro este prognostico? Do horoscopo das mesmas cartas, e da

Ibid. 32. 6.

Discurso XLIII. 253

e da má estrella, e influencia, debaixo da qual ellas nasceraõ.

342 Os inventores do jogo das cartas, diz Plinio, que foraõ os Lydos gente antiquissima. E porque occasiaõ? Refere o eruditissimo *ab Alexandro*, e eu o quero fazer por suas proprias palavras: *Horum aucthores Lydos fuisse ferunt, qui ut famem, qua premebantur, facilius ferrent, in miseriis hoc solatium invenere, ut ludo tempora transfigerent.* Quer dizer: Que os Lydos opprimidos da fome para consolaçaõ, e alivio das suas misérias inventaraõ este jogo para passar o tempo. Cuidava eu, que para remediar a fome era melhor meyo cavar, e trabalhar, que jogar. Mas assim como este jogo teve sua origem na fome, e foy invento de quem não tinha que comer, assim he prognostico certo, confirmado com a experiencia, que viraõ a não ter que comer os que frequentarem o mesmo invento.

343 Sendo porém taõ frequente, e ordinaria no jogo a perda do dinheiro, e fazenda, isto he o menos, que nelle se perde, como dizia, porque saõ muito mais preciosas, e para sentir as outras perdas, ou perdiçoens, em que a cegueira da cubiça não repara. Perdesse a authoridade, porque se diz, que a mesa do jogo a todos iguala, com tanto que tenhaõ que perder, o que he contra todas as leys da decencia, e honra. Sendo Alexandre de doze annos, e já naquella idade com ardentissimos desejos de fama, lhe differaõ os palacianos da sua creação, porque não hia aos jogos Olympicos, aonde sem duvida alcançaria aquella coroa taõ estimada, e celebrada em todo o mundo. E que diria o Grande, que já era mayor na generosidade, que nos annos? *Libens equidem,*

Sonh. 2.
fol. 31.

254 *Vieira abbreviado*

Curt in eo. *dem, inquit, si decertaturos mecum Reges sim habiturus*: De mui boa vontade iria correr nos jogos Olympicos, se os que houvesse de ter por competidores, fossem Reys. Vencer he avantajarse: competir he medirse, e que gloria será a minha vencer correndo, quando eu me deva correr dos mesmos, que venci, por competirem comigo? Ainda que seja a victoria dos pés, não devem ser os vencidos por mim outros, senão pés de cabeças coroadas: *Si decertaturos mecum Reges sim habiturus*.

Fol. 255. 344 Perde-se o tempo, que, como discorre Seneca, he o mayor thesouro, que a natureza fiou dos homens, e perde-se com perdição mayor, e mais desesperada; porque o dinheiro, que se perde em huma mão, pode-se recuperar na outra, o tempo huma vez perdido não se póde restaurar. Perde-se a amizade, porque quando jogais com o vosso amigo, a vossa tenção he, que o que he seu, seja vosso, e a sua, que o que he vosso, seja seu.

345 Aqui se quebra a santissima ley da verdadeira amizade: *Amicorum omnia sunt communia*; porque o amigo nenhuma cousa póde ser tão propria sua, que não seja do outro amigo, pois o amigo he *Alter ego*. Perde-se a piedade; porque pela impaciencia, raiva, inveja, e mofina, de que o jogo não favorece, sahem da sua boca juramentos, e execraçoens contra o Ceo, quaes eraõ todas as tardes na casa do jogo as daquelle taful, que gastava a manhã na Igreja, ouvindo todas as Missas, e se disse delle discretamente, que pela manhã hia comer os Santos á Igreja, e que de tarde os vinha vomitar na casa do jogo. Perde-se a mesma liberdade, como se escreve dos antigos Germanos, que depois de perdido quan-
to ti-

Discurso XLIII. 255

to tinhaõ, a jogavaõ, ficando perpetuamente cativos, e o mesmo se usa hoje nas galés do Mediterraneo, em que os homens, se homens se podem chamar, se vendem a retro aberto com condiçaõ, que se ganhaõ no jogo, restituem o preço, e se perdem, se sujeitaõ para sempre ao infame, e duro cativoiro, ferrolhados nos pés ao banco, e as mãos atadas ao remo.

346 Perde-se a religiaõ, porque o taful, que não tem que jogar, nem que furtar no profano, se arroja facilmente ao sagrado, e a despir os altares, como fizeraõ em figura os algozes, que crucificaraõ a Christo, e depois de o pregarem despido na Cruz lhe jogaraõ as vestiduras. Finalmente perdem-se, ou acabaõ de se perder as quasi perdidas almas, como muitas por não ter que jogar, e perder, se entregaraõ ao demonio. Fol. 256.

347 Em dia de Ramos se cerraõ as casas de jogo, Part. 3.
e não he cousa, que devaõ consentir os officiaes nem Num. 395.
ao soldado mais perdido. Queixase Christo pelo Profeta de que no dia de sua paixãõ lhe jogassem as vestiduras: *Et super vestem meam miserunt sortem.* Pl. 21. 19.
Assim foy, que os que crucificaraõ ao Senhor, depois que o tiveraõ posto na Cruz, lançaõ as mãos aos dados, e jogaraõ os sagrados vestidos. E accrescenta logo o Euangelista: *Et milites quidem hac fecerunt:* Joan. 19.
e os que fizeraõ isto, foraõ os soldados. Os soldados 24.
foraõ tambem os que crucificaraõ ao Senhor; mas o Euangelista não faz a reflexaõ em que elles o crucificaraõ, senaõ em que jogaraõ as vestiduras; porque o crucificar a Christo foy obediencia de seus maiores, o jogar as vestiduras foy vicio depravado seu. Sabeis quem joga em taes dias como estes? Só quem
cruci-

256 *Vieira abbreviado*

crucifica a Christo, e quem jogára suas sagradas vestiduras, se as tivera.

348 Querovos contar o que me succedeo em Inglaterra. Hiaõ comigo dous Portuguezes, os quaes em hum Domingo se pozeraõ a jogar as tabolas em huma estalagem: sahio o hospede muito affustado, e como fóra de si. E bem senhores, quereis que me venhaõ queimar a casa? Queimar a casa? E porque? Porque hé esse hum jogo, que se póde ouvir fóra, e se o ouvirem, ou souberem os Magistrados, fou perdido. Assim o dizia este homem, e assim havia de fer. E para que mais vos admireis, a Cidade, ou Villa era Doures, porto, e escala maritima, onde todos, sem se exceptuar hum só, são hereges. Oh vergonha dos que tanto nos prezamos do nome de Catholicos! Se em terra de hereges he sacrilegio jogar as tabolas em hum Domingo ordinario, que será jogar ou estes, ou outros jogos em huma semana santa em terra, onde se adora a Cruz, e as imagens de Christo, e se celebraõ os mysterios de sua morte?

Part. 8.
fol. 262.

349 Diraõ, que he necessario este divertimento principalmente em viagens taõ compridas, e taõ penosas. O divertimento sim, mas não este. O Senhor Rey D. Manoel o Conquistador, que accrescentou aos seus titulos o da navegação, e a entendeo melhor que todos, e lhe fez os mais sabios, e prudentes regimentos, tambem quiz, que se divertissem dos fastios do mar os seus navegantes, e mandou que todas as naos fossem providas para isso, de que? De violas, adufes, e pandeiros, mas não de baralhos de cartas. Tanjaõ, cantem, baylem, festejem-se os ventos galernos com folias, e danças, e se tambem queren jogar, sejaõ os jogos, que pertencem á segurança das
mes-

Discurso XLIII. 257

mesmas naos, e sua defenſa, e não ſe exercitaõ, nem ſe aprendem.

350 Aprendaõ a jogar as armas maritimas de todo o genero: a eſpada, a machadinha, o chuço, a piſtola, o bacamarte, a alcanzia. Aprendaõ a jogar a artelharia, a bornear a peça, e a carregalla. E ſe neſte jogo taõ proprio do valor, e da honra querem ganhar, e não perder, aprendaõ quando ſe ha de pelejar a ganhar o barlavento, e quando o vento he contrario, a não perder o ló, nem a derrota. E façaõ grande caſo de qualquer tento, que neſte jogo ſaõ neceſſarios muitos. Tento nas nuvens, tento na agulha, tento na bitacola, tento no leme, tento na bomba, tento no payol da polvora, tento no fogaõ, e tento no fumo, que ſe bebe, pois huma faiſca, que cahe em materia taõ diſpoſta, talvez não baſta a agua do mar para apagalla.

351 Eſtes jogos, e eſtes deſenfados ſim, e o das cartas troqueſe pelo da carta. Que couſa mais curioſa, util, neceſſaria, e deleitola, que entender a carta de marear, e ſaber hum homem no mar por onde vay, e não taõ cego, e ignorante como qualquer pao do meſmo navio. Na carta de marear ſe vem em hum abrir de olhos todos os mares, e terras do mundo, e ſuas diſtancias: o numero dos grãos, e ſuas medidas ſegundo differentes rumos: a arrumaçaõ das coſtas aſſim do continente, como das Ilhas: os cabos, as enſeadas, os portos, os ſurgidouros, os baixos, as vigias, os parceis, as correntes, os ventos, e ſuas oppoſiçoens, meyas partidas, e quartas: e até ſe vem os fundos, ſe ſaõ de pedra, ſe de lodo, ſe de areia, ou burgalhao, e finalmente as alturas, e onde eſtou; e o que tenho andado, que até na terra alivia muito.

258 *Vieira abbreviado*

os caminantes. Botemse logo ao mar as cartas, causas de mais perdiçoens, que as mesmas tempestades, nas quaes como os ventos furiosos não admittem partido, não resta mais, que puxar pela carta. Arrenegue pois todo o navegante do jogo, se não se quer perder, que até a nao, que joga, não he segura.

DISCURSO XLIV.

Tirado de hum sermão da Vistação de nossa Senhora prégado no Hospital da Misericordia da Bahia na occasião, em que chegou áquella Cidade o Marquez de Montalvão Vice-Rey do Brasil.

JUSTICA.

Patt. 6.
Num. 339.

352 **V**Io o Profeta Malachias em espirito aquella felicissima jornada, que havia de fazer do Ceo á terra o Redemptor, e restaurador do mundo, e dando as boas novas a todos os homens, como enfermos pelo peccado de Adão, diz assim: *Orietur vobis Sol justitiae, & sanitas in pennis ejus*: Alegrate enfermo genero humano, alegrate, e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o Sol de justiça, e te trará a faude nas azas.

Num. 340.

Num. 343.

353 Cumprida temos hoje esta tão esperada profecia, e cumprida, se eu me não engano, em dous sentidos. Alegrase pois o enfermo Brasil, (e será o segundo sentido das palavras) porque vê tambem cumprida em si aquella profecia, que havia de vir hum Sol de justiça a restaurallo, que traria a faude nas azas. Aconteceolhe a Vossa Excellencia com o Brasil o que a Christo com Lazaro. Chamaraõ-no para curar

Discurso XLIV. 259

rar hum enfermo: *Ecce quem amas, infirmatur*, e quando chegou, foylhe necessario resuscitar hum morto. Morto está o Brasil, e ainda mal, porque taõ morto, e sepultado: fumeando estão ainda, e cubertas de suas cinzas essas campanhas. He verdade, que nunca se vio esta Provincia taõ authorizada, como agora, mas podemlhe servir os titulos de epitafios, que pois a vemos levantada a Vice-Reyno entre as mortalhas, bem se póde dizer por ella tambem: Que depois de ser morta, foy Rainha. Mas assim como S. Joaõ á voz da Senhora, assim como Lazaro á voz de Christo, assim resucitará tambem o Brasil á voz, e ao imperio de Vossa Excellencia.

354 Para que se logrem melhor os felices auspicios desta taõ desejada saude, representarei eu hoje a Vossa Excellencia neste sermaõ o estado do nosso enfermo Brasil, as causas de sua enfermidade, e do modo que souber o remedio della. E porque nós naõ sayamos do Euangelho, iraõ as enfermidades do Brasil retratadas na doença de S. Joaõ, a quem a Virgem Maria hoje foy visitar, e dar saude. Num. 344

355 Bem sabem os que sabem a lingua Latina, Num. 345 que esta palavra *Infans, Infante*, quer dizer o que naõ falla. Neste estado estava o minino Bautista, quando a Senhora o visitou, e neste esteve o Brasil muitos annos, que foy a meu ver a mayor occasiã de seus males. Como o doente naõ póde fallar, toda a outra conjectura difficulta muito a medicina. Por isso Christo nenhum enfermo curou com mais difficuldade, e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar hum endemoninhado mudo: *Erat ejiciens demonium, & illud erat mutum*. O peyor accidente, que teve o Brasil em sua enfermidade, foy o to-

lherfelhe a falla: muitas vezes se quiz queixar justamente, muitas vezes quiz pedir o remedio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta ou o respeito, ou a violencia, e se alguma vez chegou algum geinido aos ouvidos de quem o devera remediar, chegaraõ tambem as vozes do poder, e venceraõ os clamores da razaõ. Por esta causa ferei eu hoje o interprete do nosso enfermo, já que a mim me coube a sorte; que tambem S. Joaõ não fallou por si, fenaõ pela boca de Santa Isabel. Na primeira informaçãõ da enfermidade consiste o acerto do remedio, e assim procurarei, que seja muito verdadeira, e muito desinteressada: fallaremos já que nos he licito, para que fenaõ diga do Brasil o que se disse da Cidade de Amidas, que a perdeu o silencio: *Silentium Amidas perdidit*. E como a causa he geral, fallarei tambem geralmente, que não he razaõ, nem condiçaõ minha, que se procure o bem universal com offensas particulares.

Num. 346. 356 A enfermidade do Brasil, senhor, he como a do minino Bautista, peccado original. Santo Thomás, e os Theologos definem o peccado original com aquellas palavras de Santo Anselmo: *Est privatio justitiæ debitæ*: Que o peccado original he huma privaçãõ, huma falta da devida justiça. Bem sey de que justiça fallaõ os Theologos, e o sentido, em que entendem as palavras; mas a nós, que só buscamos a semelhança, servemnos assim como soaõ. He pois a doença do Brasil: *Privatio justitiæ debitæ*, falta da devida justiça, assim da justiça punitiva, que castiga maos, como da justiça distributiva, que premia bons. Premio, e castigo saõ os dous polos, em que se revolve, e sustenta a conservaçaõ de qualquer Monar-

Discurso XLIV. 261

narchia ; e porque ambos estes faltaraõ sempre ao Brasil, por isso se arruinou, e cahio. Sem justiça não ha Reyno, nem Provincia, nem Cidade, nem ainda companhia de ladroens, que possa conservar-se. Assim o prova Santo Agostinho com authoridade de Scipião Africano, e o ensinaõ conformemente Tullio, Aristoteles, Plataõ, e todos os que escreveraõ de Republica. Em quanto os Romanos guardavaõ igualdade, ainda que nelles não era verdadeira virtude, floreceo seu Imperio, e foraõ senhores do mundo ; porém tanto que a inteireza da justiça se foy corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceraõ as forças, desmayaraõ os brios, e vieraõ a pagar tributo os que o receberaõ de todas as gentes. Isto estaõ clamando todos os Reynos com suas mudanças, todos os Imperios com suas ruínas, o dos Persas, o dos Gregos, o dos Assyrios. Mas para que he cansarme eu a repetir exemplos, se prégo a auditorio Catholico, e temos authoridades de fé? *Regnum de gente in gentem transfertur propter injustitias.*

357 Sem injustiça se começou esta guerra, sem Num. 347
injustiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miseravel estado, em que a vemos. Houve roubos, houve homicidios, houve desobediencias, houve outros delictos muitos, e enormes, que não sey se chegaraõ a tocar na religiaõ ; mas nunca houve castigo, nunca houve hum rigor, que fizesse exemplo. Muitos bandos se langaraõ muito justos, muitas ordens se deraõ muito acertadas ; mas, como disse Aristoteles, as leys não são boas, porque bem se mandaõ, senaõ porque bem se guardaõ. Que importa que fossem justos os bandos, se não se guardavaõ.

Tom. I. R 3 mais,

262 *Vieira abbreviado*

mais, que se se mandára o que se prohibia? Que importa, que follem acertadas as ordens, se nunca foy castigado quem as quebrou, e póde ser, que nem reprehendido?

Num. 348.

358 Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de culpas nasceo de huma razão de estado, que cá se praticou quasi sempre: que se não haõ de matar os homens em tempo, que os havemos tanto mister: que não he bem, que se perca em huma hora hum soldado, que se não faz se não em muitos annos: que justicar hum homem, porque matou outro, he curar huma chaga com outra chaga, e que se não remedeão bem as perdas, accrescentando-as: que a primeira maxima do governo he saber permittir, e que se ha de dissimular hum damno por não o evitar com outro mayor: como se não fora mayor damno a destruição de toda a Republica, que a morte de hum particular, como se não fora, grande expediente resgatar com huma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat*. Não he miseravel a republica onde ha delictos, senão aonde falta o castigo delles: que os Reynos, e os Imperios não os arruinão os peccados por cõmettidos, senão por dissimulados. Dissimular com os maos he mandarlhe, que o sejaõ, disse Seneca, e mais era gentio: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet*.

359 A conquistar dilatadissimas Provincias caminhava Moytés General dos Israelitas, e não duvidou degollar de huma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escriptura; porque entendia, como experimentado Capitaõ, que mais lhe importava no seu exercito a observancia da justiça, que o numero dos soldados. A'agou Deos o mundo com o diluvio universal,

Discurso XLIV. 263

versal, e para restauração delle não guardou mais, que Noé com três filhos seus em huma arca. Pois, Senhor, parece que poderamos replicar: quereis restaurar o mundo, quereillo restituir a seu antigo estado, e para huma facção tão grande não guardais mais que quatro homens em hum navio? Sim; que depois de hum castigo tão grande, depois de huma justiça tão exemplar quatro homens; e hum só navio bastaõ para restaurar hum mundo inteiro. Vede se nos sobejaraõ sempre soldados para restaurar o Brasil, se nos não faltara a justiça.

360 E não só he necessaria ao nosso enfermo esta Num. 349. justiça punitiva, que castiga malfetores, senão a outra parte da justiça distributiva, que premie liberalmente aos benemeritos. Assim como a Medicina, diz Philo Hebreo, não só attende a purgar os humores nocivos, senão a alentar, e alimentar o sujeito debilitado: assim a hum exercito, ou Republica não lhe basta aquella parte da justiça, que com o rigor do castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senão que he tambem necessaria a outra parte, que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime a esperança dos homens. Por isso os Romanos tão entendidos na paz, e na guerra inventaraõ para os soldados as coroas Civicas, e Muraes, as Ovações os Triunfos, e outros premios militares; porque como o amor da vida he tão natural, quem se atreverá a arriscalla intrepidamente, senão alentado com a esperança do premio? Quando David quiz sahir a pelejar com o Gigante, perguntou primeiro: *Quid dabitur viro, qui percussertit Philisthæum hunc?* Que se ha de dar ao homem, que matar este Filisteo? Já naquelle tempo se não ar-

264 *Vieira abbreviado*

riscava a vida, fenaõ por seu justo preço: já entaõ não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça.

361 Neceffario he logo, que haja premios, para que haja soldados, e que aos premios se entre pela porta do merecimento: dem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente: dem-se ao valor, e não á valia, que depois que no mundo se intruduzio venderemse as honras militares, converteo-se a milicia em latrocinio, e vaõ os soldados á guerra tirar dinheiro, com que comprar, e não obrar façanhas, com que requerer. Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro, e o soldado da fortuna, que tambem para elle se fizeraõ os grandes postos, se os merecer, e animados com este pensamento os de que hoje se não faz caso, seraõ leoens, e faraõ maravilhas; que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como tal vez debaixo dos talís bordados anda dourada a cobardia. Assim que he neceffario, que haja Saúes liberaes, para que se levantem Davis animosos, e muito mais neceffario, que os premios se dem a quem disparar a funda, e derrubar o gigante, e não a quem ficar olhando desde os arrayaes. Nenhuns serviços paga sua Magestade hoje com mais liberal maõ, que os do Brasil, e com tudo a guerra enfraquece, e a reputação das armas cada vez em peyor estado; porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo, que os valerosos levaõ as feridas, e os venturosos os premios.

362 Na Filosofia bem ordenada primeiro he a potencia, e o acto, depois o habito: cá se olharmos para os peitos dos homens, acharemos muitos habitos,

Discurso XLIV. 265

tos, e mui pensionados, onde nunca houve acto, nem ainda potencia. Desta desigualdade se segue, que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo; porque em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimaõ, e desfaletaõ. Como se animará o soldado a buscar a honra por meyo das bombardas, e dos mosquetes, se vê em hum peito o sangue das balas, e noutro a purpura das cruces? Como se alentará a padecer os trabalhos, e perigos de huma campanha, se vê premiado a Jacob, que ficou em casa, e sem premio a Esau, que correio os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado, e ás settas de Esau se nega a benção, se alcança mais este com o seu engano, que o outro com a sua verdade, quem haverá que trabalhe? Quem haverá, que se arrisque? Quem haverá que peleje? Não ha duvida, que á vista de semelhantes mercês dirão os valerosos, que vão errados, terão contrição do que deverão ter complacencia, arrependersẽão de seus brios, condenarão suas passadas finezas, e se chegarem a pelejar valentemente, será por desesperação, que não ha cousa, que assim desesperes os benemeritos, como ver os indignos premiados.

363 Muitas vezes prevaleceo o engano contra a verdade nesta guerra, muitas vezes luzio o que não era ouro, e foy taõ injusta a fama, que trocou os nomes ás cousas, e ás pessoas, e soaraõ pelo mundo erradamente. O mayor escandalo, que tenho contra a natureza, he hum, que cada hora experimentamos na artelharia. Porque razão ha de fazer tanto estrondo huma peça, que perdeu o pelouro, como outra, que empregou o tiro? Ha mayor injustiça, ha mayor deformidade da natureza? A peça, que acertou, foy muito

266 *Vieira abbreviado*

muito embora, atroe o mundo, estremeça a terra com seu estampido; mas a peça, que errou, a peça, que não fez nada, a peça, que não fez mais, que empobrecer os armazens d'ElRey sem proveito; porque ha de soar, porque ha de ser ouvida? Ainda tenho advertido mais nesta materia. Quando aqui estivemos sitiados no anno de trinta e oito, atirava o inimigo muitas balas ao baluarte de Santo Antonio: os pelouros, que acertavaõ, ficavaõ enterrados na trincheira, os que erravaõ, voavaõ por cima, vinhaõ rompendo os ares com grande ruido, e os que andavaõ por essas ruas, aqui se abaixava hum, acolá se abaixava outro, e muita gente lhe fazia cortezias demasiadas. De sorte que o pelouro, que errou, esse fazia os estrondos, a esse se faziaõ as reverencias: e o outro, que acertou, o outro que fez a sua obrigação, esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos destes se acháraõ na guerra do Brasil!

364 Quantos foraõ mais venturosos com os seus erros, que outros com seus acertos? Algum, que sempre errou, que nunca fez cousa boa, nomeado, applaudido, premiado; e o que acertou, o que trabalhou, o que subio á trincheira, o que derramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a hum canto. Importa pois, que não roube a negociação o que se deve ao merecimento, que se desenterrem os talentos escondidos, que sepultou a fortuna, ou a semrazão, que não haja benemerito, que não seja bem afortunado, que se corte a lingua á fama, se for injusta, que se qualifiquem papeis, que se examinem certidoens, que nem todas são verdadeiras. Se foraõ verdadeiras todas as certidoens dos soldados do Brasil, se aquellas rumas de façanhas em papel foraõ conformes

Discurso XLIV. 267

formes a seus originaes, que mais queriamos nós? Já não houvera Hollanda, nem França, nem Turquia, todo o mundo fora nosso.

365 Mas como a experiencia ensina, que para a Num. 354.saude ser segura, e firme não basta sobrefarar a enfermidade, se não se arrancao as raizes, e se cortao as causas della. He necessario vermos ultimamente, quaes saõ, e quaes foraõ as causas desta enfermidade do Brasil. A causa da enfermidade do Brasil bem examinada he a mesma, que a do peccado original. Poz Deos no Paraíso tereal a nosso pay Adaõ, mandandolhe, que o guardasse, e trabalhasse: *Ut operetur, & custodiret*, e elle parecendolhe melhor o guardar, que o trabalhar, lançou mão á arvore vedada, tomou o pomo, que não era seu, e perdeu a justiça, em que vivia, para si, e para o genero humano. Esta foy a origem do peccado original, e esta he a causa original das doenças do Brasil, tomar o alheyo, cubiças, interesses, ganhos, e conveniencias particulares, por onde a justiça se não guarda, e o Estado se perde. Perde-se o Brasil, senhor, (digamolo em huma palavra) porque alguns Ministros de Sua Magestade não vem cá buscar nosso bem, vem cá buscar nossos bens. Assim como dissemos, que se perdeu o mundo, porque Adaõ fez só ametade do que Deos lhe mandou, em sentido adverso, guardar sim, trabalhar não. Assim podemos dizer, que se perde tambem o Brasil; porque alguns de seus Ministros não fazem mais, que ametade do que ElRey lhes manda. ElRey manda os tomar Pernambuco, e elles contentaõse com o tomar. Se hum só homem, que tomou, perdeu o mundo, tantos homens a tomar como não haõ de perder hum Estado? Este tomar o alheyo,

268 *Vieira abbreviado*

alheyo, ou seja o do Rey, ou o dos povos, he a origem da doença, e as varias artes, e modos, e instrumentos de tomar são os symphomas, que sendo de sua natureza mui perigosa, a fazem por momentos mais mortal. E se não, pergunto, para que as causas dos symphomas se conheçam melhor: Toma nesta terra o Ministro da Justiça? Sim toma. Toma o Ministro da Fazenda? Sim toma. Toma o Ministro da Republica? Sim toma. Toma o Ministro da Milicia? Sim toma. Toma o Ministro do Estado? Sim toma. E como tantos sintomas lhe sobrem ao pobre enfermo, e todos acommetem a cabeça, e ao coração, que são as partes mais vitaes, e todos são attractivos, e contractivos do dinheiro, que he o nervo dos exercitos, e das republicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés, e mãos, sem haver mão esquerda, que castigue, nem mão direita, que permie, e faltando á justiça punitiva para expellir os humores nocivos, e a distributiva para alentar, e alimentar o sujeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veyas, milagre he, que não tenha espirado.

Nun. 355.

366 Como se havia de restaurar o Brasil, se hia o Capitaõ levantar huma companhia pelos lugares de fóra, e por lhe não fugirem os soldados trazia os na algibeira? E como a poz este hia logo outro do mesmo humor, que os trazia igualmente arrecadados, houve pobre homem nestes arredores, que sem sair da Bahia, como se quatro vezes fora a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro. Como se havia de restaurar o Brasil, se os mantimentos se abarcavaõ com mão d'ElRey, e tal vez os vendiaõ seus Ministros, ou os Ministros de seus Ministros, (que não ha Adaõ, que não tenha sua Eva) pondo

os

Discurso XLIV. 269

os preços as cousas a cubiça de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brasil, se os navios, que sustentão o comércio, e enriquecem a terra, haviaõ de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar, e o partir, e não sey se tambem os ventos?

467 Como se havia de restaurar o Brasil, se o Capitão de Infantaria, por comer as praças aos soldados, os absolvía das guardas, e das outras obrigaçoens militares, envilecendose em officios mechanicos os animos, que haõ de ser nobres, e generosos? Como se havia de restaurar o Brasil, se o Capitão de mar, e guerra fazia cruel guerra ao seu navio vendendo os mantimentos, as muniçoens, as enxarcias, as velas, as antenas, e se não vendeo o casco do galeão, foy porque não achou quem lho comprasse? E como mais, ou menos por nossos peccados sempre houve no Brasil alguns Ministros destas qualidades, que importava, que os Generaes illustrissimos fossem tão puros como o Sol, e tão incorruptiveis como os orbes celestes? Desfazia-se o povo em tributos, e mais tributos, em imposiçoens, e mais imposiçoens, em donativos, e mais donativos, em esmolas, e mais esmolas, (que até á humildade deste nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cubiça) e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada apparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava das mãos, por onde passava. Muito deo em seu tempo Pernambuco, muito deo, e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brasil, tirase do Brasil, o Brasil o dá, Portugal o leva.

368 Com terem tão pouco do Ceo os Ministros, Num. 356.
que isto fazem, temolos retratados nas nuvens. Apparece

parece huma nuvem no meyo daquellea Bahia, lança huma manga ao mar, vay sorvendo por occulto segredo da natureza grande quantidade de agua, e depois que está bem cheya, depois que está bem carregada, dalhe o vento, e vay chover daqui a trinta, daqui a cincoenta legoas. Pois nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa agua, se na Bahia te encheſte; porque não choves tambem na Bahia? Se a tiraste de nós, porque a não dispendes com nosco? Se a roubaste a nossos mares, porque a não reſtitues a nossos campos? Taes como isto ſão muitas vezes os Ministros, que vem ao Brazil; e he fortuna geral das partes ultramarinas.

Part. 8.
fol. 248.

369 Partem de Portugal estas nuvens, paſſão as calmarias da Linha, onde diz, que tambem refervem as consciencias, e em chegando v. g. a esta Bahia, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encherſe, (por meyos occultos, mas ſabidos) e ao cabo de tres, ou quatro annos, em vez de fertilizarem a noſſa terra com a agua, que era noſſa, abrem as azas ao vento, e vão chover a Lisboa, e eſperdiçar a Madrid: cá ſe padecem as tomes dos apertadiſſimos cercos, e lá ſe fazem os banquetes: cá ſe ſupportão as calmas, e as ardentíſſimas ſedes, e lá ſe bebe a agua de neve: cá ſe trazem as armas ás coſtas, e ſe derrama o ſangue, e lá ſe cortaõ as galas, e veſtem as purpuras: cá ſe batem á viva força, e ſe derrubaõ as muralhas, e lá ſe levantaõ os palacios: cá ſe daõ as tremendas batalhas, e lá ſe vem as comedias: cá ſe padecem as feridas, e as curas nos hõſpitaes, e lá nas caſas de prazer ſe regaõ, e cheiraõ as flores.

370 Os Portuguezes antigos, e primeiros, que conquiſtaraõ a India, o que lá levavaõ era a fé, e o que

Discurso XLIV. 271

que lá hiaõ buscar era a honra, como idolatras da ^{Part. 8.} mesma honra, que nenhum gentio com os seus ca- ^{fol. 274.} miz, e totoques se lhe igualava nesta idolatria. Os filhos da mais illustre, e luzida nobreza da Lusitania eraõ os que lá hiaõ, e o que lhe diziaõ, e encõmendavaõ seus pays, e mãys, quando lhe lançavaõ a bençaõ, não era, que mandassem de lá canela, ou diamantes, mas que viessem as naos muito ricas da fama, e façanhas de seu valor. De sorte que os antigos levavaõ á India a fé, e hiaõ buscar a honra, e os modernos levaõ á India a cubiça, e vaõ buscar a riqueza, e por isso os pailados a ganharaõ, e os presentes a perdem.

371 Por isso nada lhe luz ao Brasil, por mais que ^{Part. 6.} dê, nada lhe monta, e nada lhe aproveita por mais ^{Num. 356.} que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos he, que a agua, que por lá chovem, e espediçaõ as nuvens, não he tirada da abundancia do mar, como noutro tempo, senaõ das lagrimas do miseravel, e dos suores do pobre, que não sey como atura já tanto a constancia, e fidelidade destes vassallos. Tenho reparado muito, que em nenhum tormento da paixãõ desceo Anjo do Ceo a confortar a Christo, senaõ quando suou no Horto. Pois porque mais nos suores do Horto, que nos açoutes da columna, nos tormentos da Cruz, ou noutro daquelles tranfes rigorosissimos? Os porques de Deos são só a elle manifestos. Mas o que elle nos revelou daquelle caso, he, que suou, e que suou pela faude, pela vida, e pela glorificaçaõ dos homens. E que hajaõ de viver outros á custa do meu suor! Que haja de suar eu, para que outros triunfem! He hum ponto tão rigoroso, considerado humanamente, como Christo

272 *Vieira abbreviado*

Christo então o considerava, he hum ponto tão rigoroso, he hum transe tão apertado, que até o coração de hum homem Deos parece que ha mister, que venha hum Anjo do Ceo a o confortar, que não ha forças na natureza, nem cabedal para tanto.

372 Muitos tranfes destes tens padecido, desgraçado Brasil, muitos te desfizerao para se fazerem, muitos edificaõ palacios com os pedaços de tuas ruinas, muitos comem o seu pão, ou o pão não seu com o suor do teu rosto: elles ricos, tu pobre: elles salvos, tu em perigo: elles por ti vivendo em prosperidade, tu por elles a risco de espirar.

373 Mas agora alegrete, animate, torna em ti, e dá graças a Deos, que já por merce sua estamos em tempo, que se concorrermos com o nosso suor, ha de ser para nossa faude. Tudo, o que der a Bahia, para a Bahia ha de ser: tudo, o que se tirar do Brasil, com o Brasil se ha de gastar.

D I S C U R S O XLV.

Tirado do discurso quarto das cinco pedras da fundação de David.

J U S T I C, A.

Part. 14.
Num. 154.

Euseb. Em.
hom. 1. ad
Mon.

374 **O**S instrumentos da justiça punitiva haõ de ser como o fogo do inferno. Ouçamos a Eusebio Emiffeno, o qual com profundo juizo chamou ao fogo do inferno fogo racional: *Illa non causalis, sed rationabilis, & pœnalis exustio, quia culpam jubetur inquirere, substantiam nescit absumere.* Aquelle fogo, diz; não causal, senão racional das penas do infer-

Discurso XLV. 273

inferno, porque he instituido para inquirir a culpa, não póde consumir a sustancia. Grandes palavras! Imitem os Principes a Deos em moderar o poder aos instrumentos de sua justiça. Por isso se vem tantas sustancias consumidas, e tão poucas culpas emendadas; porque os que tem officio de inquirir a culpa; tem poder de consumir a sustancia. Os Reys Part. 11. Num. 83. sustentaõse dos tributos dos vassallos; mas quantas injustiças vão envoltas nesses tributos? Os grandes sustentaõse dos seus morgados, mas quantos como o de Jacob por astucias, e enganos foraõ roubados a Esaú? Outros sustentaõse pelas armas nas guerras, outros pelas letras nos tribunaes, outros pelos governos nas Provincias remotas, e sendo tanto o paõ, que alli se recolhe, e que tal vez não chega a se comer, qual he o que não seja amassado com as lagrimas, e sangue dos innocentes?

DISCURSO XLVI.

Tirado de hum sermão da segunda Dominga do Advento, em que o Auctor mostra, que o juizo dos homens he mais temeroso, que o juizo de Deos.

JULGAR.

375 **N**ÃO basta, que o que houver de governar, Part. 5. Num. 304. seja homem com alma; mas he necessario, que seja alma com homem. Se tiver alma, e boa alma, não quererá fazer mal; mas se juntamente não tiver actividade, e resolução, e talento de homem, não fará cousa boa. Deolhe Deos memoria, entendimento, e vontade: a memoria, para que se lembre
Tom. I. S da

274 *Vieira abbreviado*

da tua obrigação : o entendimento, para que saiba o que ha de mandar : e a vontade para querer o que for melhor, e não homens de huma só potencia, (que por isso fazem impotencias) e faltandolhe a memoria, e o entendimento, só tem má vontade. Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal : quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão he muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal : se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira, ou paixão, vede como julgará a vontade com taes adjuntos.

376 No juizo divino não he assim : julga só o entendimento, e tal entendimento. Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os seus poderes supremos de Juiz universal do mundo, diz, que o Pay deo todo o juizo ao Filho : *Pater omne judicium dedit Filio*. Pergunto: E porque o não deo o Padre ao Espirito Santo? Para hum juizo perfeito requeremse tres cousas: sciencia para examinar, justiça para julgar, poder para executar. Pois se a pessoa do Filho, e a do Espirito Santo tem a mesma sabedoria, a mesma justiça, e a mesma omnipotencia; porque razão dá o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho, e não ao Espirito Santo?

377 A razão moral, e altissima he esta. Porque o Espirito Santo procede por acto de vontade, e o Filho he gerado por acto de entendimento, e o julgar (ainda que seja Deos o que julga) pertence ao entendimento, e não á vontade. Ao Espirito Santo, que procede por vontade, deo lhe o Padre o despacho

Discurso XLVI. 275

cho das merces: *Dator munerum*. Ao Filho, que se produz por entendimento, deo-lhe o juizo das culpas: *Omne judicium dedit Filio*; porque o dar, para que se agradeça, ha proceder da vontade; e o condemnar, para que se não erre, ha-o de regular o entendimento.

378 Ainda não está dito: ouvi huma cousa grande. Quando o Padre *ab aeterno* gera o Filho, gera-o por puro acto de entendimento sem intervenção ainda da vontade: quando o Padre, e o Filho produzem o Espirito Santo, produzem-no por acto da vontade, mas já com supposição do entendimento. Pois por isso o dar se attribue á terceira pessoa, e o julgar á segunda; porque o dar ha de ser da vontade, mas com supposição do entendimento: o julgar ha de ser só do entendimento sem intervenção nenhuma da vontade.

399 Eis aqui hum perfeito dictame da justiça punitiva, e distributiva. O condemnar só por entendimento sem vontade, o dar mui por vontade, mas com entendimento. E seria bem, que o dar fosse só por entendimento, e que no condemnar entrasse tambem a vontade? Não; porque dahi nasceria o que acontece algumas vezes, que nem as merces obrigaõ, nem os castigos emendaõ. Condemnar com vontade he passar além do justo, dar sem vontade he ficar áquem de liberal: no primeiro vay escrupulosa a justiça, no segundo fica desairosa a liberalidade.

380 De maneira, que em Deos a vontade, e o Num. 58. entendimento tem repartidos os officios; o entendimento julga, a vontade dá. Nos homens não passa assim: o entendimento está deposto de seu officio, a

276 *Vieira abbreviado*

vontade serve ambos: a vontade he a que dá, e a vontade he a que julga. Vede, que segurança pôde ter o merecimento, ou que immuniidade a innocencia em tal juizo? O summo merecimento, e a summa innocencia o diga.

Num. 59. 381 Presentado Christo ante Pilatos, tirou elle as testemunhas, examinou as accusações, e declarou a Christo por innocente: *Ego nullam causam invenio in homine isto*: Eu nenhuma causa acho neste homem. Dahi a pouco levaraõ a Christo ao Calvario, pregaraõ-no em huma Cruz: *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam*, e pôzeraõ nella, diz o texto, a sua causa escrita. Pois se Pilatos não achou causa em Christo: *Ego nullam causam invenio*, como lhe pozeraõ a causa escrita na Cruz: *Imposuerunt causam ejus scriptam*? Aqui vereis quanto vay de ser julgado com o entendimento, ou com a vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveo as accusações ao juizo da vontade dos Principes dos Sacerdotes: *Jesum vero tradidit voluntati eorum*; e como Christo foy julgado no juizo da vontade, logo lhe acharaõ causa para o crucificar. No juizo do entendimento, ainda que era entendimento de Pilatos, não se achou causa a Christo: no juizo da vontade, ainda que era o julgado Christo, achou selhe causa.

382 E porque acha mais a vontade sendo cega, que o entendimento sendo lynce? Porque o entendimento acha o que ha, a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará merecimento em Judas, se a vontade quer condemnar, achará culpa em Christo. Que culpas tinha o Baptista contra Herodes para o meter

Discurso XLVII. 277

meter em prizoens? Mas tinha contra si a sua vontade, que era a mayor culpa de todas. Bem entendia Herodes, que era innocente o Bautista; mas não quero ir por aqui: Ou Herodes entendia, que era innocente o Bautista, ou não o entendia: se o não entendia, vede a cegueira da vontade, que o fazia entender contra a razão: se o entendia, vede a tyrannia da vontade, que o fazia obrar contra o que entendia. De huma maneira; ou de outra sempre o Bautista tinha certas as prizoens: *Joannes in vinculis.*

DISCURSO XLVII.

Tirado de hum sermão da primeira sexta feira da Quaresma pregado na Capella Real.

INIMIGOS.

383 **D**ifficultoso preceito! Difficultoso motivo! Difficultoso preceito: *Diligite inimicos vestros.* Difficultoso motivo: *Ego autem dico* Matth. 5, 44. 45. *vobis.* Negar, ou desprezar a difficuldade não he arte, nem valor, nem razão. Reconhecella, e impugnalla, confessalla, e convencella, sim. Isto he o que pertendo fazer hoje; por isso á difficuldade do preceito ajuntei a do motivo. Estas difficuldades, todas grandes, e cada huma mayor, primeiro propostas, e encarecidas, depois impugnadas, e convencidas, seraõ com a graça divina as partes do meu discurso. Ouçaõme com attenção os mayores, e os menores; porque elles são os que tem mais inimigos.

384 Começando pela primeira parte, he tão difficultoso preceito o de amar os inimigos, que em todas

Tom. I. S 3

278 *Vieira abbreviado*

das as leys o repugnaraõ os homens, e se armaraõ contra esta ley. Na ley da natureza a abominaraõ os gentios: na ley escrita a descompuzeraõ os Judeos: na ley da graça a desprezaraõ, e tem por afronta os Christaõs. Abominaraõ tanto este preceito os gentios, que o lançavaõ em rosto aos Christaõs, como escreve S. Justino, e diziaõ, que era ley barbara, irracional, e impossivel. He verdade, que na mesma ley da natureza a observou Job Idumeo, e gentio; mas era Job. o que a observou. Outros exemplos se achão deste amor nos Escriitores gentios; mas como bem os argue S. Gregorio Nazianzeno, nos Historicos foy mentira, nos Oradores li-fonja, e no Filósofos vaidade.

Justinus in
Apol. pro
Christ.
Job. 31.
29.

385 Os Judeos tambem tinhaõ expressa esta ley, como parte da natural, e moral: *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum*; mas foy tanto o horror, que concebeo aquella gente, tanta a violencia, que experimentou, e tanto o odio, com que aborreceo este amor, que sem respeito a Deos, para mais coradamente quererem mal a seus inimigos, se fizeraõ inimigos da mesma ley.

Prov. 25.
21.

386 Finalmente nós os Christaõs, que professamos, cremos, e adoramos o Euangelho, como o observamos nesta parte? Os odies publicos o dizem, e os occultos o não callaõ. Comnosco fallou Christo, quando disse: *Ego autem dico vobis*; porque entã prégou a sua ley, e ensinou a todos a ser Christaõs. Mas tem chegado a tal extremo a infamia, e o desprezo deste ponto, que honrandonos da ley, fazemos honra de a não guardar. Se foramos verdadeiros Christaõs, cessava entre nós este preceito; porque não havia de haver inimigos, a quem amar.

Assim

Discurso XLVII. 279

Assim o presumio Tertulliano, quando disse: *Christianus nullius est hostis*: Disse, que nenhum Christão he inimigo: melhor disséra, que nenhum inimigo he Christão. Porém Christo; que tão interiormente conhecia a perversa inclinação da natureza humana, e tão experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia, e difficuldade do que mandava; por isso suppoz, que sempre havia de haver inimigos: *Diligite inimicos vestros*.

387 Santo Agostinho com o pezo de seu singular juizo, fondando a profundidade deste preceito, diz assim: *Recole in omnibus justificationibus Domini nulla esse mirabilia, nec difficiliora, quam ut suos quisque diligat inimicos*: Lede todas as Escrituras sagradas, ponderai todos os preceitos, conselhos, e documentos divinos, e nenhum achareis (diz Agostinho) nem mais admiravel, nem mais difficultoso, que mandar Deos a hum homem de carne, e sangue, que ame a seus inimigos.

388 He tão difficultoso este preceito, que os gentios o tiverão por impossivel, e muitos hereges tambem, aos quaes refuta doutissimamente, e convence S. Jeronymo. Porém em ser difficultoso, e muito o mesmo S. Jeronymo concorda com Santo Agostinho, e com Jeronymo, e Agostinho todos os outros santos Padres, e Doutores da Igreja. Todos dizem, e confessaõ, que este he o mais rigoroso preceito da ley Evangelica, e esta a mais ardua, e difficultosa empreza da Religião Christã. Se entre os homens se achão tão poucos, que amem verdadeiramente a seus amigos, quão difficultosa, e repugnante cousa será á natureza humana chegar a amar os proprios inimigos?

280 *Vieira abbreviado*

Part. 11.

Num. 90.

389 Temos posto em campo contra a verdade, e equidade deste famoso preceito divididos em tres esquadroens, porém unidos no mesmo parecer, debaixo da bandeira da ley da natureza os gentios, debaixo das taboas da ley escrita os Judeos, debaixo da Cruz, e da ley da graça os Christãos, em summa o genero humano todo. E na testa deste immenso exercito, como o gigante Golias no dos Filisteos desafiando a parte contraria, e blasonando, e defendendo a sua. Quem? Não menos, que a mesma raça natural, e humana, armada no peito de difficuldades, e na cabeça de impossiveis, e arguindo, e declamando fortemente assim.

Num. 91.

390 He possivel, (diz a razaõ revestida em cada hum de nós, ou cada hum de nós nella) he possivel, que haja eu de amar a quem me aborrece, desejar bem a quem me faz todo o mal, que póde, honrar a quem me calumnia, interceder por quem me persegue, e não me desafrontar de quem me afronta: e que tudo isto ha de caber em hum coração de barro? Abalaõse, e rebentaõ os montes, sahe de si o mar, enfurecemse os ventos, fulminaõ as nuvens, escurecese, e descompoemse o Ceo, nem cabe em si o mesmo mundo com quatro vapores insensiveis, que se levantaõ da terra: e que em hum vaso tão estreito, e tão sensitivo, como o coração humano, hajaõ de caber juntas, e estar em paz todas estas contrariedades? Alma, corpo, que dizeis a este preceito? Ajuntese a republica interior, e exterior do homem, chame a cortes, ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos, e sejaõ ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. Que he o que dizem? Todos repugnaõ, todos reclamaõ, todos se alteraõ, todos se

Discurso XLVII. 281

se unem, e conjuraõ em odio, e ruina do inimigo. A memoria, sem já mais se esquecer, representa o agravado: o entendimento pondera a offensa: a fantasia affea a injuria: a vontade implora, e impera a vingança: salta o coração, bate o peito, mudaõse as cores, chammeaõ os olhos, desfazemse os dentes, escuma a boca, morde a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fumeaõ os espiritos, os pés, as mãos, os braços, tudo he ira, tudo fogo, tudo veneno.

391 Acende, e provoca esta batalha a trombeta Num. 92.
da fama dizendo, e bradando, que he honra. Poem-se da parte do odio, e da vingança o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por ley. Sobre tudo o tribunal supremo da razãõ assim o prova; porque amigo de amigos, e inimigo de inimigos he voz, que soa justiça, merecimento, proporção, igualdade. Finalmente o mesmo Deos condemna a meu inimigo; porque he meu inimigo. Pois se Deos o condemna, e aborrece, porque o hei de amar eu? Deos, que isto manda, não he o Auctor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida, e governada pelo mesmo Deos? Vingãõse por instincto natural as feras na terra: vingãõse as aves no ar: vingãõse os peixes no mar: vingase a mansidão dos animaes domesticos: vingase, e cabe ira em huma formiga: e basta, que a natureza viva naquelles atomos, para que nelles offendida se doa, nelles aggravada morda, nelles tome satisfacção da sua injuria. E se a natureza, onde he incapaz de razãõ, não he capaz de soffrer semrazoens, que o homem creatura racional a mais nobre, a mais viva, e a mais sensitiva de todas com a balança da mesma razãõ no juizo não haja de pe-
zar

zar aggravos , antes contra a força , e violencia do mesmo pezo haja de pagar odios com amor : *Diligite inimicos vestros* ! Não he homem , quem aqui não pasma , ou não diga olhando para si : Não posso.

Num. 93.

392 Estas são as difficuldades , que todos reconhecem , e chamaõ grandes neste preceito , que verdadeiramente he o grande. Mas com estarem tão declaradas , e por ventura encarecidas , eu espero mostrar , e demonstrar , que não só não he tão difficuloso , como parece , amar aos inimigos , senão muito facil , e natural ao homem , e tanto mais , quanto for mais homem. Primeiramente isto de ter inimigos he huma semrazaõ , ou injuria tão honrada , que ninguém se deve doer , ou offender della. Quem a não aceita como adulaçaõ , e lisonja de sua mesma fortuna , ou tem pequeno coração , ou pouco juizo. Se o ter inimigos he tentação , antes he tentação de vaidade , que de vingança. He motivo de dar graças a Deos , e não de lhe ter odio a elles. Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos ? Ordinariamente he porque vem em vós algum bem , que elles quizerão ter , e lhes falta. A quem não tem bens , ninguém lhe quer mal. No nosso mesmo texto o temos. Não só diz Christo , que amemos a nossos inimigos , senão também , que lhes façamos bem : *Diligite inimicos vestros , & benefacite his , qui oderunt vos*. Esta segunda parte parece mais difficulosa , que a primeira , e tal vez não só difficulosa , senão impossivel ; porque para amar basta a vontade , para fazer bem he necessario ter com que o fazer. E se eu acaso for tão pobre , e miseravel , que não tenha bem algum ; como posso fazer bem a meus inimigos ? Enganaivos. Ninguém tem inimigos , que lhes não possa fazer bem;

Discurso XLVII. 283

bem; porque quem não tem bens, não tem inimigos. Tendes inimigos? Pois algum bem tendes vós, porque elles vos querem mal. E porque esta supposição universalmente he certa, por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que não só os amem, senão que lhes faça bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.* Quem tem bens, assim como he certo, que ha de ter inimigos, assim he certo, que póde fazer bem.

393 O primeiro inimigo, que houve neste mundo, foy Lucifer. Elle o primeiro traidor, que se revestio da serpente, elle o primeiro falsario, que enganou a Eva, elle o primeiro ladrao, e homicida, que não só roubou a Adaõ, quanto possuia; mas até o despojou da mesma immortalidade. E porque quiz tanto mal Lucifer a Adaõ, que lhe não tinha feito nenhum mal? Porque tinha Deos revelado ao mesmo Lucifer, que se havia de fazer homem, e não Anjo. Bem se vio na promessa da divindade: *Eritis sicut Dii*, que essa era a espinha, que elle trazia atravessada na garganta. E como Adaõ teve aquella fortuna, que Lucifer pertendeo, e não pode alcançar, claro está, que havia de ser seu inimigo. Tambem Joseph padeceo os odios não de hum, mas de dez irmaos, entre os quaes, antes de o venderem, sempre andou vendido. E porque causa? Porque elle só valia mais, que todos elles. Por isso era mais estimado do pay, e o trazia mais bem vestido, que todos. Grande caso, que porque o seu pelote não era de pano da ferra, como o dos outros, se resolvessem, sendo irmaos, a lho tingir no proprio sangue!

394 Se cavarmos bem ao pé de todas as inimizações, e odios do mundo, acharemos que estas são as raizes.

Esth. 3. 1.

raizes. Assim como o motivo de amar he o bem proprio, assim o de aborrecer são os bens alheios. Nem Saul havia de aborrecer a David, senão fora mais valente, nem Abimelech a Isaac, senão fora mais rico, nem os Satrapas a Daniel, senão fora mais sabio. Quando ElRey Assuero nomeou a Aman por primeiro Ministro de todo o Imperio, diz o texto original, que o exaltou, e levantou o seu solio sobre todos os grandes da Corte: *Exaltavit Aman; & posuit solium ejus super omnes Principes*. E que se seguiu a esta exaltação, e preferencia superior aos demais? Couza maravilhosa! O mesmo Espírito Santo quiz, que soubessemos o que logo foraõ por dentro os que nesta eleição ficaraõ de fóra. Em lugar das palavras referidas trasladataõ os setenta Interpretes tambem com authoridade divina: *Exaltavit eum, & prior sedebat omnibus inimicis suis*. Lá diz o texto, que o exaltou sobre todos os grandes da Corte, e cá diz a interpretação, que sobre todos seus inimigos. De maneira, que nomear Assuero a Aman por mayor, que todos os outros, foy fazer, que todos os outros fossem inimigos de Aman. Pela portaria das merces entraraõ logo os odios, e ao pé das provitoens se assignaraõ todos por inimigos. Não porque Aman lhes fizesse algum mal para lhe quere-rem mal; mas porque o Rey, e a fortuna lhe quiz mais bem, e fez mais bem, que a elles.

Num. 96.

395 Se passarmos dos folios aos estrados, tambem acharemos nos toucados estes malmequeres. Nenhuma gentileza ha tão confiada, a que não piquem os alfinetes de ver a outrem mais bem prendida. Tambem o exemplo he de duas irmans da mesma confraria. Rachel não era amiga de Lia, nem
Lia

Discurso XLVII. 285

Lia de Rachel. E porque? Porque a cada huma delle faltava o bem, que lograva a outra. A Lia não lhe parecia bem Rachel, porque era formosa, e Rachel não gostava de Lia, porque era fecunda. Deos repartio entre as duas irmanas os dous bens, que ellas mais estimaõ, e ellas em lugar de se darem os parabens, tomaraõ delles occasião para não se quererem bem.

396 Todos os bens, ou sejaõ da natureza, ou da fortuna, ou da graça, são beneficios de Deos, e a ninguém concedeo Deos estes beneficios sem a pensão de ter inimigos. Mofino, e miseravel aquelle, que os não teve. Ter inimigos parece hum genero de desgraça; mas não os ter he indicio certo de outra muito mayor. Ouçamos a Seneca não como Mestre da Estoica, mas como Estoico da Corte Romana. Huma das mais notaveis sentenças deste grande Filosofo he: *Miserum te judico, quia non fuisti miser*: Eu te julgo por infeliz, e desgraçado, porque nunca o foste. Este porque antes de explicado he difficuloso; mas depois de explicado muito mais. Como póde hum homem ser desgraçado, porque o não he? Porque ha desgraças tão honradas, que tellas, ou padecellas he ventura: não as ter, nem as padecer he desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou: *Transisti sine adversario vitam*: Foste tão mofino, qua passaste toda a vida sem ter inimigo. Não ter inimigos temse por felicidade, mas he huma tal felicidade, que he melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Póde haver mayor desgraça, que não ter hum homem bem algum digno de inveja? Pois isso he o que se argue de não ter inimigos: *Miserum te judico, quia non fuisti*

286 *Vieira abbreviado*

fuisti miser: Transisti sine ad versario vitam.

397 Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela causa sendo amado, e estimado, como era, de toda a Grecia, respondeo: Por isso mesmo. Sinal he o verme amado de todos, que ainda não tenho feito acção tão honrada, que me grangeasse inimigos. Assim foy. Cresceo Themistocles, e com elle a fama de suas victorias, e não destruia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavaõ contra elle na patria. Para que vejaõ os odiados, ou pensionados do odio se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eraõ as trombetas da fama de Themistocles, e os vossos saõ testemunhas em causa propria de vos ter dado Deos os bens, que lhes negou a elles.

Num. 100.

398 Julgue agora todo o homem, (e tanto mais, quanto for mais homem) se he coula difficullosa, e impossivel, antes muito facil, e natural, amar os inimigos, sendo este amor pensão dos beneficios de Deos, e os mesmos beneficios occasião desse odio. Pergunto: (e haja quem me responda) Elles bens por que vos não querem bem vossos inimigos, quem vo los deo? Deos. Pergunto mais: Esse preceito de amar os mesmos inimigos quem vo lo poz? Tambem Deos. Pois se vossos inimigos não vos amaõ por amor dos bens, que Deos vos deo; porque não amareis vós a esses inimigos por amor de Deos, que vos deo os bens? Se esses bens saõ poderosos para causar odio em quem os inveja, porque não seraõ poderosos para causar amor em quem os logra? Lograi os, e não os queirais perder; porque quem não paga a pensão, merece, que o privem do beneficio.

399 Pelo

Discurso XLVII. 287

399 Pelo contrario, (notay muito o que quero Num. 101. dizer) pelo contrario, se guardardes a ley de amar os inimigos, não só vos não tirará Deos os bens, porque elles vos querem mal, senão que de tal sorte vos accrescentará os mesmos bens, que a vós seráo premio do vosso amor, e a elles castigo do seu odio. Lembrame a este proposito hum discreto, e galante memorial apresentado ao Imperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma hum inimigo, o qual se doe muito das merces, que V. Magestade lhe faz. Pede a V. Magestade lhas faça mayores, para que o dito seu inimigo se doa mais: *Da Cesar tanto tu, magis ut doleat.* Isto mesmo faz a justiça, e liberalidade divina: accretenta os bens ao invejado para mayor castigo, e mayor dor do inimigo invejoso.

400 Finalmente que de todo este discurso de-Num. 104. ve colher, e entender a natureza humana em hum, e outro sexo contra a razão enganada nas suas falsas balanças, contra o mundo louco nas suas leys ignorantes, e vís, e contra o exemplo brutal, e indigno dos animaes, se he mais natural, mais util, mais facil, mais generoso, mais honrado, e descansado confelho ou querer, e fazer mal aos que nos querem mal, ou querer, e fazer bem, e amar de coração, e de obras, como manda o preceito de Christo, a nossos inimigos: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

401 A esta primeira difficuldade do preceito te-Num. 105. guefe a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis.* Os antigos disserão: Sê amigo de teus amigos, e inimigo de teus inimigos; porém eu (diz Christo) digo o contrario: e em dizer Christo o contrario absoluta, e nua-

101. 311. é nuamente sem dar a razão do seu dito, aqui está a dificuldade. Se o divino Mestre refuta, e condemna huma opiniaõ tão antiga, e recebida, porque não dá a razão? Se o faz como Legislador, os Legisladores poem a ley; e dão a razão da ley; principalmente quando revogaõ huma, e promulgaõ, e introduzem outra. Pois se a ley de amar os proprios inimigos era tão nova, e se reputava por tão repugnante, e difficultosa a sua observancia; porque não declara Christo a razão; ou razoens da justiça, da conveniencia, da importancia, da necessidade, e não dá outro motivo do que diz, sennaõ: Eu o digo: *Ego autem dico vobis?*

Num. 106. 402. Infinitas são as razoens, e motivos, que o Senhor podéra dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo, (podéra dizer) para que elle 101. 311. tambem te ame; porque não ha modo, nem meyo, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo; porque amando a elle, me amas a mim, e se elle te não merece, que o ames, mereçote eu, que me ames nelle. Ama a teu inimigo; porque se elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu: o teu te mete no inferno; e o seu não. Ama a teu inimigo; porque os amigos já os não ha, e se não amares os inimigos, estará ociosa a tua vontade, que he a mais nobre potencia, e privaras o teu coração do exercicio mais natural, mais doce, e mais suave, que he o amor. 101. 311. Ama a teu inimigo; porque o não ajudas contra ti, e tenhas dous inimigos, hum, que te queira mal, e outro, que te faça o mayor de todos. Ama a teu inimigo; porque se elle o faz com razão, debes emendarte; e se contra razão, emendallo. Ama a teu ini- 101. 311. migo;

Discurso XLVII. 289

migo; porque se o seu odio vil he filho da inveja, mostre o teu amor generoso, que por isso não he digno de vingança, senão de compaixão.

403 Ama a teu inimigo; porque ou elle he exe-^{Num. 107.}cutor da divina justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da sua providencia, para exercitar a tua paciencia, e coroar a tua constancia. Ama a teu inimigo; porque Deos perdoa a quem perdoa, e mais nos perdoa elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o mundo nos mayores aggravos. Ama a teu inimigo; porque as settas do odio, se as recebes com outro odio, saõ de ferro, e se lhe respondes com amor, saõ de ouro. Ama a teu inimigo; porque melhor he a paz, que a guerra, e nesta guerra a victoria he fraqueza, e o ficar vencido triunfo. Ama a teu inimigo; porque elle em te querer mal imita o demonio, e tu em lhe querer bem pareces-te com Deos. Ama a teu inimigo; porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, he mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos: elle estranha, e condemna os teus defeitos, e elles os adulaõ, e lisongeaõ. Ama a teu inimigo; porque se o não queres amar, porque he inimigo, devo-lo amar, porque he homem. Ama a teu inimigo, porque se elle te parece mal, amando-o tu, não serás como elle. Ama a teu inimigo; porque as mayores inimizades cura-as o tempo, e melhor he que seja o medico a razaõ, que o esquecimento. Ama a teu inimigo; porque os mais empenhados inimigos daõse as mãos, se o manda o Rey, e o que se faz sem descredito, porque o manda o Rey; porque se não fará, porque o manda Deos? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo; porque ou elle he mais poderoso, que tu, ou menos: se

290 *Vieira abbreviado*

he menos poderoso, perdoalhe a elle, se he mais poderoso, perdoate a ti.

404 Esta ultima razão he de hum Filosofo gentio, Seneca, e outro tambem Filosofo, e gentio, e não menos discreto que elle, antes muito mais, e mais solido. O grande Plutarcho escreveo hum famoso, e doutissimo tratado dos bens, e utilidades, que o homem póde tirar do odio de seus inimigos. Se das feras, e serpentes tiraõ tantas utilidades os homens, porque as não tirará a mansidão de huns da fereza dos outros? Hercules da pelle do leão fez a sua mayor gala: Salamaõ dos dentes do elefante fez o seu throno: a Medicina da cabeça da vibora fez a melhor theriaga, e não ha veneno tão mortal, que calcinado, e temperado, como convém, senão converta em antidoto.

405 Pois se a divindade, e humanidade de Christo tinha tantos motivos ou conformes á natureza, ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos; porque, deixados todos, só disse: *Ego autem dico vobis*? Porque elle he o mais forte, o mais poderoso, e o mais efficaz motivo de todos. Ajuntemse todos os Filósofos de Athenas, todos os Oradores de Roma, e o que he mais, todos os Profetas de Jerusaleem: fação discursos, inventem razoes, excogitem argumentos, formem syllogismos, e demonstraçoens, e evidencias para persuadir hum homem a que ame seus inimigos: todos esses motivos comparados com hum *Ego dico vobis* de Christo não pezaõ hum atomo.

Num. 109. 406 Pezemos, e consideremos bem o poder, ou a omnipotencia infinita, e immensa daquelle *Ego dico*. Antes da creação do mundo não havia nada.

Appa-

Discurso XLVII. 291

Appareceo subitamente esta grande machina, que vemos, e quem a fez? Ametade do nosso texto: *Ego dico*. O vobis ainda o não havia; porque não havia nada. E se não havia nada, como se fez tudo isto? Porque Deos o disse: *Ipse dixit, & facta sunt*. Não havia Ceo, disse Deos: Faça-se o Ceo, e fez-se o Ceo: não havia terra, disse Deos: Faça-se a terra, e fez-se a terra: estava tudo ás escuras, disse Deos: Faça-se a luz, e fez-se a luz. Pois se o dizer de Deos he tão poderoso, que de nada fez tudo, e do não ser tirou o ser de todas as cousas; que motivo podia, nem pôde haver tão poderoso, para que do não ser amigos nos fizesse ser amigos, como *Ego dico*? Quem he este Ego? He Deos infinito ser. Quem he este Ego? He Deos infinita sabedoria. Quem he este Ego? He Deos infinita omnipotencia. Quem he este Ego? He Deos infinita verdade. Pois se hum só dizer deste Ego: *Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser, que temos?

407 Assim como os Ninivitas se haõ de levantar no dia do Juizo contra os Judeos; porque elles crearaõ o que disse Jonas, e os Judeos não criaõ o que dizia Christo; assim os Rechabitas se haõ de levantar naquelle dia contra Jerusaleem; porque elles crearaõ, e observaraõ o que lhes disse Jonadab, e Jerusaleem não cria, nem observava o que dizia Deos. E contra nós os Christaõs, quem se levantará? Os Turcos.

408 O mesmo preceito de não beber vinho, que poz Jonadab aos Rechabitas, poz Mafoma aos seus sequazes. E que mayor afronta, e vergonha da Christandade, que resistir o Turco ao seu

292 *Vieira abbreviado*

appetite, e á sua fede, porque o manda o Alcorão, e o disse Mafoma, e não mortificar o Christão á sua paixão, e o seu odio, porque o préga o Evangelho, e o diz Christo? Mas não he necessario ir tão longe, nem sahir de casa. Sabeis quem se ha de levantar contra nós no dia do Juizo? Nós mesmos. Dizeime: E se estais tão offendido, e tão aggravado de vosso inimigo; porque vos não vingais? Por me não perder. Bem. E porque beijais aquella mão, que desejais ver cortada? Porque dependo della. Melhor. E porque lisonjeais com a boca este, e aquelle, que aborreceis com o coração? Porque assim importa ás minhas conveniencias. Pois o que fazeis por esta politica vil, baixa, e infame, não o fareis porque o manda Christo? Desenganese qualquer outro amor dos inimigos, ainda que fosse verdadeiro por outras causas, que todo he hypocrisia, e vileza. Só he racional, virtuoso, e christão o que não tem outro motivo, nem outro porque, senão porque Christo o disse: *Ego autem dico vobis.*

DISCURSO XLVIII.

Tirado de tres sermoens, hum de Santo Antonio, que converteo vinte e dous ladroens, outro do santissimo Sacramento, e outro do bom ladraão, nas quaes o Auçtor reprehende este vicio, e lhe applica o remedio.

LADROENS.

Part. 3.
Num. 305.

409 **C**ousa he muito notada, e muito notavel, que prégando Christo Senhor nosso contra

Discurso XLVIII. 293

tra todos os vícios, nunca pré-gasse contra os ladroens. Lede todos os quatro Euangelistas, achareis, que no sermão do bom Pastor, na parábola do Samaritano, na dos servos vigilantes, e em outros muitos lugares falla o Senhor em ladroens, mas que lhe pré-gasse, nunca. O que só lemos, que fizesse em materia de ladroens, he, que no dia, em que entrou por Jerusalem acclamado por Rey, foy logo ao templo, e fazendo hum açoute das cordas, com que vinhaõ atadas as rezes para os sacrificios, com elle lançou fóra os que as vendiaõ, dizendo, que o seu templo era casa de oração, e que elles o tinhaõ feito cova de ladroens: *Vox autem fecistis illam speluncam latro-* Matth. 21.
num. Que Christo como Rey açoutasse os ladroens, ^{13.} foy acção mui propria do officio, e obrigação de Rey; mas Christo não só era Rey, sennaõ Rey, e Pré-gador juntamente: *Ego autem constitutus sum Rex* ps. 2. 6.
ab eo super Sion montem sanctum ejus, prædicans præceptum ejus. Pois se Christo açoutou os ladroens, como Rey; porque lhe não pré-gou tambem, e mais estando no templo, como Pré-gador?

410 Porque os ladroens são casta de gente, em que se emprega melhor o castigo, do que se póde esperar a emenda. A pré-gação he para emendar, e converter aquelles, a quem se pré-ga, e gente costumada ao vicio de furtar he tão difficul'tosa, e quasi incapaz de emenda; que nunca, ou quasi nunca se converte. Cinco dias depois deste se vio por experiencia, e com taes circumstancias, que excedem toda a admiração.

411 O mayor dia, que houve no mundo, foy Num. 3062
 aquelle, em que o Filho de Deos deo a vida no monte Calvario pela redempção do genero humano. Neste

294 *Vieira abbreviado*

mesmo dia morreraõ tres ladroens , dous aos lados de Christo , e hum do seu lado , que era mais. Morreo o bom ladraõ , morreo o mau ladraõ , morreo Judas. E que successo , e fim foy o destes tres ladroens? O bom ladraõ converteose ; o mau ladraõ , e Judas condemnaraõse. De maneira , que no mayor dia do mundo , em que o Redemptor delle estava com cinco fontes de graça , e de mitericordia abertas , de tres ladroens condemnãõse dous , e convertese hum. E converterse hum ladraõ , por duro , e obstinado que seja , com o defengano dos ultimos embargos , quanto mais ao pé da força , e já posto nella , he cousa muito facil. Porém converterse , e accommodarse a trabalhar para viver quem está costumado a outra vida , he cousa taõ difficuliosa , que esta mesma difficulda-de he a que inventou a arte , e artes de furto.

Num. 311.

Num. 312.

412 Aquelle feitor do pay de familias , que refere o Evangelho , vendote privado da administração da fazenda , de que comia , e não se accommodando a trabalhar para viver , que conselho tomou ? Falsificou as escrituras , diz o texto , e fezse ladraõ por tal arte , que o amo lhe perdoou o furto pela industria. Esta he a providencia do diabo , com que elle compete com Deos em sustentar o mundo. Para que não desconfieis da providencia divina , olhay , diz Christo , para as aves do Ceo : *Respicite volatilia cæli*. As aves não lavraõ a terra , nem semeaõ , nem colhem , e com tudo sustentaõse : o mesmo fazem por providencia do diabo estas aves de rapina. Os outros cavaõ , os outros trabalhaõ , os outros suaõ , e o que estes recolheraõ na eira , ou venderaõ na praça , embolsaõ elles na estrada.

309. ms.

413 O primeiro ladraõ , que houve no mundo , foy

Discurso XLVIII. 295

foy o primeiro homem: (tao antigo costume he serem os primeiros homens os primeiros ladroens) condemnou Deos este primeiro ladrao a que comesse o seu paõ com o suor do seu rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane tuo.* Mas os ladroens, que vierão depois, fouberao, e poderao tanto, que trocarao a sentença, e em lugar de comerem o seu paõ com o suor do seu rosto, comem o paõ naõ seu com o suor do rosto alheyo.

414 Parece, que competio a potencia, e maldade humana com a omnipotencia, e bondade divina a fazer outro sacramento às aveßas do seu. O todo poderoso converte a substancia do paõ em substancia de carne, e sangue, para que comessemos seu corpo: os todos poderosos convertem a substancia da carne, e sangue do povo em substancia de paõ para o comerem elles. Ouçaõ os que isto padecem a Job, para que peçaõ a Deos semelhante paciencia: *Quare persequimini me sicut Deus, & carnibus meis satura-* Num. 25. Job. 19. 22.
mini? Porque me perseguis como Deos, e vos fartais da minha carne? Reparaime naquelle *Sicut Deus.* Diz Job, que seus presseguidores se fartavao da sua carne, e que nisso se queriaõ fazer semelhantes a Deos. Pois semelhantes a Deos em se fartarem da carne de Job? Onde está aqui o *Sicut Deus*? No milagre da transubstanciação, o qual ainda naõ tinha nome, e lho deo o mysterio do Sacramento. Só Deos póde converter huma substancia em outra. E nisto saõ perversamente como Deos os que da substancia alheya fazem substancia propria, e da carne dos pobres paõ. Taes eraõ os perseguidores de Job. Assim como Deos converte a substancia de paõ na de sua carne, para que o comamos, assim elles às aveßas

296 *Vieira abbreviado*

Num. 24. convertiaõ a substancia, e carne de Job em paõ para o comere[m]. Deos fazse paõ para vos sustentar, e os homens fazem de vós paõ para vos comer. Este he o paõ usual, e esta a queixa de Deos por David: *Qui devorant plebem meam sicut escampanis*: O meu povo, a quem eu me dei em paõ, vejo que mo comem como paõ. Nota aqui Guebrardo, que falla o Profeta dos grandes, e dos poderosos: *Loquitur de magnatibus*. Os pequenos não comem, nem podem comer os grandes, os grandes porque podem, são os que comem os pequenos. Por isso os povos estão tão despovoados, e tão comidos, e os comedores tão cheyos, e tão fartos.

Num. 313. 415 Pouco era se o comer do alheyo tivera só o alivio do trabalho de o cavar, e suar; mas dizem que he tão gostoso, e saboroso, que he nova, e muito mayor maravilha haver quem se abstinisse delle. Se o disserão os mesmos ladroens, eu os não crera como apaixonados do officio, e subornados da propria inclinação. Mas he dito, e sentença do Espirito Santo: *Aquæ furtivæ dulciores sunt, & panis absconditus suavior*: A agua furtada he mais doce, e o paõ, que se come ás escondidas, mais suave. O que me admira nestas palavras, e deve admirar a todos, he, que para declarar o grande sabor do alheyo, e do furtado se ponha a comparação em paõ, e agua. A agua não tem sabor, e se tem sabor, não he boa agua: o sabor do paõ tambem he tão pouco, que se não se acompanha, ou engana com outro, só a muita fome o póde fazer toleravel. Em fim sustentarse hum homem com paõ, e agua não he comer, he jejuar, e o mais estreito, e rigoroso jejum. Como declara logo o Espirito Santo não só o sabor, senão a doçura, e

Discurso XLVIII. 297

ra, e suavidade do alheyo com pão, e agua: *Aquæ furtivæ dulciores, & panis absconditus suavior?*

416 Não se podéra melhor declarar, nem ainda encarecer. Como se disséra o divino Oraculo: He tão grande o sabor do alheyo, he tal a doçura, e suavidade do que se furta, que até pão, e agua, se he furtado, he manjar muito saboroso. Viver do proprio a pão, e agua he a mayor penitencia: viver do alheyo, ainda que seja a pão, e agua, he grande regalo. Tão saboroso bocado he o alheyo.

417 Muito me peza ser de Rey o exemplo, com que hey de confirmar esta verdade. Mas não de balde dissé Santo Agostinho: *Quid sunt magna Regna, nisi magna latrocinia?* Que cousa são os grandes Reynos, senão grandes latrocinios? Andava ElRey Achab desejoso de roubar a Naboth a sua vinha, e como achasse difficuldade na execução, (que até os maos Reys daquelle tempo achavaõ difficuldade em tomar os bens dos vassallos) tomou tanto sentimento de não conseguir tão depressa, como queria, este appetite, que chamado para a mesa não quiz comer: *Noluit comedere panem suum*, diz o texto dos ^{3. Reg. 11.} ^{4.} ^{L. XX.} *Septuaginta*; e accrescenta Santo Ambrosio: *Quia cupiebat alienum*: Não quiz comer o seu pão, porque appetecia o alheyo. Ora grande sabor he o do alheyo até para o gosto, e padar daquelles, que o trazem costumado aos mais exquisitos manjares! De maneira, que posta de huma parte a mesa real, e da outra o pão do pobre Naboth, porque Achab não pode comer o pão alheyo, perdeu todo o appetite á mesa real.

418 Pozse huma vez á mesa ElRey D. João o III. ^{Num. 315.} e trazia grande fastio. Estava entre os fidalgos, que
o assis-

298 *Vieira abbreviado*

o assistiaõ, hum muito conhecido por discreto: disse-lhe ElRey: Que remedio me dais, D.Fulano, para comer, que de nenhuma cousa gosto? Coma V. Alteza do alheyo, como eu faço, e verá como lhe sabe bem. Assim respondeo aquelle Cortezaõ, e rindo disse a verdade. Quereis que vo la acabe de encarecer? Ora ouvi quaõ saboroso he o alheyo. O alheyo he hum pirola do inferno: ouro por fóra, mas inferno por dentro; porque ninguem come o alheyo, que não trague o inferno juntamente. E manjar, que levando de mistura todo o inferno, ainda se come com tanto gosto, vede-se he grande o seu sabor.

Num. 316. 419 Bem sey, que nesta terra não ha ladroens por officio, mas ha officios, em que se póde furtar. Etudo o que he tomar, ou reter, ou não pagar o alheyo, por mais honrado nome que lhe deis, igualmente pertence ao setimo mandamento.

Num. 415. 420 Santo Agostinho falla geralmente de todos os Reynos, em que são ordinarias semelhantes oppressões, e injustiças, e diz, que entre os taes Reynos, e as covas dos ladroens (a que o Santo chama latrocinios) só ha hum differença. E qual he? Que os Reynos são latrocinios, ou ladroeiras grandes, e os latrocinios, ou ladroeiras são Reynos pequenos: *Sublata justitia, quid sunt Regna, nisi magna latrocinia? Quia & latrocinia quid sunt, nisi parva Regna?* He o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em hum poderosa armada pelo mar Eritréo a conquistar a India, e como fosse trazido á sua presença hum pirata, que por alli andava roubando os pescadores, reprehendeo-o muito Alexandre de andar em taõ mau officio; porém elle, que não era medroso, nem lerdo, respondeo assim:

421 Basta,

Discurso XLVIII. 299

421 Basta, senhor, que eu porque roubo em huma barca, sou ladrão, e vós porque roubais em huma armada, sois Imperador? Assim he. O roubar pouco he a culpa, o roubar muito he grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito os Alexandres. Mas Seneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a huns, e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem, & piratam, quo Regem animam latronis, & piratæ habentem*. Se o Rey de Macedonia, ou qualquer outro fizer o que faz o ladrão, e o pirata, o ladrão, o pirata, e o Rey, todos tem o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

422 Os ladroens, de que fallo, não são aquelles miseraveis, a quem a pobreza, e vileza de sua fortuna condemnou a este genero de vida; porque a mesma sua miseria ou escusa, ou alivia o seu peccado, como diz Salamaõ: *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim, ut esurientem impleat animam*. Os ladroens, que mais propria, e dignamente merecem este titulo, são aquelles, a quem os Reys encômendão os exercitos, e legioens, ou o governo das Provincias, ou a administração das Cidades, os quaes já com manha, já com força roubaõ, e despojaõ os povos. Num. 417.

423 Os outros ladroens roubaõ hum homem, estes roubaõ Cidades, e Reynos: os outros furtaõ debaixo de seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtaõ, são enforcados, e estes furtaõ, e enforçaõ. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista, que os outros homens, viu que huma grande tropa de varas, e Ministros de justiça levavaõ a enforcar huns ladroens, e começou a bradar: Lá vão os ladroens Prov. 6. 30.

ladroens grandes a enforçar os pequenos. Ditosa Grecia, que tinha tal Prégador! E mais ditosas as outras naçoens, se nellas não padecera a justiça as mesmas afrontas! Quantas vezes se vio em Roma ir a enforçar hum ladrao por ter furtado hum carneiro, e no mesmo dia ser levado em triumpho hum Consul, ou hum Dictador por ter roubado huma Provincia? E quantos ladroens teriaõ enforcado estes mesmos ladroens triunfantes? De hum chamado Seronato disse com discreta contraposição Sydonio Apollinar: *Non cessat simul furta vel punire, vel facere*: Seronato está sempre occupado em duas cousas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladroens do mundo para roubar elle só.

Num. 418

424 Declarado assim por palavras não minhas, senão de muitos bons Auctores, quaõ honrados, e authorizados sejaõ os ladroens, de que fallo, estes são os que disse, e digo, que levaõ consigo os Reis ao inferno. Mas se os Reis taõ fóra estaõ de tomar o alheyo, que antes elles são os roubados, e os mais roubados de todos, como levaõ ao inferno consigo estes maos ladroens a estes bons Reis? Não por hum só, senão por muitos modos, os quaes parecem insensíveis, e occultos, e são muito claros, e manifestos. O primeiro, porque os Reis lhe dão os officios, e poderes, com que roubaõ: o segundo, porque os Reis os conservaõ nelles: o terceiro, porque os Reis os adiantaõ, e promovem a outros mayores: e finalmente porque sendo os Reis obrigados subpena da salvação a restituir todos estes damnos, nem na vida, nem na morte os restituem. E quem diz isto? Já se sabe, que ha de ser Santo Thomás. He taõ natu-

Discurso XLVIII. 301

natural, e tão clara esta Theologia, que até Agame-
non Rey gentio a conheceo, quando disse: *Qui non*
vetat peccare, cum possit, jubet.

425 Diz Isaias: *Principes tui infideles socii fu-* Num. 416.
rum: Os Principes de Jerusaleem não são fieis; por- Isai. 1. 23.
que são companheiros dos ladroens. Pois sayba o
Profeta, que ha Principes fieis, e Christãos, que ain-
da são mais miseraveis, e mais infelices, que estes.
Porque hum Principe, que entrasse em companhia
com os ladroens: *Socii furum*, havia de ter tambem
a sua parte no que se roubasse; mas estes estão tão fóra
de ter parte no que se rouba, que elles são os primei-
ros, e os mais roubados. Pois se são os roubados estes
Principes, como são, ou podem ser companheiros
dos mesmos ladroens: *Principes tui socii furum*?
Será por ventura, porque tal vez os que acompanhaõ,
e assistem aos Principes, são ladroens? Se assim fosse,
não seria cousa nova. Antigamente os que assistiaõ
ao lado dos Principes, chamavaõse Laterones. E de-
pois corrompendose este vocabulo, como affirma
Marco Varro, chamaraõse Latrones. E que seria se
assim como se corrompeo o vocabulo, se corrompes-
sem tambem os que o mesmo vocabulo significa?
Mas eu não digo, nem cuido tal cousa. O que só di-
go, e sey por ser Theologia certa he, que em qual-
quer parte do mundo se póde verificar o que Isaias
diz dos Principes de Jerusaleem: *Principes tui socii*
furum: Os teus Principes são companheiros dos la-
droens. E porque? São companheiros dos ladroens;
porque os dissimulaõ: são companheiros dos ladroens,
porque os consentem: são companheiros dos la-
droens, porque lhe daõ os postos, e os poderes-

426 D. fulano (diz a piedade bem intenciona- Num. 424.
da)

da) he hum fidalgo pobre, desse lhe hum governo. E quantas impiedades ou advertidas, ou não, se contém nesta piedade? Se he pobre, demlhe huma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque he pobre, hum governo? Para que vá desempobrecer á custa dos que governar? E para que vá fazer muitos pobres á conta de tornar muito rico? Isto quer quem o elege por este motivo.

427 Vamos aos do premio, e tambem aos do castigo. Certo Capitão mais antigo tem muitos annos de serviço, demlhe huma fortaleza nas conquistas; mas se esses annos de serviço assentaõ sobre hum sujeito, que os primeiros despojos, que tomava na guerra, eraõ a farda, e a ração de seus proprios soldados despídos, e mortos de fome, que ha de fazer em Cofala; ou em Mascate? Tal graduado em leys leo com grande applauso no paço; porém em duas judicaturas, e huma correição não deo boa conta de si; pois vá degradado para a India com huma beca. E se na Beira, e Alentejo, onde não ha diamantes, nem rubís, se lhe pegavaõ as inaõs a este Doutor, que será na Relação de Goa?

Num. 425. 428 Encômendou ElRey D. Joaõ o III. a S. Francisco Xayier o informasse do Estado da India por via de seu companheiro, que era Mestre do Principe. E o que o Santo escreveo de lá sem nomear officios, nem pessloas foy, que o verbo *Rapio* na India se conjugava por todos os modos. Muito suspeito, que se o Santo estivera na Africa, e na America, como na Asia, o mesmo, que escreveo da India, escreveria tambem de Angola, e do Brasil. S. Paulo diz: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli.* Os que querem ser ricos, cahem no laço do diabo. E se o

delejo

Part. 8.
fol. 246.

1. ad Thi-
mot. 6. 9.

Discurso XLVIII. 303

desejo da riqueza leva os homens á India, os que vão a Angola, e ao Brasil he certo, que não vão lá a empobrecer: a fazer pobres mais depressa. Os que Deos mandou escolher a Moysés para governo do povo, disselhe que fossem homens, *Qui oderint avaritiam*, que tivessem odio ao dinheiro. E eu com settao velho, tenho visto muitos odios, e vinganças, e nunca tive a ventura de ver este odio ao dinheiro; amor sim, e muito refinado em muitos. O que eu posso accrescentar pela experiencia, que tenho, he, q̃ não só do Cabo de Boa-Esperança para lá, mas tam-
Part. 3.
Num. 425.
bem das partes dáquem se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugação por todos os modos o verbo *Rapio*; porque furtao por todos os modos da arte, não fallando em outros novos, e exquisitos, que não conheceo Donato, nem Delpauterio. Tanto que lá
Num. 426.
chegaõ começaõ a furtar pelo modo Indicativo; porque a primeira informação, que pedem aos praticos, he, que lhe apontem, e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtao pelo modo Imperativo; porque como tem o mero, e misto imperio, todo elle applicação dispoticamente ás execuções da rapina. Furtao pelo modo Mandativo; porque aceitaõ quanto lhes mandaõ, e para que mandem todos, os que não mandaõ, não são aceitos. Furtao pelo modo Optativo; porque desejaõ quanto lhe parece bem, e gabando as cousas desejadas aos donos dellas, por cortezia sem vontade as fazem suas. Furtao pelo modo Conjuntivo; porque ajuntaõ o seu pouco cabedal com o daquelles, que manejaõ muito, e basta só que ajuntem a sua graça para serem quando menos meyeiros na ganancia. Furtao pelo modo Potencial; porque sem preceito, nem cerimonia usaõ de poten-

304 *Vieira abbreviado*

potencia. Furtaõ pelo modo Permissivo ; porque permittem , que outros furtẽm , e estes compraõ as permissoens. Furtaõ pelo modo Infinitivo ; porque naõ tem fim o furtar com o fim do governo , e sempre lá deixaõ raizes , em que se vaõ continuando os furtos.

429 Estes meſmos modos conjugação por todas as pessoas ; porque a primeira pessoa do verbo he a sua , as segundas os seus criados , e as terceiras quantas para isso tem industria , e consciencia. Furtaõ juntamente por todos os tempos ; porque do Presente (que he o seu tempo) colhem quanto dá de si o triennio : e para incluirem no presente o Preterito , e Futuro , do preterito desenterraõ crimes , de que vendem os perdoens, e dividas esquecidas, de que se pagão inteiramente , e do futuro empenhaõ as rendas , e anticipaõ os contratos , com que tudo o cahido , e naõ cahido lhe vem a cahir nas mãos. Finalmente nos meſmos tempos nem lhe escapaõ os Imperfeitos , Perfeitos , Plusquam Perfeitos , e quæſquer outros ; porque furtaõ , furtaraõ , furtavaõ , furtariaõ , e haveriaõ de furtar mais , se mais houvesse. Em summa que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o Supino do meſmo verbo : a furtar para furtar. E quando elles tem conjugado assim toda a voz Activa , e as miseraveis Provincias supportado toda a Passiva , elles como se tiveraõ feito grandes serviços , tornaõ carregados de despojos , e ricos , e ellas ficaõ roubadas , e consumidas.

Num. 427. 430 He certo , que os Reys naõ querem isto , antes mandaõ em seus regimentos o contrario ; mas como as patentes se daõ aos Grammaticos destas conjugações taõ peritos , ou taõ cadimos nellas , que outros effeitos se podem esperar dos seus governos ?

Cada

Discurso XLVIII. 305

Cada patente destas em propria significação vem a ser huma licença geral in scriptis, ou hum passaporte para furtar. Em Hollanda, onde ha tantos armadores de coffarios, repartemse as costas da Africa, da Asia, e da America com tempo limitado, e nenhum póde sahir a roubar sem passaporte, a que chamão Carta de marca. Isto mesmo valem as provisões, quando se dão aos que eraõ mais dignos da marca, que da carta. Por mar padecem os moradores das conquistas a pirataria dos coffarios estrangeiros, que he contingente: na terra supportaõ a dos naturaes, que he certa, e infallivel. E se alguem duvida qual seja mayor, note a differença de huns a outros.

431 O pirata do mar não rouba aos da sua Republica, os da terra roubaõ os vassallos do mesmo Rey, em cujas mãos juraraõ homenagem. Do coffario do mar posso defender, aos da terra não posso resistir. Do coffario do mar posso fugir, dos da terra não me posso esconder: o coffario do mar depende dos ventos, os da terra sempre tem por si a monção: em fim o coffario do mar póde o que póde, os da terra podem o que querem, e por isso nenhuma preza lhe escapa. Se houvesse hum ladraõ onnipotente, que vos parece, que faria a cubiça junta com a onnipotencia? Pois isso he o que fazem estes coffarios.

432 Dos que obraõ o contrario com singular in- Num. 428.
teireza de justiça, e limpeza de interesse, alguns exemplos temos, posto que poucos. Mas folgara eu saber quantos exemplos ha, não digo já dos que fossem justificados como taõ insignes ladroens; mas dos que fossem privados do governo por estes roubos?

306 *Vieira abbreviado*

Pois se elles furtaõ com os officios, e os consentem, e conservaõ nos mesmos officios, como naõ haõ de levar comfigo ao inferno os que os consentem? O meu Santo Thomás o diz, e allega com o texto de S.

Rom. 1.32 Paulo: *Digni sunt morte non solum qui faciunt, sed etiam qui consentiunt facientibus.*

Num. 438. 433 E para que esta sorte se troque em huns, e outros, vejamos agora como os mesmos Reys, se quizerem, podem levar comfigo os ladroens ao Paraíso. Parecerá a algum pelo que fica dito, que será cousa muito difficultosa, e que se naõ póde conseguir sem grandes despezas; mas eu vos affirmo, e mostrarei brevemente, que he cousa muito facil, e que sem nenhuma despeza de sua fazenda, antes com muitos augmentos della o podem fazer os Reys. E de que modo? Com huma palavra; mas palavra de Rey: mandando, que os mesmos ladroens, os quaes naõ costumaõ restituir, restituão effectivamente tudo, o que roubaraõ. Executando-o assim, salvarsehaõ os ladroens, e salvarsehaõ os Reys. Os ladroens salvarsehaõ; porque restituiráõ o que tem roubado, e os Reys salvarsehaõ tambem; porque restituindo os ladroens, naõ teraõ elles obrigação de restituir. Póde haver acção mais justa, mais util, e mais necessaria a todos? Só quem naõ tiver fé, nem consciencia, nem juizo, o póde negar.

Num. 439. 434 E porque os mesmos ladroens se naõ sintaaõ, de haverem de perder por este modo o fruto das suas industrias, considerem, que ainda que sejaõ taõ maos, como o mao ladraõ, naõ só deviaõ abraçar, e desejar esta execuçaõ, mas pedilla aos mesmos Reys. O bom ladraõ pedio a Christo, como a Rey, que se lembrasse delle no seu Reyno, e o mao ladraõ, que lhe

Discurso XLVIII. 307

Ihe pedio? *Si tu es Christus, salvum fac te met ipsum, & nos:* Se fôis o Rey promettido, como crê meu companheiro, salvaivos a vós, e a nós. Isto pedio o mau ladraão a Christo, e o mesmo devem pedir todos os ladroens a seu Rey, posto que sejaõ taõ maos, como o mau ladraão. Nem Vossa Magestade, Senhor, te pôde salvar, nem nós nos podemos salvar sem restituir: nós não temos animo, nem valor para fazer a restituição, como nenhum a faz nem na vida, nem na morte.

435 He muito para ver, ou para chorar na nossa terra como morrem os poderosos: testaõ de quarenta, de sessenta, e de cem mil cruzados de divida. Fazem seu testamento, em que encarregaõ a seus herdeiros, que paguem, e deixando no mesmo tempo a casa cheia de baxellas, de joyas, de tapeçarias, e de outras peças de muito valor, além das fazendas desobrigadas, com que logo poderaõ pagar o que devem. Feita a diligencia do testamento, abraçaõse com hum Christo, e ficaõ os parentes, e amigos muito consolados, dizendo, que morreo como hum S. Paulo. Esta he a frase, com que se declaraõ, e consolaõ, e por ventura com que se animaõ a morrer do mesmo modo. Senhores meus, ouvime, posto que de taõ longe. S. Paulo não tomou, nem devia nada a ninguem, e disso fez hum protesto, ou manifesto publico, quando disse: *Argentum, & aurum, aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis.* E ainda que S. Paulo devera alguma cousa, ou muito, como não tinha nada de seu, a impossibilidade o desobrigava da restituição. Porém morrer sem restituir, deixando a casa cheia, e salvar! Não ensina essa Theologia a ley de Christo.

308 *Vieira abbreviado*

Num. 315. 436 Dizeis, e dizem por ventura os que vos aconselhaõ, que com as confessar no vosso testamento, e com as mandar pagar satisfazeis. Enganaif-vos, e enganaõvos: e se não respondeime. Quando herdastes a casa de vosso pay, deixou dividas? Muitas. E mandouvos, e encômendouvos muito, que as pagasseis? Sim. E pagastelas vós? Não. Antes accrescentastes outras mayores. Pois se vós não cumpristes o testamento de vosso pay, e sabeis com certeza moral, que vosso filho não ha de cumprir o vosso, como cuidais, que enganais a Deos, e vos quereis enganar, e condemnar a vós mesmo, deixando a casa chea do que he alheyo, e não vosso?

Num. 518. 437 Pagai promptamente o que deveis, e não deixeis esmolas, nem legados. Tantas mil Missas, tantos Officios, tantos funeraes, tantas pompas, tantos acompanhamentos: estes cantando, e os acedores chorando. Restitui, e se não tiverdes mais, não mandeis dizer huma Missa por vossa alma; porque a Missa sem restituição não vos ha de salvar, e a restituição sem Missa sim. Mas para o que he pompa, e vaidade fazemse novos empenhos, e novas dividas, accrescentando nova circumstancia ao peccado irremissivel de não pagar as contrahidas.

Num. 439. 438 Mande-a pois fazer executivamente V. Magestade, e por este modo, posto que para nós seja violento, salvarseha V. Magestade a si, e mais a nós: *Salvum fac te met ipsum, & nos*. Creyo que nenhuma consciencia haverá christã, que não approve este meyo. E para que não fique em generalidade, que he o mesmo que no ar, desçamos á pratica delle, e vejamos como se ha de fazer. Queira Deos que se faça.

439 O modo pois, com que as restituições da fazenda

Discurso XLVIII. 309

zenda Real se podem fazer facilmente, ensinou aos Num. 445. Reys hum Monge, o qual assim como soube furtar, soube tambem restituir. Refere o caso Mayôlo, Crantzio, e outros. Chamavase o Monge Fr. Theodorico; e porque era homem de grande intelligencia, e industria, cõmetteolhe o Imperador Carlos IV. algumas negociaçoens de importancia, em que elle se aproveitou de maneira, que competia em riquezas com os grandes senhores. Advertido o Imperador, mandou o chamar á sua presença, e disselhe, que se aparelhasse para dar contas. Que faria o pobre, ou rico Monge? Respondeo sem se assustar, que já estava aparelhado, que naquelle mesmo ponto as daria, e disse assim: Eu, Cesar, entrei no serviço de V. Magestade com este habito, e dez, ou doze tostoes na bolça da esmola das minhas Missas: deixeme V. Magestade o meu habito, e os meus tostoes, e tudo o mais, que possuo, mande o V. Magestade receber, que he seu, e tenho dado contas. Com tanta facilidade como isto fez a sua restituicão o Monge, e elle ficou guardando os seus votos, e o Imperador a sua fazenda. Reys, e Principes mal servidos, se quereis salvar a alma, e recuperar a fazenda, introduzi sem excepção de pessoa as restituicoens de Fr. Theodorico. Saibase com que entrou cada hum, o de mais torne para donde sahio, e salvemse todos.

440 Vede, vede ainda humanamente o que per- Num. 446.
deis, e porque? Nesta restituicão ou forçosa, ou forçada, que não quereis fazer, que he o que dais, e o que deixais? O que dais he o que não tinheis: o que deixais he o que não podeis levar com vosco, e por isso vos perdeis. Nú entrei neste mundo, e nú hey de fahir delle, dizia Job, e assim fahiraõ o bom,
Tom. I. V 3 e o

310 *Vieira abbreviado*

e o mau ladrao. Pois se assim ha de ser, queirais, ou não queirais, despido por despido, não he melhor ir com o bom ladrao ao Paraíso, que com o mau ao inferno?

DISCURSO XLIX.

Tirado de hum sermao das lagrimas de S. Pedro.

L A G R I M A S.

Part. 1.
Pag. 850.

441 **N** Otavel creatura são os olhos! Admiravel instrumento da natureza: prodigioso artificio da providencia! Elles são a primeira origem da culpa, elles a primeira fonte da graça. São os olhos duas viboras metidas em duas covas, em que a tentação poz o veneno, e a contração atheriag. São duas settas, com que o demonio se arma para nos ferir, e perder: e são dous escudos, com que Deos depois de feridos nos repara para nos salvar. Todos os sentidos do homem tem hum só officio: só os olhos tem dous. O ouvido ouve, o gosto gosta, o olfato cheira, o tacto apalpa, só os olhos tem dous officios: ver, e chorar. Estes serão os dous polos do nosso discurso.

Pag. 851.

442 Ninguém haverá, (se tem entendimento) que não deseje saber, porque ajuntou a natureza no mesmo instrumento as lagrimas, e a vista: e porque unio na mesma potencia o officio de chorar, e o de ver. O ver he a acção mais alegre: o chorar a mais triste. Sem ver, como dizia Tobias, não ha gosto; porque o sabor de todos os gostos he o ver; pelo contrario o chorar he o estillado da dor, o sangue da alma,

Discurso XLIX. 311

ma, a tinta do coração, o fel da vida, o liquido do sentimento. Porque ajuntou logo a natureza nos mesmos olhos dous effeitos tão contrarios, ver, e chorar? A razão, e a experiencia he esta. Ajuntou a natureza a vista, e as lagrimas; porque as lagrimas são consequencias da vista: ajuntou a providencia o chorar com o ver; porque o ver he a causa do chorar. Sabeis porque choraõ os olhos? Porque vem. Chorou David toda a vida, e chorou tão continuadamente, que com as lagrimas sustentava a mesma vida: *Fuerunt mihi lacrymæ meæ panes*. E porque chorou tanto David? Porque vio: *Vidit mulierem*. Chorou Sichem, chorou Jacob, chorou Sansão, hum Principe, outro pastor, outro soldado; e porque pagaraõ este tributo tão igual ás lagrimas os que tinhaõ tão desigual fortuna? Porque viraõ. Sichem a Dina, Jacob a Rachel, Sansão a Dalila. Choraraõ os que com suas lagrimas accrescentaraõ as aguas do diluvio, e porque choraraõ? Porque tendo o nome de filhos de Deos, viraõ as que se chamavaõ filhas dos homens: *Videntes filii Dei filias hominum*. Mas para que são Gen. 6. 2. exemplos particulares em huma causa tão cõmun, e tão universal de todos os olhos?

443 Todas as lagrimas, que se choraõ, todas as que se tem chorado, todas as que se haõ de chorar até o fim do mundo, onde tiveraõ seu principio? Em huma vista: *Vidit mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum*. Vio Heva o pomo vedado: e assim como aquella vista foy a origem do peccado original, assim foy o principio de todas as lagrimas, que choramos os que tambem entaõ começamos a ser mortaes. Digaõme agora os Theologos: Se os homens se conservaraõ na justiça original, em que foraõ crea-

312 *Vieira abbreviado*

dos os primeiros pays, havia de haver lagrimas no mundo? Nem lagrimas, nem huma só lagrima. Nem haviamos de entrar neste mundo chorando, nem haviamos de chorar em quanto nelle vivessemos, nem haviamos de ser chorados, quando delle partissemos. Aquella vista foy a que converteo o Paraíso de deleites em valle de lagrimas: por aquella vista choramos todos.

Pag. 854.

444 Chorou Heva, porque vio, e choramos os filhos de Heva, porque vemos. Mas eu não me admiro de que os nossos olhos chorem, porque vem: o que me admira muito he, que sejaõ taõ cegos os nossos olhos, que vejaõ para chorar. Só os olhos racionais choraõ: e se he effeito da razaõ chorar, porque viraõ, não póde haver mayor sem razaõ, que verem para chorar. He queixa do Espirito Santo, e investiva, que fez contra os nossos olhos no cap. 31. do Ecclesiastico: *Nequius oculo quid creatum est?* Entre

Ecccl. 31.
15.

todas as cousas creadas nenhuma ha mais desarrazoada no mundo, nenhuma mais perversa que os olhos. E porque? Porque saõ taes, (diz o mesmo Espirito Santo) que vem para chorar: *Ab omni facie sua lacrymabitur, cum viderit*. Poemse os olhos a ver a huma parte, e á outra, e depois poemse a chorar, porque viraõ. Pois olhos cegos, olhos mal advertidos, olhos inimigos de vós mesmos, se a vossa vista vos ha de custar lagrimas, se vedes para chorar, ou haveis de chorar, porque vistes, para que vedes? He possivel, que haveis de chorar, porque vistes, e que haveis de ver para chorar: *Lacrymabitur, cum viderit?* Assim he: e estes saõ os nossos olhos: choraõ, porque vem, e vem para chorar. O chorar he o lastimoso fim do ver, e o ver he o triste principio do

Ibid.

Discurso XLIX. 313

do chorar. Chorou hoje S. Pedro, e chorou tão amargamente, como logo veremos: e donde nasceo este chorar? Nasceo do ver. Naquella tragica noite da Paixão de Christo entrou Pedro no atrio do Pontifice Caifaz, e o fim, com que entrou, foy para ver: *Ut videret finem*. E vós Pedro entraís aqui para ver? ^{Matth. 26.} Pois vós sáhreis para chorar. Quizestes ver o fim? ^{58.} Vereis o fim do ver: *Egressus foras flevit amare.*

445 Basta o dito para sabermos, que o chorar he effeito, ou consequencia do ver. Mas como se segue esta consequencia? Seguese de hum meyo termo terrivel, que se complica com o ver, e com o chorar, sendo consequente de hum, e antecedente do outro. Do ver se segue o peccar, do peccar segue-se o chorar, e por isso o chorar he consequencia do ver. Creou Deos os olhos humanos com as portas do ver abertas, mas com as portas do chorar fechadas. Viraõ, e peccaraõ: e o peccado, que entrou pelas portas do ver, sahio pelas portas do chorar. Estas são as portas dos olhos, que se abrião: *Aperti sunt oculi amborum*. Peccaraõ, porque viraõ: choraraõ, porque peccaraõ. Pagaraõ os olhos o que fizeram os olhos, porque justo era, que se executasse nos olhos o castigo, pois os olhos foraõ a causa, e occasião do delicto. E pois as correntes do peccado entraõ pelos olhos vendo, justo he, que as correntes das lagrimas sayão pelos mesmos olhos chorando. ^{Pag. 858.}

446 Vede, que mysteriosamente pozeraõ as lagrimas nos olhos a natureza, a justiça, a razão, a graça. A natureza para remedio, a justiça para castigo, a razão para arrependimento, a graça para triumpho. Como pelos olhos se contrahe a macula do peccado, poz a natureza nos olhos as lagrimas, para que com aquella ^{Pag. 866.}

314 *Vieira abbreviado*

aquella agua se lavassem as manchas: como pelos olhos se admitte a culpa, poz a justiça nos olhos as lagrimas, para que estivesse o supplicio no mesmo lugar do delicto: como pelos olhos se concebe a offensa, poz a razão nos olhos as lagrimas, para que onde se fundio a ingratitude, a desfizesse o arrependimento: e como pelos olhos entraõ os inimigos á alma, poz a graça nos olhos as lagrimas, para que pelas mesmas brechas, por onde entraõ vencedores, os fizesse sair correndo. Entrou Jonas pela boca da balea peccador: faya Jonas pela boca da balea arrependido. Razão he logo, e justiça, e não só graça, senão natureza, que pois os olhos são a fonte universal de todos os peccados, sejaõ os rios de suas lagrimas a satistação tambem universal de todos, e que paguem os olhos por todos chorando, já que peccarão em todos vendo: *Quo fonte manavit nefas, fluent perennes lacrymae.*

Luc. 22.

59.

Marth. 26.

72.

Luc. 22.

60.

Pag. 871.

447 Agora se entenderá facilmente huma duvida não facil entre as negações de S. Pedro, e as suas lagrimas. As negações de S. Pedro todas foram peccados da lingua. A lingua foy a que na primeira negação disse: *Non sum.* A lingua foy a que na segunda negação disse: *Non novi hominem.* A lingua foy, a que na terceira negação disse: *Homo nescio, quid dicis.* Pois se a lingua foy a que peccou, porque foram os olhos os que pagaram o peccado? Porque não condemnou S. Pedro a lingua a perpetuo silencio, senão os olhos a perpetuas lagrimas? Porque ainda que a lingua foy a que pronunciou as palavras, os olhos foram os primeiros culpados nas negações. A lingua foy o instrumento, os olhos deram a causa. As suas negações sahirão pela lingua, mas

Discurso XLIV. 315

mas a causa, e a occasião deraõna os olhos. Negou, porque quiz ver; porque se não quizera ver, não negara: pois ainda que a lingua foy o instrumento da negação, castiguemse os olhos, que foraõ a causa. Se os olhos não foraõ curiosos para ver, não fora a lingua fraca para negar. E pois os olhos por quere-rem ver pozeraõ a lingua em occasião de negar, paguem os olhos por si, e paguem pela lingua: pela lingua paguem o negar, e por si paguem o ver.

448 E se não pergunto: Porque dizem os Euan-gelistas com taõ particular advertencia, que chorou Pedro amargamente: *Flevit amare*? Se queriaõ encarecer as lagrimas de Pedro pela copia, digaõ, que se fizeraõ seus olhos duas fontes perennes de lagrimas: digaõ que chorou rios: digaõ que chorou mares: digaõ que chorou diluvios. E se queriaõ encarecer effes diluvios de lagrimas não pela copia, senão pela dor, digaõ, que chorou tristemente: digaõ, que chorou sentidamente: digaõ, que chorou lastimofamente: digaõ, que chorou irremediavelmente, ou busquem outros termos de mayor tristeza, de mayor lastima, de mayor sentimento, de mayor pena, de mayor dor. Mas q̃ deixado tudo isto só digaõ, e ponderem, que chorou amargamente: *Flevit amare*? Sim, e com muita razão; porque o chorar pertence aos olhos, a amargura pertence á lingua; e como os olhos de Pedro choravaõ por si, e mais pela lingua, era bem que a amargura se passasse da lingua aos olhos, e que não só chorasse Pedro, senão que chorasse amargamente: *Flevit amare*. Como a culpa dos olhos em ver se ajuntou com a culpa da lingua em negar, ajuntouse tambem o castigo da lingua, que he a amargura, com o castigo dos olhos, que são

316 *Vieira abbreviado*

as lagrimas , para que as lagrimas pagassem o ver , e a amargura pagasse o negar , e os olhos chorando amargamente pagassem por tudo : *Flevit amare.*

449 Mas se o ver em Pedro foy occasião de negar , e o negar foy a causa de chorar ; porque não chorou Pedro , quando negou , senão depois que sahio : *Egressus foras flevit* ? Negou a primeira vez , e ficou com os olhos enxutos como d'antes : negou a segunda vez , e ficou do mesmo modo : negou a terceira vez , e nem ainda então chorou : sahe Pedro finalmente fóra , e depois que sahio , então sahiraõ tambem as lagrimas : *Egressus foras flevit amare.* Pois se Pedro chora , porque negou ; porque não chora , quando negou , ou depois de negar , senão quando sahio , e depois de sair ? Porque em quanto Pedro não sahia fóra , persistia na occasião de ver , e querer ver , e os olhos em quanto vem , não podem chorar. O ver , e o chorar (como diziamos) são os dous officios dos olhos ; mas são officios incompativeis no mesmo tempo : em quanto vem , não podem chorar , e se querem chorar , hão de deixar de ver. Por isso sahio fóra Pedro não só para chorar , senão para poder chorar ; porque para os seus olhos exercitarem o officio de chorar haviaõ de cessar do exercicio de ver.

Pag 874.

450 Notavel Filosofia he a dos nossos olhos no chorar , e não chorar. Se choramos , o nosso ver foy a causa , e se não choramos , o nosso ver he o impedimento. Como estes nossos olhos são as portas do ver , e do chorar , encontraõse nestas portas as lagrimas com as vistas : as vistas para entrar , as lagrimas para sair. E porque as lagrimas são mais grossas , e as vistas mais subteis , entraõ de tropel as vistas , e não podem

Discurso XLIX. 317

pôdem fahir as lagrimas. Vistes já nas barras do mar encontrar-se a força da maré com as correntes dos rios: e porque o pezo do mar he mais poderoso, vistes como as ondas entraõ, e os rios paraõ? Pois o mesmo passa nos nossos olhos. Todos os objectos deste mar immenso do mundo, e mais os que mais amamos, são as ondas, que humas sobre outras entraõ pelos nossos olhos, e ainda que as lagrimas dos mesmos olhos tinhaõ tantas causas para fahir: como o sentido do ver pôde mais que o sentido do chorar, vemos quando haviamos de chorar, e não choramos, porque não cessamos de ver.

451 Sirvaõ as letras humanas ás divinas, e ouça mos aquelle engenho, que melhor que todos soube experimentar os affectos da dor, e da natureza: *Fam- que oculis ereptus eras; tum denique flevi.* A histo- ria pôde ser fabulosa; mas a Filofofia he verdadeira. Em quanto Ariadne pode seguir com os olhos a The- seo, estiveraõ as lagrimas suspensas, embargadas pe- la vista; mas tanto que já o não pode ver: *Famque oculis ereptus eras*, tirado o impedimento da vista, começaraõ as lagrimas a correr: *Tum denique flevi.*

452 Esta foy a razão ainda natural, porque Pe- dro sahio do lugar onde via, e onde entrara para ver. Sahio, para que as suas lagrimas sahissem: *Et egres- sus foras, flevit amare.* Entrou para ver, sahio pa- ra chorar; porque em quanto a vista tinha entrada, não podiaõ as lagrimas ter sahida. E para que o me- smo S. Pedro nos prove a verdade desta Filofofia, diz S. Marcos no texto Grego (conforme a interpretação de Theofilato) que sahindo S. Pedro do atrio, lan- çou a capa sobre o rosto, e entaõ começou a chorar: *Cum caput obvelasset, flevit.* Para Pedro poder cho- rar,

Pag. 877.

Ovid. Ep. 10.

Pag. 878.

Marc. 14.
30.

318 *Vieira abbreviado*

rar cobrio primeiro os olhos para não ver. Sahio para não ver o que via, e cobrio os olhos, para que nenhuma cousa vissem. E quando não vio, nem pode ver, então pode chorar, e chorou: *Flevit*.

Pag. 879. 453 O pranto mais publico, que se vio na nação Portugueza, foy quando chegaraõ á India as novas da morte d'ElRey D. Manoel, primeiro, e verdadeiro pay daquella Monarchia. Estava o Viso-Rey na Sé, ouvindo o sermaõ, e tanto que lhe deraõ a triste nova, diz a historia, que lançou a capa sobre o rosto, e que fazendo todo o auditorio o mesmo, começaram a chorar em grito, e se levantou o mayor, e mais lastimoso pranto, que já mais se vira. Este era o uso dos capuzes Portuguezes, quando tambem se usava o chorar. Metiaõ os capuzes na cabeça até o peito: cubriaõ, e escureciaõ os olhos, e assim choravaõ, e lamentavaõ o defunto. Depois que as mortes se não choraõ, trazemse os capuzes de traz das costas, para que nem os olhos os vejaõ. Não foy assim o luto, que Pedro fez pela morte da sua alma; mas porque a quiz logo chorar, cobrio os olhos para não ver: *Cum caput obvelasset flevit*.

Pag. 847. 454 As mais bem nascidas lagrimas, que nunca se choraraõ no mundo, foraõ as de S. Pedro, porque tiveraõ o seu nascimento nos olhos de Christo: nos olhos de Christo nasceraõ, dos olhos de Pedro manaraõ. Nos de Christo quando vio: *Respexit Petrum*: dos de Pedro quando chorou: *Flevit amare*. Rios de lagrimas foraõ hoje as lagrimas de S. Pedro; mas as fontes desses rios foraõ os olhos de Christo.

455 Ao Nilo antigamente viaõselhe as correntes, mas não se lhe sabia a origem: taes em Pedro hoje os dous rios, ou os dous Nilos de suas lagrimas.

A ori-

Discurso XLIX. 319

A origem era occulta , porque tinhaõ as fontes nos olhos de Christo : as correntes eraõ publicas , porque manavaõ dos olhos de Pedro. Para o diluvio universal (diz o texto sagrado) que se abriraõ as janelas do Ceo , e se romperãõ as fontes do abismo :

Apertæ sunt cataractæ cæli, rupti sunt fontes abyssi. Gen. 7. 11.

Assim tambem para este diluvio (em que hoje fora ditoso o mundo , se se afogara) abriraõse as janelas do Ceo , que saõ os olhos de Christo : romperãõse as fontes do abismo , que saõ os olhos de Pedro. Desta maneira inundou aquelle immenso diluvio , em que depois de fazer naufragio , se salvou o melhor Noé.

456 Mas que diriaõ sobre esta ponderaçãõ , os Pag. 854. que neste dia fazem panegyricos ás lagrimas? Diriaõ, que estima Deos tanto as lagrimas choradas por peccados, que permittio Deos o peccado de Adaõ só por ver chorar peccadores. Diriaõ que permittio Deos o peccado da sua parte, para que os homens vissem a Deos derramar sangue : da nossa parte, para que Deos visse aos homens derramar lagrimas. Não he o meu intento dizer estas cousas. Que importa em semelhantes dias , que as lagrimas fiquem louvadas , se os olhos ficaõ enxutos? O melhor elogio das lagrimas he chorallas.

DISCURSO L.

Tirado pelo Auñtor na Academia, que havia em Roma, e no palacio da serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra com assistencia de muitos Cardeaes, e Monsenhores, onde se propoz hum problema no anno de 1674. cujo argumento foy este: Se o mundo era mais digno de riso, ou de lagrimas: e qual dos dous gentios andara mais prudente, se Democrito, que se ria sempre, ou Heraclito, que sempre chorava. E encarregandose estes dous pontos aos Padres Antonio Vieira, e Feronymo Cataneo ambos da Companhia de Jesu, para cada hum defender a parte, que escolheffe, deo o Padre Antonio Vieira a eleiçaõ ao Padre Cataneo, o qual tomou para si o riso de Democrito, ficando ao Padre Vieira a causa das lagrimas de Heraclito, que defendeo desta maneira.

LAGRIMAS DE HERACLITO.

457 **E**M seu lugar appareceo o pranto; porque segue, e vem depois do riso. Se fosse o riso como Jano, *Qui sua terga videt*, choraria o mesmo riso. Não desconfia o pranto, não, da sua causa, inveja só ao riso a sua fortuna. Se o pranto, e o riso apparecesssem neste grande theatro no traje da verdade, (sempre nua) sem duvida seria a victoria do pranto. Mas vestido, ornado, e armado de huma taõ superior eloquencia, que o riso se ria do pranto, não he merecimento, foy sorte. De tudo quanto se ri sahio vestido, ornado, e armado o riso. Rimse os prados,

Part. 14.

Num. 215.

Discurso L. 321

prados, e sahio vestido de flores. Ri-se a Aurora, e sahio ordenado de luzes, e se aos relampagos, e rayos chamou a antiguidade *Rifus Vestæ, & Vulcani*, entre tantos relampagos, trovoens, e rayos de eloquencia quem não julgará ao miseravel pranto cego, atonito, e fulminado?

458 Tal he a fortuna, ou a natureza destes dous contrarios. Por isso nasce o riso na boca, como eloquente, e o pranto nos olhos, como mudo. Mas se *Interdum lacrymæ pondera vocis habent*, assim mudo, e com lagrimas, assim triste, e vestido de luto (como costumavaõ os reos no Senado da antiga Roma) se apresenta hoje o pranto diante da Magestade do solio Real, e tribunal rectissimo dos seus Eminentissimos Juizes, não presumindo, que ha de alcançar victoria, ou applauso, mas esperando a piedade, e commiseração, que nunca negaraõ aos miseraveis, e afflictos os espiritos generosos, e magnanimos.

459 Entrando pois na questãõ, se o mundo he mais digno de riso, ou de pranto, e se á vista do mesmo mundo, tem mais razãõ quem ri, como ria Democrito, ou quem chora, como chorava Heraclyto: eu para defender, como sou obrigado, a parte do pranto, confessarei huma cousa, e direi outra: confesso, que a primeira propriedade do racional he o risivel, e digo, que a mayor impropriedade da razãõ he o riso. O riso he o final do racional, o pranto he o uso da razãõ. Para confirmação desta, que julgo evidencia, não quero mais prova, que o mesmo mundo, nem menos prova, que o mundo todo. Quem conhece verdadeiramente o mundo, precisamente ha de chorar: e quem ri, ou não chora, não o conhece.

460 Que he este mundo senão hum mappa universal de misérias, de trabalhos, de perigos, de desgraças, de mortes? E á vista de hum theatro immenso, tão tragico, tão funesto, tão lamentavel, aonde cada Keyno, cada Cidade, cada casa continuamente mudaõ a scena, aonde cada sol, que nasce, he hum cometa, cada dia, que passa, hum estrago, cada hora, e cada instante mil infortunios, que homem ha verá (se accato he homem) que não chore? Se não chora, mostra que não he racional, e se ri, mostra que tambem são risiveis as feras.

461 Mas se Democrito era hum homem tão grande entre os homens, e hum Filosofo tão sabio, e se não só via este mundo, mas tantos mundos, como ria? Podéra dizerse que elle ria, não deste nosso mundo, mas daquelles seus mundos.

462 E com razão; porque a materia, de que eraõ compostos os seus mundos imaginados, toda era de riso. He certo porém, que elle ria neste mundo, e que se ria deste mundo. Como pois se ria, ou podia rirse Democrito do mesmo mundo, e das mesmas cousas, que via, chorava Heraclito? A mim, senhores, me parece, que Democrito não ria, mas que Democrito, e Heraclito ambos choravaõ, cada hum ao seu modo.

463 Que Democrito não risse, eu o provo. Democrito ria sempre: logo nunca ria. A consequencia parece difficil, e he evidente. O riso, como dizem todos os Filosofos, nasce da novidade, e da admiração, e cessando a novidade, ou a admiração, cessa tambem o riso, e como Democrito se ria dos ordinarios desconcertos do mundo, e o que he ordinario, e se vê sempre, não póde causar admiração, nem novidade.

vidade, seguese que nunca ria, rindo sempre, pois não havia materia, que lhe motivasse o riso.

464 Nem se póde dizer, que Democrito se incitava a rir de alguma cousa, que vísse, ou encontrasse de novo; porque sempre, e em todo o lugar ria, e quando sabia de casa, já sabia rindo: logo ria do que já sabia: logo ria sem novidade, nem admiração: logo o que nelle parecia riso, não era riso.

465 Confirmase mais esta verdade com o motivo, e intenção de Democrito; porque não póde haver riso, que se não origine de causa, que agrade. Tudo o de que Democrito se ria, não só lhe desagradava muito, mas queria mostrar, que lhe desagradava: logo não se ria, e se não ria, que era o que fazia, a que todos chamavaõ riso? Já disse, que era pranto, e que Democrito chorava, mas por outro modo. Ora vede.

466 Ha chorar com lagrimas, chorar sem lagrimas, e chorar com riso: chorar com lagrimas he final de dor moderada, chorar sem lagrimas he final de mayor dor, e chorar com riso he final de dor summa, e excessiva. Para prova da primeira, e segunda differença de chorar com lagrimas, ou sem ellas he notavel o exemplo, que refere Herodoto de Psamnito Rey do Egypto.

467 Perdendo Psamnito o Reyno, vio em primeiro lugar suas filhas vestidas como escravas, e não chorou: vio depois seu filho primogenito descalço, e carregado de ferros com as mãos atadas, e hum freyo na boca, e não chorou: e vendo este mesmo Psamnito, e com o mesmo coração, que hum seu antigo criado pedia esmola, derramou infinitas lagrimas.

324 *Vieira abbreviado*

mas. Oh grande Rey, e grande interprete da natureza! Chora com lagrimas a miseria do criado, e sem lagrimas a desgraça dos filhos. Assim respondeo elle á pergunta de Cambises: *Domestica mala graviora sunt, quam ut lacrymas recipiant.* Com o mesmo pensamento, não menos Regio, nem menos varonil, Hecuba com a coroa perdida, e a patria abrazada prohibio as lagrimas ás damas de Troya, dizendolhes alliui:

Seneca in
Trag.

Quid effuso genas fletu rigatis?

Levia perpesse sumus, si flenda patimur.

A dor moderada solta as lagrimas, a grande as enxuga, as congela, e as seca. Dor, que póde fahir pelos olhos, não he grande dor, por isso não chorava Democrito, e como era pequena demonstração da sua dor não só chorar com lagrimas, mas ainda sem ellas, para declarar-se com o final mayor sempre se ria.

468 Nada digo, que seja contrario aos principios da verdadeira Filosofia, e da experiencia. A mesma causa quando he moderada, e quando he excessiva produz effeitos contrarios: a luz moderada faz ver, a excessiva faz cegar: a dor, que não he excessiva, rompe em vozes, a excessiva enmudece. Desta sorte a tristeza se he moderada, faz chorar, se he excessiva, póde fazer rir: no seu contrario temos o exemplo. A alegria excessiva faz chorar, e não só distilla lagrimas dos corações delicados, e brandos, mas ainda dos fortes, e duros. Quando Minucio livre do cativo appareceo ao seu exercito, que era o Romano, *In letitiam tota castra effusa sunt, ut præ gaudio militibus omnibus lacrymæ manarent*, diz Plutarcho. Pois se a excessiva alegria he causa do

Plut. in
Fab.

pranto,

pranto, a excessiva tristeza porque não será causa do riso? A ironia tem contraria significação do que soa: o riso de Democrito era ironia do pranto: ria, mas ironicamente; porque o seu riso era nascido de tristeza, e também a significava: eraõ lagrimas transformadas em riso por metamorfose da dor: era riso, mas com lagrimas, como aquelle, de quem disse Estacio:

Lacrymosos impia risus Audiit.

Na guerra morrem muitos soldados rindo, e a razaõ he, diz Aristoteles, porque saõ feridos no diafragma: não ria Democrito como contente, ria como ferido: recebia dentro do peito todos os golpes do mundo, e tão mal ferido ria.

469. Os olhos com injustiça se poderãõ queixar desta minha Filosofia: o pranto chamavase assim, porque se batiaõ as mãos huma com outra, quando se chorava; porque para chorar não saõ precisos os olhos, e não seria provida a natureza, se havendo sido a origem de tantos pezares, lhes dèsse hum só desafogo, e se choraõ as mãos, a boca porque não ha de chorar? Heraclito chorava com os olhos, Democrito chorava com a cabeça: o pranto dos olhos he mais fino, o da boca he mais mordaz, e este era o pranto de Democrito. De forte, que na minha consideração não só Heraclito, mas Democrito chorava, só com a differença de que o pranto de Heraclito era mais natural, o pranto de Democrito mais exquisito, e tudo merece este mundo, digno de novos, e exquisitos prantos, para ser bastantemente chorado.

470 Mas porque esta minha supposiçãõ me separa do problema, e póde parecer, que, como mui-

tas vezes succede, me aparte da opiniaõ commua para fugir da difficuldade, seja embora o riso de Democrito verdadeiro, e proprio riso, appareçaõ em juizo hum, e outro Filosofo, para que ouvidos ambos se veja claramente a razãõ de cada hum, e confio do merecimento da causa, que será taõ justa a sentença, que Democrito faya chorando, e Heraclito rindo.

471 Seneca nõ livro de *Tranquillitate* fallando destes dous Filosofos dá a razãõ, porque sempre ria hum, e chorava outro, com estas judiciosas palavras: *Hic, quoties in publicum processerat, flebat, ille ridebat: huic omnia, quæ agimus, miseria, illi ineptiæ videbantur.* Democrito ria, porque todas as cousas humanas lhe pareciaõ ignorancias, Heraclito chorava, porque todas lhe pareciaõ misérias: logo mayor razãõ tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; porque neste mundo ha muitas misérias, que não são ignorancias, e não ha ignorancia, que não seja miséria.

472 As misérias, e os trabalhos, que padecem os mortaes ou por obrigação da natureza, ou por remedio da fortuna, ou por sustento da vida, ou por conservação do estado particular, e publico são misérias, mas não são ignorancias, porque as governa a prudencia por necessidade, por conveniencia, por honra, e por decoro. Pelo contrario todas as ignorancias, que se commettem no mundo, as que se fazem, as que se dizem, as que se cuidaõ, todas são misérias, porque todas se commettem ou por erro do entendimento, ou por desordem da vontade: e este erro, e esta desordem não só he miséria, mas a mayor miséria, porque directamente se oppoem á luz, e
ao

ao imperio da razão, na qual consiste toda a nobreza, e felicidade do homem.

473 Aquellas misérias causão ao homem dores, e trabalhos, estas o fazem verdadeiramente miseravel, e infeliz: e supposto que humas, e outras sejaõ dignas de lagrimas, as lagrimas das ignorancias são lagrimas de peyor cor: estas fazem corar o rosto, aquellas não. Foy esta distincão achada com alta philosophia pelo engenho de Ovidio nas lagrimas de Pentheo.

Essemus miseri sine crimine, forsque querenda, Metam. lib. 3.
Non celanda foret: lacrymaque pudore carerent.

E como nem todas as misérias são ignorancias, e todas as ignorancias são misérias, e as mayores misérias, muito mayor materia, e muito mayor razão tinha Heraclito de chorar, que Democrito de rir; antes digo, que só Heraclito tinha toda a razão, e Democrito nenhuma. Todas ás misérias humanas eraõ o assumpto de Heraclito, e o de Democrito só huma parte dellas: e como toda a miseria he causada dor, e nenhuma dor póde ser causa do riso, o riso de Democrito não tinha causa, nem motivo algum, que o justificasse.

474 Póde ser, que me responda algum Metafisico, que Democrito distinguia nas ignorancias aquillo, que he ignorancia, daquillo, que he miseria, e que se ria das misérias, não como misérias, mas como ignorancias. Porém esta distincão de mais de ser indigna de hum Filosofo moral, he falsa, e impossivel por ser contra a natureza, e essencia do riso. O ridiculo, ou o objecto do riso, como define Aristoteles: *Est turpe sine dolore*: He huma tal deformidade, que exclue todo o motivo de dor: e como a igno-

328 *Vieira abbreviado*

rancia precisamente está sempre unida com o motivo da dor, que he a miseria, por isso nem he, nem póde ser materia do riso.

475 Esta he a verdadeira, e solida razão, porque no juizo de todos os Filozofos se inventou a Comedia. Viraõ os sabios das Respublicas, que para desafogo, divertimento, e alegria dos povos era necessaria alguma materia de riso; e porque o riso não podia nascer da deformidade, ou vicio verdadeiro pela uniaõ natural, que tem com a dor, que fizeraõ? Inventaraõ sabiamente as ficçoens da Comedia, para que o ridiculo da imitaçaõ, como supposto, e não verdadeiro, ficasse separado da dor. Hum aleijado com hum pé de pao, hum velha decrepita, e tremula, hum pobre remendado, e enfermo, hum cego, e hum frenetico, hum insensato no theatro fazem rir, e porque? Porque aquelles defeitos são suppostos, e não verdadeiros, que se fossem verdadeiros, seriaõ motivo de cõmiseraçaõ, e não de riso. E como os defeitos, e vicios, de que ria Democrito, eraõ verdadeiros defeitos, e verdadeiros vicios, não tinha o seu riso algum motivo; mas se não tinha motivo, como ria? Ria-se por abuso intoleravel do motivo opposto, collocando o riso sobre o motivo do pranto: ria-se das verdadeiras misérias, e do verdadeiro motivo da dor: Filosofia inhumana, e contraria a toda a razão, e praticada unicamente na escola da inveja, da qual diz o Poeta:

Metam.

Risus abest, nisi quem visi movere dolores.

E se o fim destes dous Filozofos (como verdadeira-mente era) foy manifestar ao mundo o desconcerto do seu estado, e persuadir aos homens o erro dos seus juizos, a desordem dos seus desejos, e a vaidade

Discurso L. 329

de das suas fadigas, tambem para este fim tinha muito mayor razão Heraclito de chorar, que Democrito de rir.

476 A primeira introdução, e disposição de quem quer persuadir, ensinada, e usada de todos os Oradores, he conciliar a benevolencia do theatro: esta conciliava Heraclito, e não Democrito; porque quem chora, lastima, e quem ri, despreza, e a compaixão concilia amor, o desprezo odio, e aborrecimento. Quem ri, exaspera, quem chora, entenece, e quem quer imprimir os seus affectos, e a sua doutrina nos corações, não deve endurecellos, deve abrandallos. O agricultor para colher os fructos rega as plantas: o impressor para imprimir as letras molha o papel, e assim o deve fazer com as lagrimas quem quer imprimir os seus affectos, e colher o fructo das suas persuações.

477 Ulysses naquella sua famosa oração contra Aiace na contenda das armas de Achilles, podendo fiarse tanto da sua copiosa eloquencia, adornou o seu exordio com lagrimas; e porque não as tinha verdadeiras, chorava-as fingidas.

Manuque simul veluti lacrymantia terfit Lumina. Met. lib. 2.
Não de outra sorte devia fazer Democrito, ainda que fosse contra o jocosos do seu genio. Devia aproveitarse da boca, não para rir, mas para humedecer os olhos, e fingir as lagrimas. Assim o ensina com sua natural agudeza aquelle Mestre, que professou em Roma a arte de conciliar o amor, e de abrandar corações.

Si lacrymæ (neque enim veniunt in tempore semper)

Deficiant, uncta lumina tinge manu.

Quanto á força, e efficacia de persuadir muito mais forte-

fortemente apertava, e persuadia Heraclito chorando, que Democrito rindo; porque quem ri, attenua, e alivia os males: quem chora, os accrescenta, e faz mais sensíveis, e pezados: quem ri, mostra que são dignos de zombaria: quem chora, prova que são dignos de lastima: quem ri por exemplo, e por sympathya, move a rir: quem chora por exemplo, e com razão, ensina a chorar; porque se os meus males são taes, que movem a continuas lagrimas aos outros, quanto mais os devo eu chorar, pois os padeço?

418 Finalmente Democrito ria sempre, e Heraclito sempre chorava, e este *sempre* tambem era por parte de Heraclito, e contra Democrito: por parte de Heraclito; porque ser o seu pranto continuo o fazia mais efficaz: contra Democrito; porque ser o seu riso continuo o fazia ridiculo. Não he minha censura, nem he nova, mas apothegma antiquissimo do Filosofo Plutarcho: O riso, dizia elle, se he pouco, passa, se he muito, offende. Cicero, como se vê nas suas oraçoens, respondia muitas vezes rindo aos argumentos da parte contraria, que he soluçãõ muito facil, quando os argumentos são difficeis: mas que louvores deraõ a Cicero deste seu riso? Disse-o Plutarcho. Sendo Cicero Consul, e defendendo Murena, rio muito, como costumava, da doutrina dos Estoicos, e não podendo soffrello Cataõ, lhe disse publicamente: *Dii boni, quam ridiculum habemus Consulem!* Com muita mais causa Democrito, porque ria sempre, se fazia ridiculo, e zombando do juizo dos outros, expunha o seu á zombaria.

479 Os mininos riem muito facilmente, e os doudos sempre se rim: e diz Aristoteles, que os mininos se rim, porque tem pouco fizo, e os loucos, porque

Brufon.
lib. 5.

Plutarch.
relat. ib.

porque de tódo o não tem, e eu creyo verdadeiramente, que não faço grande offensa a Democrito; porque hum homem, que de hum mundo via muitos mundos, era final, que tinha perturbadas as especies, e enferma a fantasia: e quem se havia de mover a hum tal riso?

430 Não assim o pranto de Heraclito, que por ser continuo se fazia mais forte, e efficaç: *Lacryma cito siccatur, praesertim in alienis malis*, diz Tullio. E sendo o pranto de Heraclito pelos males alheyos, sem que nunca se secassem as suas lagrimas; que coração haveria tão duro, e obstinado, que se não abrandasse, e rendesse a hum tal pranto? Eraõ as lagrimas de Heraclito, como a agua, que cahindo pouco a pouco, vay limando suavemente os marmores, e em fim os rompe. Não digo eu sómente os marmores:

Lacrymis adamanta movebis, diz atrevida, mas verdadeiramente Ovidio: As lagrimas, como lhe chamou o melhor Filosofo da Grecia, são sangue da alma, e este (não o outro fabuloso) he o que lavra os diamantes. O coração mais diamantino, como tantas vezes se queixava Agamenon, foy o de Achilles; e com tudo confiava, e presumia Briscide, que sem dizer huma só palavra, (como fazia Heraclito) com as suas lagrimas sómente o despedaçaria, e o desfaria em pó: assim o diz ella na discreta carta escrita ao mesmo Achilles:

Sis licet immitis, marisque ferocior undis,

Ut taceam, lacrymis comminuere meis.

Tal era a efficacia invencivel do pranto de Heraclito, e tal a debilidade ridicula do riso de Democrito.

481 Não quero com tudo, que seja minha a sentença

Cicer. de
Partit. 31.

Ovid. in
Ep. Brisc.
ad Achil.

332 *Vieira abbreviado*

Estob. scr.
72.

tença entre estes dous Filosofos, seja de outro Filosofo, que os iguale em authoridade, e ciencia. O grande Filosofo Dion, como refere Estobeo, fallando do pranto, e do riso, conclue assim: *Mibi sane facies magis videtur ornari lacrymis, quam risu: lacrymis enim ut plurimum bona aliqua doctrina conjungitur, risui vero lascivia, & flendo quidem nemo sibi conciliavit authorem contumeliæ, ridendo autem spem dedecoris auxit.* Esta he a sentença.

482 Mas deixado já o riso de Democrito affogado no pranto de Heraclito, para acabar o meu primeiro argumento busco outra vez a prova universal do mundo. Que esperança, que lugar póde ter neste mundo o riso, se todo o mundo chora, e ensina a chorar? Choraõ os homens como racionaes, e sensitivos, e ainda as cousas sem razãõ, e sem sentido choraõ. Estas são as lagrimas, que o Principe dos Poetas chamou profundamente lagrimas de todas as cousas: *Ibi*

Æneid. 1.

Sunt lacrymæ rerum & mentem mortalia tangunt. Não residem as lagrimas só nos olhos, que vem os objectos, mas nos mesmos objectos, que são vistos: alli está a fonte, aqui está o rio: alli nascem as lagrimas, aqui correm: e se as mesmas cousas, que não vem, choraõ, quanto mais razãõ tem o homem, que vê, e se vê? Não quero o testemunho dos miseraveis, não, só quero o dos mais ditosos.

483 Quem ha neste mundo tão favorecido, ou tão divinizado pela sua fortuna, que possa presumir de não ter que chorar? Aquelles mesmos, que mais se rim por fóra, mais choraõ por dentro. Aqui tinhamos antigamente em Roma hum cortezaõ chamado Héros, o qual chorava sempre, não tanto os males

Discurso L. 333

males propios, quanto os bens alheios, e diz assim Marcial:

Quam multi faciunt, quod Heros, sed lumine sicco!

Pars maior lacrymas videt, & intus habet.

Oh se este *Intus* se visse! São as lagrimas como as aguas do rio Alfeo: este rio humas vezes caminha descoberto, outras se occulta por debaixo da terra, mas sempre corre. As lagrimas plebeas deixaõse ver, as lagrimas equestres, senatorias, e consulares faõ invisiveis, mas lagrimas. Das lagrimas, que se derramaraõ nas exequias de Germanico, dizia Tacito: *Periisse Germanicum nulli jactantius mærent*, Annal. lib. *quam qui maxime letantur.* O contrario he mais commum, e mais verdadeiro: *Qui jactantius letantur, maxime mærent.* Mas quando ninguem chorasse nem por fóra, nem por dentro, quando este mundo, e todos os homens rissem, entaõ todo o mundo, e todos os homens seriaõ mais dignos de cõ-miseraçaõ, e de lagrimas: *Quid enim miserioris misero non misereante seipsum?*

484 E se tudo isto naõ basta, senhores, para que a causa do pranto tenha merecido a seu favor os vossos votos, em nome do mesino pranto appellarei eu da sentença para aquelle justissimo tribunal, para quem appellou Apelles. Vencido Apelles em hum concurso de pintores: *Appello* (disse) *ad tribunal naturæ.* E porque os animaes vivos se enganavaõ com os que elle havia pintado, e as aves com os fructos, a natureza fez a Apelles a justiça, que lhe tinhaõ negado os homens. Assim faço eu, se naõ venceo o pranto: *Appello ad tribunal naturæ.* Seja o meu interprete o Historiador da mesma natureza: *Fleus animal*

334 *Vieira abbreviado*

Plin. in
Praef. l. 7

animal cæteris imperaturum à supplicis vitam auf-
picatur, unam tantum ob culpam, quia natus est.

Nasce o homem, diz Plinio, já chorando, e sem outra culpa mais que haver nascido, fica condemnado a perpetuo pranto, começa a vida, e o pranto juntamente, para que saiba, que se vem a este mundo, vem para chorar. O mais aprenderá depois; porque he arte: para o pranto nasce já ensinado; porque he natureza: *Non aliud naturæ sponte, quam flere.* Esta he a sentença irrefragavel da natureza, e esta a natureza dos mortaes. He o homem risível, mas nascido para chorar; porque se a primeira propriedade do racional he o risível, o exercicio proprio do mesmo racional, e o uso da razão he o pranto.

485 E se alguém me replicar, que se o homem não risse, ficaria ociosa a potencia do rir contra o fim da mesma natureza. A huma instancia tão forte não posso responder só como Filosofo natural, (como observei em todo este discurso) mas responderei como Filosofo Christão. Respondo, e pergunto: Se o homem pela transgressão não tivesse perdida a felicidade, em que foy creado, choraria, ou não? He certo, que nunca chorariaõ os homens, se fossem conservados naquelle estado, e as lagrimas, que agora ha, não as haveria entã: logo se na felicidade daquelle tempo estaria ociosa a potencia do chorar, na miseria deste tempo esteja ociosa a potencia do rir.

DISCURSO LI.

Tirado de hum sermão da primeira Dominga do Advento prégado na Capella Real.

LUGARES.

486 **A** Brazado finalmente o mundo, e reduzi-
do a hum mar de cinzas tudo o que a so-
berba dos homens, e o esquecimento deste dia edi-
ficou sobre a terra: quando já não se verá neste for-
moso, e dilatado mappa, senão humas poucas cinzas,
reliquias de sua grandeza, e defengano de nossa vai-
dade, soará no ar huma trombeta espantosa, não
metaforica, mas verdadeira (que isso quer dizer a
repetição de S. Paulo: *Canet enim tuba.*) E obede-
cendo aos imperios daquella voz o Ceo, o Inferno,
o Purgatorio, o Limbo, o mar, a terra, abrireshaõ
em hum momento as sepulturas, e appareceraõ no
mundo os mortos vivos. Part. 3.
Num. 204.

487 Unidas as almas aos corpos, e restituídos os
homens á sua antiga inteireza, os bem resuscitados
alegres, os mal resuscitados tristes, começaráõ a ca-
minhar todos para o lugar do Juizo. Será aquella a
vez primeira, em que o genero humano se verá a si
mesmo; porque se ajuntaráõ alli os que são, os que
forão, os que haõ de ser, e todos pararáõ no valle de
Josafat. Se o dia não fora de tanto cuidado, muito
seria para ver os homens grandes de todas as idades
juntos. Mas vejo, que me estaõ perguntando: Como
he possivel, que huma multidão taõ excessiva, como
a de todo o genero humano, os homens, que se con-
tinua-

336 *Vieira abbreviado*

tinuaraõ desde o principio atégora , e os que se iraõ multiplicando successivamente até o fim do mundo , como he possivel , que aquelle numero innumeravel , aquella multidaõ quasi infinita de homens caiba em hum valle ? A duvida he boa , queira Deos que o seja a resposta. Primeiramente digo , que nisto de lugares ha grande engano , cabe muito mais nos lugares , do que nós cuidamos.

488 No primeiro dia da creação creou Deos o Ceo , e a terra , e os elementos , e he certo em boa Filosofia , que não ficou nenhum vacuo no mundo , tudo estava cheyo. Com isto ser assim , e parecer que não havia já lugar para caber mais nada , ao terceiro dia vieraõ as hervas , as plantas , e as arvores , e com ferem tantas em numero , e taõ grandes , couberaõ todas. Ao quarto dia veyo o Sol , e sendo aquelle immenso planeta cento e sessenta e seis vezes mayor que a terra , coube tambem o Sol : vieraõ no mesmo dia as estrellas tantas mil , e cada huma de tantas mil leguas , couberaõ as estrellas. Ao quinto dia vieraõ as aves ao ar , e couberaõ as aves : vieraõ os peixes ao mar , e com haver nelle tantos monstros de disforme grandeza , couberaõ os peixes. No sexto dia vieraõ os animaes tantos , e taõ grandes á terra , e couberaõ os animaes. Finalmente veyo o homem , e foy o homem o primeiro , que começou a não caber ; mas se não coube no Paraíso , coube fóra d'elle. De sorte que , como dizia , nisto de lugares vai grande engano : cabe nelles muito mais do que nos parece. E se não passemos a hum exemplo moral , e vejamos em qualquer lugar da Republica. O dia he do Juizo , seja o lugar de hum Julgador.

489 Antigamente em hum lugar destes , que he
o que

o que cabia? Cabia o Doutor com os seus textos, e humas poucas postillas muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais hum mulo mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiaõ os filhos honestamente vestidos, mas a pé, e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas joyas, e as criadas se passavaõ da unidade, não chegavaõ ao plural dos Gregos. Isto he o que cabia naquelle lugar antigamente, e feitas boas contas, parece, que não podia caber mais. Andaraõ os annos, o lugar não cresceo, e tem mostrado a experiencia, que he muito mais sem comparação o que cabe no mesmo lugar. Primeiramente cabem humas casas, ou paços, que os não tinhaõ tão grandes os Condes de outro tempo. Cabe hum livraria de estado, tamanha como a Vaticana, e tal vez com os livros tão fechados, como ella os tem. Cabe hum coche com quatro mulas, cabem pagens, cabem lacayos, cabem escudeiros: cabe a mulher em quarto apartado com donas, com ayas, e com todos os outros arremedos da fidalguia: cabem os filhos com cavallos, e criados, e tal vez com o jogo, e com outras mocidades de preço: cabem as filhas mayores com dotes, e casamentos de mais da marca, e as segundas nos mosteiros com grossas tenças: cabem tapeçarias, cabem baixellas, cabem commendas, cabem beneficios, cabem moyos de renda, e sobre tudo cabem humas mãos muito lavadas, e hum consciencia muito pura, e infinitas outras cousas, que só na memoria, e no entendimento não cabem. Não he isto assim? Lá nessas terras, por onde eu agora andei, assim he. Pois se tudo isto cabe em hum lugar tão pequeno, que grande serviço fazemos nós á fé em crer, que cabe-

338 *Vieira abbreviado*

remos todos no valle de Josafát? Havemos de caber todos, e se vierem outros tantos mais, para todos ha de haver valle, e milagre.

490 De mais desta razão geral, que ha da parte do lugar, ha outras duas da parte das pessoas. Huma da parte dos bons, outra da parte dos maos. Os bons poderão caber alli em muito pouco lugar; porque terão o dote da subtileza. Entre os quatro dotes gloriosos ha hum, que se chama subtileza, o qual communica tal propriedade aos corpos dos bemaventurados, que todos, quantos se haõ de achar no dia do juizo, podem caber neste lugar, onde eu estou, sem me tirarem delle. Cá no mundo tambem ha este dote da subtileza, mas com mui differentes propriedades. A subtileza do Ceo introduz a hum sem afastar a outros; as subtilezas do mundo todo seu cuidado he afastar a outros para se introduzir a si. Por isso não ha lugar, que dure, nem lugar, que baste. Muito he que Jacob, e Esaú não coubessem em huma casa: mais he que Lot, e Abrahaõ não coubessem em huma Cidade: muito mais he, que Saul, e David não coubessem em hum Reyno. Mas o que excede a toda a admiração, he, que Caim, e Abel não coubessem em todo o mundo. E porque não cabiaõ dous homens em tão immenso lugar? Peyor he a causa, que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deos. Em hum homem cabendo com seu Senhor, logo os outros não cabem com elle. Alguma vez será isto soberba dos Abeis, mas ordinariamente he inveja dos Cains. Se he certo, que com a morte se acaba a inveja, facilmente caberemos todos no dia do juizo. Quereis caber todos? Não accrescenteis lugares, diminui invejas. Este he o dote da subtileza dos bons.

491 Da

491 Da parte dos maos tambem não ha de haver difficuldade em caber no valle; porque ainda que os maos são tantos, e hoje tão grandes, e tão inchados, naquelle dia hão de estar todos muito pequeninos. Que no tempo do diluvio coubessem na arca de Noé todos os animaes do mundo em suas especies, crê-o a fé, porque o diz a Escriitura, mas não o comprehende o entendimento, porque o não alcança a razão. Como pôde fer, que coubessem em tão pequeno lugar tantos animaes, tão grandes, e tão feros? O leão, para quem toda a Lybia era pouca campanha, a aguiá, para quem todo o ar era pouca esfera, o touro, que não cabia na praça, o tigre, que não cabia no bolque, e o elefante, que não cabia em si mesmo. Que todos estes animaes, e tantos outros de igual fereza, e grandeza coubessem juntos em huma arca tão pequena? Sim. Cabião todos; porque ainda que a arca era pequena, a tempestade era grande. Alagava Deos naquelle tempo a terra com diluvio universal, que foy a mayor calamidade, que padeceo o mundo, e nos tempos dos grandes trabalhos, e calamidades até o instincto faz encolher os animaes, quanto mais a razão aos homens.

492 Caberão os homens no valle de Josafat, assim como couberão os animaes na arca de Noé: *Sicut fuit in diebus Noe, sic erit in consummatione seculi*. Diz o texto, que ló com os sinaes do fim do mundo hão de andar todos os homens secos, e mirrados: *Arescentibus hominibus præ timore*. Se aos homens os ha de apertar tanto o receyo, quanto os estreita-
Luc. 21.
26.

naõ he haver de caber todo o mundo em todo o valle de Josafat ; a maravilha mayor será , que caberão então em huma pequena parte do valle muitos , que naõ cabião em todo o mundo. Hum Nabucodonosor , hum Alexandre Magno , hum Julio Cesar , para quem era estreita a redondeza da terra , caberão alli em hum cantinho.

493 Huma das cousas notaveis , que diz Christo do dia do juizo , he que cahirão as estrellas do Ceo : *Matth. 24 29. Stelle cadent de cælo.* Se dermos vista aos Mathematicos , haõ de achar grande difficuldade neste texto (eu lhe darei a razão natural delle , quando ma peção .) Todas as estrellas , menos duas , são mayores que a terra , e algumas ha , que são quarenta , oitenta , e cento e dez vezes mayores. Pois se as estrellas são mayores que a terra , como haõ de cahir , e caber cá embaixo ? Haõ de caber , porque haõ de cahir. Naõ sabeis , que os levantados , e os cahidos naõ tem a mesma medida ? Pois assim lhe ha de succeder ás estrellas Agora que estão levantadas , occupaõ grandes espaços do Ceo ; como estiverem cahidas , haõ de caber em poucos palmos da terra. Naõ ha cousa , que occupe menor lugar , que hum cahido. A terra em comparaçãõ do Ceo he hum ponto : o centro em comparaçãõ da terra he outro ponto : e Lucifer , que levantado naõ cabia no Ceo , cahido cabe no centro da terra. Ah Luciferes do mundo ! Aquelles , que levantados nas azas da prosperidade humana em nenhum lugar cabeis hoje , cahidos , e derrubados naquelle dia cabereis em muito pouco lugar. Estaremos todos alli encolhidos , e sumidos dentro em nós mesmos , cuidando na conta , que havemos de dar a Deos : e quando naõ houvera outra razão , esta só basta-

Discurso LII. 341

bastava para não faltar lugar a ninguém. Dem os homens em cuidar na conta, que haõ de dar a Deos, e eu vos prometto, que sobejem lugares. O que importa he, que o lugar seja bom, que quanto he lugar, valle de Josafat haverá para todos.

DISCURSO LII.

*Tirado de hum sermão da Dominga decima sexta
post Pentecosten prégado sobre as palavras:
Recumbe in novissimo loco.*

LUGARES.

494 **F**ez Deos este mundo em fórma circular, Part. 5.
como a mesa, ou tabola redonda dos Pares Num. 174.
de França, para evitar a contenda dos lugares, não
sendo justo que desigualasse o lugar os que tinha fei-
to iguaes a natureza. Mas todo o homem neste mun- Num. 176.
do deseja melhorar de lugar, e nenhum se acha em
tal posto por levantado, e acõmodado que seja, que
não procure subir a outro melhor. He propria esta
inclinação da natureza racional, como se fora razão,
e não appetite. Primeiro nasceo no Ceo com os pri-
meiros racionais, que são os Anjos, e depois se pro-
pagou na terra com os segundos, que somos os ho-
mens. Lucifer no Ceo tendo a suprema cadeira en-
tre as Jerarchias, não aquietou naquelle lugar, e quiz
igualar o seu com o do mesmo Deos: *Exaltabo so-* Isai. 24.
limum meum, similis ero Altissimo. Adaõ na terra ten- 13. 14.
do o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres
elementos, não coube, nem se contentou com hum
imperio tão vasto, e em huma corte tão deliciosa,
Tom. I. Y3 como

342 *Vieira abbreviado*

como o Paraíso, também quiz melhorar de lugar :
 Genl. 3. 5. *Eritis sicut dii.* E que filho ha deste primeiro pay, de que todos nascemos, que não herdasse delle a altiveza sempre inquieta desta mesma paixão? O letrado, o soldado, o fidalgo, o titulo, o de grande nome, e o que não tem nome, com o cuidado, e desejo nunca já mais satisfeito, nem socegado, todos trabalhaõ, e se desvelaõ por adiantar, e melhorar de lugar. Só parece, que deviaõ viver isentos de semelhante sujeição os que deixaraõ o mundo, e professaõ o desprezo delle; mas lá os segue, e sujeita o mesmo mundo a que lhe paguem este duro, e voluntario tributo.

495 E haverá neste mundo quem escolha por propria eleição, e se contente com o ultimo lugar? Difficultoso ponto para se entender, e muito mais difficultoso para se persuadir. A todos, e a cada hum préga hoje Christo: *Recumbe in novissimo loco.* Por isso tomei por thema esta unica, e admiravel sentença, e ella só será toda a materia do meu discurso.

Num. 178. 496 Para refutar, e convencer este abuso universal não só das guerras, e competencias, mas ainda das pertençaens pacificas do melhor lugar; seguindo o sentimento vulgar, e cõmum admitto, que no mundo ha lugares; mas nego que haja lugar melhor. E porque? Porque a melhoria não está no lugar, senão na pessoa, que o occupa. Por alto, ou baixo que seja o lugar, se sois bom, será o vosso lugar bom: se sois melhor, será melhor; mas se fores mau, e peyor, também será mau, e mais que mau o vosso lugar. Diz Christo Senhor nosso, que sobre a cadeira de Moysés se assentaraõ os Escriptas, e Fariseos: *Super cathedram Moysi sederunt Scribae, & Pharisaei.*

Discurso LII. 343

rifai. E quem foy Moysés, e quem eraõ os Escribas, e Fariseos? Moysés foy o mayor Santo do seu tempo, e os Escribas, e Fariseos eraõ os mais maos homens do teu. Pois se estavaõ assentados na mesma cadeira de Moysés, porque não eraõ como elle? Porque os homens saõ os que daõ a bondade, ou melhoria aos lugares, e não os lugares aos homens. Se fores bom, ainda que a cadeira seja dos Escribas, e Fariseos, será bom o vosso lugar: e se fores mau, ainda que a cadeira seja de Moysés, nem por isso o vosso lugar será bom. Que melhor lugar, que o Ceo, e o Paraíso? E nem o Ceo fez bom a Lucifer, nem o Paraíso fez bom a Adaõ. Jeremias taõ bom era no carcere, como no pulpito, e Job, taõ bom no muladar, como no seu palacio. Melhor lugar era no mar hum navio, que o ventre da balea, e Jonas foy melhor no ventre da balea, que no navio. Assim que os lugares por si mesmos não saõ maos, nem bons, nem ha lugar melhor, ou peyor. O lugar, que hoje tem S. Mathias, não foy o mesmo de Judas? O mesmo, e não outro. Se fores como Judas, não vos ha de fazer bom o lugar de S. Mathias, e se fores como S. Mathias, não vos ha de fazer mau o lugar de Judas. Se quereis o melhor lugar de todos, fazey por ser o melhor de todos, e logo o vosso lugar, qualquer que seja, será tambem o melhor. Mas todos querem melhorar de lugar, e ninguem quer melhorar de vida.

497 Succedelhe aos ambiciosos o que aos peregrinos. Diz Socrates: O peregrino sempre anda mudando de lugar em lugar, e nunca melhora, porque sempre se leva a si comfigo: *Quid miraris nihil tibi peregrinationis prodesse, cum te circumferas?* Num. 181. Apud Se- nec. lib. 2. ep. 38. Commo quereis melhorar de lugar, se vos levais a vós

344 *Vieira abbreviado*

comvosco? Deixaivos avós, e como vós fordes outro, logo o vóllo lugar será melhor. Se sois o mesmo, ainda que subais ao pinaculo do templo, nunca sahireis do lugar, onde estais: e se fordes outro, e muito outro, sem sahir do lugar, onde estais, vos vereis subido ao mais alto do templo. Em conclusão, que não ha lugares melhores, nem peyores, para que ninguem se descontente do seu, senão de si.

498 Admittindo pois com o cômum sentimento, que ha lugares, e huns melhores que outros, o que pertendo hoje declarar he: Entre todos os lugares do mundo qual seja o melhor. Não póde haver materia mais digna de toda a attenção, e tanto mais, quanto já cada hum a tem resoluta comfigo, e lhe parece sem controversia. No Euangelho temos o parecer dos Fariseos, e o conselho de Christo. Os Fariseos tem para si, que o melhor lugar do mundo he o primeiro: *Quomodo primos accubitus eligerent*. Christo pelo contrario aconselha, que tomemos o ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco*. E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, não se póde contrariar, e a dos Fariseos, por ser dos Fariseos, parece que já está convencida, com tudo a de Christo todos a rejeitaõ, e a dos Fariseos todos a seguem. Assim o vemos hoje, e já em seu tempo com ser tão vizinho ao de Christo o prova com a experiencia Tertuliano: *Ad primum locum certamen omnium contendit, secundum solamen habet, victoriam non habet*. O desejo, a pertença, e a vontade de todos os homens he sobre quem ha de levar o primeiro lugar, e tão porfiada, e unicamente o primeiro, que o segundo lugar, ainda que seja alguma consolação, de nenhum modo he victoria. E se ninguem se con-

tenta

Discurso LII. 345

tenta com o segundo lugar, porque não he o primeiro, posto que acima de si veja hum só, e abaixo de si todos os outros, quem haverá, que se contente com o ultimo?

499 Nos famosos jogos Olympicos, que se celebravaõ na Grecia, e eraõ provocados a contenda todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos, e terceiros premios: e com tudo diz S. Paulo, que hum só levava o premio: *Omnes in studio currunt, sed unus accipit bravium*; porque o premio, a que todos aspiravaõ, era o primeiro, e só os que se adiantavaõ na carreira aos demais, e conseguiaõ o primeiro lugar, eraõ os estimados por vencedores, e laureados com a coroa. E se S. Paulo depois de Christo, escrevendo a Christaõs, quaes eraõ os Corinthios, lhes propoem este exemplo, posto que nascido entre gentios, quem se atreverá a persuadir a qualquer homem, que o melhor lugar he o ultimo? Digo a persuadir, e não a crer; porque basta ser conselho de Christo, para que o creamos. Mas este ponto, que não persuade a fé, como o persuadirá a razão?

500 Ora esta será hoje a minha empreza: Demonstrar a todos os homens, que o melhor lugar do mundo he o ultimo: e não só para a outra vida, senão para esta, nem só para a virtude, senão para a commodidade, nem só para a mortificação, senão para o gosto, nem só para a humildade, senão para a honra: e tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco*.

501 A primeira prerogativa do ultimo lugar he ser muito facil de conseguir. Aos outros lugares, ainda que não sejaõ os mais altos, chegase tarde, e com

346 *Vieira abbreviado*

com difficuldade : ao ultimo logo , e facilmente. Não he mais difficultoso o subir , que o descer ? Pois esta he a razão ainda natural da grande facilidade , com que o ultimo lugar se consegue. Aos outros caminha-se a passo lento , subindo : ao ultimo quasi sem dar passo , descendo. A setta para subir segue violentamente as forças do arco , e do impulso ; mas para descer não tem necessidade de braço alheyo , a mesma natureza a leva sem violencia ao baixo , e quanto mais baixo , tanto mais depressa. A barquinha posta na veyra do rio com a vela tomada , e os remos recolhidos , levada só do impeto da corrente , como em hombros alheyos , tão descansadamente desce , como apressada. Pelo contrario ao subir pelo mesmo rio acima seja o vento embora tão forte , que quasi rebente as velas , e os remeiros tão robustos , que quebrem os remos , mais he a agua , que suaõ , que a que vencem. Nós mesmos para subir a hum monte he com tanta difficuldade , e molestia , que a propria respiração se cansa , e se aperta ; mas para descer ao fundo do valle o mesmo pezo do corpo o ajuda , aligeira , e move , e mais levados , que andando , chegamos sem cansar ao lugar mais baixo , e ultimo. Tão facil he o descer , e tão difficultoso o subir.

Num. 187. 502 Digaõ agora os que subiraõ aos primeiros lugares , quaõ difficultosamente subiraõ. A setta nos deo o exemplo no ar , a barquinha na agua , e nós mesmos na terra ; mas nas cortes , que são outro quarto elemento , mais cheyo de impedimentos , e de difficuldades , ainda he mais trabalhoso o subir. Tambem o podem dizer os que cansados da mesma subida tomaraõ por melhor conselho o parar : e muito mais os que depois dos trabalhos , e molestias do subir ,

Discurso LII. 347

subir, em vez de conseguir o lugar, só alcançaraõ, e tarde, o desengano. Não assim o pertendente do que ninguem pertende, e o estimador do que ninguem estima, o qual contente com o ultimo lugar, para descer com a setta não ha mister arco, para descer com a barquinha não ha mister remo, e para descer com o homem, e como homem, quasi não ha mister pés, nem passos. As azas do favor, os impulsos do poder, e os cuidados da diligencia, tudo para elle são desprezos, e riso: e quando os outros chegam cansados aos primeiros lugares, onde haõ de começar a cansar de novo, elle descansado se acha no ultimo, onde só repousa o verdadeiro descanso.

503 Não acho exemplo desta inclinação, e desta facilidade entre os homens; porque a sua natural ambição mais os leva a subir pelo difficultoso, que a a descer pelo facil. Mas se elles se lembrarem da facilidade, e felicidade, com que a pedra de Daniel desceo do monte, e derrubou a estatua de Nabuco, e trocou com ella o seu lugar, de que a fez desaparecer com todos seus metaes: *Nullusque locus inventus est eis*: naquelle elpelho tofco, e insensivel veraõ estes mesmos dous erros do seu mal polido juiço. Desceo a pedra do monte, e não bateo a cabeça, nem os peitos, fenaõ os pés da estatua, onde parou; porque este era o lugar ultimo, e o mais baixo, aonde a levava o pezo da sua natural inclinação: e nota, e pondera muito o texto, que a mesma pedra se arrancou, e desceo do cume do monte sem mãos: *Abscisus lapis sine manibus*. Porque? Porque esta he a facilidade, e differença, com que se desce ao lugar mais baixo, e se não póde subir ao alto. Aquella pedra não era pequena, como communmente se cuida, fenaõ

Num. 188.

Dan. 2. 25.

Ibid. 34.

348 *Vieira abbreviado*

senão muito grande : tão grande , que sendo a estatua da estatua de secenta covados , e os pés , e o espaço entre hum , e outro iguaes a esta grandeza , ella com o mesmo golpe os alcançou , e bateo a ambos. Agora pergunto : E quantas mãos , e quantas machinas seriaõ necessarias para subir esta grande pedra ao mesmo lugar do monte , donde tinha descido ? Mas onde não podia subir , senão com muitas mãos , e muitas machinas , ella desceo por si mesma , sem necessidade de mãos proprias ; nem alheyas : *Sine manibus.*

504 Oh cegueira da ambição humana ! Dizeime , quantas mãos beijais , dizeime , quantas mãos encheis , dizeime , quantas machinas fabricais para vos alar aonde quereis subir ? E dizeime tambem , quantas vezes desarmaõ em vão essas mesmas machinas , e essas mãos beijadas , e cheas quantas vezes vos deixaõ com as vossas vazias ; porque elles alcançaraõ o que pertendiaõ de vós , e não vós o que esperaveis delles ? A pedra não derrubou a estatua para subir (como vós fazeis) pelas ruinas alheyas , mas o lugar , que ella como soberba pizava , e tinha debaixo dos pés , esse mesmo , por ser o mais baixo , e o ultimo , he o que tomou para si a pedra , e nelle descançou , como em proprio centro.

Num. 189.

305 Infinita cousa fora se houvessemos de pôr em paralelo as difficuldades dos primeiros lugares , e a facilidade do ultimo. Os lugares , que dependem da vontade , e poder alheyo , ou os distribue a justiça , ou são indulgencias da graça. Para a justiça he necessario o merecimento , para a graça he necessario o favor. E bastaõ estas duas cousas tão difficilissimas de ajuntar ? Não bastaõ. Abel tinha o merecimento,

Discurso LII. 349

mento, e o favor, e o mesmo merecimento, e favor foraõ o motivo de Caim seu irmaõ lhe tirar a vida. Pois se com o merecimento, e com o favor o lugar, que veyo a alcançar Abel, foy o primeiro entre os mortos, naõ he melhor ter o ultimo entre os vivos sem o trabalho de o merecer, nem o perigo de o naõ lograr? E se isto aconteceu nos tempos, em que os homens se matavaõ sem ferro, e a graça, e o favor se alcançava sem ouro, que será no tempo presente? Depois que as dignidades se fizeraõ venaes, os lugares mais se alugaõ, do que se alcançaõ, e naõ se daõ a quem melhor os merece, senaõ a quem mais caros os compra. O que se busca nos homens, saõ os que antigamente se chamavaõ talentos, e os que hoje tem o mesmo nome, se naõ estaõ engastados no mesmo metal, por singulares que sejaõ, naõ tem preço. Talentos antigamente significavaõ certa summa Part. 9. de dinheiro grande: hoje os talentos significaõ Num. 487. prestimos, e posto que se lhe mudou a significação, naõ se variou o significado. Quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos, e préstimo para tudo: quem o naõ tem, por mais talentos que tenha, naõ presta para nada.

506 Só o ultimo lugar, porque naõ tem compra- Part. 5. dores, senaõ vende, e por isso só elle se consegue Num. 189. sem cabedal, e se logra sem despeza. Considerai, e Num. 190. medi bem os degraos, huns taõ altos, outros taõ baixos, por onde tropeçando, ajoelhando, e cahindo, ou se perde a pertençaõ, ou se chega finalmente a tomar posse do lugar pretendido: e vereis quanto mais custa o alcançar, que o merecer. A David para merecer bastoulhe derrubar hum Filisteo; mas para alcançar o merecido foylhe necessario vencer duzentos.

zentos. E que Ministro ha, ou official de Ministro, que mais pelo inteirigado, que pelo inteiro não seja hum Filisteo carrancudo, e armado? Estaturas tão desmesuradas de balde as conquistareis com mesuras, que já se acabou o tempo, em que os negocios se adiantavaõ com fazer pé atraz. As habilitaçoens de pessoa, a fé dos officios, as certidoens dos serviços, e a justificação das certidoens, tudo não tem tantas letras, quantas são as difficuldades, com que nellas topaõ, e sempre a sorte hê tua, e vosso o azar.

507 Aos menores haveis de dar, que he menos; aos mayores haveis de pedir, e rogar, que em quem tem honra, he muito mais, ficando pendente a vossa esperança do seu agrado, e da hora, e humor, com que fostes ouvido. Nos Conselheiros haveis de solicitar a consulta, nos Secretarios a penna, e no Principe não só a resolução, mas na resolução o effeito, para que tudo depois de pagar os direitos não venha a ser hum folha de papel sellada com as armas Reaes, as quaes haveis de conquistar de novo, para que chegue a ser alguma cousa o que ainda depois do despacho he nada. Em fim, que estes são os difficultosos, e cansados degraos, por onde sobem, quando não cahem, os que alcançaõ os primeiros lugares, e só aquelle, que se contenta com o ultimo, nem serve, nem requer, nem pleitea, nem adula, nem roga, nem paga, nem deve, e sem depender de Ministros, nem de tribunaes, nem do mesmo Rey, elle he o que se consulta, e elle o que se faz a merce; porque se despacha a si mesmo. E que podendome eu despachar a mim, haja de requerer diante de outrem? Não he mais facil o querer, que o requerer? Ouvi a justa exclamação de S. Bernardo neste mesmo caso: *O*
perv-

Discurso LII. 351

perversitas! O abuso filiorum Adam! Quia cum Bern. serm. 2. de Ascens.
ascendere difficillimum sit, descendere autem facillimum, ipsi & leviter ascendunt, & difficilius descendunt: Oh perversidade, oh abuso dos filhos de Adão! Que sendo difficulosissimo o subir, e facillimo o descer, elles pervertendo as leys da razaõ, e da natureza, antes querem subir com difficuldade, e trabalho, que descer com facilidade, e descanso. E notai, que he tanta a facilidade, e o descanso, que só fez Christo menção do descansar, e não do descer. Não disse como a Zachco: *Descende*, senão: *Recumbe*; porque o descer, ainda que facil, demanda passos, e o *Recumbe*, que he estar recoitado, como os Hebreos estavaõ á mesa, só significa descanso com gosto, e sem trabalho: *Recumbe in novissimo loco.*

508 A segunda prerogativa do ultimo lugar he Num. 191.
 ser o mais seguro. Os outros lugares quanto mais altos, tanto menos segurança tem, e a sua mesma altura he o prognostico certo da sua ruina. Não quero que vejamos esta pouca segurança em outro lugar, senão naquelle mesmo, que por ser o mais firme do mundo lhe poz Deos o nome de Firmamento. Annunciando Christo Senhor nosso os sinaes do dia do Juizo, diz que o Sol se escurecerá, que a Lua não dará a sua luz, e que as estrellas cahirão do Ceo: *Sol obs-* Matth. 24.
curabitur, & Luna non dabit lumen suum, & stel-
lae cadent de caelo. Supposto pois, que as estrellas verdadeira, e propriamente haõ de cahir, e o Sol, e a Lua escurecerse sómente; porque se não escurecem todos, ou cahem todos? Que culpa, ou que causa tem as estrellas para serem ellas só as que haõ de cahir? Tem a culpa, que tiveraõ desde que foraõ collocadas no Ceo, que he ser o seu lugar o mais alto.

A Lua

352 *Vieira abbreviado*

A Lua está no primeiro Ceo, o Sol no quarto, as estrellas no oitavo, que he dos que alcança a nossa vista o supremo: e não he necessaria outra culpa, ou causa para serem ellas as que hão de cahir.

509 Não ha altura neste mundo, que não seja precipicio. Todo o lugar mais alto, que os outros, está sempre ameaçando a propria ruina sem outra causa, ou culpa, que o ser mais alto. Que culpa tem as torres, e os montes para serem elles os ameaçados dos trovoens, e os feridos dos rayos? Nenhuma outra senão a sua propria altura, e serem os lugares mais levantados da terra. Parece, que se dá por offendido o Ceo de se avizinharem mais a elle, como se todas as torres foraõ a de Babel, e todos os montes os dos Gigantes. Aman tinha o primeiro, e mayor lugar na Corte d'ElRey Assuero: Daniel tambem o primeiro, e mayor na Corte d'ElRey Dario. Mas quem he aquelle, que na praça da Metropole de Susa pregado em huma cruz de cincoenta covados com a mais infame morte esta acabando a vida? He Aman. E quem he aquelle, que na famosa Cidade de Babylonia levado por Ministros da justiça he lançado no lago dos leoens, para morrer espedaçado de suas unhas? He Daniel. Pois Daniel tão estimado de Dario, e Aman tão valido de Assuero, ambos estão de repente cahidos, e mais sendo tão differentes na vida, como na profissão? Sim. Daniel servia a Deos, Aman servia ao mundo: Daniel era justo, e santo, Aman era mau, e perverso; mas levantados ao cume dos primeiros lugares, nem a Aman lhe valeo a sua industria para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude para se defender da cahida.

510 Mais admiravel foy ainda a de Daniel, que
a de

Discurso LII. 353

a de Aman. Aman cahio, porque perdeu a graça do Rey: Daniel tendo por si toda a graça do Rey, toda ella lhe não bastou, para que não cahisse. E parou aqui? Não: livrou Deos milagrosamente a Daniel das garras dos leões: e canonizado seu merecimento com hum tão publico, e estupendo pregação do Ceo, o Rey o restituiu outra vez ao lugar, que d'antes tinha. Mas o que agora se segue, ainda foy mayor prodigio. Foraõ tão poderosas, e tão astutas as machinas de seus inimigos, que obrigaraõ ao mesmo Rey a que elle o tornasse a meter no lago, e o entregasse outra vez á fome, e voracidade das feras.

511 Oh bemaventurado só, e só bem entendido Num. 194
aquele, que entre todos os lugares do mundo sabe escolher hum tal lugar, do qual ninguem o possa derubar, nem elle cahir! Dos lugares altos he verdade, que nem todos cahiraõ; mas tambem he certo, que os mesmos, que não cahiraõ, podiaõ cahir, e basta o poderem cahir, para não estarem seguros. Como pôde ser segurança a do mar, se sempre está sujeita á inconstancia dos ventos? Os Latinos tem dous nomes, com que declaraõ dous generos de segurança muito diversa: *Tutus*, & *Securus*. *Tutus* significa a segurança do que não periga: *Securus* a segurança do que não periga, nem pôde perigar. O doente, que não ha de morrer, está *tutus* na febre aguda; mas não está *securus*; porque não está sem perigo, sem temor, sem cuidado; que isso quer dizer *Securus, hoc est sine cura*. Esta he a energia, e elegancia daquella sentença de Seneca: *Scelera tuta esse, secura non possunt*. E este genero de segurança segura não só do perigo, senão tambem do temor, e do cuidado, a qual nunca pôde haver nos lugares altos: he a que

354 *Vieira abbreviado*

só se acha no ultimo. Quem está no lugar alto, póde não cahir: mas quem está no ultimo, não póde cahir, que he só a verdadeira legurança. E porque? Porque se do lugar ultimo se podéra cahir, não feria ultimo. Do lugar alto pode-se cahir ao baixo, do baixo pode-se cahir ao infimo; mas do infimo, que he o ultimo, não se póde cahir, porque não ha para onde.

Num. 195. 512 He propriedade dos males ultimos isentarem de si mesmos a quem oprimem. A morte, que he o ultimo de todos os males, isenta da morte, e faz immortaes aos que mata; porque nem ella os póde já matar, nem elles morrer. Este privilegio he o que logra na vida quem conheceo o bem do ultimo lugar, e se contenta com elle. Antes de se recolher a este fortissimo asylo, póde descer por vontade, póde cahir por desgraça, e póde ser derrubado por força; mas depois de estar no ultimo lugar, nem a força alheya, nem a vontade propria, nem todo o poder da fortuna o póde fazer cahir, nem descer. Accrescente a fortuna hum degrao além do ultimo, e outro abaixo do infimo, (o que Deos não pode fazer,) e só então poderá descer quem está no infimo lugar, e cahir quem está no ultimo.

Num. 196. 513 Só quem soube fazer esta eleição, desfarmou a fortuna. Oh que glorioso trofeo! A fortuna despi-da de suas armas, e ao pé desses despojos aquelle verso: *Maior sum quam cui possit fortuna nocere*. Assim se desfarma a fortuna, que só he forte com as armas, que nós lhe damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar, e abater: e se eu me contento com o ultimo lugar, nem ella me póde levantar, porque não quero, nem abater, porque não póde.

Discurso LII. 355

514 Antes digo, que nem abaterme, nem levantar-me póde a fortuna, ainda que queira; porque temos os conceitos trocados: levantar-me não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por melhor lugar, esse he o que eu desprezo, e abater-me também não, segundo o meu conceito; porque o que ella tem por peyor lugar, esse he o que eu estimo. Abra os olhos a fortuna cega, e emende a falsa apparencia dos seus errados conceitos, e só então poderá fazer bem afortunados, tendo pelo melhor lugar do mundo não o primeiro, e mais alto, senão o mais baixo, e ultimo. Só he verdadeiramente bem afortunado quem não póde cahir, e só não póde cahir quem não tem para onde. E porque não pareça, que dissimulo a subtiliza de huma instancia, que tem esta Filosofia, dirá alguem, que no mesmo lugar ultimo, sem haver outro inferior, e mais baixo, póde cahir quem está nelle: *Qui se existimat stare, videat, ne cadat*: Quem está em pé, olhe não caya; porque quem está em pé, póde cahir dentro no mesmo lugar, sem cahir para outro. He o que disse judiciosamente o Poeta: *In se magna ruunt*. Mas esta instancia não tem lugar no nosso caso: quem está em pé, póde cahir no mesmo lugar, mas não quem está deitado, e isso quer dizer *Recumbe*. Os que subiaõ, e desciaõ pela escada de Jacob, podiaõ cahir, mas elle, que jazia ao pé da mesma escada no ultimo lugar, e deitado, estava seguro de poder cahir, e por isso dormia a sono solto: *Recumbe in novissimo loco*.

515 A terceira prerogativa do ultimo lugar sobre mais facil, e mais seguro, he ser também o mais quieto, ou só elle quieto. Nesta perpetua roda, em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se

356 *Vieira abbreviado*

altera, tudo se muda, tudo está em continua agitação, sem consistencia, nem firmeza: nem ha lugar algum, em que se gose de quietação, e socego, senão unicamente o ultimo, e só por ser o ultimo. Opinião foy antiga de muitos Filósofos, que não era o Sol o que se movia, e dava a volta ao mundo, senão que permanecendo sempre fixo, e immovel, esta terra, em que estamos, he a que, sem nós o sentirmos, se move, e nos leva comfigo, e quando nos aparta do Sol, faz a noite, e quando no lo torna a mostrar, o dia.

516 Mas esta opinião, ou imaginação Mathematica assim como resuscitou em nossos tempos, assim foy tambem condemnada como erronea, por ser expressamente encontrada com as escrituras divinas. Do Sol diz o texto sagrado com palavras tão claras como a luz do Sol, que elle he o que dá a volta ao mundo allumiando o: *Oritur Sol, & occidit, gyrat per Meridiem, & flectitur ad Aquilonem, lustrans universa in circuitu.* E pelo contrario da terra diz, que ella está immovel, e firme, sem se mover, nem haver de mover já mais: *Terra autem in æternum stat.* Pois se o Sol Principe dos Planetas se move, e todos os astros, e corpos celestes de dia, e de noite estão em perpetuo movimento, e abaixo do Ceo arrebatada com elle se move a esfera do fogo, e abaixo do fogo o ar, e os ventos, e abaixo do ar a agua, ou correndo perpetuamente nos rios, e nas fontes ou indo, e tornando ás prayas no mar duas vezes no dia, ainda quando as tempestades o não levantaão ás estrellas, ou abismaão ás areas, qual he a razão, porque a terra no meyo de todas estas agitações, e tumultos da natureza só ella está firme, e immovel, só ella em
per

Ecclef. 1.
5. 6.

Ibid.

Discurso LII. 357

perpetua quietação, e socego: *Terra autem in æternum stat?* Não vedes como neste immenso globo do universo só á terra como centro delle coube o ultimo lugar do mundo? Pois ella he a razão porque só ella no mesmo mundo goza de quietação, e socego: *Causa stabilitatis, & immobilitatis terræ est ejus gravitas, quæ exigit infimum mundi locum,* comenta Cornelio. Em summa, que todos os outros lugares mais, ou menos altos são naturalmente inquietos, e só o infimo, ultimo, e mais baixo de todos he o assento firme, e o centro immovel da figura, e perpetua quietação.

517 Oh se a terra tivera olhos, e entendimento, Num. 198.
e olhasse cá debaixo para o Ceo, e para tudo, o que se move entre o Ceo, e a mesma terra, que contente estaria do seu ultimo lugar, e que graças daria por elle ao Auctor da natureza, vendo o curso, e revolução sempre inquieta do Sol, da Lua, e das estrelas, e a continua batalha dos elementos, comendose huns aos outros, sem paz, nem quietação, mas em perpetua conquista de dilatar cada hum a propria esfera, e só ella pacifica, e quieta por beneficio da ultima baixeza, em que Deos a fez base do mundo, e lhe deo por base o seu proprio centro: *Fundasti* Pl. 103. 5.
terram super stabilitatem suam!

518 Mas o homem, que he terra com entendimento, e olhos, se o mesmo Deos lhos abriu de maneira, que soube não querer outro lugar, senão o ultimo, elle he o que verdadeiramente logra a quieta paz, e pacifica quietação do seu tão feliz, como desconhecido estado, sem quem lho perturbe, nem altere. Batalhem os outros, e comaõse sobre quem ha de fabir, e alcançar os lugares mais altos, que eu

358 *Vieira abbreviado*

(dirá) quanto mais ólho para elles, e vejo de fóra os seus perigos, e naufragios, tanto mais me satisfazo da minha paz, que das suas batalhas, da minha retirada, que das suas victorias, da minha segura baixaza, que das suas inquietas alturas.

519 Olhai, que bem entenderão a inquietação de todas ellas vivos, e mortos. Quando Saul depois de morto Samuel o tirou do fundo da terra, e o fez vir a este mundo, posto que por tão breve espaço, a razão porque Samuel se queixou d'elle, não foy outra, senão porque o inquietara: *Quare inquietasti me, ut ascenderem?* E Sydonio Apollinar refutando o paraben de certo lugar eminente, a que fora promovido hum seu amigo, escreveo estas notaveis palavras: *Sed sententia tali nunquam ego assentior, ut fortunatos putem, qui Reipublicæ præcipitibus, & lubricis culminibus insistent, hoc ipso satis misseriores, quod parum intelligunt inquietissimo se subjacere famulatui.* Notai a palavra superlativa *inquietissimo*, com que hum varaõ de tão alto juizo, como Sydonio, não só chama servidaõ a dos lugares altos, mas inquietissima servidaõ: *Inquietissimo famulatui.*

1. Reg. 28.
15. text.
Heb.

Syd. Ap.
lib. 2. ep.
13.

520 As causas naturaes desta inquietação dos lugares altos ou são as competencias dos que os procuraõ, ou as invejas dos que os desejaõ, ou o proprio desasocego dos mesmos lugares, que ainda depois de adquiridos nem elles aquietaõ, nem deixaõ aquietar a quem está nelles; porque onde entra a inveja, e a ambição de lugares, não ha virtude, nem amizade segura: o mayor amigo vos ha de desviar, e o mais virtuoso se ha de introduzir. Só o ultimo lugar não tem invejosos, nem quem o escolheo por melhor,

Discurso LII. 359

melhor, tem que invejar, e onde não ha invejoso, nem invejado, tudo está quieto. E basta isto? Não basta; porque ainda que não haja competencia, nem inveja, que inquiete os lugares altos, he nelles tão natural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se inquietão, e a quem está nelles. A Adaõ derrubou o demonio, ao demonio elle mesmo se derrubou; porque tanto o inquietou o lugar, que tinha, como se o não tivera.

521 Só o ultimo lugar está livre destas inquietações, e perigos, e não por outro privilegio, ou immunidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamaõ baixos aquelles, em que naufragaõ os navegantes. Não são baixos, senão os lugares mais altos do mar, que em penhascos, ou areas se levantão no meyo delle; por isso nelles naufraga o mesmo mar, e se quebraõ, e espedaçaõ as ondas. Ditosas as que sem querer sahir, nem subir, se deixaõ estar no seu fundo, que ellas só se conservaõ em paz, e gosaõ de inteira quietação: e se lá chegaõ os ecos das que perigaõ, e quebraõ, ellas descançaõ, e dormem ao som das outras.

522 Desta mesma quietação segura, e firme nos dá outro documento a terra naquelles grandes corpos, a que concedeo a vida, e negou os sentidos. Todas as arvores tem huma parte firme, e outra move-diga: a firme, que são as raizes, está no baixo, e a movediga, que são os ramos, no alto. Só alli tem jurisdicção, e imperio ou a lisonja das virações, ou o açoute dos ventos. Todas na cabeça leves, e inquietas, e só no pé seguras, e firmes. No alto quebraõse os ramos, voaõ as folhas, cahem as flores, e perdem-se antes de amadurecer os fructos: e só no baixo sustentaõ

tentaõ as raizes o tronco, e nelle as esperanças de recuperar em melhor anno tudo o perdido. Oh mal enfinado juizo humano, que nem as plantas insensiveis, nem os elementos sem vida bastaõ até fazer sizudo!

Num. 204.

523. Temos visto como o ultimo lugar entre todos os do mundo para alcançar he o mais facil, para conservar o mais seguro, e para lograr o mais quieto: prerogativas nelle singulares, pelas quaes deve ser preferido a todos os outros. Nem o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimaçãõ, porque se não fora o ultimo, não a tivera. He todo o lugar ultimo, como o que coube a Benjamim na mesa de Joseph. Como os irmaõs se assentáraõ á mesa conforme as suas idades, a Benjamim, que era o mais moço, coubelhe o ultimo lugar. Foy porém cousa, que os mesmos irmaõs, e todos os Egypcios muito admiraraõ, que fazendo Joseph os pratos, o de Benjamim se avantajava sempre com notavel excessõ a todos. Olhamos para o lugar, e não olhamos para o prato. Oh se foubessemos tomar o sabor aos gostos, e regalos puros, e sinceros, que só no ultimo lugar se achãõ livres das amarguras, e dissabores, que em todos os outros lugares, por altos, e soberanos que sejaõ, ainda com os olhos cerrados mal se podem tragar! Lá disse Democrito, que aquelle, que se resolvesse a não desejar, poderia competir de felicidade com Jupiter: e esta felicidade sobre humana só a depositou não o falso, senão o verdadeiro Deos nos thesouros escondidos do ultimo lugar.

524. Só alli se vive sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependencia, e sem cuidado algum, nem ainda leve pensamento, que a perturbe. Só alli o sono he descanso, o comer sustento, a respiraçãõ vital,

Discurso LII. 361

vital, e a vida vida; porque só alli está a alma não dividida, mas inteira, e toda comfigo, e dentro em si mesma, como tambem o homem todo em si, e só-ra do mundo; porque não quer nada d'elle. E que não baste tudo isto, para que o ultimo lugar seja o mais estimado, o mais querido, e o mais pertendido dos homens? Tanto póde com elles a falsa apprehensão daquelle nome de ultimo, com que reconhecendo-o no de mais por tão avantajado, e melhor, o reputaõ com tudo não só por menos honrado, mas por afrontoso, e por isso o desprezaõ, e fogem d'elle.

525 Este he o ultimo engano, que só nos resta Num. 205. por refutar, cuja intelligencia consiste em saber distinguir no mesmo lugar huma grande differença de ultimo a ultimo. O ultimo lugar merecido por distribuição alheya póde ser afrontoso, tomado por eleição propria he o mais honrado. Quem voluntariamente, e por propria eleição escolhe o ultimo lugar do mundo, esse só usa do mesmo mundo, como senhor d'elle. Denos a primeira prova o mesmo mundo, não como vaõ, e errado, mas como cortez, e entendido. Vistes passear na praça de palacio huma cochada de fidalgos, e qual delles he o senhor da carroça? O que vay no ultimo lugar. Vistes os mesmos, ou outros em conversação, ou visita, e qual he o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que tem o ultimo lugar na carroça, he o senhor da carroça, e assim como o que tem o ultimo lugar na casa, he o senhor da casa, assim o que voluntariamente tem o ultimo lugar do mundo, he o Senhor do mundo.

526 Deos em quanto Deos, por ser infinito, e im-Num. 206. menso, he incapaz de lugar; porém depois que des-
ceõ

Isai. 53. 3.

ceo do Ceo a este mundo, e se fez homem, havendo de ter lugar entre os homens, que lugar tomaria? O de Nazareth? O de Belém? O do Egypto? O do Calvario? Tal foy o lugar, que tomou sempre, e em toda a parte, que vendo-o o Profeta Isaias, não teve outro nome, com que se explicar, senão chamandolhe o ultimo dos homens: *Novissimum virorum*. E porque razaõ o ultimo sendo sua a eleição do lugar? Não porque tivesse para si, que a igualdade, que tinha com o Eterno Padre, fosse alheya, ou roubada, e não natural, e propria, como notou S. Paulo; mas porque sendo taõ Deos, e taõ supremo Senhor do universo, como o mesmo Padre, nem outro lugar era capaz da sua grandeza, nem outro mais decente á sua soberania, nem outro em fim mais conforme á sua doutrina, senão aquelle mesmo, a que hoje nos exhortou, o ultimo.

527 Em hum banquete, a que ElRey Dionysio de Sicilia convidou as mayores personagens do seu Reyno, como puzesse no ultimo lugar a Aristippo oraculo daquella idade, o que lhe disse o grande Filosofo, foy: *Hunc plane locum decorare; & illustrem reddere voluisti*. Sem duvida, ó Dionysio, que hoje quizeste enobrecer, e fazer illustre este lugar. E assim honrou, e illustrou Aristippo o ultimo lugar só com se assentar nelle. Que diremos depois que Deos o escolheu, e tomou para si? *Ob novissimum, & altissimum!* exclama S. Bernardo. Antes de Deos escolher este lugar entre os homens, podia andar em opinioens, se era honrado, ou não o ultimo lugar; mas depois que Deos o escolheu, e tomou para si, intoleravel blasfemia seria dizer, que não he o mais honrado de todos.

Discurso LII. 363

528 Na terra tudo são soberbas, ambiçoens, in-
vejas, discordias, contendias, cavilaçoens, enganos, Num. 208²
falsidades, traiçoens, violencias, e tratar cada hum
de subir, ainda que seja pelas ruinas alheyas, e para
escapar de todos estes males, maldades, e malicias
não ha outro lugar seguro, e quieto, senão o ul-
timo.

529 A' vista deste eterno defengano não he ne-
cessario inferir, qual deve ser a resolução nesta vida Num. 210²
dos que ainda têm livre a eleição dos lugares. Mas
que farão os que já conseguirão a sua, e por nasci-
mento, ou negociação, ou qualquer outra fortuna,
estão postos nos primeiros? Facil he dar o conselho,
senão for difficultosa a resolução. Mas esta não corre
por minha conta. Porque não farão os que tem me-
nos que deixar, o que fizerao tantos Reys, e Impe-
radores? Não tinhao fé do Ceo, nem do inferno
Diocleciano, e Maximiano, e só pela experiencia,
que tinhao dos primeiros lugares do mundo, cansa-
dos de o governar, e mandar, ambos de commun
consentimento renunciarao o imperio em hum mes-
mo dia, (que foy o de dezafete de Fevereiro do anno
de 304.) Diocleciano em Nicomedia, e Maximiano
em Milão. E quem não exclamará neste passo: oh ce-
gueira do juizo humano! Oh fraqueza grande da
nossa fé! Que dous gentios, e de má vida tivessem
valor para huma resolução como esta, e que sendo a
medida dos lugares, com que nos levantamos sobre os
noslos iguaes, tão curta, baste a lisonja desta prefe-
rencia tão trabalhosa, e incerta para a antepormos
nesta vida á quietação, e descanso da temporal, e a
segurança da eterna!

530 Razoens póde haver tão urgentes, e obriga-
çoens Num. 211²

goens tão fortes, que não permittaõ romper estes laços; mas nos taes casos, que não podem ser senão muito raros, já que se não possaõ renunciar os lugares, ao menos se deve renunciar o amor. Porque se os primeiros lugares se não amarem, seraõ menos os damnos, que causarão, proprios, e alheys; mas ou amados, ou não amados, se os que estaõ nelles, os não renunciarem de todo, e trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum modo poderão gozar a liberdade, a quietação, e o descanso seguro, que tão largamente tenho mostrado; porque este privilegio só he concedido por Deos ao ultimo lugar: *Recumbe in novissimo loco.*

FIM DO PRIMEIRO TOMO.



69-57
R.E. (4)
10-2-6

CAYG

VOSEV

VI



